

ANA MARIA MARTINS COELHO CORREIA

A EXPANSÃO DA IGREJA EM SANTA CATARINA,  
A REAÇÃO ANTI-CLERICAL E A QUESTÃO DO CLERO NACIONAL  
(1892 - 1920)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNI  
VERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA COMO REQUISI-  
TO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM HISTÓRIA.

FLORIANÓPOLIS

1988

A EXPANSÃO DA IGREJA EM SANTA CATARINA, A REAÇÃO ANTI-CLERICAL E A QUESTÃO DO CLERO NACIONAL. (1892-1920)

POR

ANA MARIA MARTINS COELHO CORREIA

DISSERTAÇÃO APROVADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UFSC, PELA COMISSÃO FORMADA PELOS PROFESSORES:

ORIENTADOR:

  
\_\_\_\_\_  
PROF. DR. ANIBAL ABADIE-AICARDI

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. RENÉ E. GERTZ

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. WALTER FERNANDO PIAZZA

FLORIANÓPOLIS  
1988

## R E S U M O

Este trabalho estuda a expansão da Igreja separada do Estado de Santa Catarina, depois da Proclamação da República, marco fundamental para a compreensão de alguns dos diversos aspectos conflitivos criados pela dupla expansão da Igreja e do Estado.

Introduz os antecedentes fundacionais e a sua afirmação, a partir de sua integração à Diocese de Curitiba, e da subsequente criação da Diocese de Florianópolis.

Resume a ação pastoral desenvolvida por seus primeiros bispos, bem como a composição sócio-demográfica de seu clero. Estuda o contingente do clero de origem catarinense, e concentra o estudo na análise da repercussão da presença de um clero de origem alemã.

Com base no exame de um jornal republicano, liberal, laicista simpatizante da maçonaria e anti-clerical O Clarão documenta segundo sua concepção nacionalista e anti-germânica, sua reação à expansão institucional da Igreja.

Apoia o texto com mapas, gráficos e ilustrações expressivas do tema.

## A B S T R A C T

This work contemplates the expansion of the Church as separated from in the state of Santa Catarina region soon after the promulgation of the republic in Brasil, a fact that represents a fundamental mark for the understanding of some of the various conflictive aspects related to the growing of the Church and the State.

The introduction refers to antecedents of the establishment of the Church and its assertion following its integration under the Province of Curitiba and the subsequent institution of the Province of Florianópolis.

The work aims to register the pastoral action developed by the earliest bishops as well as the socio demographic composition of its clergy. It also shows the amount of Santa Catarina born priests and centers on the analysis of the importance of clergy from German origin.

The examination of the republican, liberal, laicist "O Clarão" journal, linked to the Free masonry society introduces data on the reaction to the institutional expansion of the Church, according to its nationalistic and anti-German views.

The text is visually aided by a number of maps, graphs and figures expressing the theme.

## A G R A D E C I M E N T O S

Para realizar este trabalho, contei com o apoio e o estímulo de várias pessoas, as quais gostaria aqui de destacar:

- Ao meu orientador Prof. Dr. Anibal Abadie-Aicardi;

- Ao Paulo César, marido e amigo, que além de acompanhar com paciência meu trabalho, ainda me ajudou na elaboração dos gráficos e mapas;

- A amiga e companheira Teresa Domitila Fossari, que nas horas de angústia, prestou solidariedade e nos deu apoio, oferecendo também sugestões e críticas ao trabalho;

- Aos colegas Roseli Vellozo Roderjan, e Jorge Luiz Coelho, que também muito nos ajudaram;

- A Nelson Ludwig, que elaborou o abstract;

- Vera Lúcia Bezzerra de Menezes Carneiro da Cunha, e Nerio Amboni, que também muito nos ajudou;

- Aos meus filhos: Ana Paula, Fernando, Isabel e Maria Eleonora, que sofreram com paciência, no período de elaboração do trabalho;

- Quero agradecer também aos responsáveis pela Biblioteca da Cúria Diocesana, e do Instituto Teológico de Santa Catarina pelo atendimento cordial que nos foi prestado;

- Ao Prof. Dr. Walter Fernando Piazza, pelo

empréstimo do material do Cepehib, de grande utilidade para o nosso trabalho;

- Também devemos agradecer a cessão de material de pesquisa feito pelo Sr. Mário Gomes;

- A Dirce Locatelli, Rosangela Medeiros, Edgard Amorim e Dario de Almeida Prado que nos auxiliaram: na datilografia, nos desenhos e nas fotos.

# SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
INTRODUÇÃO .....	I
I. O INÍCIO DO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO E EXPANSÃO DA IGREJA EM SANTA CATARINA (1892-1920) .....	01
1. Perspectivas Gerais .....	02
2. A criação da Diocese de Curitiba (27/04/1892) abrangendo o território do Paraná e de Santa Catarina .....	03
3. Gestão do Bispo D. José de Camargo Barros (1894-1904) em Santa Catarina .....	10
Atividades e Cartas Pastorais .....	10
4. Gestão do Bispo D. Duarte Leopoldo e Silva (1904-1907) em Santa Catarina .....	21
II. DESMEMBRAMENTO DA DIOCESE DE CURITIBA E CRIAÇÃO DA DIOCESE DE FLORIANÓPOLIS (19/03/1908) .....	32
1. Perspectivas Gerais .....	33
2. A gestão do Iº Bispo D. João Becker (1908-1912) .....	34
3. O Governador da Sede Vacante do Bispado, Monse-nhor Francisco Xavier Topp (1912-1914) .....	45
4. O Bispo nomeado Renunciante, João Borges Quintão (1913) .....	49
5. O IIº Bispo de Florianópolis, D. Joaquim Domin-gues de Oliveira .....	50

III. A EXPANSÃO INSTITUCIONAL, DEMOGRÁFICA E ESPIRITUAL DA IGREJA CATARINENSE (1750-1920) .....	82
1. Perspectivas Gerais .....	83
- Período Colonial (1750-1822) .....	88
- Período Imperial (1822-1889) .....	93
- Período Republicano (1889-1920) .....	95
IV. A CRÍTICA AO CLERO DE ORIGEM ALEMÃ NO "O CLARÃO" (1911-1918) .....	101
1. A Imprensa e a Confrontação de duas Institui- ções em Expansão: Estado e Igreja .....	102
2. A guerra do Jornal contra as Autoridades Dioce- sanas .....	109
3. A Campanha contra os "Frades" Franciscanos e os Jesuítas .....	119
4. As críticas às Ordens Religiosas Femininas ....	124
5. O Ataque contra a Prática Efetiva dos Sacramen- tos .....	125
6. A Ofensiva contra as Irmandades e as Devoções..	131
V. A DUPLA EXPANSÃO DO ESTADO E DA IGREJA E SUA CON- FRONTAÇÃO INSTITUCIONAL E DOCTRINÁRIA (1916).....	143
1. Introdução .....	144
2. As prioridades Cíveis sobre os Projetos Eclesiás- ticos conforme o Governador Felipe Schmidt (1916)...	145
3. A Resposta Institucional e Doutrinária da Igre- ja (1916) .....	150
4. O coronel Salles Brasil e a Discriminação Ins- titucional e Doutrinária ao Clero "Alemão e Ultramontano" (1916) .....	153

A Conferência de Salles Brasil no Teatro Álvaro de Carvalho (Setembro de 1916) .....	153
O Discurso do Coronel no Quartel do Tiro 40 - (07/09/1916) .....	158
Seu opúsculo "agressões clericais" (1916) .....	161
O Anti-clericalismo em ação: Uma Reunião Memorável (1916) .....	162
O libelo "Defesa Nacional, o Clero Estrangeiro, as Escolas Republicanas e o Casamento Civil ...	165
VI. CONCLUSÃO .....	176
VII. BIBLIOGRAFIA .....	179
VIII. FONTES DOCUMENTAIS IMPRESSAS .....	191
IX. LISTA DE: MAPAS .....	194
GRÁFICOS .....	195
ILUSTRAÇÕES .....	196
X. ANEXOS .....	198

## I N T R O D U Ç Ã O

O presente trabalho procura enfocar um tema histórico regional, o qual seja, aspectos da afirmação e expansão da Igreja em Santa Catarina entre 1892 e 1920. Este período corresponde ao início da ação mais efetiva da Igreja, baseada em sua reestruturação institucional e pastoral, com base na disciplina romana que se opera de modo geral em todo o Brasil.

Não pretendemos nos estender em nossa análise, nos antecedentes da união da Igreja e do Estado, com o Padroado (cujos direitos haviam passado em 1827, da Coroa Portuguesa à Imperial brasileira), nem a análise do Placet, que sancionava imperialmente a validade no Brasil das normas pontificiais; tal estudo ultrapassaria os limites do nosso trabalho, e as conseqüência para ambas as instituições prolongaram-se além do período colonial e imperial com manifestações regalistas e secularizantes bem conhecidas e que marcaram fundamentalmente o nosso período.

Procuramos obter uma visão histórica, política e sócio-econômica da Igreja catarinense, envolvendo não só as suas relações com a ordem político institucional iniciada com a Proclamação da República (1889), como também a resistência que setores republicanos, liberais e laicos ofereceram à mesma.

Com este propósito, ensaiou-se por fim uma re

construção dos aspectos básicos da polêmica entre os defensores da Igreja e seus opositores, recorrendo documentalmente, de maneira fundamental às Cartas Pastorais, ao jornal anti-clerical Clarão. E ainda a alguns documentos de personalidades civis e eclesiásticas para complementar a caracterização do problema.

Em Santa Catarina, a reestruturação da Igreja contou com a participação de um expressivo contingente de eclesiásticos europeus, principalmente germânicos.

Explica-se a presença de eclesiásticos estrangeiros com base na necessidade da Igreja superar a carência crucial de sacerdotes seculares e em decorrência das comunidades imigrantes (alemães, italianas e outras) solicitarem a assistência religiosa por parte de sacerdotes de suas próprias etnias.

A particularidade de significativo número de germanos na composição da população assistida por um clero estrangeiro, provocou resistência de uma parte dos católicos catarinenses e incrementou atitudes anti-clericais, alegando-se a "germanização" da Igreja catarinense.

É no âmbito deste quadro regional que tenta-se situar a expansão da Igreja e a reação dos círculos republicanos, liberais e laicos a este processo.

A pesquisa procurou entender a conduta da Igreja e de seus oponentes diante das novas realidades políticas e sócio-culturais. Outros aspectos desta confrontação merecem pesquisa e análise.

A Igreja Romana num processo de reestruturação a nível mundial, depois do século XIX, intentou a quali-

lificação de seus quadros bem como a expansão de sua atuação e redefinição de seu papel perante a sociedade e o Estado.

A nível nacional, esse reordenamento da Igreja coincidiu com a transformação da sociedade brasileira e com a nova realidade jurídico-institucional do país, criada pelo regime republicano e por seus componentes doutrinários liberais e laicos.

No Estado de Santa Catarina, além desse marco institucional maior, o encaminhamento das relações das duas instituições, complicou-se com os problemas suscitados pela 1ª Guerra Mundial, que confrontou a Alemanha e as potências centrais com os Aliados, possibilitando, a nível local, o agravamento das tensões entre as comunidades brasileiras e germânicas.

A avaliação desse quadro nos animou à realização da pesquisa, com as limitações impostas pela natureza do trabalho; dentro do tempo disponível para sua realização e da inexistência de estudos específicos anteriores em Santa Catarina, da temática no período delimitado.

Tendo em conta o material documental disponível, abrimos as seguintes hipóteses de trabalho:

1. A separação entre a Igreja e o Estado após a Proclamação da República possibilitou a expansão da Igreja. Simultaneamente, operou-se a ampliação das funções do Estado, que incorporou as que já exercia, outras novas, algumas das quais conflitaram com funções já exercidas pela Igreja, estando outras ainda em fase de desenvolvimento. Desta situação derivaram questões como a escolar e a do registro e casamento civil, que seriam alvo de conflitos entre as duas ins

tituições.

Em Santa Catarina, como foi dito, importa destacar ainda a expansão das colônias de "estrangeiros", e a conseqüente presença, em sinal expressiva de eclesiásticos das diversas etnias nos quadros da Igreja, exacerbando as reações nacionalistas e anti-clericais.

2. A análise dos jornais procurou documentar concepções divergentes das instituições e dos grupos republicanos, liberais, laicos e anti-clericais, e dos católicos sobre as funções e relações do Estado e da Igreja, com ressonância na realidade político-institucional e sócio-cultural catarinense.

3. A referida análise ainda viabiliza identificar posturas e comportamentos de instituições e personalidades de meios dirigentes da época, a nível estadual, no contexto do conflito emergente entre Igreja e Estado.

\* \* \*

Na historiografia sobre o tema, utilizados fundamentalmente as obras gerais de história da Igreja no Brasil como as de Riolando Azzi, José Oscar Beozzo e Thomas Bruneau, bem como a de Roberto Romano, especificamente no que tange as relações Igreja e Estado. Para uma melhor compreensão da gênese e reestruturação da Igreja em Santa Cata-

rina, contribuiu o trabalho de Augustin Wernet, que estuou a "reforma" da Igreja em São Paulo, onde se formaram três, dos quatro primeiros bispos do Estado. O trabalho de Carlos Alberto Balhana, sobre a polêmica anti-clerical no Paraná, permitiu visualizar a questão numa perspectiva regional.

Quanto a parte catarinense, somos gratos principalmente aos trabalhos de: Henrique Fontes e Oswaldo Rodrigues Cabral, sobre as Irmandades; de Walter Fernando Piazza, acerca da Igreja e a José Arturino Besem sobre diversos aspectos específicos desta instituição.

Para prescrutar, se bem que precariamente, os objetivos e a atuação da maçonaria, nos limitamos a consultar as obras de Dario Vellozo e Mário Gomes.

Trabalhou-se ainda basicamente na Biblioteca Pública de Florianópolis, com o jornal O Clarão e, complementarmente, com a A Época, e O Aliado, como também com a Mensagem do Governador, Felipe Schmidt, e os boletins do Coronel Salles Brasil.

# I

## **O INÍCIO DO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO E EXPANSÃO DA IGREJA EM SANTA CATARINA.**

**(1892-1920)**

## 1. PERSPECTIVAS GERAIS

Com a Proclamação da República, a Igreja experimentou uma liberdade de ação que nunca havia possuído no país, pois, na época em que era submetida ao Padroado Régio, durante o período Colonial e Imperial, sua ação fora controlada em sua legislação e sua prática, pelo Estado.

A Constituição de 1824 procurou manter a União da Igreja e do Estado, continuando a religião católica como oficial do país. Os Direitos do Padroado da Coroa Portuguesa foram transferidas para a Coroa Imperial Brasileira desde 1827. Portanto, em função do Padroado competia ao Imperador indicar para os principais cargos eclesiásticos do Brasil os sacerdotes que, uma vez confirmados pelo Pontífice, receberiam seus salários do Estado.

Esta instituição, o Padroado, juntamente com a do Placet, que consistia no requisito da sanção pela Coroa para a aplicação das normas pontificiais no Brasil, fomentaram a assimilação no próprio clero do regalismo e de suas influências secularizantes, afastando-os crescentemente da disciplina romana. Deve-se considerar ainda que a falta de um vínculo hierárquico direto e mais efetivo, sem a intermediação do poder temporal, também somou para este afastamento.

A esta conjuntura acrescentou-se a opção muito freqüente de correntes e posturas ideológicas liberais e maçônicas pelos eclesiásticos.

Por outra parte o Estado intervinha diretamente na formação do clero secular, examinando os programas dos seminários e condicionando a aceitação dos mesmos à sua prévia licença. Todos estes compromissos de natureza política, administrativa e sócio cultural prejudicava o desempenho teórico, prático e espiritual do sacerdócio.

Estes aspectos mais evidentes para o clero secular não deixaram também de alcançar o clero regular que já havia sido duramente atingido pelo Aviso Imperial de 19 de maio de 1855 que proibia o ingresso de noviços até que se procedesse a uma reforma das ordens religiosas a ser estipulada na assinatura de uma concordata com a Santa Sé. <sup>1</sup>

As ordens franciscana, beneditina, carmelita e mercedária foram duramente atingidas, chegando quase a extinção. <sup>2</sup>

A interferência do poder público, derivada do padroado e da legislação em vigor, no âmbito da vida religiosa criava numerosos problemas e conflitos. Com efeito, o atendimento de importantes aspectos da educação, da saúde e assistência pública, bem como o registro oficial da população, ficaram como áreas privilegiadas da atuação da Igreja Católica, mas submetidas as disposições normativas e práticas do Estado.

A República, que se propôs liberal e laica, separando o Estado da Igreja, presenciou, como consequência, a necessidade desta última, de rever os laços básicos de seu centro universal romano como o Brasil, sem mais passar pela intermediação do Estado e reorganizar suas jurisdições diocesanas no Brasil para uma abrangência mais efetiva.

Dentro deste quadro nos ocuparemos de dois as

pectos fundamentais: a seleção do clero e a busca de uma revitalização pastoral da vida espiritual da população. Sem pretender abranger globalmente todo o tema, procuraremos estudar alguns aspectos da instauração das novas estruturas eclesiais, da formação canônica e espiritual de seus sacerdotes, da direção da vida espiritual da população e, mais concretamente, a reação que tais fatos provocaram na sociedade catarinense.

Para ilustrar tais pontos, nos baseamos na imprensa, documentação privilegiada para o resgate das lutas ideológicas e no jornal mais concretamente identificado com as teses anti-clericales, que foi O Clarão (1911-1918), sem que tenhamos pretendido esgotar tão vasto tema, o qual ficou aberto para outras pesquisas.

## 2. A CRIAÇÃO DA DIOCESE DE CURITIBA (27/04/1892) ABRANGENDO O TERRITÓRIO DO PARANÁ E SANTA CATARINA

A Diocese de Curitiba<sup>3</sup>, criada pela "Bula Ad Universas Orbis Ecclesiae" do Papa Leão XIII, (27/04/1892), com jurisdição sobre os territórios dos Estados do Paraná e de Santa Catarina, correspondia a circunscrição territorial do Bispado Paraná - Santa Catarina. Resultou da solicitação feita pelos bispos brasileiros, reunidos na cidade de São Paulo em 1890 que reconheciam a necessidade da criação de novas dioceses<sup>4</sup>, medida esta que se insere dentro do movimento da rearticulação eclesial, ante a nova ordem republi-

cana.

Para precisarmos o alcance deste trabalho de reestruturação, registramos que, se em 1891 a Igreja no Brasil contava com doze dioceses, em 1900 já eram dezessete; em 1910, trinta, em 1920, cinquenta e oito.<sup>5</sup>

Com relação ao clero, contava a Igreja quase que somente com o secular, este também em número insuficiente para atender toda a população e, como já vimos, mais sujeito às injunções políticas.

Dentro deste quadro institucional geral, é preciso considerar-se que a Igreja em Santa Catarina sempre contou com um número precário de sacerdotes. As dificuldades físicas impostas por sua extensão territorial, ainda não efetivamente incorporada constituindo-se de pequenos núcleos habitacionais isolados, com estruturas geoviárias e meios de comunicação totalmente insuficientes a nível regional, nacional e mesmo local, cercados por matas, morros e eventualmente tribos hostis. Acrescente-se o constrangimento dos sacerdotes por dependerem para a sua sobrevivência de comunidades carentes economicamente.

Aliás, tal dificuldade, tornava-se uma constante para a Igreja, tanto no período em que dependia do Estado, como após a sua separação.

Apontamos um documento, que pode bem salientar a precariedade dos meios de sustentação dos eclesiásticos na Vila do Desterro no século XVIII. Refere-se a uma constatação de Dom Frei Antônio do Desterro, Bispo do Rio de Janeiro:

*" que sacerdotes haviam para prestarem cuidados espirituais à população de Santa Catarin*

*na, mas não podia mandá-los ao Desterro, tal a indiferença das ovelhas, e a mandar estes missionários para cá, seria obrigá-los a trabalhar com uma enxada na mão, para viverem."*

Ao que foi contraposto pelo Professor Cabral, de quem transcrevemos.<sup>6</sup>

*"Talvez fosse mais exato se dissesse que o pobre povo do Desterro não havia com que pagar os serviços do altar."*

Acreditamos que o testemunho é sumamente ilustrativo de uma situação de precariedade que para algumas comunidades não deve ter mudado muito desde aquele tempo, até hoje.

Outra dificuldade existente, agregada a situação espacial lembrada, era a precariedade, e mesmo a morosidade da estrutura burocrática colonial e imperial encarregada de prover as vagas existentes nas paróquias.

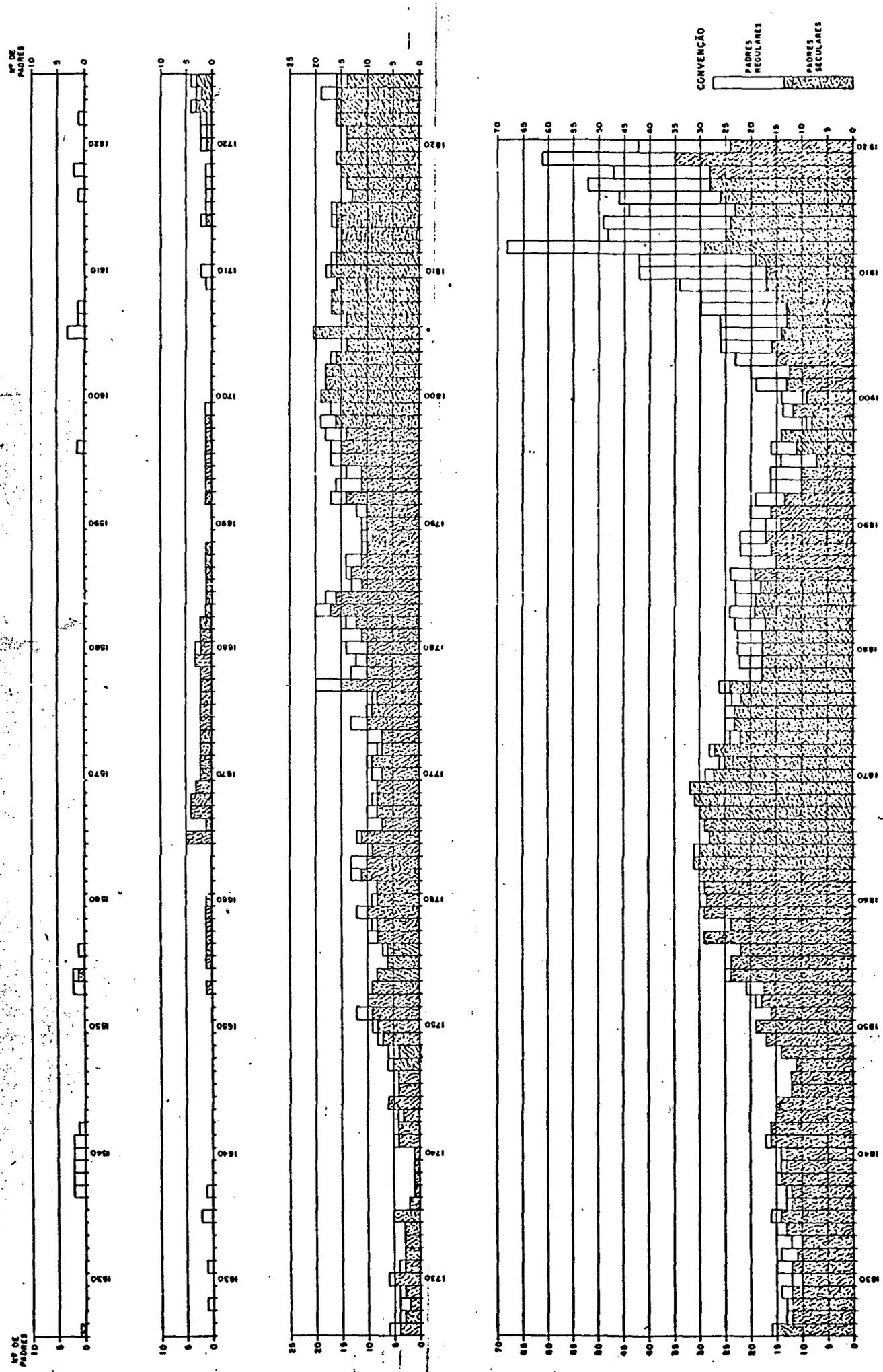
No entanto, apesar de todas estas dificuldades, pudemos verificar, que ainda durante o Império, o governo provincial tentara através de duas medidas, minorar o problema da falta de sacerdotes. A primeira, pela Lei 243 (17/03/1848), que estabelecia uma pensão para os sacerdotes que para cá viessem, (somente dois atenderam a esta apelo). A segunda, fora o pagamento de pensão para os estudantes do Seminário de São José no Rio de Janeiro, medida que beneficiou nove catarinenses. Mas o resultado não foi muito alentador, pois, se vieram poucos sacerdotes, dos nove que foram subvencionados, seis se tornaram políticos influentes, evidenciando a atração existente pelas atividades secularizantes, que atraíam os quadros formados pela Igreja.<sup>7</sup>

Portanto, a situação da Igreja no Estado no início da República era desalentadora. Faltavam sacerdotes (das 39 paróquias existentes, 22 não possuíam vigários).<sup>8</sup> Os templos estavam sem manutenção e os sacerdotes brasileiros muitas vezes entregues a atividades seculares, pela dificuldade econômica encontrada para o exercício puramente espiritual de seu ofício.<sup>9</sup>

Porém, nos estados do Sul havia um fato novo: a presença de imigrantes alemães e italianos, em boa parte católicos, que para cá se dirigiram, a partir de meados do século XIX. Portadores do catolicismo revigorado por Pio IX (1846 - 1878), mais espiritualizado, e que recusava as concessões ao liberalismo e às diferentes formas de secularização<sup>10</sup>, estes colonos vêm acompanhados de sacerdotes, algumas vezes estipendiados pelas companhias de imigração, ou solicitam sacerdotes de sua respectiva nacionalidade para o seu acompanhamento espiritual.<sup>11</sup>

Como resultado dessa pressão popular dos imigrantes para obter sacerdotes italianos e alemães, mais o interesse da hierarquia católica pela reforma do clero, tivemos em Santa Catarina um grande número de padres europeus, minoritariamente portugueses, e, na maioria pertencentes a outras etnias latinas ou germânicas e eslavas. Estes eclesiásticos seculares, conjuntamente com as ordens religiosas que vieram se instalar, contribuíram para a expansão e estruturação efetiva da Igreja, dentro das normas romanas. Essas atividades e articulações da Igreja foram caracterizadas pelos críticos do processo como "ultramontanas".<sup>12</sup>

O gráfico nº 1, demonstra a evolução do número de sacerdotes seculares e regulares durante os períodos das Colônias, do Império e de uma parte da República. Ele evi



TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO DA EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE SACERDOTES EM SANTA CATARINA ENTRE OS SÉCULOS XVI e XX  
GRÁFICO 1

FONTE: HISTÓRIA DA IGREJA EM SANTA CATARINA  
PIAZZA, W.F. P-221, 332  
ELABORADO POR ANA M.M.C. CORREIA

dencia a enorme aceleração no ritmo de crescimento do clero nos anos que nos ocuparam.<sup>13</sup>

Cabe aqui observar que o Bispado de Curitiba, criado em 1892, abrangeu o então território do Estado do Paraná (desmembrado do Bispado de São Paulo) e de Santa Catarina (desvinculado do Bispado do Rio de Janeiro) e teve como os primeiros titulares dois paulistas: D. José de Camargo Barros e D. Duarte Leopoldo e Silva.

Quando foi criado posteriormente o Bispado de Florianópolis, pela Bula "Quum Sanctissimus Dominus Noster", (19/03/1908), foi nomeado D. João Becker (1908-1912), de origem alemã, mas criado e educado no Rio Grande do Sul, como primeiro bispo. Mas será com seu sucessor, D. Joaquim Domingues de Oliveira (1914-1962) nascido em Portugal mas educado em São Paulo, que teremos o bispo com atuação mais duradoura.<sup>14</sup>

O fato de serem paulistas não seria significativo, se não o pudéssemos relacionar com as mudanças produzidas no clero em São Paulo pela ação do bispo D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). A gestão paulista de D. Antônio, foi um marco para a reorientação da atuação da Igreja no Brasil, pois criou o Seminário Episcopal, dentro das tradições tridentinas ampliadas pela legislação posterior, cujas práticas seriam o modelo a ser seguido em outras dioceses.

O professor Augustin Wernet fez um estudo da reforma<sup>15</sup> da Igreja em São Paulo e de sua importância para a formação de um novo modelo de sacerdote e de prática pastoral.

Esta abordagem nos levou a considerar como essencial para o nosso estudo, uma breve recapitulação sobre a

origem dos sacerdotes que atuaram em Santa Catarina e como se deu a expansão da Igreja neste Estado. Utilizamos para isto a bibliografia existente, completando-a em alguns aspectos.

Procuramos também situar mais claramente a atuação de seus titulares, tema especial em nossa pesquisa.

### 3. GESTÃO DO BISPO D. JOSÉ DE CAMARGO BARROS (1894-1904) EM SANTA CATARINA

Nasceu D. José em Indaiatuba, comarca de Itú, São Paulo (24/04/1858), filho de João Batista de Camargo Barros e de D. Gertrudes de Assunção Camargo, onde fez o curso primário, passando depois para o Colégio São Luiz, dirigido por padres jesuítas. Frequentou o Seminário Episcopal de São Paulo, a partir de 28 de junho de 1877, e ordenado, passou então a lecionar no Seminário Episcopal. Foi vigário de Santa Ifigênia, na capital (1887-1893); fundou o semanário Lida dor. Recebeu as honras de Cônego Honorário da Catedral de São Paulo e foi sagrado bispo em Roma (24.06.1894)<sup>16</sup>, chegou em setembro do mesmo ano em Curitiba, entrando solenemente na Catedral no dia 30.

#### ATIVIDADES E CARTAS PASTORAIS

São pequenas as referências que encontramos

sobre suas **Cartas Pastorais**. Foram relacionadas as seguintes:

- 24/06/1894, no dia de sua sagração, saudando aos seus diocesanos; em
- 24/02/1895, anunciado a visita pastoral;
- 16/01/1896, estabelecendo o óbolo diocesano; e em
- 07/04/1904, como Bispo eleito de São Paulo, nomeando Celso Itiberê da Cunha. Governador do Bispado, até a vinda de D. Duarte Leopoldino e Silva, novo bispo.<sup>17</sup>

As cartas pastorais<sup>18</sup> de D. José revelam o seu reconhecimento do estado de abandono em que estava a Igreja, e procuraram definir suas diretrizes para a ação pastoral. Demonstram ainda sua preocupação com o despreparo de muitos sacerdotes e com a falta de uma assistência espiritual mais constante junto a população.

Traduziam assim sua intenção de criar os instrumentos de revitalização da ação pastoral, tais como a criação de seminários, de escolas e de uma imprensa católica; e o incentivo à vinda de novas congregações.

\* \* \*

Preocupado em conhecer sua diocese e estreitar os laços eclesiásticos. D. José realizou 4 visitas pastorais em territórios catarinenses (1895, 1897, 1898 e 1902), cujos diários foram publicados<sup>19</sup> e pelos quais tentamos reconstruir seus roteiros (mapas 1,2,3).

Os roteiros de suas visitas mostram as difi-

culdades para a sua execução em enormes espaços, enfrentando a falta de estradas em longas distâncias, entre comunidades isoladas, com meios de transportes precários, utilizando-se a canoa, o cavalo, o vapor, ficando sujeito a chuva, ao frio e mesmo a fome.

A respeito destas dificuldades, transcrevemos alguns de seus comentários em sua 3ª visita, a propósito de um trecho particularmente difícil, a passagem da Serra do Imaruim, onde haviam gasto nove horas:

*"Ao meio dia chegamos ao pé da serra, sestiámos e comemos um bom virado, que o Pe. Redempto fez arranjar na casa de Henrique Messar..." "Na subida sô de serra, gastamos hora e meia. O caminho é feio e horroroso, em toda a minha excursão no Paranã e neste Estado, não encontrei ainda um caminho tão horroroso, e como diz o Francisco, não se pode explicar, é um caminho estreito, no fundo de uma garganta no meio de montanhas altíssimas, formado de pedras soltas, de todos os tamanhos e tão íngreme que o nível de 5 metros para diante na subida passa por cima do cavalo e cavaleiro."* 20

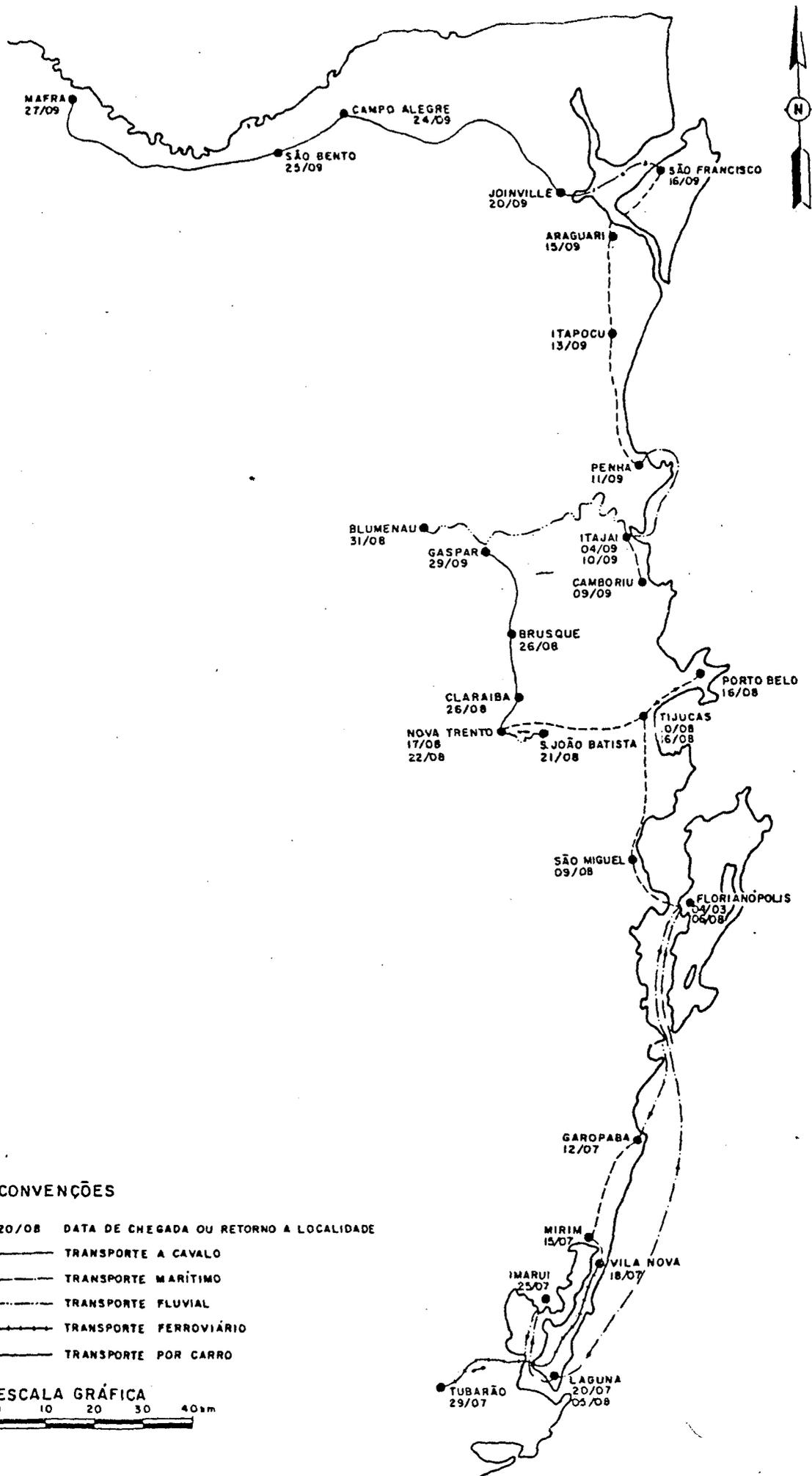
Outras dificuldades encontradas, relacionadas, desta vez à presença indígena, evidencia-se neste trecho:

*"Hoje, graças a Deus, passamos sem novidade a célebre Serra do Espigão, entre Corisco e Lageadinho"... Levantamo-nos todos muito cedo*

e tomamos uma boa canequinha de café, e partimos junto com os cargueiros e levando como nosso prático, o bugreiro João Tibes"... "Partimos às 06:00 horas e chegamos ao Lageadinho a 1 3/4, gastando portanto 07:00 horas e 3/4 em caminhar 4 léguas e meia, mas o caminho é simplesmente horrroso e cheio de perigo de assalto de bugres. Neste percurso, nesta Serra do Espigão eles têm matado muitos passageiros por diversas vezes"...<sup>21</sup>

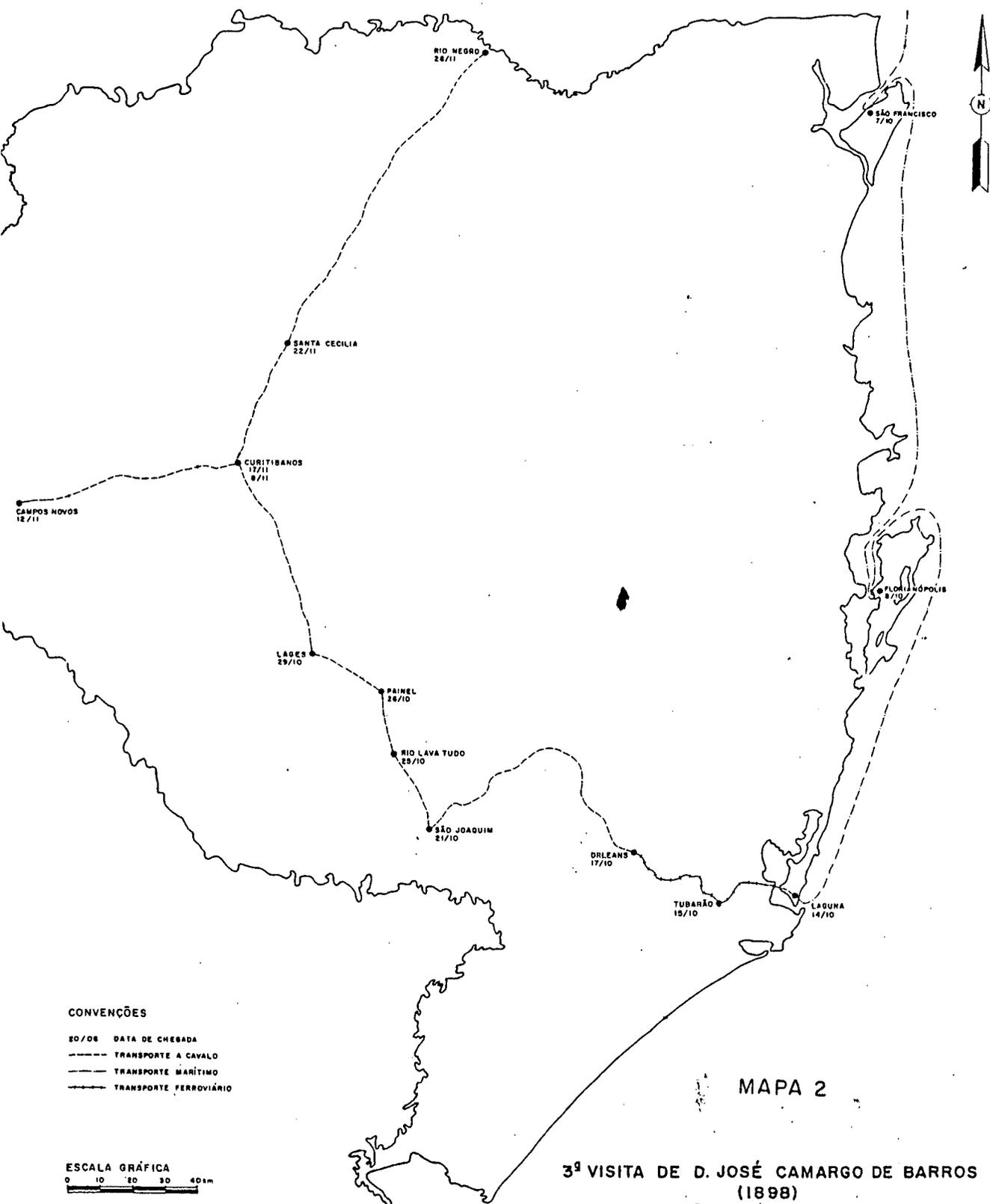
No planalto notou um grande retraimento por parte do povo, chegando a observar sobre Campos Novos:

"Houve nesta vila pouca animação, é um povo atrasado, cheio de vícios e muito fanático e seguidor do célebre João Maria"... "O João Maria disse ao Pe. Rogério que tanto valiam as missas do Pe. Rogério, como as suas (João Maria) rezas - que se na missa havia Jesus (apontando para uma caixa que trazia) que também ali estava o Bom Jesus - fala mal dos padres e de certos vigários, disse que o Pe. Redempto, aconselhou a matança dos bugres, tem feito muitos batizados - diz que não se deve comer carne 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e sábado e contou ao Padre Rogério que nasceu no mar, cresceu em Buenos Aires, teve um sonho em que apareceu N. Senhor e lhe mandou peregrinar durante catorze anos, não pousar em casa de ninguém."<sup>22</sup>



**MAPA 1**  
**1ª VISITA DE D. JOSÉ DE CAMARGO DE BARROS**  
**(1895)**

FONTE: OS DIÁRIOS DE D. JOSÉ CAMARGO DE BARROS E SUAS VISITAS PASTORAIS PIAZZA, W.F. P-61,73  
ELABORADO POR ANA M.M.C. CORREIA

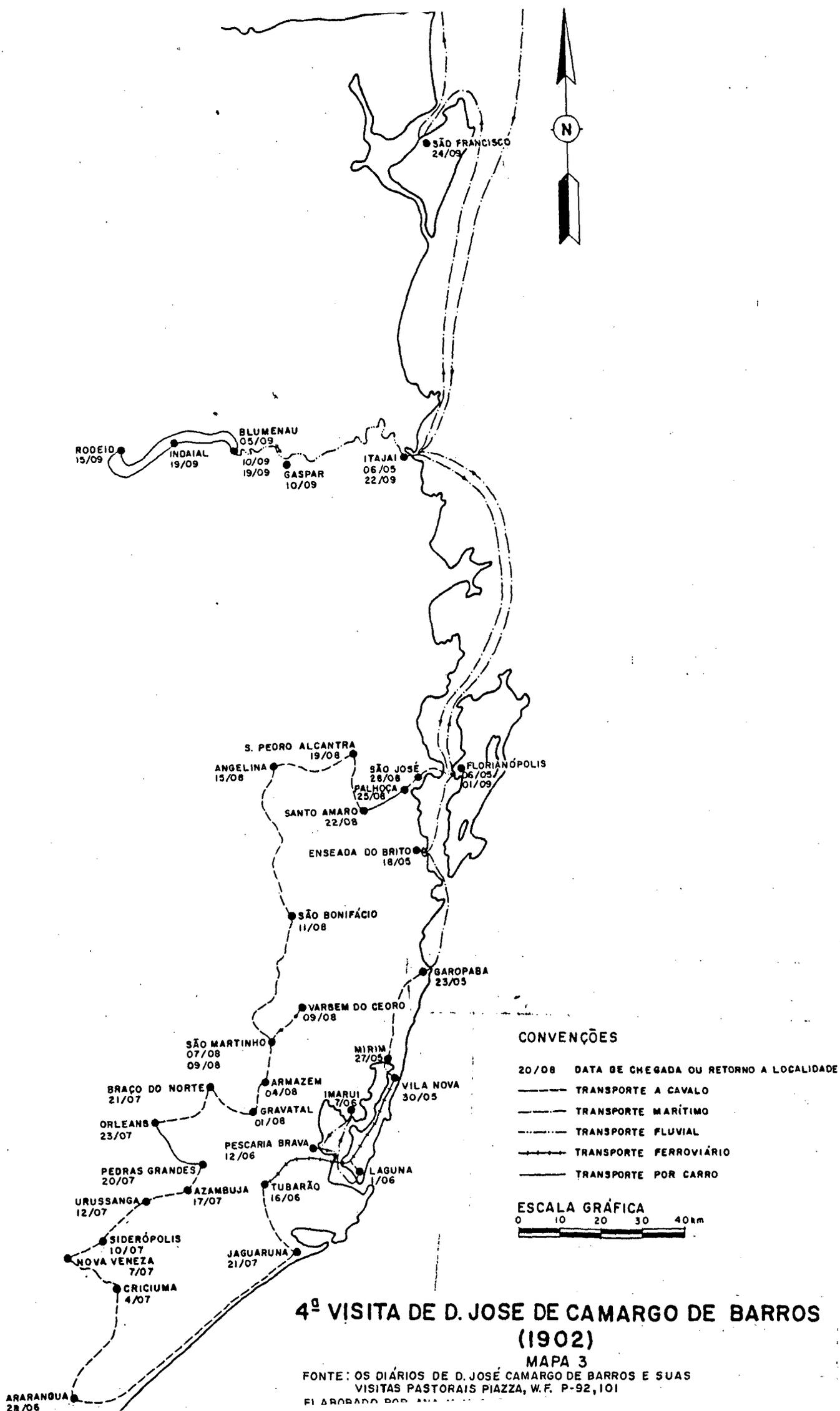


MAPA 2

3ª VISITA DE D. JOSÉ CAMARGO DE BARROS  
(1898)  
RECONSTITUIÇÃO PROVÁVEL DO ROTEIRO SEGUIDO

FONTE: OS DIARIOS DE D. JOSÉ CAMARGO DE BARROS  
E SUAS VISITAS AS PASTORAIS PIAZZA, W.F.  
P-75,91

ELABORADO POR ANA M.M.C. CORREIA



SÃO FRANCISCO 24/09  
 ITAJAI 06/05 22/09  
 GASPAR 10/09  
 BLUMENAU 05/09 10/09 19/09  
 INDAIAL 19/09  
 RODEIO 15/09  
 S. PEDRO ALCANTRA 19/08  
 ANGELINA 15/08  
 SÃO JOSÉ 28/08  
 PALHOÇA 23/08  
 FLORIANÓPOLIS 06/05 01/09  
 SANTO AMARO 22/08  
 ENSEADA DO BRITO 18/05  
 SÃO BONIFÁCIO 11/08  
 GAROPABA 23/05  
 VARSEM DO CEORO 09/08  
 SÃO MARTINHO 07/08 09/08  
 MIRIM 27/05  
 VILA NOVA 30/05  
 BRAÇO DO NORTE 21/07  
 ARMAZEM 04/08  
 IMARUI 7/05  
 ORLEANS 23/07  
 GRAVATAL 01/08  
 PESCARIA BRAVA 12/06  
 PEDRAS GRANDES 20/07  
 AZAMBUJA 17/07  
 TUBARÃO 16/06  
 LAGUNA 1/06  
 URUSSANGA 12/07  
 SIDERÓPOLIS 10/07  
 NOVA VENEZA 7/07  
 CRICIUMA 4/07  
 JAGUARUNA 21/07  
 ARARANGUA 28/06

As visitas pastorais de D. José, além de ressaltarem as extremas dificuldades das condições de acesso então existentes, mostraram-nos como vivia a população catarinense, por quem era formada, e também, o predomínio dos padres europeus de origem alemã, tanto nas regiões de colonização recente como nas mais antigas.

Revelam-nos, por outro lado, as dificuldades encontradas pela Igreja para a implantação de uma vivência religiosa mais ortodoxa.

O isolamento da mencionada população não só obrigava os fiéis a alimentarem sua fé religiosa sem o possível recurso aos sacerdotes, mas até levou algumas comunidades a práticas anômalas, inclusive sincréticas e a conseqüente marginalização, chegando mesmo a rejeição da autoridade da Igreja.

A questão indígena, foi outro problema levantado nos "diários". Embora de forma incidental, valeu a pena o seu registro, porque se tornou uma questão fundamental para a viabilidade dos projetos de colonização que então se desenvolviam no Estado, tanto para os imigrantes como para os índios.

Ao tomar posse em 1894, a Igreja em Santa Catarina estava com poucos sacerdotes e religiosos, muitos dos padres brasileiros entregues a atividades seculares ou secularizantes, muitos deles vivendo de empregos públicos, inclusive com amantes e filhos. Recorreu o prelado aos padres da Diocese Alemã de Münster, instalados em Santa Catarina, desde 1890, aos franciscanos da Saxônia, aqui presentes a partir de 1891, e as irmãs da Divina Providência que chegaram em 1894, trazidos todos eles pelo Pe. Topp.<sup>23</sup> As irmãs da Divina Providência, começaram a abrir seus colégios em Tubarão, Florianópolis (1899) e Lages (1901). Durante a gestão do mes

mo vieram ainda os padres italianos da Turim, por cuja colaboração havia se interessado o Bispo pessoalmente, quando fora à Roma participar do Concílio do Episcopado das Américas, (1899).<sup>24</sup>

Quanto às congregações femininas, sabemos que D. José estimulou os padres da Missão de Turim e trouxeram as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração, que em setembro de 1903, obtiveram aprovação para se dirigirem ao Brasil.<sup>25</sup> Reconheceu ainda, D. José à Congregação das "Irmãzinhas da Imaculada Conceição" (1895) comunidade iniciada em Nova Trento, pela imigrante italiana Amabile Wisintaiser, que se havia organizado inicialmente sob a orientação dos padres jesuítas. Foi uma das primeiras congregações femininas fundadas no Brasil, e coube a D. José a regularização da nova instituição, depois de um período de observação cautelar. Segundo R. Azzi "merece muito apreço a atitude de D. José Camargo que não obstante o preconceito inicial, soube abrir-se diante das realidades dos fatos."<sup>26</sup>

\* \* \*

D. José incentivou por outra parte a criação de escolas paroquiais, numa tentativa de enfrentar a questão do ensino laico nas escolas públicas<sup>27</sup>, uma das questões em que mais divergiam os grupos liberais e religiosos no período pós-republicano.

Na medida em que se desenvolveram as colônias e que se incorporaram ao clero consideráveis contingentes de eclesiásticos europeus, acentuavam-se as diferenças culturais entre as etnias imigradas e as comunidades luso-brasileiras,

as quais dificultavam a plena integração entre elas.

Note-se, no entanto, que a manutenção de um certo isolamento cultural do imigrante poderia ser visto como um elemento aglutinante tradicional e favorável à preservação da pureza de sua religião, como sustentou claramente o padre Luigi Marzano:

*"Se até hoje os alemães são religiosos e bons crentes, deve-se a eles (os sacerdotes). Se depois de tantos anos os alemães ainda falam a língua alemã como se somente ontem tivessem deixado a Alemanha, é mérito do clero alemão, que, com a religião, soube também manter a língua, convencidos de que no dia que o imigrante perde a língua, fica em perigo grave de perder também a fé."*<sup>28</sup>

Para enfrentar a indiferença religiosa e a crescente secularização da sociedade brasileira, a Igreja trabalhava também por organizar uma imprensa que defendesse as teses católicas.

A importância do tema, foi assumido no Iº Congresso Católico Brasileiro (1900), nos fins do século XIX, e no IIº Congresso do Rio de Janeiro (1908), como também nos congressos Diocesanos de Salvador (1901), Olinda e Recife (1902), (1904), São Paulo (1900), (1904), (1914), Niterói e Petrópolis (1909), Campinas (1912).

As resoluções do Iº Congresso<sup>29</sup> nos permitem verificar como estava sendo encaminhada a questão em nível nacional.

D. José partilhava de longa data desta preocupação, quando, ainda em São Paulo, animara e apoiara a fundação de "O Lídador", lançado por um grupo de católicos.

Em sua Carta Pastoral, de 16/01/1896, ocupou-se do que chamava de "instituições indispensáveis para uma diocese: "Seminário, Colégio Católico, Escolas Paroquiais"... chamou atenção para a questão da imprensa "na imensa falta do clero, deveríamos logo procurar é o estabelecimento da imprensa religiosa."<sup>30</sup>

Apoiou, por isto, o prelado a criação em Curitiba do primeiro jornal católico da diocese, A Estrela (03/04/1898),<sup>31</sup> com também a publicação pela Cúria do Boletim Eclesiástico (1900).

No Estado de Santa Catarina, foram fundados cinco jornais, dois na capital, um em Rodeio e dois em Lages. O primeiro jornal na Capital é A Verdade, (1902 a 1904), tendo como gerente Jacinto Simas e como colaboradores os padres Manfredo Leite e Francisco Topp, e os leigos Araújo Figueiredo, Sérgio Nolasco e Silas Bastos.

O segundo jornal foi A Fé, publicado pela Associação "Irmão Joaquim", publicado de 24 de agosto de 1903 a 30 de novembro de 1909, tendo como redatores Horácio Nunes, Fermínio Costa e Pacífico Neves e colaboradores Delminha da Silveira, Eduardo Nunes Pires, Juvêncio de Araújo Figueiredo, Wenceslau Bueno de Oliveira, Sérgio Nolasco, João Otaviano Ramos, Pe. João Nepomuceno Manfredo Leite, Edgard Schutel e Manuel dos Santos Lostada. Em Lages publica-se o "Cruzeiro do Sul" (1902-1905), tendo como órgão promotor o Colégio São José e Diretor João B. Setubal.

Em Rodeio, no entanto, surgiu o jornal L'Amico publicado de 3 de abril de 1904 a 1917, com uma vida mais

longa, tendo sido seu fundador Frei Lucínio Korte e colaboradores Frei Fidélis Kamp e Giuseppe Zanluca, com o objetivo de "cumprir sua missão de líder da comunidade italiana".

Também em Lages, foi publicado "A Sineta do Céu", que teve em sua direção Frei Pedro Sinzig e como colaborador José Lupércio Lopes.<sup>32</sup>

Esta luta pela implantação da imprensa católica mostrava a necessidade enfrentar a ação dos jornais de orientação liberal e maçônica, que denunciavam a crescente reorganização da Igreja e sua conseqüente expansão na sociedade e no Estado, tanto no Paraná quanto em Santa Catarina.

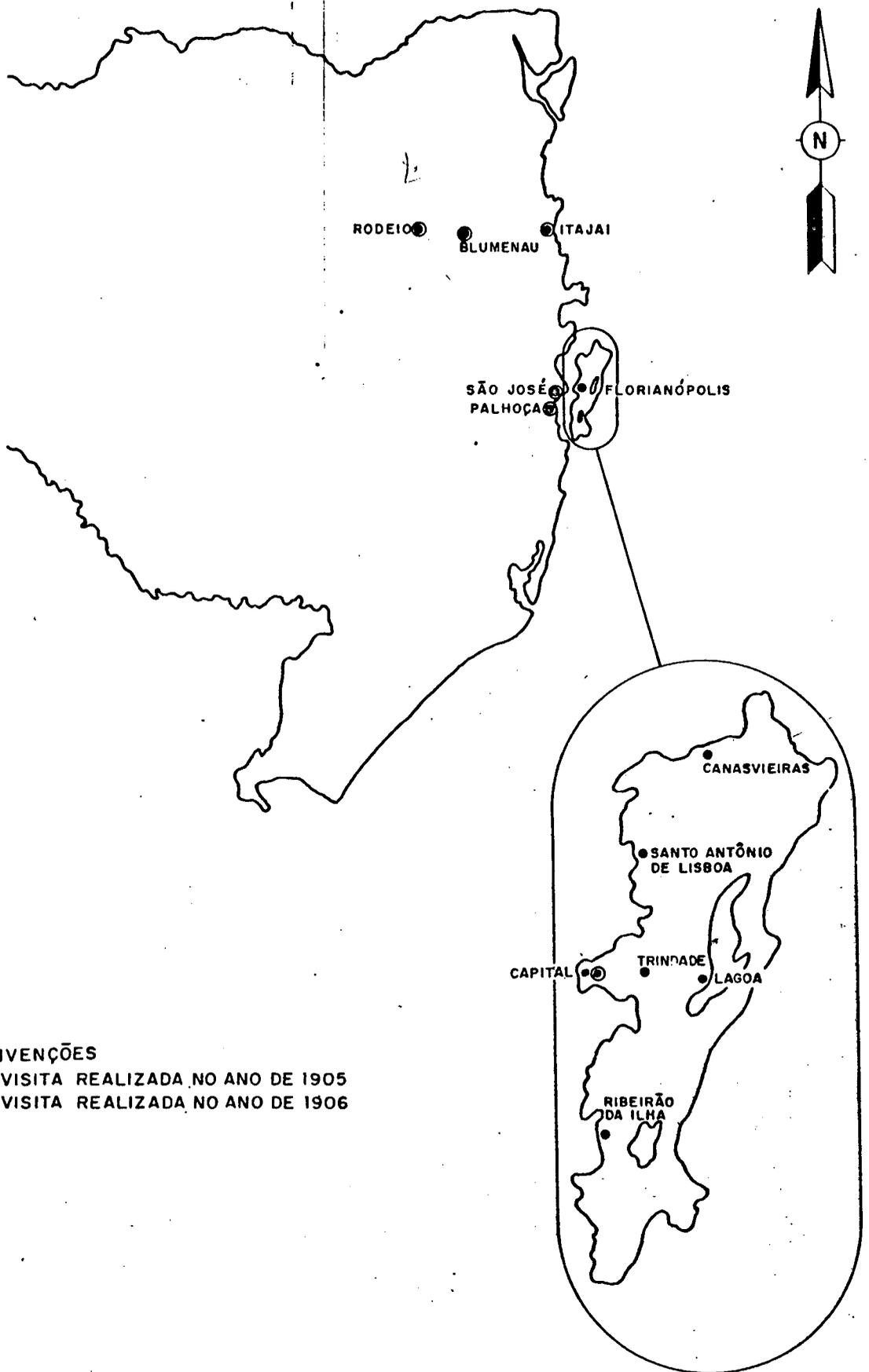
#### 4. GESTÃO DO BISPO D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA (1904 - 1907) EM SANTA CATARINA

Nasceu em Taubaté (São Paulo), ordenando-se em 1892 e ocupando os cargos de professor no Seminário Provincial, Coadjutor em Jaú (SP), Vigário em Santa Cecília e Cônego Catedrático do Cabido Diocesano.

Foi sagrado bispo em Roma a 22 de maio de 1904.<sup>33</sup>

Manteve o prelado a mesma linha de trabalho de seu antecessor.

Visitou o território catarinense (1905-1906), conforme os levantamentos já estudados<sup>34</sup> que tentamos apresentar no mapa 4.



**CONVENÇÕES**

- VISITA REALIZADA NO ANO DE 1905
- ⊙ VISITA REALIZADA NO ANO DE 1906

**MAPA 4**  
**VISITAS DE D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA**  
**(1905 - 1906)**

FONTE: A IGREJA EM SANTA CATARINA PIAZZA, W.F. P-143  
 ELABORADO POR ANA M.M.C. CORREIA

Em sua visita de 1905, evidenciando sua preocupação em reestruturar a Igreja em Santa Catarina e o atendimento mais direto à sua população, deixou registrado:

*"Tendo em vista o desenvolvimento religioso desta parte da Diocese formada pelo Estado de Santa Catarina, queremos deixar aqui consignado o interesse que nos merece o projeto da criação de uma nova Diocese com sede nesta paróquia Desterro."*<sup>35</sup>

Considerando as dificuldades econômicas para a formação do patrimônio, exigência de Santa Sé, para a ereção da diocese de Florianópolis, sugeriu D. Duarte ao Pe. Topp uma medida já tomada em outros Estados: pedir um auxílio ao Congresso, que atendeu a solicitação, fornecendo os 50 contos necessários para completar a quantia exigida de 100 contos.<sup>36</sup>

Voltou o Bispo em outra oportunidade acompanhado pelo Nuncio Apostólico D. Júlio Tonti, em 17 de julho de 1906, para tratar novamente da ereção da Diocese, e seguiu a 19 do mesmo mês para São José, Palhoça, Itajaí, Blumenau e Rodeio.

A imprensa era uma das preocupações de D. José, mantida por D. Duarte. Apesar das dificuldades encontradas, seguiram sendo publicados em Santa Catarina os jornais já citados: A Fé, A Sineta do Céu e L'Amico, extinguindo-se porém, A Verdade e o Cruzeiro do Sul.

Dando prosseguimento a reorganização do clero, chegaram os padres da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelo Padre Léon Dehon, trazidos também pelo

Padre Topp. Instalaram-se inicialmente os dehonistas em Florianópolis, dirigindo-se posteriormente para São Miguel e Brusque. Fizeram na segunda o seu centro de atividades.<sup>37</sup>

O Colégio Santa Catarina (atual Colégio Catarinense) foi fundado na Capital em 1905, sob a orientação dos jesuítas.

Quanto ao clero nacional, tomou D. Duarte a medida de aposentar com uma pensão paga pela Diocese os sacerdotes que tinham amantes,<sup>38</sup> continuando assim o trabalho de D. José na moralização dos costumes clericais.

A questão indígena continuavam a pedir definições, de sua parte sabemos apenas que impediu o Padre Topp de acompanhar como catequista as expedições de bugreiros, por seres estas operações dirigidas a submeter e exterminar, e não cristianizar ou civilizar os índios.<sup>39</sup>

Observamos nas atuações dos dois bispos paulistas D. José e D. Duarte, em suas gestões frente a diocese de Curitiba, a mesma linha de ação preconizada por D. Antônio Joaquim de Melo, o bispo reformador de São Paulo.

Primeiramente, a preocupação que tiveram em estruturar e expandir a Diocese. Empreenderam visitas pastorais para atender de perto as necessidades espirituais da população, como também para estabelecer um controle mais efetivo sobre os sacerdotes. As Cartas Pastorais que encontramos, afirmam suas diretrizes sobre os problemas causados, tanto pela falta de sacerdotes quanto pelo despreparo deles e a resistência dos meios anti-clericais. As medidas que preconizavam para combater tais males consistiam na criação de seminários, na vinda de novas congregações, na instalação de escolas católicas, e na luta em prol de uma imprensa católica.

Estas medidas tiveram continuidades nas gestões de D. João Becker e de D. Joaquim, como veremos em seguida.

## N O T A S

1. Fragoso, Hugo. A Igreja na formação do Estado Liberal (1840-1870) In: Hauck, João Fagundes et alii. História da Igreja no Brasil - 2ª época, Séc. XIX. tomo II/2, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 203.
2. Beozzo, José Oscar. Decadência e morte, restauração e multiplicação das ordens e congregações religiosas no Brasil. In: A vida Religiosa no Brasil. Enfoques históricos. Azzi, Rioland. (org.) S.P. Editora Paulinas, 1983, p. 91.
3. Cf. Diocese de Curitiba - denominação que consta do título do Decreto de Desmembramento e Ereção da nova Diocese de Florianópolis, separada da Diocese de Curitiba, na República do Brasil (Anexo 1).
4. Piazza, Walter Fernando - Santa Catarina: Sua História. Florianópolis, Editora da UFSC, Editora Lunardelli - 1983, p. 568.
5. Bruneau, Tomas C. Religião e politização no Brasil. A Igreja e o regime autoritário São Paulo, Ed. Loyola, 1979, p. 29.

6. Cabral, Oswaldo R. A Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, Mesa Administrativa da Irmandade, 1945, p. 24.
7. Conseguimos apenas a Lei nº 116 (18/04/1839) e a Lei nº 260 (08/04/1848), que beneficiaram respectivamente o Pe. Paiva e o Pe. Miguel Francisco Fernandes. In: Piazza, W. F. A Igreja em Santa Catarina. Notas para a sua história. Florianópolis, IOESC, 1977, p. 221-313, passim.
8. Piazza, W.F. Santa Catarina: Sua História, p. 568.
9. Riederer, Margareth. Um estudo sobre a Igreja em Santa Catarina, no século XIX. Trabalho apresentado para a obtenção do Bacharelado em História, UFSC, manuscrito, 1986.
10. Pierrard, Pierre. História da Igreja. São Paulo, Edições Paulinas, 1982, p. 230 e 231.
11. Marzano, Luigi. Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil. (Trad. João Leoni Dall'Alba), Ed. da UFSC, 1985, p. 107.
12. Ultramontano, que está além dos montes, e particularmente para além dos Alpes, em relação à França. Doutrina que se desenvolveu favorável à centralização romana reivindicando para o Papa, uma autoridade espiritual total, e à Igreja, uma certa independência a respeito do poder civil, e mesmo um certo poder ao menos indireto sobre o Estado.

13. Para a realização deste gráfico utilizamos os dados apor-  
tados da lista alfabética de sacerdotes. In: Piazza, W.  
F. - A Igreja em Santa Catarina, p. 221-313.
14. Piazza, W.F. Santa Catarina: Sua História. P. 570, Besen,  
José A. A Arquidiocese de Florianópolis, 1980, Diocese  
de Florianópolis, 1983, ps. 14-40. Cabral, Oswaldo R.  
História de Santa Catarina, p. 288.
15. Wernet, Augustin. A Igreja Paulistana no século XIX, p.  
217, passim.
16. Cf. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina, ps. 140 a  
142, e seu artigo "Os Diários de D. José de Camargo Bar-  
ros e suas visitas pastorais ao Território Catarinense."  
Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Cata-  
rina, nº 5, 1984, p. 58-118.
17. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina, p. 141.
18. Encontramos na Cúria Diocesana de Curitiba, as seguintes  
Cartas Pastorais:
  - 06/04/1895, sobre a aparição de uma pretendida santa;
  - 24/06/1896, falando sobre as obras do seminário;
  - 10/04/1898, solicitando apoio dos seus diocesanos em  
favor da imprensa católica;
  - 25/05/1898, tratando do Concílio Plenário Latino-americano  
e ordenando a consagração da Diocese ao Sagrado Cora-  
ção de Jesus;
  - 24/03/1899, expondo a doutrina da Igreja sobre o caso  
da Paróquia de Palmeira;
  - 04/12/1899, sobre um pretendido padre;
  - sem data, sobre a solene homenagem a Jesus Cristo Re-  
dentor e ao seu Augusto Vigário na terra.

19. Piazza, W.F. "Os Diários de D. José de Camargo Barros e suas visitas pastorais ao território catarinense. Revista do Instituto e Geográfico de Santa Catarina, nº 5, 1984, p. 58-118.
20. Barros, D. José de Camargo, apud Piazza, "Os Diários de D. José", p. 79.
21. Barros, D. José de Camargo, apud Piazza. "Os Diários de D. José", p. 91.
22. Barros, D. José de Camargo, apud Piazza. "Os Diários de D. José", p. 88.
23. Besen, José A. A Arquidiocese de Florianópolis, p. 34 a 37.
24. Marzano, Luigi. Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil, p. 19
25. Marzano, Luigi, Op. Cit., p 190.
26. Azzi, Riolando. "AS Irmazinhas da Imaculada Conceição" ; In: "Os religiosos no Brasil. Enfoques Históricos (coor. Riolando Azzi/José Oscar Beozzo), São Paulo, Ed. Paulinas, 1986, p. 32.
27. Besen, José A. "A arquidiocese de Florianópolis", p. 14.
28. Marzano, Luigi. Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil, p. 29.

29. Dale, Romeu. Os congressos Católicos e a Imprensa. In: Boletim do Cepehib. São Paulo, ano IV, nº 4, (15 de outubro de 1982). Reproduzimos as Resoluções do 1º e 2º Congresso Católico Brasileiro (Bahia, 3-10/06/1900 e Rio de Janeiro, 26.07 - 02/08/1908), no anexo 2.
30. Dale, Romeu. Os Bispos do Brasil e a Imprensa. Boletim do Cepehib. São Paulo, ano III, nº 3, (10 de julho de 1981).
31. Balhana, F. Carlos Alberto. Idéias em confronto, p 20. Afirmou que o jornal A Estrela foi o principal órgão católico de defesa, no confronto entre clericais e anti-clericais na imprensa do Paraná e especialmente a polêmica entre o anti-clerical Dario Vellozzo, Prof. de História, maçom e fundador do Instituto neo-Pitagórico, e o pe. Desidério Deschand - reitor do Seminário de Curitiba (1900-1910). Polêmica que refletiu-se na imprensa anti-clerical de Florianópolis.
32. Piazza, W.F. "A Imprensa Católica em Santa Catarina". In: boletim do Cepehib, Ano IV, nº 4 - Out. 82, p. 9 a 17. Moraes, Laura de Nascimento Rótolo - Catálogo Analítico descritivo dos jornais de Florianópolis - 1894-1914. O jornal como fonte histórica. Datilografado, Dissertação de Mestrado, Florianópolis, 1985.
33. Cf. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina, p. 142, Besen, José A. "A Arquidiocese de Florianópolis", p. 14 e Santos, Wanderley dos. D. Duarte Leopoldo e Silva. Boletim do Cepehib, ano IV, nº 2 - Abril de 1984, p. 21.

34. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina , p. 142.
35. D. Duarte, apud Piazza. A Igreja em Santa Catarina. p. 142-143. Não encontramos as Cartas Pastorais de D. Duarte, na Cúria de Florianópolis e nem em Curitiba , porém nos foi informado posteriormente que estão em Lages, no convento dos franciscanos.
36. Besen, José A. "A Arquidiocese de Florianópolis", p. 15.
37. Op. cit., p. 37-38.
38. Op. cit., p. 14.
39. Op. cit., p. 41.

## **II**

**DESMEMBRAMENTO DA DIOCESE DE CURITIBA  
E CRIAÇÃO DA DIOCESE DE FLORIANÓPOLIS  
(19/03/1908)**

## 1. PERSPECTIVAS GERAIS

A reivindicação de se criar uma diocese em Florianópolis era antiga. Tanto em 1801, como em 1818, representações já haviam sido feitas em tal sentido, mas foi com D. José de Camargo Barros que partiram os primeiros esforços para concretizar a medida. Nomeou-se para isso (28/02/1900) uma comissão encarregada de coletar fundos para a criação do patrimônio da diocese composta pelos Drs. Hercílio Pedro da Luz, desembargador José Roberto Viana Guilhon e os Srs. Germano Wendhausem e Virgílio José Vilela, com o padre Francisco Topp na presidência.

As gestões continuaram durante o governo de D. Duarte, com a comissão leiga modificada pelas mortes do desembargador Guilhon e do Sr. Vilela, constituindo-se então pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz, desembargador Antero Francisco de Assis, Srs. Germano Wendhausen, Henrique de Almeida Valga e Gustavo Adolfo Silveira.

Criado o patrimônio através da doação do Estado e das esmolas arrecadadas nas missões através do Padre Francisco Topp, as principais autoridades do Estado dirigiram ao Papa Pio X, uma petição, solicitando a criação da Diocese. Esta petição foi enviada pelo bispo D. Duarte ao Núncio Apostólico no Rio de Janeiro, que a encaminhou à Roma através do Secretário Geral da Santa Fé, Cardeal Merry del Val, à Congregação dos Negócios Extraordinários.

O Padre Francisco Topp também se dirigiu à Roma, participando das negociações e, finalmente, o Papa Pio X, pelo Decreto Consistorial de 19 de março de 1908, criou a Diocese de Florianópolis, com jurisdição em todo o território do Estado de Santa Catarina (cf. Anexo I). Era Administrador Apostólico do Bispado, por nomeação em 02 de maio de 1908, D. João Braga, bispo de Curitiba, que publicou em 16 de julho do mesmo ano o Mandamento pelo qual foi anunciado o Decreto que criou a nova diocese de Florianópolis.<sup>1</sup>

## 2. A GESTÃO DO 1º BISPO D. JOÃO BECKER (1908-1912)

Nascido em Wendel, Bispado de Trier, na Alemanha (1870). Sua família veio para o Brasil, para o Estado do Rio Grande do Sul, região do Caí. Seu pai era professor primário e foi com ele que iniciou os primeiros estudos, principalmente de português e latim, continuando-os com os jesuítas de sua paróquia.

Destacou-se como aluno dos jesuítas no Colégio de Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, cursando os preparatórios para Direito e Medicina, e merecendo em Filosofia os elogios do professor Pe. Dr. João Jacob Faeh, S.J. É interessante destacar que foi aluno da 1ª turma do Seminário Diocesano de Porto Alegre, inaugurando por D. Claudio José Ponce de Leon, que já havia se manifestado em favor da "reforma" do clero em Goiás.<sup>2</sup>



1. D. JOÃO BECKER - 1º BISPO DE FLORIANÓPOLIS (ARQUIVO DA CÚRIA)

Matricula-se nos estudos teológicos (1893). Ordenou-se sub-diácono (1894) e Diácono (1895). D. Cláudio confere-lhe a ordenação sacerdotal (1896) na capela do Seminário Diocesano. Foi nomeado em 03 de agosto de 1896 para Vigário da Paróquia do Menino Deus em Porto Alegre, onde permaneceu durante 10 anos, até sua designação em 1906 para Cônego Honorário da Catedral de Porto Alegre.

Não descurou dos estudos, aprofundando-se no Grego, Hebraico, História da Igreja e Direito Canônico, notabilizando-se como jornalista e orador sacro. Nomeado bispo de Florianópolis (1908). foram seus consagrantes D. Francisco Braga, bispo de Curitiba e D. Antônio João Pimenta, bispo coadjutor de Porto Alegre.

Tomou posse da Diocese de Florianópolis (1908) e o Pe. Dr. Gercino de Oliveira, catarinense, tijucano, formado no colégio Pio Latino de Roma, leu a Bula de Eleição. Na assistência de sua posse estava presente o bispo de Curitiba, D. Francisco Braga, até esta data o administrador apostólico.

Permaneceu até (1912) quando tomou posse da Arquidiocese de Porto Alegre, criada a 8 de dezembro do mesmo ano, ali governando até sua morte em 15 de junho de 1946.<sup>3</sup>

Dando continuidade ao trabalho de seus antecessores para restabelecer o vínculo hierárquico com o clero e os paroquianos conforme as prescrições canônicas, programou diversas visitas pastorais, que tentamos reconstruir conforme suas indicações fornecidas em sua 5ª e Última Carta Pastoral.<sup>4</sup> (Cf. Mapa nº 5). Para D. João, as visitas eram não só necessárias, mas o próprio "nervo da disciplina eclesiástica e a alma do governo episcopal."<sup>5</sup>

Realizou a primeira delas em 07 de setembro

de 1908, visitando as paróquias de São José, Palhoça, Santo Amaro, Águas Mornas, Teresópolis, Angelina, São Pedro de Alcântara e no Estreito.

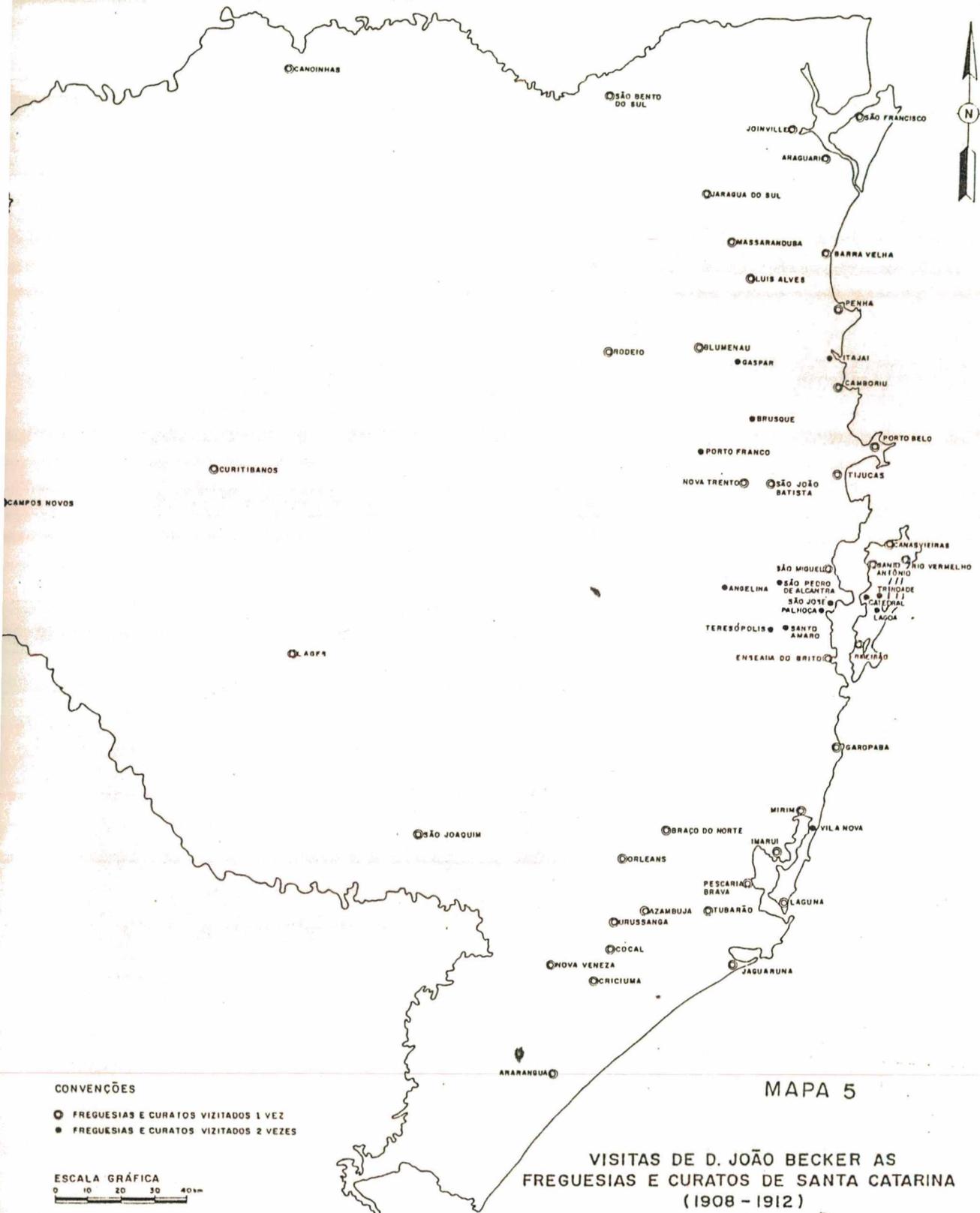
D. João estava preparando outra visita em 1912, quando recebeu a informação que fora promovido a Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre. Desta Arquidiocese Florianópolis era sufragânea, desde 15 de outubro de 1910, quando fora desmembrada do Arcebispo do Rio de Janeiro, pela bula "Praedecessorum Nostrorum" (15/08/1910).

Temos indicação apenas do roteiro de sua primeira visita Pastoral,<sup>6</sup> mas em sua 5ª e última Carta Pastoral, despedindo-se de sua diocese afirmou que:

*"Saímos doze vezes em Visita Pastoral, demorando-nos cerca de onze meses nesta laboriosa missão. Assim é que podemos percorrer toda a Diocese uma vez e grande parte pela segunda. E já tínhamos elaborado o itinerário de uma nova excursão pastoral de dois meses de duração, para visitarmos pela segunda vez o sul do Estado, quando nos veio surpreender, em preparativos de viagem, a notícia de nossa elevação ao sôlio Arquipiscopal de Porto Alegre.*

*A distância por nós decorrida em visita pastoral atinge 6.400 km, a saber: a canoa 66 km, em navio a vapor 1.540 km, em estrada de ferro 837 km e a cavalo 259 km.*

*Essas longas e penosas viagens, não eram de recreio, mas de aturado trabalho, a ponto de nos terem enfraquecido as forças e estragado a saúde, talvez por muito tempo."*<sup>7</sup>



CONVENÇÕES

- FREGUESIAS E CURATOS VIZITADOS 1 VEZ
- FREGUESIAS E CURATOS VIZITADOS 2 VEZES

ESCALA GRÁFICA  
 0 10 20 30 40 km

FONTE: V CARTA PASTORAL D. JOÃO BECKER  
 ELABORADO POR ANA M. M. C. CORREIA

MAPA 5

VISITAS DE D. JOÃO BECKER AS  
 FREGUESIAS E CURATOS DE SANTA CATARINA  
 (1908 - 1912)

\* \* \*

Escreveu cinco Cartas Pastorais, enquanto bispo de Florianópolis, e destas localizamos apenas duas a 1ª e a 5ª e última. (cf. Anexo nº 3 e 4). Dava o prelado muita importância ao magistério da palavra. Escreveu mais de 600 prédicas. A 1ª Carta Pastoral foi escrita em 1908. Ao clero e ao povo de sua Diocese, nela se apresentou, justificando a escolha da divisa de seu mandato: "Pascam in Judicio". Definiu as funções da hierarquia da Igreja, do Papa, dos bispos e do clero, o seu caráter sagrado; apresentou suas homenagens às autoridades civis e religiosas nacionais e estaduais, despediu-se do povo portoalegrense e saudou o povo catarinense.<sup>8</sup>

Na segunda Carta Pastoral, intitulada Escolas Paroquiais (1909), reafirmou a importância destas instituições de ensino, e na terceira, Pro Ecclesia et Pontífice (1911), forneceu diretrizes para a solução dos problemas sociais. Na quarta, O Clero e sua Missão Moderna (1912), o bispo apontava os caminhos para a ação do clero.<sup>9</sup> Na quinta e última, Despedidas (1912), despediu-se do povo e clero de Santa Catarina, voltando para Porto Alegre. Neste último documento, do qual ressaltamos alguns tópicos, fez uma apresentação do trabalho desenvolvido em sua gestão, envolvendo sua intenção de cumprir o seu lema, "Apascentarei com justiça", e as atividades desenvolvidas com as visitas pastorais, o apostolado da palavra, as missões, a imprensa e as escolas a prática da religião, os novos templos, a ação social, os meios de governar, a criação de comarcas e paróquias, a organização do ensino diocesano dos hospitais e outras obras diversas.

Consideramos ainda importante ressaltar que

dedicou um aspecto a destacar a passagem do Evangelho de São Mateus que apresenta Cristo criticado por ter sentado com os publicanos e pescadores, e afirmou que se lembrava dela em certas emergências. E disse:

*"Por isso, se durante o nosso tempo se levantassem vozes, ainda que esporádicos, discorrendo do Nosso modo de pensar e proceder, deveríamos declarar que também a Nós assistia o direito de termos uma opinião pessoal escudada em justos motivos e pensamos que também Nós tínhamos as luzes do Espírito de Deus no que nos cumpre ensinar e fazer com o propagar do Evangelho em nome de Jesus Cristo."*<sup>10</sup>

Este trecho nos parece revelar a atitude de D. João Becker, que para defender os interesses da Igreja não hesitava em enfrentar críticas.

Também foi comentada em dois pontos desta Carta Pastoral, a atitude da Igreja perante os índios e colonos. Onde fez um retrospecto da proteção que ela sempre havia oferecido tanto aos índios quanto aos colonos no passado, o que a credenciava no momento atual a cooperar com o Estado, para a solução do problema indígena.<sup>11</sup>

Tal ênfase, parece-nos que foi dado em função da aprovação da lei sobre a catequese leiga, tanto em nível estadual, quanto nacional, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910, que retirava da Igreja a atuação exclusiva nesta área.

Se a presença e a palavra do bispo eram essenciais para os leigos, para os sacerdotes também era importan

tes, e não foram descurados:

*"Punhamos sempre sério empenho em promover no meio do clero, a virtude, a disciplina e a ciência. Para este fim mandamos pregar dois retiros espirituais em que tomaram parte todo o clero secular e muito dos sacerdotes congregados e regulares.*

*Realizamos no mesmo intuito o primeiro Sínodo Diocesano e o 1º Congresso Sacerdotal, fatos de capital importância para a vida normal da nova Diocese e ainda vivos na vossa memória."*<sup>12</sup>

Convocou o prelado o 1º Sínodo de Florianópolis (1909), e designou uma comissão preparatória, integrada pelo Pe. Arcângelo Ganarini, o Pe. José de Vargas e Andrade, O Cônego Francisco Xavier Topp, o Pe. Lucínio Korte, o Pe. Nicodemus Grundhoff e o Pe. João Stolte, podemos observar, portanto, que apenas um deles apresenta sobrenome luso.

O Sínodo iniciou seus trabalhos, sob a presidência do bispo diocesano em 31 de janeiro de 1910 e terminou em 02 de fevereiro do mesmo ano, após o retiro do clero.

Quanto à parte administrativa, o 1º Sínodo dividiu o Bispado em 10 comarcas, ao invés das antigas quatro. (Florianópolis, Laguna, São Francisco e Lages). Foram elas: Joinville, Blumenau, Itajaí, Brusque, São José, Laguna, Tubarão, Urussanga, Lages e Florianópolis.<sup>13</sup>

Com esta nova divisão evidencia-se o surgimento de comarcas e paróquias em região de colonização alemã e italiana, contribuindo para que se reforçasse os vínculos de integração hierárquica e territorial da Igreja. (Cf. com

mapas nº 11, 12 e 13.

Quanto a parte normativa, foram estabelecidos os Estatutos Sinodais, cuja primeira parte abordava o tema da fé, a segunda se referia ao clero, a terceira aos sacramentos, a quarta tratava do culto divino e a quinta referia-se aos sodalícios eclesiásticos, ficando a sexta para assuntos diversos.

Todas estas decisões sinodais foram promulgadas pelo Decreto de 19 de março de 1910.

Tendo em vista a necessidade de uniformizar e disciplinar os emolumentos das paróquias e das Câmaras Eclesiásticas, realizou o bispo em janeiro de 1912, o 1º Congresso Sacerdotal de Florianópolis, onde organizou uma Tabela Diocesana e o Regimento de Custos da Câmara Eclesiástica.<sup>14</sup> Incentivou ainda a pregação das Santas Missões, das quais foram realizadas noventa e uma durante o seu mandato, que contou com a colaboração dos lazaristas Pe. Henrique Lacoste e Manoel Gonzalez, dos franciscanos e dos jesuítas.<sup>15</sup>

\* \* \*

Houve resistência ao seu nome por parte dos meios liberais, porque, embora criado no Rio Grande do Sul, D. João Becker era alemão, como o era também o Pe. Topp, vigário da Catedral, o que incomodava parte da comunidade brasileira, a qual afirmava haver sacerdotes nacionais e catarinenses para a direção do bispado, citando-se o Pe. Gercino e o Pe. Manfredo Leite.

Continuou o prelado, o trabalho de seus antecessores na fundação de escolas paroquiais, criando uma Diretoria de Ensino, que supervisionava a habilitação e nomeação dos professores. Fundou também em Blumenau uma Escola Normal, sob a direção do Pe. Ambrósio Johanning.

Em Florianópolis, já estava funcionando um Colégio para a preparação de professoras desde 1898, sob a orientação da Irmãs da Divina Providência, sendo abertas por elas escolas em São Bento, Joinville, Itajaí, Santo Amaro e Laguna, somando ao todo, na época, treze escolas. Por outra parte as irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, abriram mais duas escolas durante a sua gestão, ao mesmo tempo as irmãs da Imaculada Conceição mantinham duas escolas em Nova Trento.<sup>16</sup>

Houve um grande aumento de sacerdotes e religiosos em Santa Catarina, como já observamos, inclusive com intelectuais de prestígio, como o padre jesuíta Werner von Undzür Muhler que aqui ficou entre 1908 a 1912, indo depois para Porto Alegre, onde se tornou professor de Filosofia no Colégio Anchieta e exerceu grande influência nos meios culturais católicos.<sup>17</sup>

Sua preocupação quanto à formação do clero levou o bispo a várias tentativas para a criação de um seminário, o que não conseguiu por falta de condições financeiras e pessoal docente. Porém, criou uma escola apostólica ou preliminar da Diocese, sobre a base do seminário já existente no Rio Grande do Sul.<sup>18</sup>

É importante ressaltar o incentivo episcopal dirigido à ação leiga na área social, o apoio do Bispo à Sociedade São Vicente de Paula, que havia fundado o Asilo de Órfas (dirigido pelas irmãs da Divina Providência) e o Círcu

lo Católico São José, que possuía o Cinema "Círculo" na Capital, o qual oferecia várias atividades culturais e recreativas à população.

Os jovens estavam sendo atendidos no Centro Santa Catarina, fundado pelos alunos do Colégio e do qual faziam parte o Centro 07 de Setembro e o periódico mensal Ipiranga.<sup>19</sup>

Foram dados os primeiros passos para a Fundação da União Popular do Brasil em Florianópolis. Sabemos de sua fundação, proposta no 2º Congresso Católico Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em julho e agosto de 1908, tendo como delegado o Dr. Thiago da Fonseca (Cf. Anexo 5). Em 1912 já funcionavam em Santo Amaro e Enseada de Brito, as diversas associações como Damas da Caridade, o Apostolado da Oração, a Liga Josefense, a Associação Agrícola de São Pedro de Alcântara, a União São José de Rodeio, as quais juntamente com as Associações Católicas de Joinville e a União São José de Blumenau, mereceram atenção preferencial do titular da diocese.

Quanto aos operários, os sacerdotes os atendiam através das escolas noturnas para os adultos, e diurnas para seus filhos. Estas Escolas pertenciam à União dos Trabalhadores de Florianópolis.<sup>20</sup>

Cabe destacar que toda esta atividade, desenvolvida em quatro anos de trabalho, foi realizada sob a mencionada e constante pressão e oposição de alguns setores liberais.

Estimulou o bispo a criação do jornal A Época, engajado na causa católica. Escrito por intelectuais catarienses, teve como seu primeiro proprietário e fundador o

Prof. Henrique Fontes, o seu primeiro número saiu em 06/10/1910 e o último em 1921, já tendo uma duração bem maior que seus antecessores.

Lançou também, o prelado como órgão oficial da Diocese, a Resenha Eclesiástica, em 25 de fevereiro de 1911, para manter o clero informado das decisões, fatos fundamentais e de procedimentos importantes em matéria de níveis internacional, nacional e local. Continha a revista geralmente as seguintes secções: Atos da Sé Apostólica, Atos do Governo Episcopal, Selva Espiritual, Consultório Eclesiástico, Movimento Religioso, Crônica Diocesana e Miscelânea.

Reagindo a toda essa reestruturação e presença mais constante da Igreja na sociedade catarinense, iniciou-se a publicação do jornal O Clarão (1911-1917), sob a responsabilidade de Eloy Crisanto de Medeiros, que se constituiu como órgão de combate ao clero, cujas posições tentaremos analisar no decorrer do trabalho.

Lamentamos, não poder ter reproduzido o seu número inicial, por estar muito deteriorado, mas temos a primeira página de seu número 2. (Cf. ilustração 2).

### 3. O GOVERNADOR DA SEDE VACANTE DO BISPADO,

MONSENHOR FRANCISCO XAVIER TOPP

(1912-1914)

Quando D. João Becker foi transferido para a Arquidiocese de Porto Alegre, ficou como governador e Provi-

# O CLARÃO

ANNO I

Domingo 27 de Agosto de 1911

NUM. 2

## AVIZO DA REDACÇÃO

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Agencia de Revista, a Rua Republica n. 2. Muitas pessoas tem perguntado, quem é o Redactor e chefe do «O Clarão». Respondemos que a proporção que elle fôr clareando, apparecerá seu Redactor, que é muito bom Catharinense.

## O PROGRESSO

### II

Acordado Florianopolis, despertado d'esse terrivel somno da inação, prompto a marchar na vanguarda dos que progredem, toma o seu lugar e vai em demanda do Ideal!

Principia o progresso pela instrucção.

Da grande «Capital Paulista» aporta as plagas Catharinenses o dr. Orestes Guimarães que sabiamente organisa a nova tabella do ensino, fazendo uma verdadeira reorganisação na Escola Normal, o pharol que derrama o saber aos que ali vão buscá-lo! Hoje tem as nossas gentis patrias, a nova e bem organisaada tabella

de ensino, pela qual sahem aptas para ensinar á outrem o que sabiamente lhes foi documentado e ensinado, pelo mui distinto corpo docente que dirige essa sociedade.

Pela instrucção ainda, manda o honrado governo construir o «Grupo Escolar Lauro Muller» que será uma verdadeira miscelania onde os estudiosos encontrarão tudo! A Escola de «Aprendizes Artifices» é tambem uma parte desse progresso! E como principal coisa, como motor está o Gymnasio Santa Catharina que já teve a subita honra de apresentar ao publico como prova de seu valor, como o fructo da semente semeada que se chama— a instrucção dos bachareis de 1911.

Mariatur

— (\*\*\*) —

Completa hoje dois annos de existencia a elegante Marina, filha do nosso digno e leal amigo, Sr. Jovino da Costa Dutra. Por esse motivo desejamos-lhe e a Exma. espoza muitissimas felicidades.

sor do Bispado, Monsenhor Topp. Filho de Bernhard Joseph Topp e Johana Rosina Menge, nasceu em Warendorf, Alemanha a 19 de setembro de 1854. Tendo cursado filosofia e teologia no célebre seminário de Eichstätt e em 26 de maio de 1876, recebeu a tonsura e as ordens menores na catedral dos Santos Anjos da Guarda da mesma cidade. Subdiácono em 23 de dezembro de 1876, consagrado na capela episcopal; diácono na igreja de Santos Anjos em 1877 e, finalmente, sacerdote em 15 de julho, ordenado por D. Francisco Leopoldo, na mesma igreja.

Seu primeiro campo de trabalho fora uma capelania em Vehr, na Diocese de Münster. Em 1º de dezembro de 1886, é nomeado coadjutor em Quakenbrütt, diocese de Osnabrück, havendo acumulado a capelania e, no ano seguinte, em 09 de fevereiro, nomeado Vigário Auxiliar em Lüdninghausen. Ainda estava lá até em 1899, quando leu no jornal da Diocese o Kirchliche Amtsblatt, uma carta de colonos alemães de Braço do Norte, Estado de Santa Catarina, pedindo sacerdotes para o seu atendimento espiritual. Esta carta, sugerida pelo Pe. Guilherme Roer, que atendia colonos alemães há mais de 30 anos, e que, velho e fatigado, solicitava mais sacerdotes para o atendimento da região.

O Padre Topp conseguiu licença de seu Bispo, D. João Bernardo, e em fins de 1889, embarcou para o Brasil, aportando no Rio de Janeiro, então sede do bispado, recebeu de D. José Pereira da Silva Barros<sup>21</sup> a nomeação de Vigário Missionário. Chegou ao Desterro em 1890, e fixou-se junto a Capela de São Ludgero. Padre Topp, atendeu primeiramente o sul do Estado, onde havia uma população integrada por alemães, italianos, poloneses e brasileiros. Iniciou logo sua luta em busca de mais sacerdotes e religiosos europeus. Os primeiros a atenderem seus apelos foram os padres Antônio Eising e Francisco Auling.

Como já mencionamos anteriormente, foi graças ao trabalho de Pe. Topp que aqui chegaram as primeiras novas congregações européias.

O Pe. Topp também esteve em Tubarão, e lá abriu uma escola para filhos de brasileiros, onde ele mesmo foi professor nela, o que evidencia claramente sua preocupação com a educação.

Durante sua **Visita Pastoral** à Tubarão em 1895, D. José, ao conhecer o trabalho dos padres alemães convidou o Pe. Auling a auxiliá-lo em Curitiba, onde o promoveu a Vigário Geral do Bispado, nomeando também o Pe. Topp em 1896, Vigário de Florianópolis.

Em Florianópolis, sua condição de primeiro pároco alemão numa capital brasileira, provocou ressentimentos, agravados pela atitude de D. José, que em 11 de abril de 1896, lhe conferiu uma posição importante no clero catarinense, o nomeando informante e conselheiro. Portanto, sem o parecer do sacerdote alemão não se fazia nomeação, criação ou provisionamento de paróquia.

Seu trabalho foi extraordinário além de Nossa Senhora do Desterro, assumiu as paróquias da Santíssima Trindade, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, Nossa Senhora da Conceição da Lagoa na Ilha; São Miguel Arcanjo em Biguaçu e de São José no Continente.

Monsenhor Topp, recebeu a Cruz "Pro Ecclesia et Pontifice", em 17 de maio de 1902, do Papa Leão XIII, por seu trabalho na criação da nova diocese. Posteriormente foi nomeado Cônego Honorário do Cabido Metropolitano de Porto Alegre (1908), Secretário Geral do Bispado (1908-1912), Governador Bispado (1912-1914), Chanceler e Procurador Geral (1915-1925) e Vigário Geral (1918-1925), com a dignidade de

Monsenhor, foi nomeado Camareiro de S.S. o Papa Pio X (17/01/1912) e Prelado Doméstico de S.S. Bento XV. (1º/06/1915).

Trabalhou no Estado durante 36 anos ininteruptos, e por seus serviços na erecção da Diocese e na reorganização da Igreja em Santa Catarina, tornou-se para os liberais o grande inimigo a combater até sua morte (1925).<sup>22</sup>

#### 4. O BISPO NOMEADO RENUNCIANTE, JOÃO BORGES QUINTÃO (1913)

Monsenhor João Borges Quintão, era filho de Joaquim Borges Quintão, natural de São Domingos do Prata, natural de Minas Gerais. Pertencia a Congregação de Missão.

Foi ordenado no Seminário de Mariana e trabalhou como Secretário de Visitas de D. Duarte, cargo que desempenhou em suas visitas pastorais. Sendo reitor do Seminário de Curitiba desde 1910, quando em 1913 foi escolhido bispo de Florianópolis. No entanto, já em Roma para a sagração, renunciou ao bispado. Existem duas versões a cerca dessa medida, uma relatada por Besen, baseado no comentário de D. Duarte com D. Joaquim: "boa escolha mas um pouco doentinho"<sup>23</sup> Outra versão, proposta por Piazza, é que o prelado teria optado por secularizar-se devido ter mulher e filhos,<sup>24</sup> o que nesse momento de reorganização eclesiástica romana dificilmente se aceitaria.

A renúncia provocou forte reação nos meios an

ticlericais, afirmaram ter sido uma medida imposta pelo clero alemão, que não aceitava brasileiros na direção da Igreja.

5. O IIº BISPO DE FLÓRIANÓPOLIS, D. JOAQUIM  
DOMINGUES DE OLIVEIRA (1914-1917)

Nasceu D. Joaquim Domingues de Oliveira em Vila Nova de Gaia, Diocese de Porto, Portugal (1878). Filho do Capitão Joaquim de Oliveira Beleza e de D. Joaquina da Silva Mota. (Cf. Ilustração 3). Veio cedo para o Brasil, sendo crescido e criado em São Paulo. Estudou em escolas públicas no primário e o secundário no Liceu Coração de Jesus dos padres salesianos e no Ginásio Paulista. Fez exames preparatórios para o Curso de Direito de São Paulo, e chegou a matricular-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas desistiu e ingressou no Seminário Episcopal de São Paulo em 1898.

Recebeu a tonsura em 21 de setembro de 1899, ordens menores em 21 de dezembro de 1899, o subdiaconato em 25 de dezembro de 1900 e o diaconato a 22 de dezembro de 1900. Ordenado em 21 de dezembro de 1901 por D. Antônio Cândido Alvarenga, bispo de São Paulo, <sup>25</sup> celebrou a primeira Missa na Capela da Beneficência Portuguesa, a 22 de dezembro de 1902, na Igreja Santa Cecília. Sua primeira missa cantada, deu-se a 1º de janeiro de 1902. O pregador foi o pároco Cônego Duarte Leopoldo da Silva.



3. D. Joaquim Domingues de Oliveira, IIº Bispo de Florianópolis  
(Arquivo da Cúria)

No ano seguinte foi nomeado professor do Seminário e Capelão de São João Batista em 1903, subúrbio paulistano.

Em 08 de outubro de 1905, a conselho de D. Joaquim Albuquerque Cavalcanti, Arcebispo do Rio de Janeiro e amigos como o Pe. João Gualberto do Amaral,<sup>26</sup> dirigiu-se a Roma para completar os estudos de Direito Canônico. Residindo na Procura de São Sulpício,<sup>27</sup> congregação francesa, matriculou-se na Universidade Gregoriana, onde recebeu em 16 de outubro de 1907, o título de "Doctor Sive Magister" em Direito Canônico.

Regressando ao Brasil em dezembro de 1907, onde novamente foi professor no Seminário e Diretor Espiritual do Ginásio Arquidiocesano, dirigido pelos Irmãos Maristas. Presidiu, auxiliado por leigos, um curso catequético. Em 1910 foi nomeado Cônego da Catedral, assumindo simultaneamente o cargo de secretário do Cabido. Em 1911, chegou a secretário do Arcebispado.

A 26 de março de 1914 foi eleito bispo de Florianópolis. Acompanhado de D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo e D. Alberto Gonçalves,<sup>28</sup> bispo de Ribeirão Preto, dirigiu-se à Roma para a consagração. Lá na capela do Pontifício Colégio Pio Latino Americano, a 31 de maio de 1914, foi sagrado pelo Cardeal Basílio Pompili, tendo como consagrante D. Duarte e D. Alberto.

Chegou em Florianópolis em 07 de setembro de 1914, data sugerida por Mons. Topp quando ainda estava em Roma, para atuar na capital catarinense como seu bispo até 1917 e seu arcebispo até o ano de 1967.<sup>29</sup>

Existe atualmente em curso em Florianópolis, uma tradição oral, registrada também no livro de Isa Ch'an,<sup>30</sup>

segundo a qual D. Joaquim teria sido maçom. Não estamos em condições de definir documentalmente a procedência ou improcedência da referida versão.

Para uma melhor compreensão da atuação de D. Joaquim, tornou-se necessário ressaltar alguns aspectos da sua personalidade, bem como do contexto histórico de sua gestão.

Era um bispo jovem, tinha 35 anos quando assumiu a diocese, num momento político delicado. O Estado vivia a Questão dos Limites decorrente do Contestado.

A partir do início da 1ª Guerra Mundial, que confrontou a Prússia e seu bloco, com as potências aliadas, estas últimas com maior e mais definitiva influência e simpatia em círculos dirigentes no Brasil, que captam e pressionam diretamente a opinião pública. Em consequência disso, a questão da não assimilação de setores do clero e imigrantes agudizou-se, e estes segmentos ficaram ainda mais discriminados por sua origem étnica.

Em Florianópolis, esta tensão foi incrementada por setores liberais, republicanos, laicistas e maçons.

Dentro deste quadro conflitivo e tenso, D. Joaquim tentara ser o bispo da ordem.

Professava o prelado o pensamento do caráter sagrado da autoridade da Igreja e do Estado, e como tal a hierarquia tinha que ser preservada. Entendia que cabia à Igreja a tarefa espiritual maior de formar as almas e promover a civilização dos povos e ao Estado um poder também de origem divina, embora diferente por sua natureza e fins.<sup>31</sup>

Não admitia que o Estado em sua expansão, pudesse interferir na expansão institucional e espiritual da

Igreja, que considerava ser sua função específica. Este pensamento, que presidiu toda a sua atuação, teria importantes repercussões de tipo político-institucional e jurídico, bem como sócio-cultural. Deles derivaram diversos conflitos que fizeram de sua gestão um período problemático e de exercício difícil.

Podemos sustentar desde já, que todos estes problemas agravaram-se com o significativo aumento demográfico operado no Estado pela vinda dos novos contingentes de colonos europeus, que alteraram inicialmente a composição étnica da população catarinense.

Essas mudanças se conectaram com toda uma nova e complexa problemática, na qual destacamos o processo da urbanização, e a formação crescente de um proletariado catarinense o que não nos compete aqui neste estudo.

\* \* \*

As visitas pastorais, para D. Joaquim, como o havia sido para seus antecessores, foram o momento de revisão em todo o funcionamento das paróquias, e serviram também para:

*"Conservar a pureza e a ortodoxia da doutrina católica, extirpando as heresias, que a corrompem. Conservar os bons costumes, perseguir os maus; estimular os fiéis à religião, à paz e à inocência, por meio de exortações e conselhos, estabelecer o mais que o lugar, o*

*tempo e a ocasião permitirem para proveito dos fieis, segundo o julgar a prudência dos visitantes."* <sup>32</sup>

Um das recomendações mais insistentes que fazia em razão da questão da não assimilação dos imigrantes era a necessidade do uso da língua portuguesa, sendo que em comunicações exortava a assimilação linguística da nova terra, pedindo-lhes "queiram continuar a esforçar-se pelo conhecimento e emprego da língua vernácula." <sup>33</sup> Esta atitude do bispo é significativa para o posicionamento da Igreja na difícil questão da assimilação sócio-cultural dos imigrantes no contexto nacional brasileiro, demonstrando claramente desta forma uma atitude que os anti-clericais negavam.

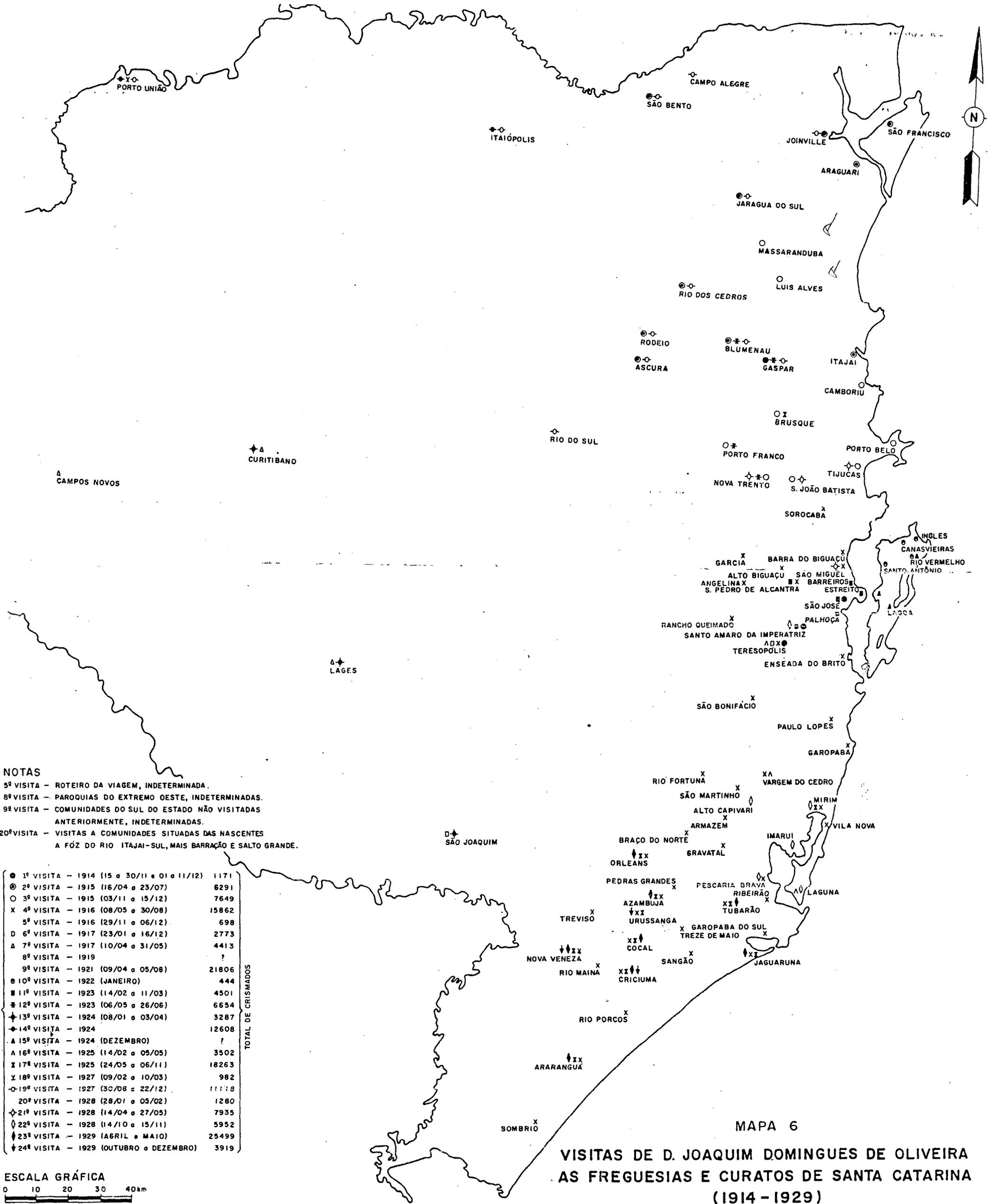
Em relação as suas visitas pastorais no período por nós estudado, que foram em número de oito, conseguimos apenas o registro das datas e dos locais visitados em seis deles, faltando maiores informações acerca de outras.

No entanto, visando ilustrar melhor a intensa atividade desenvolvida por D. Joaquim, no Mapa 6, indicamos as visitas às freguesias e curatos efetuados no período de 1914 a 1929.

A comprovação do intenso trabalho pastoral realizada durante elas, constam nas publicações do Professor Piazza. <sup>34</sup>

Mas para D. Joaquim, não só as suas visitas pastorais deveriam ser feitas, mas os sacerdotes deveriam completar esta tarefa visitando eles próprios os seus paróquianos.

*"... estabeleceu que elas deveriam ser frequentes, pelo menos de doze em dois meses;*



**NOTAS**  
 5ª VISITA - ROTEIRO DA VIAGEM, INDETERMINADA.  
 8ª VISITA - PAROQUIAS DO EXTREMO OESTE, INDETERMINADAS.  
 9ª VISITA - COMUNIDADES DO SUL DO ESTADO NÃO VISITADAS ANTERIORMENTE, INDETERMINADAS.  
 20ª VISITA - VISITAS A COMUNIDADES SITUADAS DAS NASCENTES A FÓZ DO RIO ITAJAI-SUL, MAIS BARRAÇÃO E SALTO GRANDE.

CONVENÇÕES	TOTAL DE CRISMADOS
● 1ª VISITA - 1914 (15 a 30/11 e 01 a 11/12)	1171
⊙ 2ª VISITA - 1915 (16/04 e 23/07)	6291
○ 3ª VISITA - 1915 (03/11 e 15/12)	7649
X 4ª VISITA - 1916 (08/05 e 30/08)	15862
5ª VISITA - 1916 (29/11 e 06/12)	698
D 6ª VISITA - 1917 (23/01 e 16/12)	2773
Δ 7ª VISITA - 1917 (10/04 e 31/05)	4413
8ª VISITA - 1919	?
9ª VISITA - 1921 (09/04 e 05/08)	21806
⊖ 10ª VISITA - 1922 (JANEIRO)	444
■ 11ª VISITA - 1923 (14/02 e 11/03)	4501
± 12ª VISITA - 1923 (06/05 e 26/06)	6654
⬆ 13ª VISITA - 1924 (08/01 e 03/04)	3287
◆ 14ª VISITA - 1924	12608
▲ 15ª VISITA - 1924 (DEZEMBRO)	?
A 16ª VISITA - 1925 (14/02 e 05/05)	3502
X 17ª VISITA - 1925 (24/05 e 06/11)	18263
X 18ª VISITA - 1927 (09/02 e 10/03)	982
○ 19ª VISITA - 1927 (30/08 e 22/12)	11118
20ª VISITA - 1928 (28/01 e 05/02)	1280
◇ 21ª VISITA - 1928 (14/04 e 27/05)	7935
◇ 22ª VISITA - 1928 (14/10 e 15/11)	5952
◆ 23ª VISITA - 1929 (ABRIL e MAIO)	25499
◆ 24ª VISITA - 1929 (OUTUBRO e DEZEMBRO)	3919

ESCALA GRÁFICA  
 0 10 20 30 40 km

FONTE: A IGREJA EM SANTA CATARINA - PIAZZA, W.F. P-163,165

MAPA 6  
 VISITAS DE D. JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA  
 AS FREGUESIAS E CURATOS DE SANTA CATARINA  
 (1914 - 1929)

*fixas para que o povo pudesse prevenir-se e comparecer; demoradas, que demorassem no mínimo duas noites e um dia e completas, abrangendo além dos batizados e casamentos, a doutrina às crianças, primeiras comunhões, doutrina aos adultos, visita aos doentes, ao arquivo e a fábrica e mencionadas no livro do Tombo."* <sup>35</sup>

Podemos observar, portanto, que a continuidade na orientação dada pelos bispos e a exigência de maior presença e observação das normas canônicas pelos seus sacerdotes, fizeram com que a Igreja se reestruturasse de forma mais hierárquica e coesa, tornando o seu comando mais homogêneo e sua presença mais constante.

\* \* \*

D. Joaquim era o homem da palavra e da ação. Suas pastorais e artigos em jornais o mostram um homem preocupado em avaliar, propor solução e agir em consequência.

Em sua 1ª Carta Pastoral <sup>36</sup> de 07/09/1914, quando saudou os diocesanos e traçou as diretrizes do que seria seu trabalho, afirmou:

*"... Devíamos, com efeito, tomar em mãos as rédeas do árduo governo espiritual, ordenar as fileiras dos soldados de Jesus Cristo, avivar-lhes a graça da ordenação sacerdotal, bradar-lhes n'alma a salvação das outras almas; chamar ao dever o rebanho confiado, animá-lo*

*e defendê-lo, ser tudo no meio dos fiéis, pelo afeto, pelas graças e pelas bênçãos, viver em vigílias, em trabalhos e em solicitude e que só para isso Nos dava o Senhor a proeminência e a Nossa superioridade espiritual."*

Este trecho nos revela a sua concepção da autoridade e da responsabilidade espiritual do bispo sobre os sacerdotes e sobre os fiéis.

Homenageou o prelado seus antecessores e afirmou a necessidade e importância da subordinação à Roma.

*"... Convinha que, de Roma, da cidade gloriosa pela tradição e doutrina, cidade de santos, viveiro constante de mártires e de doutores, onde arde a flama de todas as generosidades e sacrifícios, de onde partiram os mais ardentes apóstolos, aonde vêm repousar as almas sedentas de virtude e pureza, dali convinha que trouxêssemos, com a plenitude do sacerdôcio e suprema investidura do episcopado, a missão de pastorear as Vossas almas." 37*

Desta forma, reafirmava o prelado, a inserção da Igreja catarinense na Igreja universal, com sede em Roma, centro do poder espiritual católico.

Para D. Joaquim, "o sacerdote tendo no Evangelho, o testamento do Homem-deus, tem nas mãos toda a ciência, toda a moral, toda a civilização." 38 Desta forma, a Igreja e seus sacerdotes, eram os grandes artifícios da moral, da justiça, da família e da ordem social.

Finalizando, saudava o governador do Estado: expondo suas idéias básicas sobre o relacionamento entre a Igreja e o poder.

*"Abrimos, agora, espaço de honra, para a saudação que queremos fazer, muito de afeto e especial respeito, ao mui digno Sr. Governador do Estado, cuja autoridade veneramos por ter a mesma origem divina, cujo poder desejamos ver respeitado, e obedecido, e cuja amizade pregamos, segundo as tradições comuns a todo o episcopado brasileiro.*

*Distintas ambas as autoridades pela natureza e pelos fins, ambas se preocupam do bem dos mesmos súditos, e é só do mútuo respeito e plena harmonia de ambos os poderes que podem prover a tranqüilidade e a segurança no trabalho e o progresso de todos quantos, sob aspectos diversos nos foram definitivamente confiados."* 39

Esta é a concepção de D. Joaquim, do seu papel de Estado e da Igreja, como jurisdições distintas, autônomas e complementares, cujas relações deviam ser baseadas no mútuo respeito, em razão da origem divina de ambas. A Igreja é o sustentáculo do Estado; sem a sua força moral, há a tirania e o abuso.

Completando nossa pesquisa na Curia Diocesana encontramos sua Terceira Carta Pastoral, 25/11/1915, tratando da fundação da Igreja. Consideramos necessário registrar algumas de suas afirmações, que refletem em sua visão da Igreja. (anexo nº 07). D. Joaquim iniciou sua Carta Pasto

ral, comentando o significado e a importância do Advento, para a comemoração do Nascimento de Cristo, e da "... Primeira instituição do mundo, a que ilumina a inteligência, a que faz germinar santidade, o que é para o mundo o que o sol é para o sistema planetário - é obra de Jesus, e chama-se Esposa de Jesus..." <sup>40</sup>

Portanto para D. Joaquim, a Igreja era o único caminho de salvação, porque se identificava com a autoridade de Cristo e representava a plenitude de Cristo. Desta identidade entre Cristo e a Igreja decorria sua Verdade e o Primado de Pedro, portanto de seus sucessores.

Por causa desta verdade, era impossível, não se combater o erro pois: "...sem a admissão íntegra das verdades reveladas e a vida sobre-natural da fé, não é possível a existência da paz, nem sequer a paz intelectual, porque só a fé suprime a dúvida e a dúvida é o tormento da alma." <sup>41</sup>

Uma Carta Pastoral incisiva na afirmação da atuoridade e verdade da Igreja e na necessidade do combate aos erros doutrinários, pois

*"de pouca monta, porém, foi a nosso espírito o argumento da chamada exigência moderna, propensa a tudo tolerar, a tudo permitir, a tudo desculpar."* <sup>42</sup>

Por outro lado, para o prelado isto não significava combater os homens que erravam; e lembrava que o espiritismo da tolerância sempre havia sido apanágio da Igreja. <sup>43</sup>

Dentro do período que estudamos escreveu sobre os recursos da religião em 16/09/1917, a cerca do espiritismo, suas conseqüências e condações em 18/05/1918, sobre o problema da instrução em 07/09/1920. Encontramos re-

referências ainda há mais duas pastorais, em 07/09/1924, sobre o jubileu universal de 1925 <sup>44</sup> e a de 25/12/1923, sobre a detração. <sup>45</sup>

\* \* \*

A preocupação dos bispos do Brasil quanto à urgência de unificarem seus esforços, no sentido de reconstruírem, como afirmaram, "O Edifício da Igreja", e também redefinirem seus relacionamentos com o Estado e a sociedade, foi o tema da Conferência do Episcopado do Brasil Meridional, que se realizou no Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1915.

Este encontro resultou na Carta Pastoral Coletiva (1915), <sup>46</sup> que incorporou as Constituições Diocesanas das Províncias Eclesiásticas Meridionais do Brasil, documentos estes "onde foram estabelecidos os alicerces para a reconstrução do gigantesco edifício da vida espiritual e religiosa do Brasil, sob a orientação infalível do Vigário de Cristo na Terra." <sup>47</sup>

A Carta Pastoral Coletiva, manifestou o propósito de fazer o diagnóstico dos diversos aspectos que envolviam a crise social, pela qual o país, evidenciada nas manifestações de violência, injustiça e corrupção, que se refletiam na ordem social e decorreriam basicamente da falta de formação religiosa.

Selecionamos alguns tópicos do documento que nos pareceram demonstrar melhor o alvo de suas preocupações:

*"Coisa certa e confessada é que estes crimes*

*que infestam a sociedade, procedem quase todos da ignorância das verdades da fê e dos preceitos divinos. Introduza-se nas almas o conhecimento de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, da lei que ele nos impôs e das verdades que ensinou, e com toda a certeza, todo esse aluvião de crimes, se não desaparecer de todo, será reduzida a proporções mui diminutas."* <sup>48</sup>

Lembrava ainda o texto da necessidade de justiça social, quando analisou os crimes contra a sociedade, e afirmou:

*"com pavorosa freqüência, vemos em campo clamorosas injustiças: empregos sô por proteção e sem nenhuma competência, obtidos por quem não os pode desempenhar, donde resultam graves danos a particulares e à coletividade. Entretanto, os conquistadores de tais empregos e seus protetores vivem tranqüilos, sem se lembrarem da responsabilidade diante de Deus, por se julgarem absolvidos diante dos homens. Outras injustiças se cometem em sentido contrário, não introduzidos ineptos nos empregos, mas arrancando deles, sem causa, servidões fiéis e irrepreensíveis por vingança, por despeito ou pessoal antipatia, ficando muitas vezes reduzidos à miséria, vítimas inocentes com mulher e filhos."* <sup>49</sup>

Consideravam os prelados, ainda como males sociais: a protelação dos serviços públicos para o aumento

de ganhos, a injúria e calúnia perpetrados, seja na imprensa, nos tribunais ou nas conversas de particulares. <sup>50</sup>

*"Todos estes atentados contra indivíduos ou contra a sociedade exigem reparação; e quando não se puder fazer inteira, que se faça o que for possível; e quando não seja possível, ao menos o propósito de prestá-la logo que o culpado puder."* <sup>51</sup>

Além dos diagnósticos dos males sociais, eles lembravam, em outra linha de reflexão, a necessidade de combaterem o espiritismo e o protestantismo, como erros doutrinários, mais ainda o último, porque pela via da institucionalização, abrindo escolas, difundiam a heresia. <sup>52</sup>

Para combaterem todos estes males, propunham os bispos não só "a pregação", mas a necessidade de "obras de salvação", aí incluindo-se o ensino da doutrina, a boa imprensa, as escolas e associações cristãs. <sup>53</sup>

Suas admoestações voltaram-se também para o clero, quando afirmaram que seria inadmissível deixarem-se por incúria ou por exigência pecuniária, nubentes sem casamento, crianças sem batismo, jovens e adultos sem orientação religiosa.

A solução para estes casos, viria de um melhor atendimento espiritual por parte dos sacerdotes. <sup>54</sup> Outro aspecto que não poderia ser descurado pelos sacerdotes seria o da boa administração das paróquias, assinalando-se para tal fim as providências necessárias. <sup>55</sup>

Pedia ainda o documento episcopal aos vigários que ensinassem o "amor, veneração, obediência ao Papa ,

ao Vigário e Representante de Nosso Senhor Jesus Cristo" ,  
pois havia os que se descuidavam desse aspecto. <sup>56</sup>

A grave situação internacional também mereceu a referência dos prelados, quando chamando a atenção sobre a guerra na Europa, a consideraram:

*"Castigo este severo, é verdade, mas justamente merecido, pelo muito que se acha a sociedade de moderna divorciada de Deus e sua lei."* <sup>57</sup>

Desta forma, reprovavam o conflito, embora o vissem como um sinal da providência, que se utilizava da irracionalidade da guerra, para o castigo de um mundo que se afastava de Deus. A questão política foi tratada também reafirmando-se a dupla responsabilidade que assumiram porque:

*"Somos católicos e somos brasileiros, e como brasileiros, nos devemos interessar por esta estremecida pátria, procurando sua prosperidade e buscando remediar ou minorar seus males."*

Este duplo compromisso, pela fé e pela nacionalidade, os levariam a promover a responsabilidade cívica e a solidariedade social:

*"Ensinemos ao povo a observar as leis, a respeitar as autoridades legítimas, a amar o trabalho, a acatar os direitos alheios, cimentemos e promovamos a união, a concórdia, o amor entre os indivíduos e entre as classes sociais."* <sup>59</sup>

Reafirmaram ainda a necessidade e importância do voto dado aos partidários das causas católicas, mas sem fecharem-se numa linha partidária.

*"Ensinemos que devemos concorrer para o bem da pátria com nosso voto, livre e conscientemente prestado a cidadãos, que por sua honestidade privada, por sua probidade civil e econômica, por seu patriotismo e por sua fé des-  
temida e franca, o mereçam, com exclusão dos ímpios, imorais e sem caráter."* <sup>60</sup>

Os prelados finalizaram a Carta Pastoral dizendo:

*"Conhecedores das responsabilidades que pesam sobre nosso atual Presidente, façamos por ele orações insistentes e fervorosas, para que Deus o ilumine e sustente."* <sup>61</sup>

\* \* \*

O documento que resultou da Conferência do Episcopado do Brasil Meridional, que regia plenamente as práticas apostólicas, perdeu parte de seu valor jurídico em 1917, com a publicação do Código de Direito Canônico. Para atualizar a estrutura normativa da Diocese, segundo o novo Código de Direito Canônico, D. Joaquim convocou o 2º Sínodo Diocesano (02/12/1918 - 10/02/1919). <sup>62</sup>

Entre os 22 sacerdotes participantes, conforme pode ser verificado,<sup>63</sup> 12 possuíam sobrenomes eslavos, 6 de italianos e 4 de iberos, sendo que destes últimos apenas dois são catarinenses, os padres Gercino Sant'Ana e Oliveira e Tomás da Silva Fontes.

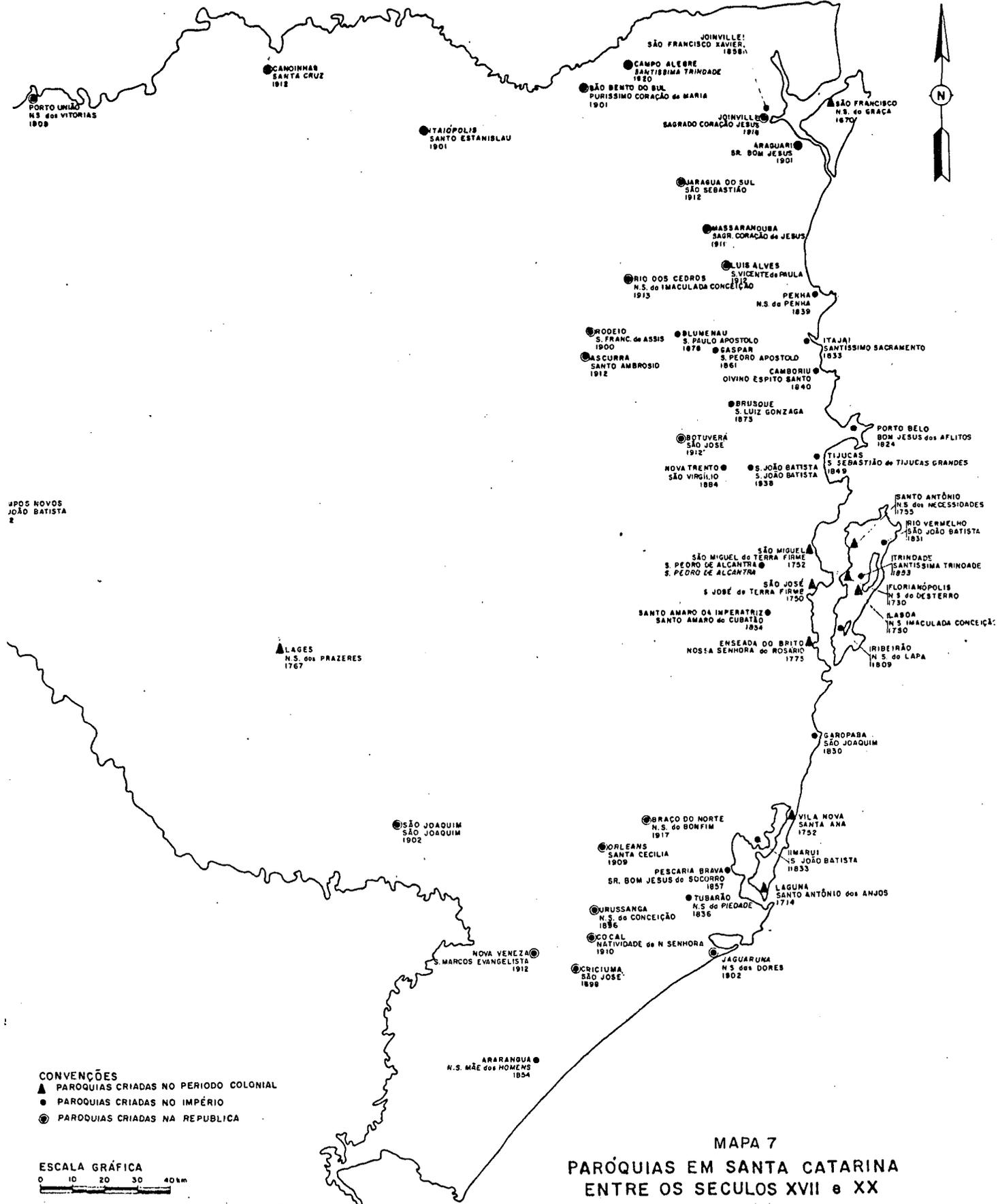
D. Joaquim ainda realizaria mais dois sínodos, um em 1925 também visando à reestruturação da Diocese, e outro em 1951, fazendo parte das solenes comemorações dos seus 50 anos de sacerdócio.<sup>64</sup>

\* \* \*

Fundamental foi o seu trabalho de organização paroquial. Ao tomar posse, D. Joaquim encontrara 41 paróquias, das quais 14 vagas, e 7 curatos, estando 1 vago.<sup>65</sup>

A Santa Sé, em 25 de abril de 1908, havia determinado que os limites do Bispado do Paraná e Santa Catarina, acompanhassem os civis; quando houve o Acordo de 1916, expresso pelo Decreto do Presidente da República em 03 de agosto de 1917, solucionando a questão dos limites entre os dois Estados. Tornou-se necessário, então, resolver-se a questão dos limites civis e eclesiásticos que estavam em desacordo.

Em 1º de outubro de 1917, encontraram-se os bispos de Curitiba e Florianópolis para definirem as respectivas jurisdições, passando para a Diocese de Florianópolis, as paróquias de Itaiópolis, o curado de Iracema, parte da paróquia do Rio Negro, de Porto União e de Palmas. Com estas alterações ficou definido o território do Bispado de Florianópolis.<sup>66</sup>



PORTO UNIÃO  
N.S. das VITÓRIAS  
1808

CANOINHAS  
SANTA CRUZ  
1912

FLORIANÓPOLIS  
SANTO ESTANISLAU  
1901

JOINVILLE  
SÃO FRANCISCO XAVIER  
1858

CAMPO ALEGRE  
SANTÍSSIMA TRINDADE  
1820

SÃO BENTO DO SUL  
PURÍSSIMO CORAÇÃO de MARIA  
1901

JOINVILLE  
SAGRADO CORAÇÃO de JESUS  
1918

ARARUAMA  
SR. BOM JESUS  
1901

SÃO FRANCISCO  
N.S. de GRACA  
1670

JARAGUA DO SUL  
SÃO SEBASTIÃO  
1912

MASSARAOUBA  
SAGR. CORAÇÃO de JESUS  
1911

RIO DOS CEDROS  
N.S. de IMACULADA CONCEIÇÃO  
1913

LUIS ALVES  
S. VICENTE de PAULA  
1912

PENHA  
N.S. de PENHA  
1839

RODEIO  
S. FRANC. de ASSIS  
1900

BLUMENAU  
S. PAULO APOSTOLO  
1878

CASPAR  
S. PEDRO APOSTOLO  
1861

ITAJAI  
SANTÍSSIMO SACRAMENTO  
1833

AS CURRAS  
SANTO AMBROSIO  
1912

CAMBORIÚ  
OIVINO ESPÍRITO SANTO  
1840

BRUSQUE  
S. LUIZ GONZAGA  
1873

BOITUVERÁ  
SÃO JOSÉ  
1912

S. JOÃO BATISTA  
S. JOÃO BATISTA  
1838

PORTO BELO  
BOM JESUS dos AFLITOS  
1824

NOVA TRENTO  
SÃO VIRGÍLIO  
1884

TIJUCAS  
S. SEBASTIÃO de TIJUCAS GRANDES  
1849

SANTO ANTÔNIO  
N.S. dos NECESSIDADES  
1755

RIO VERMELHO  
SÃO JOÃO BATISTA  
1831

SÃO MIGUEL  
S. MIGUEL de TERRA FIRME  
1752

S. PEDRO DE ALCANTARA  
S. PEDRO DE ALCANTARA

S. JOSÉ de TERRA FIRME  
1750

TRINDADE  
SANTÍSSIMA TRINDADE  
1893

FLORIANÓPOLIS  
N.S. de DESTERRO  
1730

SANTO AMARO DA IMPERATRIZ  
SANTO AMARO de CUBATÃO  
1894

LABOIA  
N.S. IMACULADA CONCEIÇÃO  
1730

ENSEADA DO BRITO  
NOSSA SENHORA do ROSÁRIO  
1773

IRIDEIRÃO  
N.S. de LAPA  
1809

LAGES  
N.S. dos PRAZERES  
1767

CAROPABA  
SÃO JOAQUIM  
1830

SÃO JOAQUIM  
SÃO JOAQUIM  
1902

BRASÃO DO NORTE  
N.S. do BONFIM  
1917

VILA NOVA  
SANTA ANA  
1752

ORLEANS  
SANTA CECILIA  
1909

IMARUI  
S. JOÃO BATISTA  
1833

PESCARIA BRAVA  
SR. BOM JESUS do SOCORRO  
1857

TUBARÃO  
N.S. de PIEDADE  
1836

LAGUNA  
SANTO ANTÔNIO dos ANJOS  
1714

IRUSSANGA  
N.S. de CONCEIÇÃO  
1836

COCAL  
NATIVIDADE de N. SENHORA  
1910

JAGUARUNA  
N.S. das DORES  
1902

ARARANGUA  
N.S. Mãe dos HOMENS  
1854

- CONVENÇÕES**
- ▲ PARÓQUIAS CRIADAS NO PERÍODO COLONIAL
  - PARÓQUIAS CRIADAS NO IMPÉRIO
  - ◻ PARÓQUIAS CRIADAS NA REPÚBLICA



FONTE: CERIS  
ELABORADO POR ANA M.M.C. CORREIA

MAPA 7  
PARÓQUIAS EM SANTA CATARINA  
ENTRE OS SÉCULOS XVII e XX

D. Joaquim criou ainda: as paróquias do Coração de Maria em Florianópolis em 12 de abril de 1915, Coração de Jesus em Joinville em 21 de dezembro de 1916, e Santíssimo Sacramento em Campo Alegre em 1920, além de mais 35 fora do período por nós estudado.

Portanto, à medida em que se ampliou o atendimento mais efetivo às populações, e que os limites entre os Bispados foram definidos, tornou-se necessário a criação de novas dioceses.

Foram criadas então: Joinville e Lages (1927), pela Constituição Apostólica "Inter Praecipuas" de Pio XI, que simultaneamente elevou o Estado de Santa Catarina à Província Eclesiástica e o Bispado à Arcebispado.

Posteriormente ao período por nós estudado, foram criadas, em ordem cronológica, as Dioceses de Tubarão (28/12/1954); Chapecó (14/01/1958); Caçador e Rio do Sul (23/11/1968) e Joaçaba (12/06/1975).<sup>67</sup>

Através do mapa nº 7, tentamos evidenciar não só a distribuição e a localização das paróquias, surgidas entre os séculos XVII e XX, mas também o brusco aumento delas, a partir do período republicano.

Para a efetiva expansão da diocese, a formação de sacerdotes era essencial. Portanto, criação de seminários resultava crucial. Conseguiu D. Joaquim implantar dois seminários no Estado, o Azambuja (1927) e São Ludgero (1941).<sup>68</sup>

\* \* \*

D. Joaquim encontrou o jornal A Época em Florianópolis, sendo publicado já sob a égide da Federação das

Associações Católicas. Este jornal, especialmente, enfrentou desafios, como o de ser um órgão de difusão das causas católicas, tanto doutrinárias quanto normativas. Mereceu, por parte de setores hostis ao clero as acusações de impatriotismo e obscurantismo, que eram imputadas à Igreja.

Foram fundados durante sua gestão, além do período por nós estudado, em Florianópolis. O Apóstolo (1929-1959), que teve em sua direção o Dr. José Rocha Ferreira Bastos, Desembargador, Presidente do Tribunal de Justiça e um dos fundadores da Faculdade de Direito; Major Rodolfo Formiga; João Otaviano Ramos, Orion Augusto Platt, e como orientadores religiosos os padres Emílio Duffner e Alvinio Bertoldo Braun, e como colaboradores o Fr. Benvido Destefano, D. Daniel Ostin, Padre Dr. Jacob Hudleston Slater Mons Ageneves Marques e a Prof<sup>a</sup> Edésia Adducci.

Em Tijucas, o Brasil Católico fundado em (1921) sob a direção do Padre Dr. Jacob H. Slatér.<sup>69</sup> Continua também sendo publicada pela Cúria a Resenha Eclesiástica.

Na imprensa não confessional, a Igreja contava com a simpatia de O Dia (1901-1918), órgão do partido republicano catarinense, que teve como redator chefe o Dr. Tiago da Fonseca, Desembargador, Procurador do Estado e católico praticante.<sup>70</sup>

Os anos iniciais da gestão de D. Joaquim, foram marcados não só pelo anti-clerical O Clarão, como também pelo aparecimento de mais dois jornais oponentes O Oriente (1914-1916),<sup>71</sup> de orientação maçônica e O Aliado (1915-1916) que, surgindo para a defesa da causa aliada na 1ª Guerra Mundial, criticou todas as atitudes consideradas favoráveis à causa alemã.

Cumprir o teu dever,  
aconteça o que acontecer

COD.: MAÇ.

# O ORIENTE

Organ Maçonico

Estado de Santa Catharina  
Liberdade, Igualdade e  
Fraternidade  
LEM.: MAÇ.

ANNO I  
(2.ª PHASE)

Florianópolis, 1 de Novembro de 1914

N. 2

## Expediente

PUBLICAÇÃO, SEMANAL

ASSIGNATURAS

CAPITAL

SEMESTRE — — 3\$000  
ANNO — — — — 6\$000

INTERIOR

SEMESTRE — — 4\$000  
ANNO — — — — 8\$000

Saudando ao novel collega, fazemos votos para que tenha uma feliz e prospera existencia.

D'O Dia, de 27-10-914.

"Mais um collega de imprensa, acaba de sahir á luz da publicidade nesta capital, sob o titulo "O Oriente", que se propõe á defeza da maçonaria.

O novo collega se apresenta bem redigido e cuidadosamente impresso.

Ao "Oriente", apressámo-nos a apresentar as nossas corda-

domínio,—o o grão ducado de Luxemburgo, que castiga o clero ro que mente e que se revolta contra as leis do paiz.

Publico e notorio é, e todos que têm jornaes o sabem, des de longo tempo o clero estrangeiro, e com especialidade o allemão, de que o Brazil está a receber enormes carregamentos todos os dias, não perde occasião de apodar-nos com os mais grosseiros insultos, quer do pulpito, quer p-la imprensa, de aconselhar a rebellião con-

Entregar ao clero, principalmente ao clero estrangeiro, a educação da mocidade, é um perigo para o futuro de uma nação: — é entregar-lhe o comando de exercitos, de fortalezas, de esquadras, porque as crianças-de hoje serão os marinheiros e os soldados de um dia; isto quanto aos homens. Quanto ás mulheres, é preparar mães, irmãs e filhas — imbuídas de falsas theorias para aconselharem mal, a maridos, pais e irmãos

Portanto, a luta na imprensa acirrava-se. Os ataques contínuos às posições da Igreja levaram D. Joaquim a proibir a leitura tanto do O Oriente e do O Clarão, como dos boletins subscritos pelo Coronel Salles Brasil.

Nosso projeto inicial previa um estudo contrapondo os jornais A Época e o O Clarão. Entretanto, o desenvolvimento do nosso trabalho, exigiu uma reavaliação da ação episcopal, para focalizar melhor nossa pesquisa. Porém, reservamo-nos o propósito de retomar este tema em monografia posterior.

\* \* \*

Pudemos observar que os primeiros prelados catarinenses, mantiveram coerência na orientação dos diversos aspectos do governo da Diocese.

O recursos às novas ordens religiosas, como forma de suplementar a carência notória de sacerdotes e de criar uma estrutura mais identificada às diretrizes centrais da Igreja, foi amplamente utilizada.

As Cartas Pastorais, mais freqüentemente utilizadas, propunham-se a tornar conhecida a orientação da hierarquia sobre as questões que afligiam a comunidade cristã e forneciam diretrizes para a atuação do clero e dos laicos.

As Visitas Pastorais e Paroquiais<sup>\*</sup> mais constantes regularizaram e normatizaram o cotidiano da vida religiosa. A criação dos Seminários, proporcionou a criação de sacerdotes com maior formação canônica e espiritual. A relação com os leigos também foi modificada, pois embora tives-

se uma ação e participação mais intensa, estas seriam supervisionadas pelos sacerdotes. <sup>72</sup>

A fundação pelos bispos de instituições católicas, imprensa, escolas e associações abrangendo obras de caridade, assistência e saúde pública, vinham assim a marcar a seqüência coerente do pensamento de D. José, dentro deste quadro de expansão da ação da Igreja. A documentação parece demonstrar que os prelados do período em estudo, tentaram promover o relacionamento harmonioso com o Estado, também em expansão. A realidade histórica revelou que a dinâmica dos acontecimentos, muitas vezes não o permitiu, complicando e conflitando consideravelmente o panorama.

Orgão de propa-  
ganda em favor  
dos aliados  
Assinatura  
Voluntária

# O ALIADO

Pelo DIREITO contra a FORÇA

Soberania das Nacionalidades

Pela Civilização co

N.º 1

ORGÃO BI-SEMANAL

Florianópolis, 27 de Novembro de 1915

## AMERICA DO SUL em 1950

Segundo R. Tannenber: Gross-Deutschland — pag. 255

Editado em Leipzig—1911

Segundo o Sr. R. Tannenber, deveria existir, em 1950, uma Alemanha Austral, que comprehendesse parte da Bolívia e do Perú, o Chile, Paraguay, Republica Argentina, Uruguay, e parte do Brazil, representado pelo Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, parte de Minas Geraes, Parana, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Em troca da liberdade de acção, a Alemanha abandonaria a Inglaterra o resto do Brazil, do Perú e da Bolívia e aos Estados Unidos o resto do continente americano.

Na mesma ordem de ideas, devem ainda ser citados:

M. Wilhem Siveres — Professor da Universidade de Giessen, Sudamenka und die deutsche Interessen. 1903.  
Riemer (Joseph Ludwig) — Ein pangermanisches Deutschland. 1905.

Funke (Alfred) — Die Emsiedlung der Oesterlichen Sudamenkas in Hinblick der Deutschen Interessen — Angewandte geographie I. serie, da Helt. 1903.

Lange (Friedrich) Reines Deutschtum, 4.ª edição, 1904.

Liebert (E. von) Ziele der Deutschen Kolonial und Auswanderungspolitik, Alldeutsche Blaetter, 1907.

advinhava, na tua alma, a secreta ambição de fazer soar gloriosamente, um dia, sobre as lajes do adro de Santa Sophia de Constantinopolis o casco do teu cavallo de Batalha...

«Hoje, partindo, de uma maneira ultrajante para ti, os laços de gratidão que te deviam unir á Russia libertadora, trahindo as aspirações nacionaes do teu povo, lança-te, tu, príncipe de raça franceza, nos braços desses mesmos Turcos, teus inimigos de hontem, tomados para maior escandalo, inimigos da França.

«Entre a alma tão generosa e tão nobre dessa admiravel França, que hoje derrama o seu sangue em defeza dos seus lares ameaçados, entre esses gloriosos aliados que combatem generosamente pela mais nobre das causas, a da liberdade dos povos... e as hordas de barbaros, saqueadores, assassinos e trahidores, o teu coração d-generado não hesitou, arrastando-te para o lado desses ultimos.

«Tua santa mãe, minha tia Clementina, filha de um rei de França e tão lealmente franceza; teus tios, os nobres e puros soldados: Orleans, Aumale, Nemours, Chartres — si todos elles ouvisses os rumores do mundo, na eterna paz em que repousam, levantar-se-iam dos seus tumulos para lançar-te á face as suas maldicções.

«E tu, que te enviava sempre, no dia de teu anniversario, sobretudo, que coincide com o meu, os meus votos affectuosos e cheios de ternura; eu, que via em ti um filho de França que honrava a sua estirpe, eu te renego hoje, não te conheço mais e te abandono ás tuas apostasias, aos teus remorsos... aos teus Turcos e aos teus Boches!!!

Fernando d'Orleans

duque de Montpensier.»

Soldados e Junho e Julho, 1.023.000; em Maio, Junho, 5.500; com esses 2 foram tomados nhões e de 4.

Trata-se agora de soldado neiros durante mezes da guerra de 1914 a fins os Allemaes centenas de nros na Polonia rianos. Em fins elles a cifra de ros. Total pe Agosto: 2.571; sejam 3.965.75

Nessas cifras hendidos os m nem os retir; razão de mole Tageblatt? Do: conforme os que houve, at anno corrente. 2.200.000, ou se fóra de combatos ouferidos.

Ora, conform nof declarou, i o começo da Agosto tinha 5.60.000 sold: «Suisse» conc

«Os Austros o prooigio de sionar mais que aquellos q armas. E apez hecatombe, os toda a linha. tão, remedio os Russos ob combater — o cumulo da bar

### O Isolament

A responsab  
Directriz

5. Reprodução da 1ª página do jornal O Aliado, órgão de propaga da aliada, que também combateu a "germanização" do clero. (27/11/1915).

## N O T A S

1. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina . P. 156-157. Besen, A. A Arquidiocese de Florianópolis , p. 48.
2. D. Cláudio José Ponce de Leon havia sido eleito bispo de Goiás em 1871, era de tradicional família baiana e afilhado de D. Pedro II. Levou para aquela diocese os Dominicanos e os Redentoristas, continuando o trabalho de D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, de reforma do clero naquela diocese. In: Azzi, Riolando. Os religiosos no Brasil- enfoques históricos, p. 9 a 13.
3. Cf. W.F. Piazza. A Igreja em Santa Catarina, p. 156-159, e Besen, José A. A Arquidiocese de Florianópolis, p. 48-53.
4. Becker, João. 5ª e Última Carta Pastoral. Despedidas. Florianópolis, Tipografia "Época", 1912, p. 6, Cf. Anexo 4.
5. Becker, João. Op. cit, p. 6.
6. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina, p. 159 e Besen, José A. A Arquidiocese de Florianópolis, p. 52.
7. Becker, João. 5ª e Última Carta Pastoral. Despedidas , 1912, p. 7.

8. Becker, João. 1ª Carta Pastoral. Ao clero e ao povo de sua Diocese, Porto Alegre. Tipografia do Centro, 1908 , cf. anexo 04.
9. Piazza, W.F. "A Igreja em Santa Catarina". P. 159. Besen, José A. "A Arquidiocese de Florianópolis": P. 51.
10. Becker, João. Despedidas. P. 19.
11. Op cit, p. 20 a 24.
12. Op cit, p. 15. Besen, José A. A Arquidiocese , p. 51
13. Besen, José A. "A Arquidiocese": P. 51. Piazza, W.f., "A Igreja em Santa Catarina", p. 170 a 172.
14. Besen, José A. A Arquidiocese de Florianópolis, p. 51 e Becker, João. Despedidas, p. 15.
15. Becker, João. Despedidas, p. 9
16. Op cit., p. 17
17. Moura, Odilão. Idéias católicas no Brasil. São Paulo , Editora Convívio, 1978, p. 78.
18. Becker, João. Despedidas. P. 18. Besen, José A. A Arquidiocese de Florianópolis, p. 50.
19. Becker, João. Op cit, p. 14

20. Becker, João. Despedidas, p. 10.
21. D. José Pereira da Silva Barros, havia sido aluno do Seminário S. José em São Paulo, e era considerado como seguidor das normas preconizadas por D. Antônio. In: Wernet, Augustin, p. 166.
22. Piazza, W.F. "A Igreja em Santa Catarina". P. 149 a 153 e Besen, José A. "A Arquidiocese de Florianópolis", p. 32 a 41.
23. D. Duarte apud Besen, José A. D. Joaquim Domingos de Oliveira, 1979. Florianópolis, IOESC, 1979, p. 9.
24. Comunicação oral do Prof. Piazza.
25. D. Antônio Cândido Alvarenga, foi um dos primeiros professores brasileiros que lecionou no Seminário D. José , In: Wernet, Augustin, A Igreja paulista no século XIX , Cf. Ilustração 3 D. Joaquim, p. 116.
26. João Gualberto do Amaral (1873-1948). Polemista, conferencista, para os seus contemporâneos "O Sábio", relator da Pastoral Coletiva de 1915. Torna-se célebre, ainda jovem, refutando o criminalista italiano Henrique Ferri em São Paulo, em 1908. Foi professor do Seminário em São Paulo. Moura Odilão , p. 47 e 48.
27. Besen, José A. D. Joaquim Domingos de Oliveira, op cit, p. 7.

28. D. Alberto Gonçalves, paranaense de Palmeira, filho de Francisco José Gonçalves e D. Constança Gonçalves. Cur- sou o Seminário S. José e foi seu professor de 1878 a 1888. Foi deputado e senador pelo Paraná. Foi nomeado Bispo de Ribeirão Preto em 1908. Piazza W.F. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, nº 5, p. 103 e 104.
29. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina. P. 160-177, e Besen, J. A. D. Joaquim Domingues de Oliveira, p.5 a 14.
30. Isa Ch'an. Achegas para a história da maçonaria no Bra- sil. Rio de Janeiro, Editora Germinal, p. 150.
31. Besen, José A. D. Joaquim Domingues de Oliveira, p. 51.
32. D. Joaquim apud Besen, José. A. D. Joaquim Domingues de Oliveira, p. 14.
33. Op cit, p. 17
34. Cf. Piazza, W.f. A Igreja em Santa Catarina. Notas para sua história, p. 163 a 168.
35. Besen, José A. D. Joaquim Domingues de Oliveira, p. 17.
36. Oliveira, Joaquim Domingues. Carta Pastoral saudando aos seus diocesanos. São Paulo, Escolas Profissionais Salesi-  
anas, 1914, p. 5 , cf. Anexo 6.
37. Oliveira, Joaquim Domingues. Op cit, p: 7

38. Oliveira, Joaquim Domingues. Carta Pastoral saudando aos diocesanos. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1914, p. 9 , cf. Anexo 6.
39. Oliveira, Joaquim Domingues. Op cit, p. 13
40. Oliveira, Joaquim Domingues; Terceira Carta Pastoral. Florianópolis, Tipografia A Epoca, p. 5, cf. Anexo 7.
41. Oliveira, Joaquim Domingues. Op cit, p. 13
42. Oliveira, Joaquim Domingues. Op cit, p. 12
43. Olivéira, Joaquim Domingues. Op. cit, p. 12
44. Piazza, Walter F. A Igreja em Santa Catarina. Notas para sua história, p. 169.
45. Encontra-se no Anexo 8, porque consideramos importante reunir as Cartas Pastorais, existentes na Cúria e deixá-las registradas em um conjunto.
46. Constituições Eclesiásticas do Brasil. Nova Edição da Pastoral Coletiva de 1915. Adaptada ao Código de Direito Canônico e ao Concílio Plenário Brasileiro e às recentes decisões das Sagradas Congregações Romanas. 1950, Tipografia La Salle. Canoas, p. 538.
47. Pastoral Coletiva, 1915, p. 1. Incluimos no Anexo 9 a íntegra do documento.
48. Op cit, 1915, p. 11.

49. Op cit, 1915, p. 14
50. Op cit, 1915, p. 15
51. Op cit, 1915, p. 14
52. Op cit, 1915, p. 15-16
53. Op cit, 1915, p. 12-13-16
54. Op cit, 1915, p. 10-11
55. Op cit, 1915, p. 18
56. Op cit, 1915, p. 19
57. Op cit, 1915, p. 18
58. Op cit, 1915, p. 20
59. Op cit, 1915, p.20
60. Op cit, 1915, p. 20
61. Op cit, 1915, p. 20
62. Segundo Sínodo de Florianópolis. Florianópolis, Livraria Cisne, 1919, p. 117.  
Este compêndio tratou dos seguintes temas: "normas gerais aprovadas pelo sínodo e partes dedicadas às pessoas - da

vida propriamente sacerdotal, das conferências eclesiásticas, do Romano Pontífice, da disciplina diocesana, do pároco, dos coadjutores, do Óbulo Diocesano, das irmandades e as casas - dos sacramentos, dos lugares e templos sagrados do culto divino e magistério eclesiástico."

63. Foram nomeados os oficiais do 2º Sínodo de Florianópolis os promotores, padres Fernando Taddei e Fernando Garcez, secretários, o Pe. Gercino Sant'Ana e Oliveira e Guilherme Farinha da Silva, notários Mons. Francisco Giesberts e Tomás da Silva Fontes, mestres de cerimônia, Fr. Evaristo Schurmann e Fr. Norberto Tambosi; procuradores do clero Cônego Arcângelo Ganarini e Francisco D'Assis Dahemann. Foram nomeados: juizes sinodais, os padres Fernando Taddei, padre Gercino Sant'Ana e Oliveira, Cônego Arcângelo Ganarini, Pe. Francisco D'Assis Dahemann, Fr. Nicodemos Grunthoff e Pe. Dr. Pedro Franken. Para examinadores: Cônego Francisco Xavier Gresberts, Pe. Luis Zuber, Pe. Dr. Jacob Slater, Fr. Evaristo Schumann, Pe. José Sundrup e Pe. Miguel Giacca; consultores: Mons. Francisco Topp, Pe. Francisco Chilinsky, Pe. Frederico Trombrock, Pe. Luiz Gilli, Pe. Angelo Alberti e Pe. Carlos Kermann.
64. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina. P. 172 a 178.
65. Piazza, W.F. Santa Catarina: Sua História, p. 570
66. Besen, José A. Arquidiocese de Florianópolis. P. 21-22.
67. Piazza, W.F. A Igreja em Santa Catarina. P. 162, Besen, José A. A Arquidiocese, p. 17.
68. Besen, José A. Op cit, p. 58.

69. Piazza, W.F. História da Imprensa Católica em Santa Catarina. Boletim do Cepehib. Ano IV, nº 4, Out. 82
70. Piazza, W.F. R.I.H.G.S.C. Os diários de D. José de Carmargo Barros, p. 104.
71. Cf. Ilustração no 4.

\* Acreditamos oportuno acrescentar que a realização das visitas pastorais e paroquiais tão incentivadas pelos bispos, é objeto também de atenção especial de João Paulo II, que as realizando com freqüência as considera uma oportunidade de "ajudar as comunidades a viverem mais a fundo a experiência da unidade cristã e a se reencontrarem na presença do bispo na plena dimensão da Igreja, não só local, mas universal". João Paulo II, apud Frossard André - Não tenham medo: diálogo com João Paulo II, trad. Antônio Carlos Villaça. Rio de Janeiro, Agir, 1983, 354 p: (p.275-276)

72. Muito longe se ficava da liberdade que os leigos haviam possuído no período colonial, quando ficava o sacerdote com o atendimento espiritual, e não lhe era permitido "a fazer esmolas e gastos dos ditos irmãos, assim noviços, como professores, mas absolutamente deixe essa determinação à sua liberdade e arbítrio, e o mesmo se fará em todas as mais temporalidades necessárias ao governo da dita nova congregação, e nestas matérias se intrometerá Vossa Caridade, simplesmente com o seu conselho e legítima aprovação". Cabral, Osvaldo R. A Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis na Ilha de Santa Catarina, p. 18.

### **III**

## **A EXPANSÃO INSTITUCIONAL, DEMOGRÁFICA E ESPIRITUAL DA IGREJA CATARINENSE (1750-1920)**

## 1. PERSPECTIVAS GERAIS

Não temos a pretensão de efetuar um estudo aprofundado das origens religiosas catarinenses, mas acreditamos que tornou-se necessário uma breve visão da expansão da Igreja no Estado antes do período por nós estudado.

As primeiras notícias referentes a religiosos em Santa Catarina, nos séculos XVI e XVII, revelam-nos que foram muito poucos os sacerdotes que aqui estiveram.

Vieram geralmente como acompanhantes de expedições de reconhecimento ou de bandeiras. Entretanto, houve tentativas de estabelecimento mais efetivo neste período, com os jesuítas, que através da Missão dos Carijós, dispuseram-se a fundar uma residência da Companhia na região dos "Patos". <sup>1</sup>

Os franciscanos foram protagonistas de um interessante primeiro esforço de evangelização no que chamaram de Província de Jesus. <sup>2</sup> Mas foram os jesuítas os responsáveis pelas tentativas mais duradouras, através da "Missão dos Carijós", quando dispuseram-se a fundar uma residência da Companhia na região dos "Patos".

Para cumprir tal objetivo, os jesuítas tentaram entre 1.553 a 1.640, estabelecerem-se na região de Laguna, mas a hostilidade dos traficantes de escravos e mesmo de alguns índios, as doenças, as dificuldades de comunicação, os impediram.

Portanto, a evangelização não pode se implantar, uma vez que encontrou tais resistências, havendo mesmo o registro de um episódio que envolvendo o cacique Tubarão e os missionários João Lobato e Jeronimo Rodrigues, revelou

mais uma dificuldade.<sup>3</sup>

Os primeiros sacerdotes que permaneceram aqui estavam geralmente relacionados com os três núcleos litorâneos do século XVII; Nossa Senhora do Rio São Francisco (1658); Nossa Senhora do Destêrro (1662) e Santo Antônio dos Anjos da Laguna (1682). (Cf. Mapa nº 8).

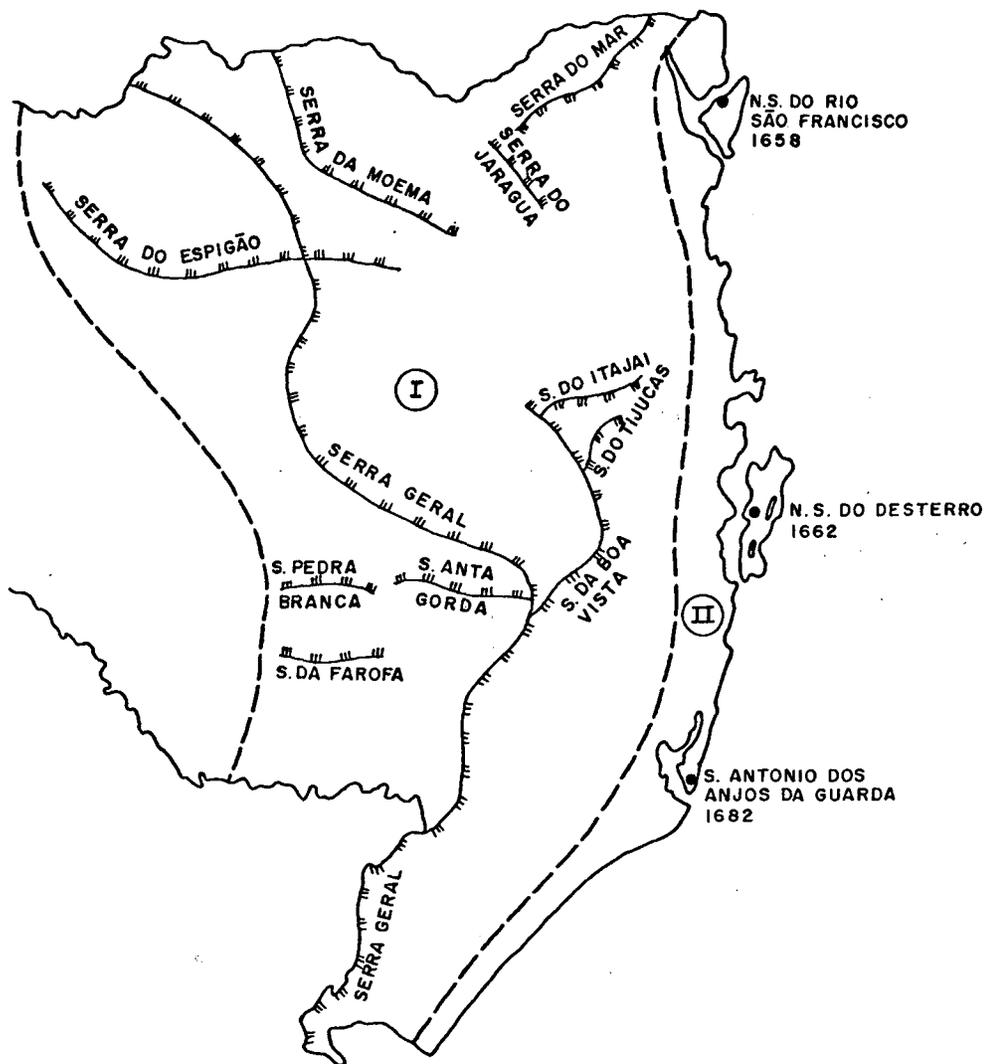
A ocupação do território catarinense se fez de forma lenta e cautelosa, pois além da instabilidade administrativa, comum, nos núcleos pioneiros, acrescentam-se as dificuldades do meio ambiente hostil e a fragilidade da defesa, perante os constantes ataques de piratas.

Desta forma, como núcleos de contingente populacional escassos e isolados, as referidas vilas entram no século XVIII. A situação começou a se modificar com as tentativas de se abrirem os caminhos para o Sul; para a defesa da Colônia do Sacramento, e para a incorporação das terras ao Sul de Laguna "o Continente do Rio Grande", com os Campos do Viamão.<sup>4</sup> Assim teremos no século XVIII, a fundação de Lages, e os primeiros caminhos terrestres (Cf. Mapa nº 9).

Para que esta ocupação se tornasse mais efetiva, houve a necessidade de se fortificar a costa sulina e povoá-la. Iniciou-se então oficialmente, a partir de 1748, a imigração açoriana, com os casais se estabelecendo desde o Rio São Francisco até o cerro de São Miguel.<sup>5</sup> (Cf. mapa nº 10).

Este novo contingente açoriano, contribuiu para o seu desenvolvimento demográfico, sócio-econômico, político e cultural. Na história da Igreja no Estado interessou-nos particularmente, as referências feitas às mudanças produzidas pela incorporação dos imigrantes.

Antes mesmo da chegada da primeira leva de imigrantes, já haviam sido enviados sacerdotes para recebê-los. Tal determinação, pode explicar por um lado, o aumento do número de religiosos, na primeira metade do século XVIII. Por outro lado, temos que acrescentar, que também vieram eclesiásticos com os imigrantes. Este súbito aporte de re-

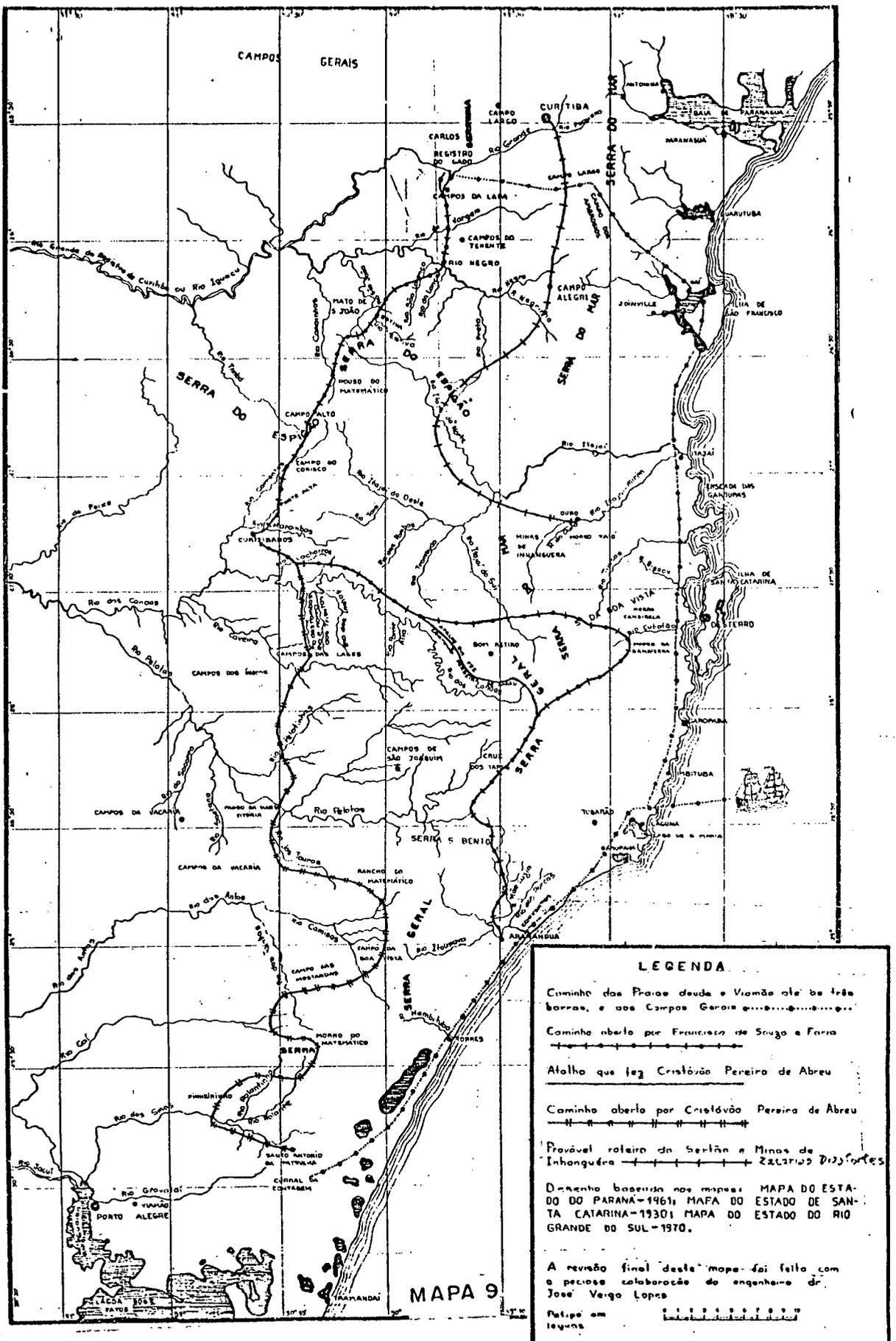


### CONVENÇÕES

- Ⓘ TERRITÓRIO DOS XOKLENG
- Ⓜ TERRITÓRIO DOS CARIJOS
- LIMITES DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS
- ≡≡≡ SERRA

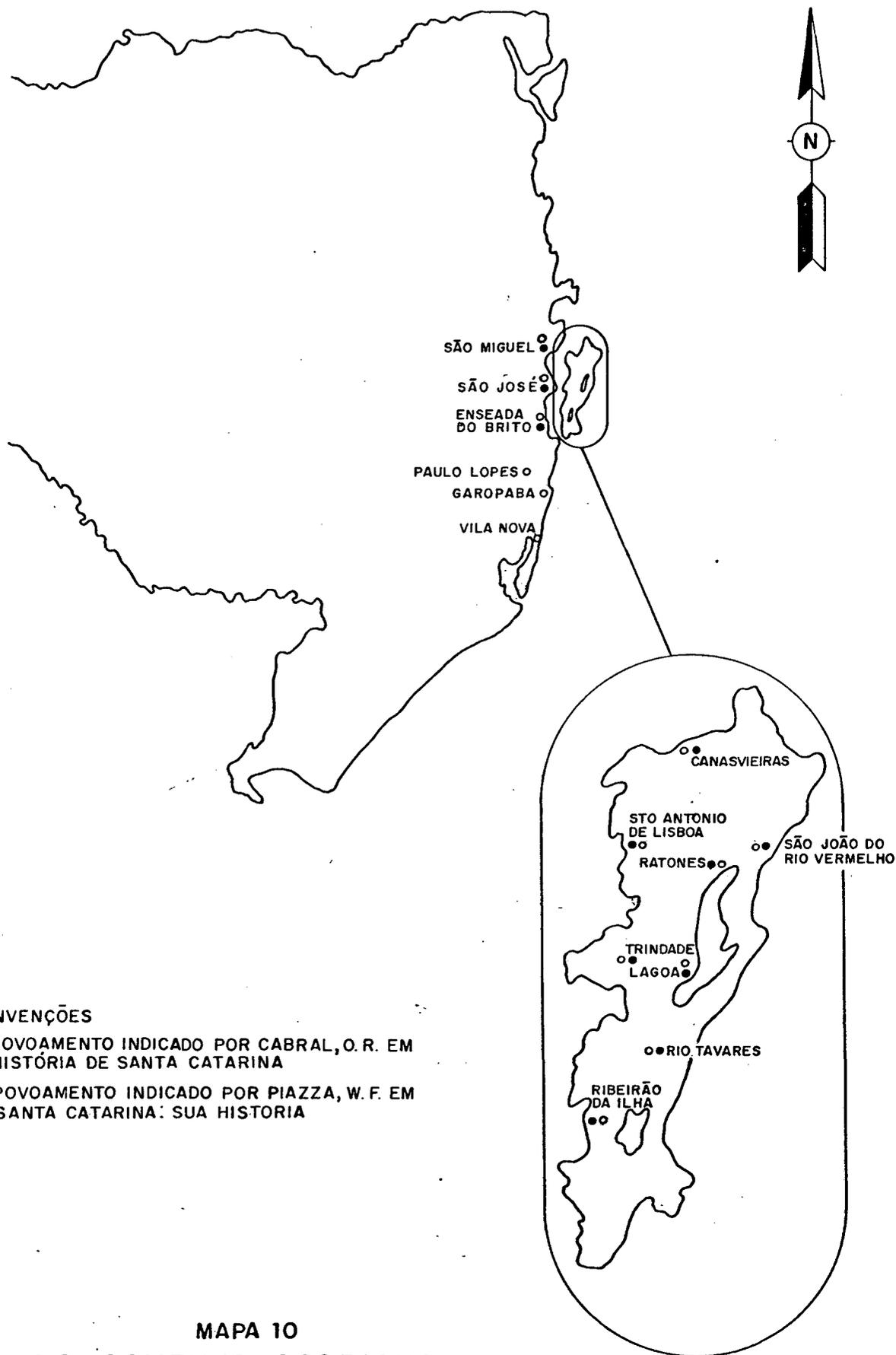
## MAPA 8 POVOAMENTO VICENTINO

FONTE : MUSEU UNIVERSITÁRIO-UFSC  
 INDIOS E BRANCOS DO SUL DO BRASIL - SANTOS, S.C.  
 ELABORADO POR ANA M.M.C. CORREIA



## CAMINHO DAS TROPAS

FONTE: CAMINHOS DAS COMARCAS DE CURITIBA E PARANAGUÁ - MOREIRA, J.E.



**CONVENÇÕES**

- POVOAMENTO INDICADO POR CABRAL, O. R. EM HISTÓRIA DE SANTA CATARINA
- POVOAMENTO INDICADO POR PIAZZA, W. F. EM SANTA CATARINA: SUA HISTÓRIA

**MAPA 10**  
**POVOAMENTO AÇORIANO**

**FONTE : HISTÓRIA DE SANTA CATARINA - CABRAL, O. R. P-64**  
**SANTA CATARINA: SUA HISTÓRIA - PIAZZA, W. F. P-152**  
**ELABORADO POR ANA M. M. C. CORREIA**

ligiosos justificou à nosso ver, a duplicação do número deles em Santa Catarina no período assinalado. (Cf. Gráfico nº 1).<sup>6</sup>

No campo religioso, pudemos observar que os açorianos tiveram papel de destaque, incorporando-se a irmandade já existente, a venerável Ordem Terceira de 1745, ou participando da fundação da Irmandade do Senhor dos Passos em 1765.

Finalizando, observaríamos que alguns dos descendentes dos açorianos chegaram a ser os primeiros sacerdotes catarinenses.

A Igreja em Santa Catarina, teve nos períodos Colonial e Imperial, um grande contingente de sacerdotes oriundos de famílias luso-brasileiras, que, em razão do Padroado participaram ativamente da vida política e administrativa local, quer em funções seculares, quer religiosas. Tais atividades mistas prolongaram-se no período do Império.

Este quadro se modificou, a partir de 1850, com a chegada dos imigrantes, majoritariamente alemães e italianos, acompanhados também por sacerdotes de suas etnias.

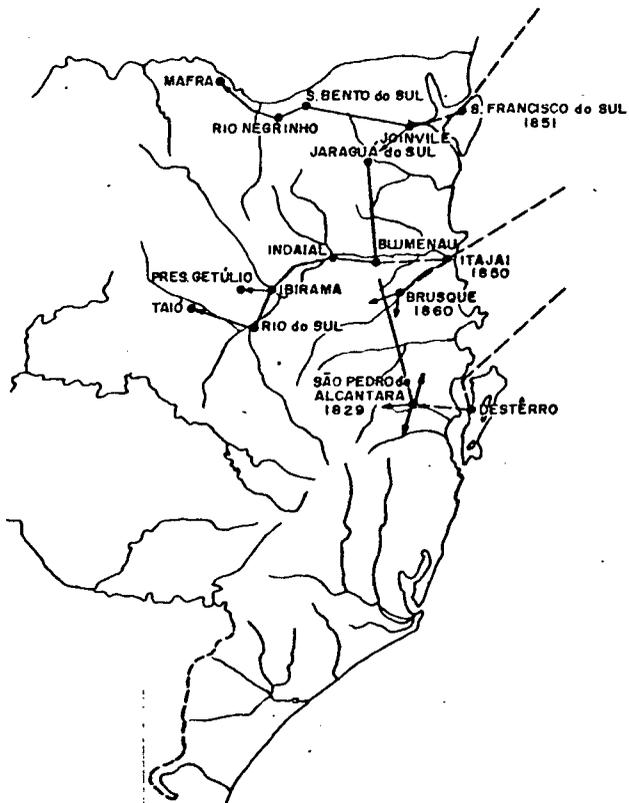
Haverá um novo quadro de ocupação no Estado (Cf. Mapas nºs. 11, 12 e 13) bem como reflexo em sua estrutura política, econômica e sócio-cultural. Dentro da documentação em que viemos trabalhando, tentaremos mostrar as mudanças ocorridas na composição do clero catarinense.

#### - PERÍODO COLONIAL (1750-1822)

Para o período de 1750 a 1822, obtivemos o registro de 13 sacerdotes catarinenses, sendo que 4, cons-

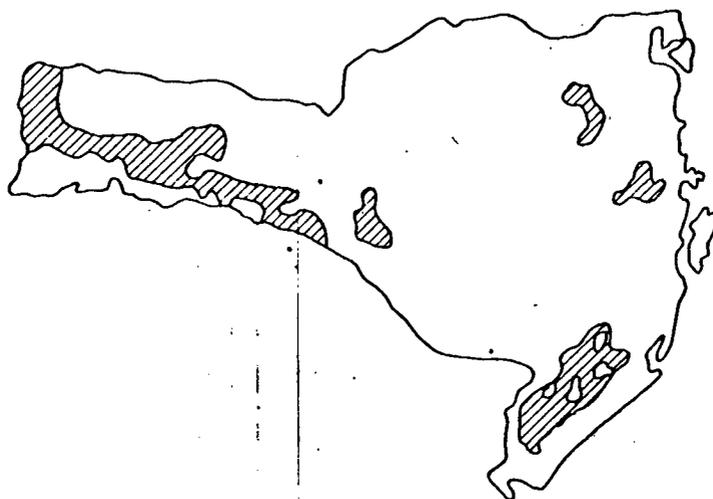


FONTE : NOVA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA - SANTOS, S.C. P-81

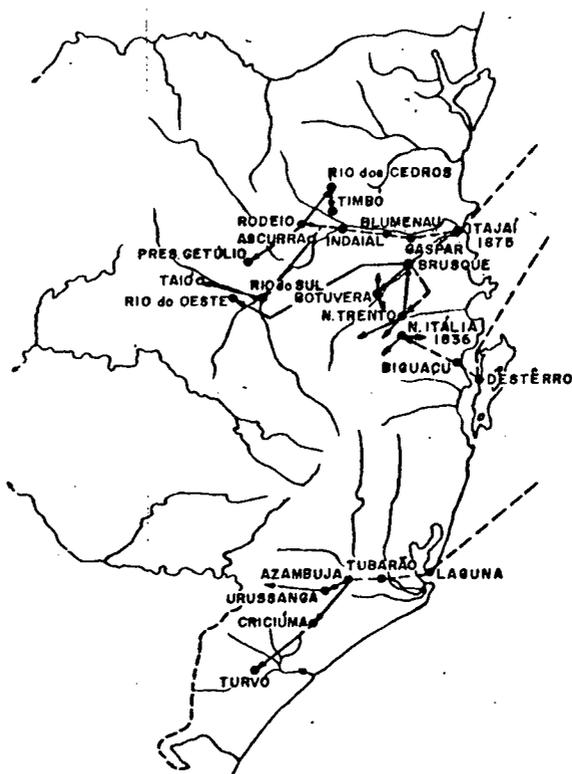


MAPA 11  
COLONIZAÇÃO ALEMÃ

FONTE : SANTA CATARINA - SUA HISTÓRIA - PIAZZA, W.F. P-397



FONTE : NOVA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA - SANTOS, S.C. P-81

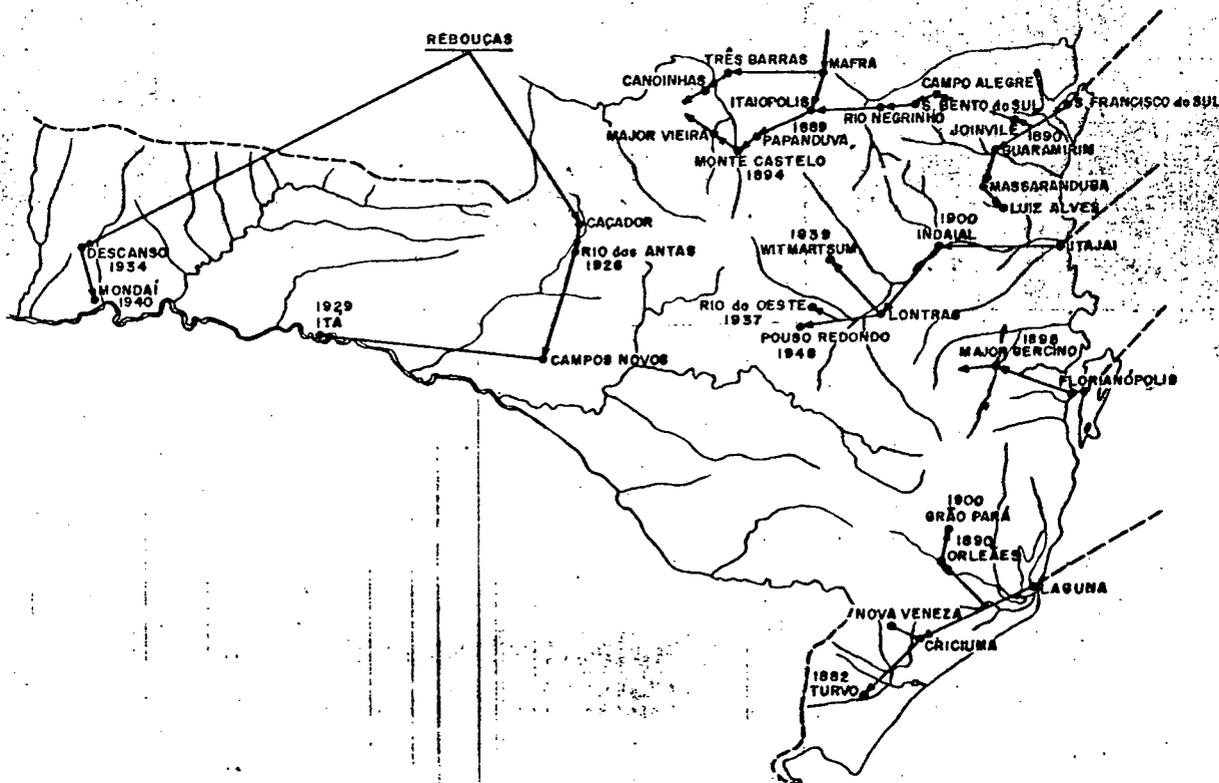


MAPA 12  
COLONIZAÇÃO ITALIANA

FONTE : SANTA CATARINA - SUA HISTÓRIA - PIAZZA, W.F. P-398



FONTE : NOVA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA - SANTOS, S.C. P-81



MAPA 13  
COLONIZAÇÃO ESLAVA

FONTE : SANTA CATARINA - SUA HISTÓRIA - PIAZZA, W.F. P-390

truíram suas carreiras fora do Estado, observando-se que 03 destes, foram políticos.

Entre os 09 sacerdotes que exerceram no Estado suas atividades, 02 também exerceram funções políticas: os padres Lourenço Rodrigues de Andrade e Francisco Rodrigues Pereira, 01 foi professor, o Pe. Francisco José Ramos, e 01 foi proprietário de uma chácara, o Pe. Camilo de Miranda Freitas Noronha.

Dos 05 sacerdotes restantes, cujas carreiras pelo que pudemos observar foram estritamente eclesiásticas: Os padres Tomás Francisco da Costa, Manuel José Furtado de Mendonça, Joaquim José Jacques Nicós, Jerônimo Francisco Coelho e Agostinho José Mendes dos Reis (este último considerado erudito, grande orador, foi visitador da Comarca e Continente do Sul em 1811). Eram todos de famílias de prestígio.

Dos 13 sacerdotes listados, 04 são filhos de açorianos, e 03 de portugueses do continente, 02 de famílias locais (Laguna, Desterro) e de 04 não foi possível precisar a origem.

Foram filhos de capitão-mor; os padres Jerônimo Francisco Coelho e Joaquim José Jacques Nicós. De alferes os padres Camilo de Miranda Freitas, de licenciado, os padres (Francisco Rodrigues Pereira), Agostinho José Mendes dos Reis. De Escrivão da Fazenda Real, o padre Francisco José Ramos, de Capitão de Ordenança, o padre Tomás Francisco da Costa (irmão do Irmão Joaquim).

Dos 09 sacerdotes que fizeram carreira em Santa Catarina - 02 foram filhos de instituidores da Irmandade do Senhor dos Passos, 01 de Procurador da Irmandade, 01 de Provedor, 02 de irmãos (01, se outros estudos não confirmarem a filiação do Pe. Francisco Rodrigues Pereira).<sup>7</sup>

Pelo que apresentamos, podemos afirmar que a maioria dos sacerdotes catarinenses, eram filhos de famílias vindas recentemente de Portugal continental, ou dos Açores, e que possuíam prestígio social, em função de sua posição nos quadros administrativos e culturais da colônia e que os

sacerdotes, além da função espiritual, desempenhavam frequentemente, cargos na administração pública, quer pelo seu preparo, quer por suas ligações familiares.

#### - PERÍODO IMPERIAL (1822-1889)

Para este período obtivemos o registro de 26 sacerdotes, sendo que de 22 temos informações mais precisas o que não pudemos dispor dos 04 restantes.

Consideramos oportuno acrescentar na lista de padres catarinenses mais 04 nomes que, apesar de não termos conseguido informações conclusivas sobre eles, possuíam sobrenome lusos. Mas, pelo menos, de dois conseguimos estabelecer relação de parentesco com famílias locais e foram figuras de expressão nas atividades políticas da época.

Todos foram sacerdotes seculares, sendo que dos 26 arrolados, 2 fizeram carreira fora do Estado, 1 no Rio Grande do Sul, Tomé Luis da Silva e outro no Rio de Janeiro, João Matias de Carvalho e 7 em outras comarcas de Santa Catarina.

Foram filhos de militares, 6 sacerdotes, os padres Carlos Fernando Cardoso, Francisco Pedro da Cunha Bitencourt, João Matias de Carvalho, Manoel Coelho da Gama D'Eça, José Fabriciano Pereira Serpa e Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, e dos 9, de que temos o registro da ascendência, acreditamos ser possível afirmar, que pertenceram a famílias principais.

Exerceram exclusivamente o sacerdócio, 10 deles, os padres Isidro Duarte Silva, Eduardo Duarte Silva, Manoel Coelho da Gama D'Eça, Francisco Luis do Livramento, José Martins do Nascimento, Júlio Carlos de Oliveira, Bernar

do Antonio da Silva Penedo, João da Costa Pereira, Manuel João Luis da Silva e Moisés Lino da Silva (este último suicida), um dos quais se tornou bispo (D. Eduardo Duarte Silva, que aqui esteve pouco tempo); Professores foram 2, Manuel Júlio de Carvalho Bueno e João Francisco Pereira Marçal (este também delegado literário e "com filhos"), advogado 1, Caetano de Araújo Figueiredo Mendonça; e foram também políticos 15 sacerdotes, sendo que 3 deles participaram ativamente da revolução farroupilha, Carlos Fernando Cardoso, Francisco Pedro da Cunha Bittencourt, Caetano de Araújo Figueiredo Mendonça, Miguel Francisco Fernandes, João Matias de Carvalho Bueno (também reitor no Seminário São José no Rio de Janeiro), João Francisco Pereira Marçal, Joaquim Eloy de Medeiros (jornalista e maçom), Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, João Jacinto de S. Joaquim, José Fabriciano Pereira Serpa e Tomé Luis da Silva, Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, Manoel Miranda Cruz, João Vicente Fernandes e Francisco Vilela de Araujo. <sup>8</sup>

Como vemos os padres deste período foram quase todos ligados à sociedade e a política catarinense por laços familiares, pertenciam a administração eclesiástica e pública, o que provavelmente reforçava seus compromissos seculares.

Desta forma é possível compreender-se o porquê do elogio entusiástico à atuação do clero, feito pelo Dr. Duarte Paranhos Schutel médico, político e maçom. <sup>9</sup>

*"Guiados pela fé e santo entusiasmo, o discípulo de Nóbrega e Anchieta levava cansado ao centro das florestas, na escuridão das matas virgens, com a doce persuasão a doutrina sublime de Cristo, e era o padre que sentado à tarde serena e triste na porta do tosco rancho, ensinava ao lado da mãe carinhosa aos filhos a moral simples e fácil.*

*Era ainda o sacerdote, que reunindo a mocidade lhe formava o espírito e o coração. E não pensaste, o metrópole avarenta, onça voraz*

*que cercava rancorosa sua sede de glória na ardente mocidade de então; não te lembraste que a palavra desses religiosos que nos mandava devia espalhar a ciência de que estavam de posse? Que eles esclareciam o espírito dos filhos dos teus colonos, adiantando sua civilização por meio da ciência, e que a ciência no povo é o caminho mais seguro para a sua liberdade."*

Este quadro de uma Igreja e seus eclesiásticos, familiarmente identificados com a sociedade local, cujas idiossincrasias compartilhavam inclusive nos excessos seculares, sofrerá uma alteração radical com as mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas que se anunciavam no fim da monarquia.

#### - PERÍODO REPUBLICANO (1889-1920)

Juntamente com as mudanças institucionais trazidas pelo novo regime, tivemos no estado a maturação das colônias alemãs, italianas e polonesas que já faziam sentir sua influência na vida política, sócio-econômica e cultural do Estado.

Portanto, neste período, ao contrário dos anteriores, encontraremos diferenças significativas na composição do clero no Estado. Houve o aporte significativo de sacerdotes de origem alemã, em grande parte regulares, diminuiu o número de sacerdotes catarinenses, sendo que, dentre destes somente 04 foram de ascendência luso brasileira, sendo os demais descendentes de italianos, germanos e eslavos.

Como já dissemos, mudou a composição do clero, quantitativamente e qualitativamente, e mais ainda, pela primeira vez, na história da Igreja em Santa Catarina, após a sua implantação efetiva, não havia mais em Florianópolis, na direção da hierarquia religiosa, catarinenses.

Sagraram-se muito poucos sacerdotes nas décadas iniciais da República, na 1ª década, 3 sacerdotes, os dois primeiros brasileiros, os Padres Manfredo Leite e Gercino Santana e Oliveira, que aqui não desenvolveram suas carreiras, o terceiro D. Inocêncio Engelke, também não ficou inicialmente no estado.

Na segunda década, dos oito que se sagram, apenas dois, D. Jaime de Barros Câmara e Tomás Alberto Fontes, tem sobrenome brasileiro, os outros 06 são descendentes de alemães, italianos e poloneses, (Calixto Fruet, Nicolau Gesing, Justino Girardi, Daniel Hostin, José Locks e José Malinsky).

Outra alteração sugestiva é que destes 11 sacerdotes, 05 pertencem a ordem regular, são frades o que já implica uma disciplina religiosa mais estrita.

Levantamos nossas conclusões e as fundamentamos tanto quantitativamente, quanto qualitativamente a partir da lista alfabética dos sacerdotes feita por Piazza, bem como a completamos com as informações de Fontes sobre os fundadores da Irmandade do Senhor dos Passos.

Com estas informações elaboramos nosso gráfico nº 2.

As alterações produzidas pelo aporte de religiosos estrangeiros em seu quadro de sacerdotes, ficam bem claras. Para montá-lo, utilizamos duas categorias: a de latinos e germânicos.

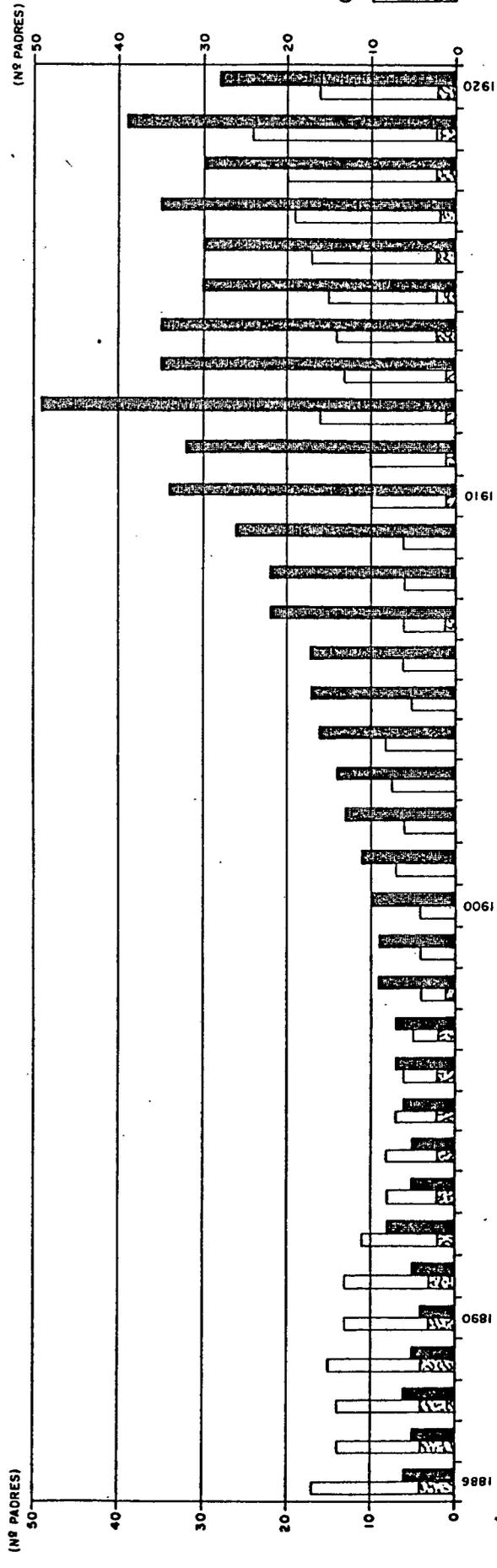
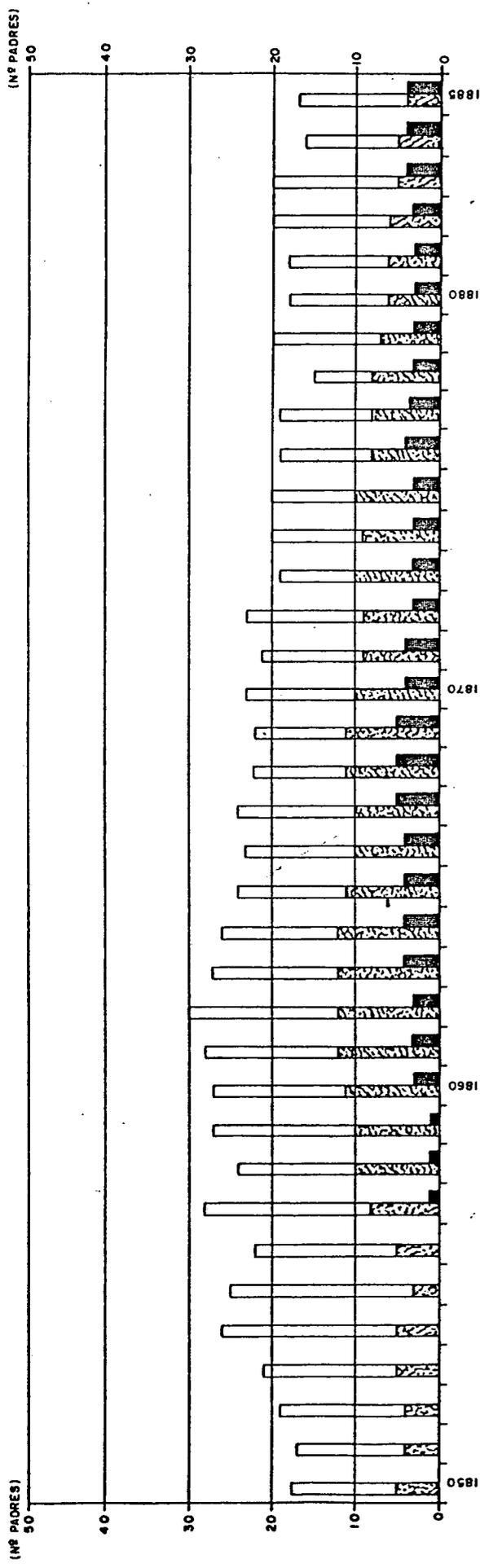
A categoria dos latinos, apresenta-se com duas divisões, em uma os padres catarinenses, e na outra os brasileiros, eventualmente portugueses, espanhóis, italianos e franceses, que não eram considerados estrangeiros à cultura local.

Na outra categoria que englobava majoritariamente alemães, e os ocasionais austríacos, poloneses e outros, que eram percebidos como estrangeiros, estranhos a cultura local, e "germânicos".

Podemos concluir portanto que a corrente imigratória de portugueses a partir de 1750 contribuiu grandemente para a formação de um clero catarinense, que atuou fortemente na e com a sociedade local, mais sujeito às influências secularizantes, devido ao regime do Padroado, sendo que entre a década de 1860 a 1870, encontramos o maior número de sacerdotes.

A presença do clero de origem germânica, já a partir de 1857, também com os primeiros imigrantes, apresentou um incremento significativo após a gestão de D. José Carmo de Barros, atingindo o seu ápice durante o governo de D. João Becker, decrescendo no período de D. Joaquim, mas substituindo amplamente o clero de origem latina, e praticamente desaparecendo os sacerdotes de origem catarinenses.

Tal quadro provocará a reação nos meios liberais, maçons e positivistas locais, que denunciarão a "desnacionalização" da Igreja, através da ação do clero "germânico", o que lhes parecia uma grande ameaça.



CONVENÇÕES

- CLERO DE ORIGEM LATINA
- CLERO DE ORIGEM GERMANICA
- CLERO DE ORIGEM CATARINENSE

GRÁFICO 2 TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO DA EVOLUÇÃO DO CLERO GERMÂNICO EM SANTA CATARINA DE 1850 a 1920

FONTE: HISTORIA DA IGREJA EM SANTA CATARINA PIAZZA, W.F. P-221,332 ELABORADO POR ANA M. M. C. CORREIA

## N O T A S

01. Cabral, Oswaldo R. História de Santa Catarina. p.34 - 38  
Piazza, W. F. A Igreja em Santa Catarina. Notas para  
sua história, Florianópolis, 1977, p. 24 a 31.
02. Tormo Sanz, Leandro. Cabeza de Vaca Y la cristianização  
de Mbiaça Hacia la comprensión de un problema, Buenos  
Aires, Nuestra História, Enero 1970. p. 3 - 16.  
- "El canario fray Alonso Lebrón Y el mito del Payzumé"  
Madrid. Las Palmas, Anuário de Estudios Atlanticos,  
1978, p. 351 - 380.
03. Cabral. O. R. História de Santa Catarina, p. 34 - 35.  
Afirma que o Cacique Tubarão era também um traficante  
de índios, ligado aos comerciantes de Santos, São Vicente  
e São Paulo, e que recebera os padres com "desdém e  
até ironia — e que respondendo aos padres sobre se um  
brugrinho que ali estava era seu filho — responderá:  
sim, "para vós outros o açoitardes".
04. Piazza, W. F. Santa Catarina: sua história. p. 165.  
Fontes, Henrique. A Irmandade do Senhor dos Passos. p.  
10 a 20.
05. Cabral. Oswaldo R. História de Santa Catarina. p. 61-63.  
Piazza, W. F. Santa Catarina: sua história. p.139-155.  
O Prof. Piazza, W. F. nos informou que há artigos sobre  
a Igreja em Santa Catarina, no Jornal do Comércio do  
Rio de Janeiro, de Henrique Boiteux - "Santa Catarina na  
Igreja", que não pudemos consultar.

06. Os dados que utilizamos para montar o gráfico, foram obtidos a partir do índice organizado sobre os sacerdotes que atuaram em Santa Catarina em ordem alfabética de Piazza, W. F. In: A Igreja em Santa Catarina, p. 221 - 331; e complementando com as referências esparsas que encontramos em Fontes, Henrique. A Irmandade do Sr. dos Passos. 431 passim.; Cabral, Oswaldo R. História de Santa Catarina, p. 378 e Boiteux, Henrique. A República Catarinense, 324 p. passim.
  
07. O Professor Piazza, W. F., nos informou que Boiteux Lucas em seu livro Prosápia Catarinense, estabeleceu a filiação do Padre Francisco Rodrigues Pereira obra que Infelizmente não pudemos consultar.
  
08. As informações sobre os sacerdotes foram obtidas do índice alfabético do prof. Piazza, W. F. op. cit.
  
09. Boiteux, Henrique. A República Catarinense. Op cit, p. 2.

**IV**

**A CRÍTICA AO CLERO DE ORIGEM**

**ALEMÃO NO CLARÃO**

**(1911 - 1918)**

## 1. A IMPRENSA E A CONFRONTAÇÃO DE DUAS INSTITUIÇÕES EM EXPANSÃO: ESTADO E IGREJA.

Em nosso trabalho, até este momento, tentamos registrar alguns aspectos da reestruturação, crescimento e expansão da Igreja em Santa Catarina, após sua separação, de depois da Proclamação da República.

Esta expansão da Igreja como instituição independente do Estado, e inserida na estrutura católica universal, que tem seu centro em Roma, deu-se em circunstâncias particulares no Estado de Santa Catarina.

Apoiava-se, em parte, em religiosos europeus, formados numa conjuntura de confrontação com o poder do Estado, que se modernizava e se expandia tanto na Europa, como na América. Acrescente-se que houve um incremento significativo de clero regular, regido por uma disciplina mais severa, diretamente vinculada à Roma.

A Igreja, em Santa Catarina expandiu-se principalmente, com as comunidades de imigrantes, ainda não inteiramente assimiladas ao corpo nacional, mas que já eram atuantes no cenário político, econômico, social e cultural.

Tal expansão provocou conflitos em setores da comunidade brasileira, que oferecia resistência para aceitar as novas orientações, e o contingente de clero estrangeiro.

Este processo de expansão da Igreja interferiu, evidentemente, nos projetos de expansão do próprio Estado, da sua administração e burocracia, bem como em diferen-

tes ordens da vida pública, política, sócio-econômica e cultural.

O Estado, que assumiu diversos setores de atividades públicas - que vinham sendo atendidos pela Igreja, na educação, no registro civil, na saúde e assistência - enfrentou-a e, ao mesmo tempo, provocou sua resistência.

Resulta evidente que, do ponto de vista do Estado, em expansão ser soberano, implicava exercer o poder supremo e exclusivo de ordenação territorial. Quanto maior sua expansão, tanto maior será a área de conflito com a Igreja, que mantinha sua autonomia, apoiada na ordem universal da Igreja Católica Romana.

Portanto, o Estado não poderia aceitar que a Igreja no exercício da jurisdição espiritual, atuasse como uma esfera isenta de sua intervenção.

Ainda mais, quando o Estado Republicano, liberal e laico, sustentava posições diferentes da Igreja que afirmava sua autonomia e restabelecia seus vínculos com o centro romano.

Uma variedade de conflitos ilustrará este campo de divergências, que a imprensa documentará copiosamente de um e outro lado, acrescentando a discussão dos fenômenos objetivos os inevitáveis exageros que a crítica e a polêmica suscitam nos oponentes.

Este quadro de confrontação institucional maior, foi agravado com a exposição dos libelos doutrinários, feitos pelos liberais, maçons, positivistas de um lado, e pelos elementos religiosos, clericais e laicos, implicando os primeiros na expansão do Estado, e da Igreja, os outros.

Em síntese, no período por nós estudado, es-

tas duas forças antagônicas, estarão tentando se impor e definir suas áreas de atuação.

Não corresponde nessa pesquisa abranger todos os aspectos da confrontação entre o Estado e a Igreja, nem podemos apresentar uma explicação esquemática do fenômeno anti-clerical, por demais complexo, tanto em suas origens, quanto em suas manifestações posteriores. Portanto, nos concentraremos em um aspecto do referido fenômeno: a resistência num setor da imprensa, aparentemente minoritária, mas com ressonância em personalidades políticas, e que creditaram à nacionalidade germânica do clero, um componente ameaçador à cultura nacional e à soberania do Estado.

O jornal O Clarão, surgiu durante a gestão de D. João Becker, no momento em que estava ocorrendo no Estado, o aporte de um grande número de religiosos estrangeiros<sup>1</sup>, que atuavam de forma ordenada e coesa pela reestruturação da Igreja.

As teses do jornal, reproduziram algumas campanhas de âmbito nacional, caras aos liberais e aos maçons de forma geral, como a liberdade religiosa, o estabelecimento do casamento civil, e a afirmação do ensino laico.

A nível estadual, fizeram uma campanha específica contra o clero germânico, baseada no que consideravam uma duplaameaça. Primeiramente porque sua falta de identificação com a cultura e a sociedade brasileira dificultava sua assimilação no contexto religioso tradicional. E também porque sua formação canônica e espiritual mais estrita, confrontava frequentemente com as práticas religiosas, geralmente aceitas, e mesmo com a legislação vigente, portanto com o próprio Estado.

Selecionamos, e acompanhamos alguns temas desenvolvidos pelo jornal, durante o período de 20/08/1911 a 23/02/1918, registrando que houve uma interrupção entre 04/07/1914 a 28/08/1915, que foi atribuída por sua direção à "boicotagem fradesca", sendo que os últimos dois anos, estão catalogados apenas os meses de novembro e dezembro para 1917, e fevereiro de 1918.

No primeiro número publicado em 20/08/1911, o jornal apresentou-se, sob a assinatura de "Mefistófeles":<sup>2</sup>

"Surge hoje à luz da publicidade o modesto e independente órgão literário, noticioso e crítico O Clarão.

Há muito que necessitávamos de periódico desse caráter e hoje vê o nosso público altaneiro e radiante O Clarão.

Este órgão é puramente independente tendo muitos colaboradores, os quais o nosso público saberá apreciar e acolher com a devida consideração.

Contando com o auxílio do povo O Clarão, cumprimenta os que derem a honra de lê-lo."

Modesto sim, o jornal de formato pequeno, poucas páginas, nunca teve anúncios oficiais, embora esporadicamente aparecesse um ou outro particular; e embora defendesse teses caras à maçonaria, declarou explicitamente não ter ligações diretas com esta instituição.

De seu redator, Crisando Elói Medeiros, só soubemos o que saiu esporadicamente no jornal, casado, com filhos, havia lutado na Guerra do Paraguai, foi 2º tenente dos voluntários.<sup>3</sup>

## O CLARÃO

# A excomunhão

Condemnação das más leituras, principalmente dos periodicos "A Ordem", e o "Clarão" desta capital

AVISO N. 14

Manda-me S. Excia. Rvma. o Sr. Bispo Diocesano declarar a todos os

fieis desta capital, como do interior, e a seus amados diocesanos em geral, que todos e cada um dos periodicos que, por ignorancia ou perversamente, atacam a religião, seus dogmas e ministros, maxime os de seita e explicitamente, o "Clarão" e a "Ordem", desta cidade, são absolutamente condemnados e proscriptos, não só por direito ecclesiastico, mas ainda por absoluto e estricto direito natural, não sendo a

ninguem permitido — nem

maneira, com a excomunhão, a qual almejamos ha cinco annos! Por essa palhaçada n. 14, deram uma prova exuberante de falta absolute intellecto, dos frades allemães, julgando que apavoravam os habitantes do Estado catharinense. Viram se apavahados á estroindosa hilaridade com que foi recebida aquella cousa. Ora, seus idiotas e imbecis! Pois acreditam que no seculo XX, em pleno conditão de uma capital civilisada, existam homens. senhoras e senhorinhas,

Interessou-se especialmente no jornal e seu caráter de independência tão diferente dos muitos que apareceram nos primórdios do período republicano,<sup>4</sup> ligados à instituições determinadas, como a Igreja, os partidos políticos, a maçonaria. Somente este, sem respaldo oficial, conseguiu ter uma duração significativa e hostilizar tanto a Igreja, e até merecer uma condenação formal por parte desta.<sup>5</sup>

Suas críticas dirigiam-se constantemente à germanização do clero, e também a atuação dos religiosos regulares. Porém, visavam denunciar o que a seu ver, constituía o controle eclesiástico sobre o Estado e a sociedade.

O grande mal trazido pelo clero germânico, segundo o jornal, era a ameaça de "desnacionalização". Porque em sua ação pastoral, estes sacerdotes não respeitavam a língua nacional, as leis brasileiras, os costumes e a cultura da sociedade em que atuavam.

O desrespeito às leis evidenciava-se na insistência sobre a primazia do casamento religioso sobre o civil; em seu esforço pela instalação das escolas católicas, na procura do direito de atendimento espiritual às forças armadas e na reinstalação dos símbolos religiosos nos estabelecimentos públicos.

O desrespeito aos costumes, dava-se, afirmava o jornal, através da fanatização da crianças e da mulher, feita principalmente através da escola, e das práticas devocionais como a confissão e sacramentais a primeira comunhão.

O desrespeito à cultura, revela-se através da manutenção da língua alemã no culto, nas escolas, e no uso geral com a comunidade de origem germânica, como também, através do estabelecimento da censura às atividades públicas.

# O CLARÃO

Órgão de combate legalmente constituído e de maior aceitação no Estado :

Florianópolis. — Estado de Santa Catharina. — Brazil

Este organ foi excommungado: pelo bispo portuguez, desta diocese, Joaquim Domingues de Oliveira, pelo Aviso n.º 14, lido nas missas de todas as egrejas, em 26 de Novembro de 1916 (seculo. XX)

ANNO V

SABBADO, 30 DE DEZEMBRO DE 1916

N.º 214

## Os padres allemães

O sr. padre dr. Jacob Sater, holandez, publicou no «Dias», de 10, um artigo, intitulado "Os padres allemães", dizendo que os mesmos: padres trabalhavam pelo desenvolvimento material e espirital do Brazil.

Quo sr. padre Jacob não está de boa fé, ignora completamente o que se passa no sul do paiz. A segunda hypothese não é admissivel, porque é impossivel que o sr. padre Jacob não saiba do procedimento incorrecto dos seus collegas allemães no que diz res peito á religião.

A religião para elles não é mais do

te por livros allemães e mappaes allemães.

Na opinião do sr. padre Jacob, no seu encommendado artigo os padres e frades allemães caíram do céu por des-cuido e devemos todos nos entregar a elles em corpo e alma, para maior gloria de Deus; não ha padre ou frade allemão que não seja caritativo, humilde, respeitador das leis, casto, esmolter, e principalmente amigos do Brazil!

E' isso; mas enquanto o sr. padre Jacob vai affirmando isso, os factos encarrregam se de desmentil-os todos os dias.

Continúe a defeza...

Mereceu um lugar importante, nessas críticas, a política de "romanização" seguida pela Igreja e seus defensores "ultramontanos".

Para O Clarão, toda a rearticulação da Igreja, no sentido de reavivar seus princípios doutrinários, reformar seus quadros e unificar sua atuação, não passava de uma estratégia política, para readquirir o poder temporal.

O cristianismo não podia ser confundido com o catolicismo. No primeiro seguiam-se os princípios definidos por "Jesus de Nazaré". No segundo, o que se pretendia era a "Romanização" da fé.<sup>6</sup>

Portanto, o que a Igreja católica havia pretendido ao instituir o dogma da infalibilidade papal - produto da criação humana, e não de origem divina, era induzir ao erro e à mentira, e mais ainda, favorecer aos ultramontanos, que por suas ligações com as famílias imperiais, comprometiam-se com a reação anti-liberal.<sup>7</sup>

Prosseguindo nesta linha de pensamento, o jornal fez críticas à política seguida pelo Vaticano, quer em relação à Guerra da Itália contra a Turquia, quer afirmando o comprometimento de padres monarquistas na Revolução portuguesa<sup>8</sup> de 1908, que havia tomado medidas drásticas contra a igreja, expropriando seus bens, estabelecendo horários para o culto religioso, procurando submetê-la ao Estado.<sup>9</sup>

Para O Clarão, a Revolução Portuguesa, era uma conquista liberal e maçônica<sup>10</sup> e um de seus grandes méritos fora a expulsão dos jesuítas, considerados os grandes mentores da contra revolução<sup>11</sup> e agentes da "romanização".

Contra este propósito de "romanização" da Igreja, e seus agentes, é que o jornal prometia atuar.

## 2. A GUERRA DO JORNAL CONTRA AS AUTORIDADES DIOCESANAS.

É necessário ressaltar-se que não foram constantes as restrições feitas à hierarquia da Igreja, muitas vezes ela era preservada, elogiando-se mesmo a atuação dos "bispos brasileiros", mas, sempre contrapondo-os aos religiosos estrangeiros.

No artigo "Sempre o Cinismo", afirmava o jornal que: "quando os bispos brasileiros procuram harmonizar a Igreja com as leis do País, os frades estrangeiros publicamente mantêm-se de acordo, mas às escondidas desrespeitam as leis." <sup>12</sup>

Em outro texto, "O casamento civil e o religioso", dizia que: "os bispos brasileiros só irão fazer o casamento religioso, depois dos nubentes terem feito o civil." Em seguida, havia outra notícia: "Padres alemães em Lages, hasteiam a bandeira alemã e dão vivas à monarquia." <sup>13</sup>

Se havia elogios a atuação dos "bispos brasileiros", tal consideração não recebia D. João Becker, como vimos alemão, embora criado no Rio Grande do Sul.

O jornal, que havia iniciado sua publicação, quase no fim da gestão do referido prelado, acusava-o de ocupar o lugar de brasileiros, <sup>14</sup> de criticar as escolas públicas, chegando a afirmar que dissera que "abrir escolas era abrir cadeias." <sup>15</sup>

Torna-se necessário aqui, esclarecer os fatos desta alusão. Tratava-se de uma firmação de D. João Becker,

sobre a necessidade de escolas cristãs, porque: "... uma instrução sem Deus, e que descure a formação do caráter e das faculdades afetivas dos discípulos, e dos sãos princípios da moral, que necessariamente se radicam na verdadeira religião, é deficiente e incompleta." <sup>16</sup>

Pouco se comentou, especificamente de D. João Becker, fora estas acusações, houve titulação irônica de artigos como: "O Santo Bispo", <sup>17</sup> e muitas sátiras poetizadas acerca dele, como por exemplo, a que se segue: <sup>18</sup>

*"Cãusticos*

*D'Alemanha os Topps e Beckas  
E todos os tipos iguais  
Apresentam costumes e línguas  
Sô Tu, o meu burro não saís.*

*Dois animais enfreados  
Desses que tanto amais  
No bond não ficam amarrados  
Sô tu, ô meu burro não saís..."*

Por outro lado, eram constantes as críticas ao Pe. Francisco Topp, que como já vimos, era o Vigário da Catedral de Florianópolis, e figura central no processo de reestruturação da Igreja em Santa Catarina.

O jornal o chamou várias vezes de "Tipp-Topp" <sup>19</sup> acusando-o de não aceitar o "liberalismo dos sacerdotes brasileiros", <sup>20</sup> chegando mesmo a perseguí-los, citando-se o caso em que o sacerdote, havia sido obrigado a assumir posturas consideradas conservadoras para ser aceito por ele.

Este caso, particularmente, permite-nos observar que este "sacerdote brasileiro", foi mais tarde identif

possivel porque o dinheiro é o unico Deus que o Catholicismo reconhece.

Krisckna

—§—

#### PARA ESCLARECIMENTO DO POVO

O § 7.º do art. 72 da Constituição Brasileira que nos rege, diz o seguinte: — Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia, ou alliança, com o governo da União, ou o dos Estados.

#### —§— PADREPHOBIA

Padres! eu vos detesto! A vida ecclesiastica tem um mysterio atroz que infunde pasmo e nojo! Como Janus do mytho ébifronte... sarcastica: Uma face cordura, outra deboche e arrojo.

Aquella vemos quando andaes, ahí de rojo, Tratados de lamuria e de uma unção phantastica, Porem esta occultaes aos profanos, no bojo Da batina — o covil da consciencia elastica...

Mas, embalde! O que sois já todo o mundo o sabe! Fez-se a luz, afinal! Vossa adiposa e fatua, Divindade, estertora e morre dia á dia.

Ah! mas antes que a pingue associação, se acabe Escolhei um de vós para — tornado estatua — Ficar symbolisando...: o santa Hypocrisia.

cionarios e grande numero de maçons.  
Fallaram diversos oradores, sendo bastante applaudidos.

Fez-se ouvir durante a sessão a banda musical Amor á Arte.  
Gratos ao convite.

§—  
Começamos hoje a publicar as seguintes quadras sob o titulo abaixo, estréa de um nosso amigo.

#### CAUSTICOS

I

Brigam os Tops e Rosas  
De modos quasi fataes  
Com termos tão "bondosos"  
Só, tu, ó meu Burro, não saes.

II

Alegre repique de sinos  
Sae das igrejas locaes;  
O padre tambem do altar,  
Só, tu, ó meu Burro, não saes.

III

Sae das torneiras e officinas  
Em dozes pequenas, fataes;  
Sae, tambem, o mestre Quintão,  
Só, tu, ó meu Burro, não saes. —  
Jaó

cado como o Padre Bellarmino Correa Gomes, português, recém chegado, e que posteriormente foi duramente criticado pelo jornal, que dizia ser ele um grande "namorador".<sup>21</sup>

Com o título "Livra, limpemos a testada",<sup>22</sup> escreveu-se sobre a perseguição movida pelo Pe. Topp aos sacerdotes brasileiros o Cônego Leite e os Pes. Eloy e Gercino - que não "compactuavam com a bandalheira".<sup>23</sup>

Sobre estes sacerdotes,<sup>24</sup> podemos informar que o Cônego Leite, foi para São Paulo, onde construiu carreira como sacerdote e intelectual. O pe. Gercino, também desenvolveu sua carreira fora de Florianópolis. O Pe. Eloy citado, acreditamos ser o Con. Joaquim Eloy de Medeiros, já falecido, mas que ainda vivia em Florianópolis, quando o Pe. Topp era o conselheiro e informante do Bispo D. José de Carmargo Barros, para assunto da Igreja em Santa Catarina.

As atividades públicas do Pe. Topp, foram também criticadas, afirmavam que, apesar da separação da Igreja e do Estado, e de seus constantes ataques às leis republicanas, vivia freqüentando o palácio do governo.<sup>25</sup>

Quando D. João Becker foi nomeado Bispo de Porto Alegre, esperaram seus críticos que o Pe. Topp, também fosse transferido e lamentaram e criticaram sarcasticamente sua permanência.<sup>26</sup>

Na notícia intitulada "Quem será o novo Bispo",<sup>27</sup> disseram que Pe. Topp, substituindo D. João Becker "seria um desastre maior", em "Um bispado sem bispo"<sup>28</sup>, afirmaram que Florianópolis estava sem bispo, porque os católicos não aceitavam um alemão desconhecido, e os alemães não aceitavam um brasileiro.

Outras acusações, referiam-se ao seu pouco domínio da língua e da oratória,<sup>29</sup> ao seu desconhecimento dos

costumes brasileiros, e ao seu atrevimento em censurar as revistas que se apresentavam no Teatro Álvaro de Carvalho. Da remos um exemplo revelador da virulência destas acusações: Contras as revistas - "Pe. Topp vomita bilis contra as moças que iam ver o Teatro Álvaro de Carvalho, e na sua linguagem de Negro da Costa, disse coisinhas bem picantes."<sup>30</sup>

Mas, o ataque maior, era dirigido à sua "proteção escandalosa aos padres alemães",<sup>31</sup> como também por sua oposição a nomeação de um bispo brasileiro<sup>32</sup> sendo que, quando foi nomeado D. Quintão, deram-lhe "pêsames", pela "Carona", que havia levado.<sup>33</sup>

Com as ilustrações nº 8 e 9, temos um exemplo da virulência destes ataques.

A notícia desta nomeação, foi saudada pelo jornal, como uma vitória dos brasileiros.<sup>34</sup> Foram apresentados poemas ironizando a decepção do clero alemão,<sup>35</sup> e do padre que abaonara a quarta noiva<sup>36</sup> esperando ser sagrado.<sup>37</sup>

Quando D. Quintão renunciou, a decepção foi grande, e os títulos das notícias, foram fortes: "Os miseráveis",<sup>38</sup> "Pobre Brasil"<sup>39</sup>, pois creditaram tal atitude à pressão e imposição do clero alemão.

D. Joaquim, como já vimos, português de nascimento, recebia quase sempre um tratamento que o diferenciava do restante do clero. Embora, uma das primeiras notícias que encontramos sobre ele dissesse:

"Regozijo do clero alemão"<sup>40</sup>

*Parece que o bispo português, se comprometeu a aceitar neste Estado, padres, fiades e freiras de condição alemã, a imposição para que*

## QUINTÃO !

Oh ! perigo ! Oh ! insulto ! mil vezes mais ofensivo do que «Formigão» !

Mil vezes mais perigoso para o socego da população, do que a boyocotage exercida pelos «frades allemães», para retirar assignaturas do inofensivo Clarãozinho !

Corre o boato que o bispo nomeado para esta diocese, tem o nome de uma Quinta Grande «Quintão» !

Si por uma fatalidade lembra-se o „Santo Belizario“ do Rio de Janeiro vir a passeio a esta Capital, e distrahidamente em conversa com qualquer pessoa vir a baila o nome do bispo „Quintão“, está lavrada a sua sentença de enxovia, sem appello nem agravo, e nem direito a uma „habeas-corpus» !

O Governador ecclesiastico d'este Estado Monsenhor e Conego Tipp, Topp deve quanto antes providenciar perante o Governador Civil exigindo o fechamento dos grupos Escolares e entregar-lhes esses edificios para transformal-os em „cadeias“, para tornar em realidade a phrase e pensamento do bispo „allemão Becker“ e mostrar-se agradavel ao santo Belizario, si por fatalidade pousar em nosso sólo catharinense !

Os anticlericaes teem arraigadas esperanças que o sr. Quintão não será nomeado bispo d'aqui «por ser», como dizem, „brasileiro“ !

A «jesuitada e frada'hada allemã», já terão dirigido o seu protesto por escripto ao Papão do Vaticano, fazendo-lhes vêr o perigo para elles n'este Estado si tal nomeação se effectuar, e o desrespeito á assentada convenção entre S. Santidade e o Rei da Allemanha, segundo acha-se publicado no Almanack Beltrand d'este anno, a pagina n. 295.

Cadeias, e não Escolas !

9. O Clarão - Crítica a reacção do clero "germânico" à nomeação de um bispo brasileiro. (01/02/1913).

parou  
liano  
frade  
italia  
7-  
a 1 h  
os ai  
respe  
as le  
Ad  
adqui  
catha  
qualif  
dre a  
dre p  
sidade  
rio; en  
existiu  
pos cc

MUITO

Do «  
transp  
segue:

„I  
dissim  
nome  
irmã F

Brav  
e digni  
lançad  
Clarão  
tro esc  
anças  
no Orp

(  
são to

*pudesse tornar-se bispo."*

Um ano depois, no artigo "A moral clerical",<sup>41</sup> aceitou-se pelo menos, que D. Joaquim era brasileiro, pois após relatar as perseguições e abusos cometidos pelo clero alemão, afirmou-se:

*"... Apesar de ser brasileiro, o ilustrado chefe da Igreja do nosso Estado, apesar de suas idéias liberais, e do seu patriotismo, que sinceramente reconhecemos, a arrigimentação das bem organizadas hostes do clero austro-alemão, tem sabido fazer com que V. Excia, não possa ver, muito além de certos limites, o mal que nos aflige e está prejudicando os próprios interesses morais da Igreja, ou seja obrigado a transigir pela impossibilidade de romper o formidável círculo em que o colocaram.*

*Hã neste Estado atualmente, apenas 1 padre brasileiro, o Venerando Vigário de Santo Antônio, cinco ou seis italianos, para mais de 300 alemães."*<sup>42</sup>

Mas, também foi D. Joaquim objeto de ironias como por exemplo no artigo: "*A Sua Excia o Sr. Governador do Estado e as demais autoridades a quem competir tomar providências.*"<sup>43</sup>

*Para que se tome providências contra o Pe. Liório que continua na sua inabalável propaganda contra o ensino leigo nas escolas públicas e ainda contra o casamento civil.*

*Ao Sr. Bispo nada pedimos, porque sabemos que S. Excia. Revdma. é títtere que se move à vontade dos padres estrangeiros que não o respeitam, nem o conhecem como o seu chefe, e sim ao Papa Negro."*

A última afirmativa, uma clara alusão ao Padre Geral dos Jesuítas.

Em 1916, foi publicado por D. Joaquim, as normas que regularizariam o procedimento dos sacerdotes em relação ao casamento civil e religioso, medida esta elogiada pelo jornal, com as seguintes ressalvas:

*"Apesar de acreditar em sua boa vontade, estas normas não auxiliarão muito, pois o legislador foi imprevidente em não colocar a obrigatoriedade de primeiro realizar-se o casamento civil, dando margem a sua afirmação de que deve realizar-se primeiramente o religioso por dignidade e direito positivo, como também a possibilidade de legitimar-se o casamento civil perante a Igreja, o que não se entende o que seja.*

*Há interesse dos frades estrangeiros em criar uma nação de bastardos, e enquanto sua Excia não punir com mãos de ferro seus subordinados, nada conseguirá."*<sup>44</sup>

Vimos que o Bispo, já havia sido considerado português, e depois brasileiro. Esta questão voltou novamente a tona quando Portugal entrou na 1ª Guerra Mundial, ao lado dos aliados contra a Alemanha. Pesava nesta qualificação, mais uma vez, a gravitação da política internacional, na con

## O CLARÃO

# GRANDE ESCANDALO NA FREGUESIA DA TRINDADE

O FRADE ALLEMÃO CARLOS, ATIRA NA LAMA A RELIGIÃO CATHOLICA  
—INSULTA A CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA.—INDIGNAÇÃO POPULAR—

O PROTESTO DO POVO D'AQUELLA LOCALIDADE!

O „frade allemão“ Carlos que se diz coadjutor da Freguesia da Trindade, sabendo haver morrido no dia 11 do corrente uma distincta e honestissima senhora casada legitimamente pelas leis que nos rege, feichou as portas da igreja, desde pela manhã, levando a chave consigo para sua casa, com o fim de não entrar n'aquella igreja o cadaver da catholica honesta, por não se haver confessado e ser amancebada pelo tal casamento civil! E assim este „frade allemão“ atrevido e insolentē, escarra sobre as paginas de nossa Constituição e demais Leis brasileiras, qualificando de amaziadas aquellas pessoas que respeitam e acatam as Leis do paiz, por esse estrangeiro malcreado e sem um átomo de vergonha e respeito para com a sociedade que o recebe com respeito, julgando que aquelle borel ou uma batina representa o sacerdote d'outras epochas, que eram respeitadores do Templo de Deus, da sociedade e das Leis do Paiz!

Não respeitaste malcreado „frade allemão“ nem a casa de Deus a quem impediste a entrada do cadaver de uma christã, nem ao proprio CADAVÉR, ao qual todos que tem educação, civilidade, e coração, rendem reverencia, ao corpo, descobrindo-se ante elle e nunca blasphemando

sideração dos assuntos eclesiásticos.

Portanto, no artigo "Posição dúbia"<sup>45</sup> afirmou-se que:

*"... e aceitou este cargo, mediante as imposições do clero alemão de prestar obediência à ele e só governar pelas instruções que lhe forem ditadas em observância ao acordo do Papa com o Kaiser de só admitir neste Estado, o clero alemão - vide Almanaque Bertrand, p.295 de 1913.*

*Anteriormente a esta nomeação, tinham sido nomeado pelo Vaticano dois distintos sacerdotes brasileiros natos, que conhecedores da guerra do clero alemão não só aos sacerdotes brasileiros, como também a sua nomeação, foram forçados a pedirem sua exoneração, ficando esta diocese por mais de um ano entregue ao padre alemão Topp.*

*Como ficará Sua Excia, nesta tarefa de auxiliar dos frades alemães, agora que sua Pátria luta contra a Alemanha." 46*

As alusões à nacionalidade de D. Joaquim voltaram em outra nota sobre a ausência de notícias sobre suas visitas pastorais, pelo jornal O Dia, chamado de "Órgão eclesiástico do conde S. Thiago."<sup>47</sup>

*"No tempo de compadre, Bispo alemão Becker, o órgão publicava diariamente um boletim registrando os movimentos do Sr. Bispo.*

*Agora, com este Bispo, que haverá 3 meses, ainda em companhia pelo sul do Estado, não há no-*

*tícia alguma.*

*Haverá algum estreçamento na "amizade", entre S. Alteza, o Conde e o Príncipe da Romana Igreja Católica."*

Não conseguimos situar bem esta alusão à divergências entre o jornal "O Dia", que era o órgão do Governo e atacado pelo "O Clarão", como favorável à germanização no Estado, e D. Joaquim. O mais provável, ao nosso ver, seria mais uma confirmação do caráter germanófilo do jornal, que faria distinção até entre os dois Bispos. Julgamos ser esta a interpretação mais correta, em função do "O Clarão", a partir de 1916, ter começado a modificar suas críticas, não se dirigiu mais tanto contra a igreja, e sim, contra a "germanização do Estado", de forma geral. <sup>48</sup>

Mas isto já se torna tema para outro trabalho.

### 3. A CAMPANHA CONTRA OS "FRADES" FRANCISCANOS E OS JESUÍTAS

Como já vimos, a reestruturação da Igreja em Santa Catarina, estava sendo feita com religiosos estrangeiros, muitos deles regulares, principalmente jesuítas e franciscanos. <sup>49</sup>

Para que possamos compreender melhor o motivo das críticas que recebiam do "O Clarão", lembraremos que dentro dos objetivos destas ordens, figuravam em geral, de modo mais especial a defesa da ortodoxia e a educação, para os je

suítas, e as atividades missionárias para os franciscanos.

Para o jornal combatê-los era uma questão de princípios. Na notícia "Tartufos"<sup>50</sup> - "combater o frade ou o jesuíta é ser nobre, bom e virtuoso."

Em "Pela Verdade" - propõem-se a luta contra a ignorância e a imoralidade trazidas pelos frades e jesuítas...

*"... A história e a ciência tem mostrado que a verdade caminha fora das explicações religiosas, assim a terra se move, o sol é fixo, há diversidade racial, no centro da terra não existe inferno."*<sup>51</sup>

Em "Sempre eles"<sup>52</sup> - "somos informados de que os padres e frades estrangeiros em todo o interior do Estado, trabalham tenazmente para que não sejam admitidos em suas paróquias professores e professoras que ensinem a língua portuguesa."

Temos então as acusações maiores: traziam a imoralidade, a ignorância e a desnacionalização, a imoralidade traduzia-se no desrespeito à legislação sobre a obrigatoriedade do casamento civil,<sup>53</sup> a ignorância traduzida por duas formas: a primeira pela prática religiosa, demonstrada num poema assinado por Castro Fonseca:

*"A Igreja e a Escola"*<sup>54</sup>

*D'onde vens tu, mulher como a desgraça esquiã-lida.*

*Que precoce velhice em tua fonte alveja.*

*Quem és tu? De onde vens, ó mísera tão pálida.*

*Eu sou a ignorância e venho duma Igreja!  
 E tu, bela mulher, rosada, alegre e pura que  
 ostentas no semblante a seiva das carolas  
 quem és tu? De onde vens pujante criatura?  
 Eu sou a Educação, e venho das escolas."*

A segunda forma de ignorância para "O Clarão", era trazida pelas escolas religiosas. Para elas dedicou uma campanha especial. A argumentação principal utilizada contra as escolas foi a constatação de que muitas vezes eram subsidiadas pelo Estado, o que configurava um desrespeito à Constituição.<sup>55</sup>

Coube aos jesuítas receber a carga maior de críticas. Afirmou-se que sua ordem havia abandonado o ensino primário, por não ser lucrativo, e que atendiam o secundário, para poderem mais facilmente corromper as almas juvenis, mais suscetíveis a sua influência por estarem em formação.

Assim, na notícia "Adágio desmentido",<sup>56</sup> falavam do filho do Cônego Eloy, que era maçom e adiantado, segundo o jornal e que "degenerara tornando-se jesuíta".

Foram também os jesuítas acusados de excessivo apego ao dinheiro, demonstrado na venda de material didático no colégio, fazendo assim concorrência desonesta aos comerciantes que pagavam impostos.<sup>57</sup>

Afirmou-se que eram retrógrados "pois não possuíam métodos de ensino",<sup>58</sup> autoritários, porque "havia reintroduzido a palmatória no trato com os alunos",<sup>59</sup> e que não respeitavam a liberdade individual, "impondo a prática da confissão e comunhão."<sup>60</sup>

Finalmente se insistiu na acusação de que a

Companhia de Jesus combatia as escolas laicas, para reconquistar o poder temporal.<sup>61</sup> Para confirmar o caráter sectário do jesuíta, O Clarão, várias vezes se reportou ao Último Juramento dos Jesuítas, documento atribuído a um ex-jesuíta que, após abjurar, teria revelado os verdadeiros objetivos e métodos dos seus companheiros.<sup>62</sup>

Em síntese, no documento, se afirmava que:

*"... os jesuítas se propunham a trabalhar contra qualquer governo que fosse protestante ou liberal..."*, *"... que a Companhia procuraria auxiliar todo e qualquer agente do Papa, em qualquer lugar..."* *"... e mesmo que poderia se sujeitar a professar qualquer religião herética, a bem dos interesses de Roma..."*, *"... o bom jesuíta não discutiria ordens e nem manifestaria restrição mental alguma, mas obedeceria como um cadáver..."*, *"... e ainda, faria guerra nas hereges protestantes e liberais, matando-lhes os filhos e mulheres publicamente ou secretamente."*

Para concluir seu juramento o jesuíta:

*"Recebe a história da mão do seu superior e escreve seu nome com a ponta de um punhal ensopado com o sangue tirado de sobre o coração."*

Todo o texto foi escrito numa linguagem pretensamente fiel às cartas circulares utilizadas na Companhia,

# O ÚLTIMO JURAMENTO — DOS — JESUITAS

Para que o publico certifique-se, mais, da alma immunda e terrivel que possuem e bandistas de Christo—Os jesuitas—abaixo transcrevemos enviado por um dos nossos pe-

tuado Miguel Archanjo, ao Bemaventurado São João Baptista, aos santos apostolos São geral superior da Companhia de Jesus, fundada por S. Ignacio de Loyola no pontificado de Jesus Christo até hoje, eu declaro e juro pelo ventre da Virgem, sacratio de Deus e da Igreja Catholica, a universal na terra, e que por virtude das chaves de ligar e desligar, Estados, Republicas e governos por serem todos illuzidos com sua sacrada com-

11. Texto contra os jesuitas "O Último Juramento dos Jesuitas" (11/03/1916).

As frases transcritas nos pareceram evidenciar as acusações mais frequentes do jornal a ação dos padres jesuítas; com denúncias ao seu envolvimento político, à sua duplicidade moral na ação e à sua disciplina. O exacerbado figuratismo romântico final, caracterizou bem o estilo em que foi escrito todo o texto.

#### 4. AS CRÍTICAS ÀS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS

Com as Ordens masculinas vieram estabelecer-se também, no Estado, as Ordens femininas, dedicadas principalmente às escolas e à assistência pública. É interessante destacar que receberam um melhor tratamento, não lhes sendo imputada prioritariamente a acusação de estrangeiras.

As restrições à sua atuação, baseavam-se geralmente em acusações genéricas de obscurantismo, citando-se a Hobbes:

*"Querer reformar cabeças cheias de vícios e preconceitos, é tentar escrever bem e limpo em papel todo rabiscado."* <sup>63</sup>

A devoção e o ascetismo eram lembrados também como fatores negativos:

*"... É realmente como podem dar educação moral e social às crianças, umas mulheres que por cegueira ou fanatismo, renunciam a todos os bens mundanos, para só ocuparem em obede-*

*cer aos seus diretores espirituais, que votam ao desprezo as mães, os pais, os irmãos, os parentes e amigos, para sô rezarem e jejuarem que ressequidas nos seus vestidos negros, ignoram o que seja amor conjugal e o puro santo amor maternal..."* <sup>64</sup>

Portanto com esta distorção em sua formação , sua atuação não poderia ser benéfica nos asilos, hospitais e escolas. <sup>65</sup>

O jornal tratou o tema de forma mais ligeira, talvez por considerá-lo um tema menor. Ou, talvez porque, mesmo os anti-clericais mais combativos, colocavam suas filhas nos colégios de freiras. <sup>66</sup>

## 5. O ATAQUE CONTRA A PRÁTICA EFETIVA DOS SACRAMENTOS

Na medida em que a ação do clero dirigiu-se para a exigência do cumprimento das práticas sacramentais , estas caíram também sob a crítica jornalística. Para isto invocou-se novamente o argumento de ilegitimidade, irracionalidade e preconceito.

Em relação ao batismo, dirão que era um documento que nada valia, pois existia o registro civil, <sup>67</sup> e constituia um desastre higiênico, pois "os mais sólidos conhecimentos da ciência moderna, vê na saliva, o veículo de to

das as enfermidades que corróem o organismo humano." <sup>68</sup>

A Campanha pela legitimidade e sacralidade do casamento religioso desenvolvida pelos sacerdotes, também foi duramente criticada, como demonstração de desrespeito à lei e à sociedade: "Se não estão unidos perante a lei, então sim o casamento é alguma coisa, é a mancebia sacramentada pelo padre em nome de Deus." <sup>69</sup>

Esta questão sempre foi acompanhada de críticas ao clero alemão: <sup>70</sup> "Duas vezes casado - Padre Alemão casa um jovem duas vezes". <sup>71</sup> Grande escândalo na freguesia da Trindade. <sup>72</sup>

Sobre a confissão, podemos dizer que foi uma das práticas religiosas mais combatidas pelo jornal. Argumentou que: "não era um sacramento instituído por Deus, mas invenção dos padres", <sup>73</sup> instrumento para o domínio da inteligência e dos sentimentos, <sup>74</sup> ameaça à mulher casada, a moçinha e ao homem. <sup>75</sup>

Estas críticas que até agora registramos, podem ser bem ilustradas no satírico "Sermão pregado na Catedral por um padre alemão onde existe um burro no altar mor." Acreditamos que fazia referência ao Pe. Topp e a escultura alemã em madeira "Furça para o Egito", que ainda se encontra lá." <sup>76</sup>

Como também ilustra as diversas críticas que se faziam aos sacerdotes de origem germânica: o desconhecimento da língua, o destempero verbal, o obscurantismo cultural e social, e principalmente a indução à confissão, instrumento de poder político e de corrupção dos costumes.



12. Fuga para o Egito - Gravura de Domingos Fossari que reproduz escultura que se encontra na Catedral do Austríaco Hanz Demetz.

"Meus ermons, vocês estão ficando muito estúpidos depois que apareceu n'este capitã um imorrã jornal com o título "Craron"...

Eu condeno a vocês que non lea, nem consintam que pessoas de tuas amizades leia na tua presença essa mentiras que diz o "Craron".

Esse mandito e excomungado "Craron" está introduzido no espurrito, e consciência de tudo vocês, uns pequenos reflexos de luz que se prejudicarã as trevas que tanto nos esforçamos em conservã-la para a Glória da Santa companhia de jesus, que vocês nom acredita no blasfemea, que "Craron" escreve, chamando de abisma da desonra, o nosso mais "santificado" confessorario!

Que perriça faz! que perriça pode haver resultar para a moça ou muer casada stã sozinha no confessoraria com um santo frade ou jesuïta como nãos?!!

Nenhum!

Si colocamos sempre o nome de jesus Cristo , as palavras que proferimos no sagrada confessorario, como porr exemplo:

"Amo-te em Jseus Cristo; à noite sonheti contigo em Jesus Cristo; são palavras sagradas ensinadas pela nossa Sta religion que nos ofende o pudorr porque amar o "frade" que faz às vezes de Crriisto na terra, é amar o Crriisto, e porr isto nom é um amourr "desnoesto" como o amourr empregado a um "profano".

Nessas demonstrações amorrosas, reciprucamente

*trocadas n'aquela santuário (o confissionário) será uma oferenda agradável ao Senhor subira ao céu com a fragância do perfume, como o fumo do incenso!*

*Num acreditar nu que o excumungada "Craron" dis e crê sô nu que eu diz! Vem! Vem meus oveas! Volta ao confissionário, este "elevador!! que vos conduz aos céos, limpos e puras dos pecados mundanos!*

*O maldito "Craron", descobriu na metirosa e bisbilhoteirra história, as vantagens que nós tirra desta adorável "confissionário" e porra inveja e raiva de não gozarr as imunidades que nossa Santa Sê nos outorrnga, pubrrica de quando em vez uma das mentirras e calúrnias de que está recheado as páginas d'aquela imun do livro a história.*

*Mêus irmons, nom leal estas livros imorraais nem os jornais imorraais que falam contra nós que somos santos e purros."*

Reforçando ainda mais sua acusação conta o aspecto "corruptor" do sacramento da confissão, "O Clarão" fez uma campanha contra o livro escrito por um frade alemão Ambrósio Johanning, Manã ou Alimento da Alma Devota impresso em português em Regensbourg (Ratisbona) que continha temas para a preparação a este sacramento. (Cf. ilustração nº 13).

Acreditamos ser este manual, um dos primeiros livros redigidos para modificar as práticas religiosas.

☞ **Manná** ☞

ou

**Alimento da alma devota**

composto

**de Orações e Exercícios devotos**

por

**Frei Ambrosio Johanning**

Quarta Edição

*Com a licença e aprovação da autoridade  
ecclesiastica e dos Superiores da Ordem*



**Ratisbona**

**Typographia de Frederico Pustet**

Impressor da S. Sé

1912.

## 6. A OFENSIVA CONTRA AS IRMANDADES E AS DEVO- ÇÕES.

As irmandades e as devoções não deixaram de ser incluídas na campanha do "O Clarão".

Surgiram no jornal, deste modo, as acusações contra a posse indevida de bens das Irmandades, citando-se até com uma certa ironia, quando se referiam a:

*"Ex. - Igreja da Ordem III, porque deu entrada aos frades alemães e montou a tipografia da Época em seu edifício."*<sup>78</sup>

ou caracterizando como

*"funor de posse, a atitude de Frei Domingos e seus colegas sem São José, que apropriaram-se das melhores casas, teatro e até da Igreja da quela localidade."*<sup>79</sup>

Registrou-se também como abuso à Constituição, no seu artigo 72, § 7, que proibira a subvenção à cultos e igrejas, com a notícia de que a Irmandade do Divino Espírito Santo de Tijuca havia recebido auxílio.<sup>80</sup>

Caracterizou-se segundo o jornal como "Conto do Vigário", "a atitude do Vigário alemão de São José, que foi ao Rio de Janeiro, arrecadar dinheiro para a construção da Matriz, e em sua volta à cidade, começou a fazer um con-

vento para a moradia de três santas esposas de Cristo que nunca fora casado." <sup>81</sup>

Afirmou-se a existência de preconceito na prática religiosa, exemplificando-se com os casos de substituição por santos alemães, das imagens de cabelo e olhos escuros, característicos dos portugueses.

Insistiram sempre em ridicularizar a escultura da "Fuga para o Egito", colocada na Catedral (Cf. Ilustração nº 12), referindo-se sempre a ela como a do "Santo Burro". <sup>82</sup>

A Igreja era criticada simultaneamente por "clarear" as imagens dos santos, e por ter imagens negras de Nossa Senhora em Palmas (Bahia), e em Aparecida (São Paulo). <sup>83</sup>

Outro aspecto que mereceu restrições do jornal, foi o da prática da 4ª Feira de Cinzas, quando, como sinal de contrição, traçava-se uma cruz de cinzas na frente do penitente. O jornal afirmava que "nos brancos se utilizavam as cinzas de panela (ficava preto) e nos pretos se utilizava cinzas de fogão (ficava cinzento)". <sup>84</sup>

Afirmava-se que havia separação entre brasileiros e alemães na Congregação das Filhas de Maria, especialmente em Joinville, onde para as aulas, os sermões e as prédicas se utilizava o português ou o alemão, conforme a procedência étnica de cada grupo. <sup>85</sup>

Com a notícia intitulada: "Desaforos e insolências de um jesuíta alemão", <sup>86</sup> reportou-se o caso de se tentar acabar com um "... baile que homens de cor (pretos) estavam organizando em São Pedro de Alcântara...", frustrada, porque o delegado de São José não aceitou a reclamação, "...visto que os padres não eram autoridades constituídas ,

com o direito de expulsarem de sua Pátria cidadãos brasileiros."

O Clarão interrompeu sua publicação, como já o dissemos, quando voltou suas críticas, dirigidas mais ao Governador Felipe Schmidt, do que à Igreja, acusando-o, principalmente, de não tomar providências contra a germanização no Estado.

O jornal passou a denunciar casos dos professores de escolas públicas, impedidos de lecionarem em comunidades alemães, não apenas pelos padres mas também por líderes comunitários." <sup>87</sup>

No artigo Que Tipo, afirmou:

*"Sobre o Sr. Hugo Westphal de Santa Izabel , que sendo chefe político deve ser brasileiro nato ou naturalizado e é inimigo dos brasileiros, pois não admite na localidade professor que não seja alemão."* <sup>88</sup>

Criticou, também, a posição do "consul alemão", que havia pedido a desqualificação de um elemento de sua nacionalidade, para que não servisse de jurado.

*"Ora, se o Sr. Consul entende que seus súditos não devem exercer funções brasileiras nesta República, deve também solicitar do governo do Estado, a demissão de todos os seus súditos que exercem empregos públicos, tais como suplentes de juizes de direito das comarcas, superintendentes, conselheiros municipais, promotores públicos, escrivães de paz, juizes de paz, empregados públicos municipais e deputados."* <sup>89</sup>

A questão internacional, portanto, cada vez tomou mais peso, e aumentou a gravidade das acusações contra a ação intervencionista da Alemanha e contra os seus partidários em Santa Catarina.

O jornal O Clarão raramente trouxe matéria assinada, o que nos impediu de identificar seus colaboradores; do seu único redator conhecido, diziam ser "pessoa excêntrica". Alguns depoimentos, que recolhemos, nos informaram sobre a repercussão de suas campanhas. <sup>90</sup>

A característica fundamental do jornal foi sempre o anti-clericalismo, mas pudemos observar que em sua primeira fase (1911-1914), suas denúncias foram dirigidas especialmente a "romanização" da Igreja, entendida como projeto dos "jesuítas", e no caso específico em Santa Catarina, "dos jesuítas alemães", com o firme propósito de desrespeito à nação brasileira, e de acordo com projetos expansionistas da Alemanha. (Cf. Ilustração 5).

O jornal não se caracterizou especialmente pela coerência, para atacar a Igreja, reproduzia artigos de jornais anarquistas, liberais, conservadores e também de publicações maçônicas, material que pretendemos trabalhar posteriormente.

Seu discurso era contratidório, acusava os padres alemães de possuírem preconceito racial, e ao mesmo tempo, ridicularizavam as estátuas de santas negras (Cf. p.132), quando criticava o pouco domínio da língua nacional pelos sacerdotes, afirmava que falavam como "negro da costa". Cf. p. 113 ).

Alterou substancialmente seus editoriais a partir de 1915, não abandonou os ataques à Igreja, mas come-

çava a investir contra outras instituições, também acusadas de favorecer a germanização no Estado de Santa Catarina, como o próprio Governo, os demais jornais situacionistas, as escolas particulares e líderes comunitários.

Mas este aspecto excede as possibilidades da presente pesquisa, e tentaremos trabalhar nele em outra oportunidade.

## N O T A S

1. Cf. Gráfico nº 1.
2. Lamentamos, não ter reproduzido o seu 1º número, por estar muito danificado, mas temos a 1ª página de seu 2º número. (Cf. ilustração nº 2).
3. O Clarão - 24/12/1913.
4. Cf. Moraes, Lauro Rotolo Nascimento. Catálogo Analítico Descritivo dos Jornais de Florianópolis - passim.
5. Cf. Ilustração nº 7. Chamamos a atenção para o seu Cabeçalho.
6. O Clarão - 13/01/1912; 22/04/1912.
7. Loc cit, 13/01/1912; 11/11/1913; 08/11/1913; 24/12/1913.
8. Loc cit, 05/04/1913; 30/08/1913; 18/10/1913; 25/10/1913.
9. O Jornal "A Época" de 27/05/1911 - trouxe a íntegra do decreto da separação da Igreja do Estado, em Portugal, criticando-o veementemente.
10. O Clarão - 08/10/1911.
11. Loc cit, 09/12/1911; 31/08/1912 e 09/10/1915.
12. Loc cit, 13/06/1916.

13. O Clarão - 02/05/1914.
14. Loc cit, 20/09/1912.
15. Loc cit, 22/06/1912 e 11/11/1913 - Cf. Ilustração nº 9.
16. A Época - 30/12/1911 - refutando uma acusação do mesmo teor de O Clarão, feita por Horácio Nunes Pires intelectual e Diretor da Escola Normal.
17. O Clarão - 12/06/1912.
18. Loc cit, 24/05/1913.
19. Loc cit, 08/10/1911 - Cf. Ilustração nº 9.
20. Loc cit, 08/10/1911; 02/11/1911 e 27/01/1912.
21. Soubemos que acabou por abandonar o sacerdócio para casar-se.
22. O Clarão - 02/12/1911.
23. Loc cit, 04/11/1911 e 30/10/1915.
24. Piazza, W. F. A Igreja em Santa Catarina. Notas para sua história, p. 264; 271; 277.e 278.
25. O Clarão - 04/11/1911, 01/09/1915 e 09/10/1915.
26. Cf. Poema Cáusticos. Ilustração nº 8.
27. O Clarão - 20/08/1912.

28. O Clarão, 12/06/1913.
29. Loc cit, 28/06/1913 e 09/10/1915.
30. Loc cit, 09/10/1915.
31. Loc cit, 27/06/1914.
32. Loc cit, 14/09/1912; 12/09/1913 e 13/07/1913.
33. Loc cit, 28/06/1913.
34. Loc cit, 13/07/1912.
35. Loc cit, 28/06/1913.
36. Cf. Nota 21 sobre o Pe. Belarmino.
37. O Clarão, 13/09/1913.
38. Loc cit, 13/09/1913.
39. Loc cit, 05/07/1913, 13/07/1913, 20/07/1913 e 28/06/1913.
40. Loc cit, 27/06/1914.
41. Loc cit, 09/10/1915.
42. Observamos também que houve uma quantificação exagerada do clero alemão em Santa Catarina, que foi retomada e aumentada por Salles Brasil em sua Conferência no Teatro Álvaro de Carvalho. (Cf. Anexo nº 12, nota 3, p. 20. Foi desmentida então pelo Jornal A Época de 02/12/1916.

43. O Clarão - 21/12/1916.
44. Loc cit - 14/10/1916.
45. Loc cit - 01/04/1916.
46. Nesta transcrição, encontramos o exagero na notícia da nomeação de dois sacerdotes para o bispado, antes de D. Joaquim.
47. Era diretor de "O Dia", o Sr. Thiago da Fonseca, católico praticante, jornalista, advogado e Procurador do Estado.
48. O Clarão - 28/09/1915, 09/10/1915, 29/01/1916, 05/02/1916, 18/03/1916, 25/03/1916; 16/09/1916.
49. Cf. gráfico nº 2.
50. O Clarão - 15/01/1913.
51. Loc cit, 23/10/1915.
52. Loc cit, 01/09/1915.
53. Loc cit, 25/09/1915; 10/06/1916; 27/05/1916; 10/06/1916 e 03/11/1914.
54. Loc cit, 06/07/1913.
55. Loc cit, 12/06/1913; 09/10/1915 e 11/11/1916.
56. Loc cit, 03/05/1913 e 11/10/1913.
57. Loc cit, 12/06/1913; 11/10/1913; 04/11/1913; 29/11/1915 e 23/05/1914.

58. O Clarão - 21/02/1914.
59. Loc cit, 12/06/1913; 20/08/1913; 02/12/1914 e 01/09/1915.
60. Loc cit, 12/06/1913; 23/05/1914 e 20/06/1914.
61. Loc cit, 20/08/1913; 16/12/1916 e 11/11/1913.
62. Loc cit, 11/03/1916.
63. Loc cit, 13/12/1913.
64. Loc cit, 24/12/1913.
65. Loc cit, 13/11/1915 e 08/07/1915.
66. Cf. Anexo nº 14 - Salles Brasil - O anti-clericalismo em ação - p. 39.
67. O Clarão - 01/09/1915.
68. Loc cit, 29/09/1913; 01/09/1915 e 11/09/1915.
69. Loc cit, 28/08/1915.
70. Loc cit, 20/09/1911 e 17/01/1914.
71. Loc cit, 03/01/1914.
72. Cf. Ilustração nº 9.
73. O Clarão - 28/08/1915.

74. O Clarão - 11/10/1913.
75. Loc cit, 20/08/1913.
76. Loc cit, 20/09/1913 - Cf. Ilustração nº 9, reprodução escultura. Desenho feito pelo artista Domingos Fossari.
77. Johanning, Ambrósio - "Manã ou Alimento da Alma Devota". Ratisbona. Tipografia de Frederico Pustet, 1912, 870 p.
78. O Clarão - 11/06/1912.
79. Loc cit, 18/04/1914.
80. Loc cit, 02/12/1914.
- 
81. Loc cit, 24/12/1913.
82. Loc cit, 04/11/1911; 15/02/1913 e 23/10/1915.
83. Loc cit, 02/12/1911; 13/04/1912; 13/07/1913; 07/06/1913 e 18/10/1913.
84. Loc cit, 28/02/1914.
85. Loc cit, 23/08/1913; 28/02/1914 e 29/01/1916.
86. Loc cit, 23/05/1914.
87. Loc cit, 18/03/1916 e 25/03/1916.
88. Loc cit, 25/03/1916.

89. O Clarão, 01/04/1916.

90. Depoimentos da Prof<sup>a</sup>. India Fernandes Woods, a quem agradecemos também o empréstimo do Maná que consultamos e nos informou também da campanha movida pelo jornal contra o manual ridicularizando-o, como também do clero contra o jornal censurando-o.

O Prof. Victor Peluso também nos informou sobre as repercussões das campanhas feitas pelo jornal na comunidade.

V

**A DUPLA EXPANSÃO DO ESTADO E DA IGREJA  
E SUA CONFRONTAÇÃO INSTITUCIONAL E  
DOUTRINÁRIA (1916)**

## 1. INTRODUÇÃO

Para respaldarmos nossa constatação de que houve uma verdadeira campanha contra o que, O Clarão, chamava de "desnacionalização" no Estado, em função da ação da Igreja, foi necessário trabalharmos com outras fontes.

Para isso consultamos o pronunciamento do Governador Felipe Schmidt, um artigo de D. Joaquim, e os boletins do Coronel Salles Brasil.<sup>1</sup>

No pronunciamento do Governador, ressaltamos a contraposição que se fazia entre a escola leiga e a religiosa. Esta última acusada de fazer propaganda contras as do Estado, e de utilizar-se de língua estrangeira, ao invés da vernácula.

Salientamos também a crítica à ação do clero, acusado de não respeitar as leis republicanas, no tocante a primazia do casamento civil sobre o religioso.

Esas práticas da Igreja, que segundo os anticlericais visavam comprometer a integridade e a soberania do Estado, uma vez que poderiam negar ao educando, a possibilidade de assimilação ao corpo nacional; e à família, os direitos e a proteção legal.

Pretende-se que tais procedimentos seriam motivados, não por princípios religiosos, mas para facilitar a expansão imperialista da Alemanha, em pleno auge. Lembramos aqui, que, estava a Alemanha envolvida na 1ª Guerra Mundial,

lutando contra os Aliados. Desta forma, os simpatizantes da causa aliada, faziam acusações generalizadas contra os alemães e o clero, caracterizando-o como agentes imperialistas.

Estas acusações assumiram tal proporção, que ultrapassando o âmbito da polêmica nos jornais, atingiram outros setores da sociedade.

Portanto, a Mensagem do Governador dirigida ao Congresso Representativo em 14 de agosto de 1916, enfocou alguns aspectos destas acusações.

A Igreja, em artigo de D. Joaquim manifestou-se também em relação as declarações do Governador.

Finalmente, endossando as críticas, e a favor do Governador, manifestou-se o Coronel Salles Brasil, militar, político e maçom envolvendo-se na polêmica.

## 2. AS PRIORIDADES CIVIS SOBRE OS PROJETOS ECLESIAÍSTICOS CONFORME O GOVERNADOR FE LIPE SCHMIDT (1916)

Consideramos oportuno registrar alguns itens da Mensagem do Governador Felipe Schmidt (14/08/1916), na parte referente à instrução pública, porque nela se assumiram algumas críticas feitas pelos anti-clericais a atuação das escolas particulares, geralmente religiosas.

No documento, apresentou-se de forma geral, os objetivos e a ação do governo, frente a questão do ensino

público. Traz ainda um registro das escolas existentes no Estado, classificando-as em federais, estaduais, municipais e particulares; forneceu também o número de escolas criadas e de alunos matriculados.

O ponto polêmico da Mensagem, foi o reconhecimento da necessidade de regulamentação das escolas particulares, e a crítica feita à propaganda religiosa conta a escola leiga.

Não podemos deixar de sublinhar novamente, que se vivia no contexto maior da 1ª Guerra Mundial. O fato tem uma gravitação importantíssima em Santa Catarina, devido à presença do grande contingente de colonos germânicos e de sacerdotes da mesma procedência.

Compreende-se então, porque isto era amplamente discutido pela imprensa, havendo nos jornais de Santa Catarina, vários órgãos simpáticos a causa alemã, entre eles o próprio jornal do governador O Dia, e a 'Gazeta Brusquense'. (Cf. Ilustração nº 14). Posicionando pela causa aliada 'O Clarão' e o 'O Aliado', (cf. ilustração nº 5), traz um mapa apresentando as pretensões imperialistas da Alemanha, na América do Sul. Este teria sido reproduzido, segundo O Aliado, de uma publicação germânica.

A nível nacional, havia sido fundada recentemente a Liga de Defesa Nacional (1916), no Rio de Janeiro, cujos objetivos, já conhecidos no país, pela sua prévia divulgação na imprensa e escolas, foram reafirmados por Olavo Bilac, em seu discurso na Biblioteca Nacional, em 07 de setembro do mesmo ano:

*"Estimular o patriotismo consciente e coercivo, propagar a instrução primária, profissional, militar e cívica, defender com discipli-*

# O CLARÃO

*Organão de combate legalmente constituído e de maior aceitação no Estado*  
Florianópolis. — Estado de Santa Catharina. — Brazil.



SABBADO, 11-DE-NOVEMBRO-DE-1916

## Ao pé da letra

que dirá agora o conhecido paimphletista Florianopolitano que ora honra as columnas do «Clarão» com os seus próprios boções contra homens de prestigio real em nosso Estado, mas mal visios pelo degenerado por serem teuto-brasileiros e amigos e admiradores desta raça prodigiosa?

que devia arrancar-lhe dos punhos e atiral-os ao lixo, porque o descredito não seria tão grande. São engraçados esses jornaes allemães ou vendidos aos allemães com a capa de brasileiros, quando fallam — na nossa neu-

nosco fosse outro — cordeal, amistososo e sincero; se não nos insultasse, pelos seus jornaes; se não nos ameaçasse com os seus navios de guerra; se não enxovalhasse a nossa bandeira; se não prohibisse os seus de fallarem por tugez; se não se levantasse contra os nossos professores porque não fallam a sua "prodigiosa" lingua; se não se envergonhassem de ser allemães os já nascidos no Brazil; se não nos chamasse povo inferior e negro; se fosse mais grata ao paiz onde veio fazer fortuna; se não dissesse pela sua imprensa que o allemão deshonra-se em trabalhar a par do brasileiro; se não tentasse fazer for-

Com esta interrogação fecha o jornal allemão "Gazeta Brusquense", de 28 de Outubro, o artigo "Franceses combatendo pela humanidade", transcripto da "Tribuna".

E nós, em resposta, diremos:

*na o trabalho, com a força, a paz, com a consciência, a liberdade, e com o culto do herói-mo, a dignificação da nossa história, e a preparação do nosso porvir."* <sup>2</sup>

Portanto, foi dentro deste ambiente político-cultural exarcebado, que o governador procurou definir as diretrizes do Estado em relação ao ensino primário:

*"O Estado não pode abrir mão do ensino primário na língua nacional, nem do ensino cívico que incute no espírito das crianças, o sentimento da nacionalidade, o amor da Pátria, da sua história e de suas tradições."* <sup>3</sup>

Definindo-se o ensino primário e cívico, como prioridade do Estado, pode-se compreender a posição do Governador frente ao ensino religioso.

Reconheceu primeiramente a existência de "um número bastante avultado" de escolas particulares, eram um número de 277 no Estado, <sup>4</sup> e confirmou "a subvenção recebida por elas"; tal prática, alvo de freqüentes denúncias dos anti-clericais, estava proibida pela Constituição.

*"Algumas delas são subvencionadas pelas municipalidades, o que não impede que, contra o regulamento da instrução pública, o ensino seja feito em língua estrangeira.*

*É preciso corrigir esta situação, tornando obrigatório o ensino da língua nacional, em todas as escolas, mesmo as não subvencionadas*

*com os programas adotados, nas escolas públicas estaduais."* <sup>5</sup>

Outro ponto que destacamos nesta mensagem, foi a questão da propaganda religiosa contra o "ensino leigo" - aliás, como o governador comentou; "antes de entrar no assunto, já havia se ocupado dele na mensagem apresentada na sessão ordinária do ano anterior." <sup>6</sup>

Retomava então, a questão porque, ela contrariava fundamentalmente a essência do regime, pois:

*"O laicismo do ensino é da própria natureza do regime liberal que nos rege e dele não podemos sair sob pena de desvirtuamento do espírito das instituições. Nas localidades, além das escolas públicas, estaduais e municipais, existem as particulares, algumas das quais de caráter acentuadamente religioso, sejam católicas ou protestantes.*

*Alguns dos diretores dessas escolas fazem propaganda contra a freqüência das escolas estaduais, originando-se daí uma situação talvez de desassossego entre certas populações e de hospitalidade franca entre esses propagandistas e as autoridades estaduais."* <sup>7</sup>

Como vemos, o Governador reconhece a existência do conflito aberto entre brasileiros e alemães (subtendido em "certas populações") e entre religiosos e autoridades, não vacilando em referir-se aos religiosos como "propagandistas".

Mais adiante, o Governador criticou a propaganda feita pelos diretores de escolas religiosas:

*"Tenho procurado conciliar interesses. Os diretores de escolas de caráter religioso assumiam atitude muito mais simpáticas se fizessem a propaganda entre as famílias para que todas as crianças frequentasse as escolas e que, em lugar próprio, recebessem duas ou três vezes por semana, o ensino religioso em hora que não prejudicasse os trabalhos escolares.*

*Tudo ficaria conciliado e não haveria motivo para uma propaganda que se torna irritante pelos processos empregados, destoantes dos próprios princípios fundamentais das instituições que representam os diretores destas escolas particulares."* <sup>8</sup>

Desta forma o Governador, criticando apenas alguns dirigentes religiosos, deixou em aberto a possibilidade de entendimento. Tal postura, que até fora branda segundo os anti-clericais, que o apoiaram, como o Coronel Salles Brasil (que veremos mais adiante), valeu-lhe uma crítica dura da Igreja.

### 3. A RESPOSTA INSTITUCIONAL E DOUTRINÁRIA DA IGREJA (1916)

Foi com o texto escrito por D. Joaquim intitu

lando a Mensagem e a Propaganda contra o Ensino Leigo, publicado no jornal A Época - (3/09/1916) e depois transcrito na Resenha Eclesiástica (09/09/1916), que a Igreja se defendeu.

Neste texto foram refutadas pelo Bispo as acusações contidas na Mensagem do Governador.

D. Joaquim assumiu a polêmica limitando-se a esclarecer e reafirmar os princípios que regiam a ação da Igreja.

Apresentaremos a seguir uma síntese de seus argumentos.<sup>9</sup>

D. Joaquim centrou sua resposta na discussão sobre a "liceidade ou ileicitude" da chamada propaganda contra os institutos oficiais."<sup>10</sup>

Para ele, os meios empregados no combate as escolas oficiais, eram bons e lícitos, não podendo ser condenado. A liceiade da propaganda pela expansão das escolas religiosas, que passamos a resumir, baseava-se nos seguintes pontos:

1. Ela era permitida pela Constituição, que se proclamava leiga;
2. Era desejada pela maioria da população;
3. Os pais possuíam o direito de escolher a educação para seus filhos;
4. O Estado fundamentalmente não poderia impor uma crença única.<sup>11</sup>

Para D. Joaquim, portanto, o Estado não poderia reivindicar que a religião fosse administrada somente nos templos, e em suas escolas, excluindo as do governo, por

que isto iria além do que pedia a Constituição e seus intérpretes mais autorizados.<sup>12</sup>

Entendia o Bispo que a propaganda feita pelos pastores da Igreja não era prejudicial, principalmente porque não se esqueciam nem do patriotismo, nem das suas específicas responsabilidades espirituais.<sup>13</sup>

Outro ponto levantado pelo texto, foi a defesa da ação da Igreja - ela não desrespeitava as leis sobre o casamento civil.

Segundo D. Joaquim, os religiosos insistiam na realização da formalidade civil, antes ou depois do "verdadeiro casamento religioso".<sup>14</sup>

Ainda segundo o Bispo, os funcionários civis muitas vezes se opunham ou ~~desaconselhavam~~ o casamento religioso, o que seria um "desrespeito à Igreja".

Finalizando, lembrou suas boas relações com o Governador e sua esperança de que se mantivessem as boas relações entre os poderes públicos e eclesiásticos, e principalmente de que as medidas que fossem tomadas, "concorressem para o engrandecimento da Pátria e maior consolidação das instituições."<sup>15</sup>

Estes argumentos utilizados por D. Joaquim, mostra-nos que a Igreja invocava as liberdades garantidas pela Constituição para justificar sua atuação. Porém, deixava claro sua discordância com os princípios da escola laica e do casamento civil.

Anotamos complementarmente que a Resenha Eclesiástica, órgão da Cúria, ao apresentar o texto de D. Joaquim, o fez, assumindo um tom mais polêmico:

*"Relativamente àquele documento público e ao que se convencionou chamar a propaganda contra o ensino leigo, habilmente explorado por elementos pouco recomendáveis da capital."* <sup>16</sup>

#### 4. O CORONEL SALLES BRASIL E A DISCRIMINAÇÃO INSTITUCIONAL E DOCTRINÁRIA AO CLERO "ALMÃO E ULTRAMONTANO" (1916)

A documentação que reunimos do Coronel Salles Brasil, nos pareceu oferecer elementos significativos para a análise do pensamento anti-clerical.<sup>17</sup>

Integram o conjunto, dois documentos principais, o primeiro sua conferência pronunciada no Teatro Álvaro de Carvalho, 09/1916 em festa cívica de comemoração à Independência, o segundo, o discurso pronunciado no Quartel do Tiro 40 (07/09/1916) e mais outros 2 folhetos de sua lavra, que foram vendidos ou distribuídos na Capital.

#### A CONFERÊNCIA DE SALLES BRASIL NO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO (SETEMBRO/1916)

O Coronel Salles Brasil, neste pronunciamento

abordou especificamente o problema da Defesa Nacional, movimento já mencionado anteriormente, e que se fazia presente na Capital, através do Centro Cívico Literário. <sup>18</sup>

Entre os objetivos desta associação, figurava a criação do serviço militar obrigatório, em vez do regime de alistamento feito por voluntários ou por sorteio, <sup>19</sup> mas com este princípio, não concordava inteiramente o Coronel.

O motivo apresentado para a sua discordância foi o de que a caserna já recebia o indivíduo adulto, representando o tempo de sua permanência nela, um intervalo significativo, mas não o suficiente para alterar sua formação. <sup>20</sup>

Da mesma forma, que o orador não aceitou a caserna, como fator fundamental para a formação individual, também recusou a Igreja, tal privilégio formativo.

Isto porque, se a formação religiosa era um bem, ela por sua vez, poderia se transformar num mal, quando atingida pelo fanatismo religioso. <sup>21</sup>

Para o Coronel, as bases fundamentais para a formação, ou mesmo para a "regeneração do caráter", tanto individual quanto social, estavam no lar e na escola. <sup>22</sup>

*"E em primeiro lugar, o Lar, respeitado e divinizado, pelo amor, pelo trabalho, pela sinceridade, pela bondade e pela fé, o sublime caminho onde se aperfeiçoam coração dos nossos filhos; depois a Escola transformada em templo, onde a criança vá fazer a sua primeira comunhão de civismo para entrar na vida consciente e forte, onde vá cantar os primeiros hinos em honra à sua Pátria que deve ser a imagem sacrossanta do seu primeiro ideal, co-*

*locada no mesmo altar, ao lado da imagem do Deus de sua religião, que é a dos seus maiores."* <sup>23</sup>

Mas, para que o lar cumprisse seu papel na formação social do indivíduo, era necessário, segundo o Coronel rever-se o papel da mulher nele, uma vez que os costumes estavam se alterando.

*"... o progresso da civilização, estava levando às mulheres, na busca de sua "emancipação", a abandonarem o seu papel fundamental de esposa e mãe."* <sup>24</sup>

Porque, reconhecendo a mudança nos costumes, e a justiça de algumas das reivindicações das mulheres, afirmava que:

*"... Eduquemos as nossas filhas, formemo-lhes o espírito, habilitemo-las mesmo para as mais nobres profissões liberais, emancipemo-las, se quisermos de certos preconceitos sociais, que muitos hoje entendem anacrônicos e que definem como cadeias à liberdade da mulher, e a que ela tem direito na sociedade, mas, por Deus, meus senhores, não nos esqueçamos nunca da nobreza de sua sublime missão."* <sup>25</sup>

Por todos estes motivos, afirmou o Coronel, seja qual for o preparo da mulher, sua formação artística, científica ou literária, o seu brilho na sociedade, ela não poderia fugir das leis naturais, o seu emprego "prescrito e

definido ser esposa e mãe." <sup>26</sup>

Ainda em relação ao preparo da mulher, elogiou a atitude do Governador em sugerir que se acrescentasse na Escola Normal um curso doméstico para as suas alunas. <sup>27</sup>

Em sua conferência, citou ainda a Mensagem do Governador, <sup>28</sup> como um marco fundamental na luta pela "nacionalização dos brasileiros", <sup>29</sup> luta que se iniciara já no governo de Vidal Ramos, com a remodelação do ensino primário.

Porém, esta nacionalização, segundo o coronel, só seria possível com a "escola leiga", através do ensino em língua nacional e com o respeito às leis republicanas, <sup>30</sup> condições estas que estavam sendo desrespeitadas pelos sacerdotes católicos, que arvoram-se de um poder superior e inatingível. <sup>31</sup>

Afirmou ainda:

*"A religião tem seus princípios fundamentais imutáveis, mas, tem as suas regras, deles deduzidas e que sofrem com o progresso das sociedades, as modificações necessárias à sua adaptação, ao equilíbrio das suas aspirações, conservando a pureza desses mesmos princípios de que elas são corolária.*

*É é só assim que pode conservar-se a harmonia entre os poderes.*

*Para isso obter-se falta-nos o clero nacional, cuja alma palpita com a nossa.* <sup>32</sup>

Logo, para o expositor, a prática religiosa ,

teria que estar vinculada ao clero nacional, que não existia no Estado.

Quanto ao clero estrangeiro, referiu-se especificamente a ele, com duras críticas em duas sessões de sua conferência. O clero estrangeiro contra as escolas e a família, e A mentira religiosa.

Nestes trechos, expressava sua condenação ao clero existente no Estado afirmando que:

*"Estrangeiro, falta-lhe o sentimento de patriotismo.*

*Não se compreende de outro modo este procedimento desleal.*

*Não lhe basta já ter transformado nossas crenças; ter arrancado de nossos altares as imagens de fé...; desmentindo-se com ostentação, nos atos e nas ações, a irredutibilidade dos dogmas católicos, que se quer proclamar."* <sup>33</sup>

Também criticava o que considerava uma transformação dos princípios da Igreja.

*"Não há mais religião, há fanatismo.*

*Não há mais caridade, há egoísmo.*

*Fanatiza-se para multiplicar-se o óbulo,*

*Enriquece-se pela esmola,*

*que é roubada ao necessitado."* <sup>34</sup>

Se por outro lado o seu discurso nos apontou sua oposição ao clero estrangeiro, por outro nos revelou a sua concepção sobre a educação, vista como a grande redento-

ra do caráter nacional, desde que feita pelo Estado, negando essa possibilidade à Igreja, em função do seu clero ser majoritariamente constituída por "germânicos".

Devemos ressaltar também o enfoque dado ao papel da mulher, porque, se por um lado mostram a alteração de sua função na sociedade, reconhecendo que elas estavam reivindicando um melhor preparo técnico, cultural e social, por outro lado revelam os limites impostós à elas.

#### O DISCURSO DO CORONEL NO QUARTEL DO TIRO 40

(07/09/1916)

Poderemos entender melhor o discurso do Coronel Salles Brasil no Quartel do Tiro 40, se nos reportamos ao fato de que havia clubes de Caça e Tiro, ligados tradicionalmente aos alemães, onde os brasileiros muitas vezes não eram aceitos.<sup>35</sup>

Iniciou o orador o seu discurso, agradecendo o convite, e acreditando que expressava solidariedade àqueles que, como ele vinha recebendo críticas porque:

*"... apresentando aos olhos de seus conterrâneos como ao País inteiro, os males que todos já aqui sentíamos que poucos tem tido a coragem para denunciar, mas que muitos entendem que ficassem encobertos, tornando-se cúmplices nos crimes de escravização da consciência dos nossos filhos do desamor à nossa Pátria, do*

*desrespeitos às nossas leis, deixando-se o povo sem de-  
lesa, entregue as algemas, a inteligência e o coração.*"<sup>36</sup>

Esta breve introdução já nos permite verificar que o centro do seu discurso, foi a questão da desnacionalização no Estado e os seus responsáveis.

É interessante notar-se como ressalvou a oportunidade escolhida para a solenidade - inauguração de uma escola noturna e a homenagem ao Governador - com a data, 07 de setembro - dia da Independência. Segundo o coronel, estas circunstâncias combinaram-se para expressar o que textualmente chamou de à união do sabre (força) e do livro (o saber).<sup>37</sup>

Pois fora a união da força e do sabre, guiados pela fé, o que permitira a independência.

Sendo a fé a condutora dos ideias da independência, logo a ação dos sacerdotes ao longo da história brasileira, fora o que permitira o surgimento da nacionalidade.

Para reforçar tal argumento, levantou os nomes daqueles que haviam, a seu ver, contribuído para este processo.

Iniciou sua relação com os missionários jesuítas Manoel da Nóbrega, João Navarro, Antônio Pires, Salvador Rodrigues e Anchieta afirmando que trabalharam intensamente na catequese dos indígenas "com o exemplo da resignação no sofrimento, com a mansidão no meio da cólera."<sup>38</sup>

Não se esquece de citar entre os primeiros intelectuais brasileiros os padres Bartolômeu de Gusmão, Santa Rita Durão e o Frei Leandro do Sacramento, inclusive contrapondo-se aos restantes escritores e poetas, nacionais, que "não tinham alma para sentir a grandeza e a exuberância da nossa terra."<sup>39</sup>

Enumerou a seguir a importância da participação dos sacerdotes nos movimentos revolucionários - Padre Toledo em 1792 na Inconfidência; e os padres Tenório, Roma, Mi

guelinho em 1817 e frei Joaquim do Amor Divino Caneca em 1824.<sup>40</sup>

Ainda lembrou os sacerdotes - frei José Maria Brayer- organizador de companhias de couraceiros-guerrilheiros vestidos de couro de na Guerra da Independência - e do segundo o Coronel, o maior de todos, o Pe. Diogo Antônio Feijó.<sup>41</sup>

Abrimos um parêntese para lembrarmos que pelo menos os padres Diogo Feijo, Miguelinho e Frei Caneca são considerados por publicações maçônicas, como membros ativos dela.<sup>42</sup> Aliás dos sete sacerdotes citados, três morreram fuzilados (Pe. Miguelinho Pe. Roma e Frei Caneca) e um (Pe. Tenório) enforcado e esquartejado, por seu envolvimento revolucionário.<sup>43</sup>

Para o Coronel, esta participação e identificação dos sacerdotes só foi possível porque eles possuíam uma "alma gêmea da nossa, sentia os nossos sofrimentos, ouvia os nossos gemidos, irmanado conosco nas mesmas aspirações.

Com sua bondade só tinha por ambição a virtude, amava a nossa Pátria e defendia a família dando o consolo da religião, sem transformar o seu sacerdócio em profissão lucrativa, vendendo as graças divinas."<sup>44</sup>

Neste seu texto abriu um subtítulo Dois Contrastes, para afirmar que não devia deter-se em maiores considerações e deixar que o fizesse "a Vossa culta inteligência."<sup>45</sup>

Portanto, o ataque ao clero se fez de forma indireta, contrapondo o que seria ao seu ver o passado, com uma tradição de sacerdotes revolucionários, independentes e vários deles maçons, com a realidade do clero catarinense descaracterizado do momento, que já sabemos formado por um grande número de sacerdotes de origem germânica.

Finalizando, conclamou os jovens a congraçã

sarem-se em torno das tradições republicanas e mais ainda a procurarem associar as crianças à estas, pois só assim poderiam defender-se pois"... que num trabalho de astúcia pretendem os sem pátria escravizar, aviltando-lhes o caráter, infelizmente aplaudidos pela perversidade covarde ou pela subserviência interesseira dos eunucos da consciências.<sup>46</sup>

Temos aqui outra constante na campanha anticlerical, desenvolvida na Capital, a acusação aos que aceitavam a orientação da Igreja, vistos sempre como covardes e subservientes.

Os outros dois artigos do Coronel Salles Brasil também tratam do mesmo tema - a desnacionalização no Estado, sob o clero estrangeiro - só que por serem lançados após a conferência no Teatro Álvaro de Carvalho - nos revelam a sua repercussão.

#### SEU OPÚSCULO AGRESSÕES CLERICAIS (1916)

Neste opúsculo, o Coronel apresentou-se, como um homem de consciência livre e íntegro, e que sofria uma sórdida campanha de difamação por inimigos que não podia ver.<sup>47</sup>

Afirmou ainda que se envolvera numa luta cujo marco fora a solenidade no Teatro Álvaro de Carvalho. E que esta luta era parte de uma guerra que começara com a campanha contras as escolas do Estado e o casamento civil.<sup>48</sup>

A Campanha contra as escolas estaduais, promovida por vários motivos: a ganância dos diretores de escola

religiosa que queriam ter lucros; o interesse na fanatização da criança para se chegar ao lar; e a manutenção da indiferença pela nacionalidade - questão agravada por serem da mesma nacionalidade, o clero e os descendentes dos estrangeiros que predominavam no Estado. <sup>49</sup>

Ressaltou ainda a desorganização que se fazia com a "família católica catarinense", desrespeitando-se a legislação sobre o casamento civil, o que a deixava sem proteção legal e direitos. <sup>50</sup>

Elogiou ainda o Coronel, a atitude do Governador, tentando "... com delicadeza; mas com verdade", "... provocar medidas das autoridades eclesiásticas que pudessem se opor à esta campanha. <sup>51</sup>

Lamentou a reação do jornal católico contra o Governador: e afirmou "que nenhum jornal da capital, tomara a sua defesa, nem mesmo o de seu próprio partido." <sup>52</sup>

Aliás, ele mesmo fora atacado por suas convicções, e não conseguindo espaço na imprensa da capital porque: "Há aqui, papel, tinta, penas, máquinas de impressão, muitos tipos, alguns jornais, mas falta-nos alguma coisa que de a tudo isso uma forma mais independente e justa." <sup>53</sup>

Por isto estava sendo obrigado a publicar em avulso a sua resposta a esta campanha de difamação.

Portanto, apresentou a seguir o artigo recusado pelos jornais da capital.

O ANTI-CLERICALISMO EM AÇÃO: UMA REUNIÃO MEMORÁVEL (1916)

Afirmando que com este título e subtítulo,

o jornal A Época havia atribuído opiniões inverídicas ao orador.<sup>54</sup>

E, mais grave ainda, em outro artigo "Lutar ou desesperar - uma amigo da mocidade católica" - havia além de "assassinado o português"<sup>55</sup> pregado abertamente contra as instituições do país, porque, afirmara:

*"... se esta república brasileira, fosse a mais sincera, amiga e protetora da Igreja católica, mas conservando a escola, nas condições atuais; neutra, diremos melhor atéia, já por isso todo católico devia considerá-la inimigo fidalgal da religião, e não descansar as armas, até ver salvo, a infância e mocidade brasileira."*<sup>56</sup>

Prosseguiu com a crítica ao jornal - centrada em outro artigo - "Os caluniadores dos padres"<sup>57</sup> que dizia se detestar no padre a "humildade da grandeza, e a justiça no poder e a submissão à autoridade" grifados estes termos pelo autor, para evidenciar sua falsidade, evidenciada na transcrição feita anteriormente.<sup>58</sup>

Outra afirmação do jornal, constatada por ele foi a afirmação de que não era entre os homens honestos que se encontravam os acusadores dos padres "e que só se encontram os libertinos, os viciosos, nos batalhões dos inimigos do padre, é entre os que recrutam a sua grei difamemente..."<sup>59</sup>

Percebe-se segundo o Coronel, o ataque aos que não "se prostarem diante do padre, fazendo a apologia de sua pureza e santidade."<sup>60</sup>

Sentira-se atacado já com o anúncio da festa cívica pelo jornal, porque afirmaram que "aquele que seria intérprete do Tiro 40, como o inimigo do ensino religioso e da Igreja." <sup>61</sup>

Proclamou que não era inimigo do ensino religioso, que suas filhas estudavam em escolas religiosas, mas que se agora era inimigo do clero, devia-se ao comportamento de parte do clero do seu Estado. <sup>62</sup>

Prosseguindo em seu arrazoado esclareceu que não pretendia distinguir nacionalidade em suas críticas, mas que era verdade que falar-se em padre estrangeiro, era o mesmo que falar em padre alemão, pois era o único que aqui existia. <sup>63</sup>

Reportou-se ainda à Mensagem do Governador , para confirmar a justiça de suas apreciações sobre a propaganda contras as escolas do Estado e o casamento civil, feitas por parte do clero. <sup>64</sup>

Para concluir seu texto, afirmou que:

*"admiramos o sacerdote pela sua sublime missão na sociedade, respeitamo-lo pelos seus atos, e o veneramos mesmo, pela sua abnegação no cumprimento do seu dever, ao serviço de sua fê, mas não somente pelas vestes que usa e por outros sinais exteriores que o distinguem."* <sup>65</sup>

E, completou que sentia-se bem com sua consciência, porque não precisava da licença dos que o agrediam para sentir-se católico e os "que se julgassem puros, que atirassem a primeira pedra." <sup>66</sup>

Este boletim que circulou na cidade, foi muito mais incisivo nas acusações.

O LIBELO "DEFESA NACIONAL, O CLERO ESTRANGEIRO, AS ESCOLAS REPUBLICANAS E O CASAMENTO CIVIL" - (1916)

Esta publicação que o Coronel colocou a venda em benefício do Natal das crianças pobres que frequentavam escolas,<sup>67</sup> foi censurada e proibida sua leitura, por D. Joaquim juntamente com "A Ordem" e "O Clarão".<sup>68</sup>

O Coronel Salles Brasil apresentou-se nele como um homem de crenças religiosas, mas que se reservava a liberdade de pensar e agir. E, que em nome dessa independência e liberdade, se via obrigado a lutar contra a hipocrisia "com que a maioria do clero estrangeiro, quer nos dominar na capital."<sup>69</sup>

Afirmava ter recebido ataques por causa da sua conferência no Teatro da Capital, onde "às considerações sobre o procedimento do clero, foram inspiradas no conceitos da mensagem do Governador do Estado."<sup>70</sup>

Criticou especificamente, a Resenha Eclesiástica, a A Época, classificando a primeira como "Jornal Oficial", e a segunda de "Órgão do clero alemão e ultramontano,"<sup>71</sup> que pregavam a "revolução contra esta república ímpia",<sup>72</sup> e que, percebendo que o Governador não estava mais disposto a permitir a continuação dessa campanha" ... mudou

de rumo, abrandou as iras e procurou desculpar-se..."<sup>73</sup>

Lembrou ainda o coronel que enquanto a Igreja atacava as instituições republicanas, o governo subvencionava uma escola na Capital, "fundada por um sacerdote, e que é mantida pela generosidade de 200 pessoas (...) mas que entre elas só havia três sacerdotes e poucos nomes de católicos ilustres."<sup>74</sup>

Esta situação esclarecia bem a seu ver, a ganância que inspirava o zelo religioso do clero, que arrecadava dinheiro apenas para o "benefício de capelas e altares, ou para a boa imprensa"<sup>75</sup> de Petrópolis, que de quando em vez manda os seus agentes de batina para a Capital.<sup>76</sup>

Denunciou ainda que proibia o clero, aos alunos do Ginásio Catarinense, a frequência ao Centro Cívico, vedado também aos Congregadores Marianos, sob pena de expulsão sabendo-se que em pelo menos um caso, tal arbitrariedade ocorrera.<sup>77</sup>

Concluiu seu libelo, notando que "... para a sacola insaciável das Congregações Religiosas, são desviadas, por todos os meios anualmente, muitas dezenas de contos da economia do povo, e desta respeitável soma, roubada às instituições de caridade, à pobreza que vive faminta, centenas de crianças que definham na miséria, uma só moeda não socorre."<sup>78</sup>

Portanto, mais uma vez critica à ganância do clero, considerada pelo Coronel, um dos grandes motores da ação da igreja.

Através da documentação apresentada, acreditamos poder afirmar que em Santa Catarina, houve em alguns setores da população, uma preocupação crescente com a "germani-

zação" que se observava na Igreja, no Governo, nas escolas e na imprensa, bem antes mesmo da eclosão da 1ª Guerra Mundial.

Tais denúncias ao nosso ver, refletiam a crescente importância sócio-econômica, política e cultural que adquiriram as colônias de imigrantes germânicos e italianos, ameaçando a primazia das comunidades brasileiras.

Acrescente-se a estes fatores, no caso específico da Igreja, os diferentes posicionamentos liberais, republicanos, positivistas e maçons, que sustentaram a reação à sua reestruturação e expansão, caracterizando-a como inconstitucional, desnacionalizante, ortodoxa e retrógrada.

O Governador Felipe Schmidt foi várias vezes acusado pelo O Clarão de ser omissos em relação a "germanização" do Estado, e da "desnacionalização" nas escolas; afirmavam inclusive que o jornal do governo fazia propaganda germânica.

Vimos no entanto que pelo menos em 1916, o Governador combateu em sua Mensagem, a resistência do colonos e mesmo dos diretores de escolas protestantes e católicos ao uso da língua nacional em seus programas de ensino, bem como sobre a resistência da Igreja em relação ao casamento civil.

D. Joaquim, que assumira o governo da diocese num momento político difícil, tanto interna quanto externamente, e enfrentava os anti-clericais e os nacionalistas respondeu duramente ao Governador fundamentando-se nas liberdades constitucionais.

Já nos discursos do Coronel, encontramos a ressonância das posições liberais, positivistas e maçônicas, bem como os seus limites, que se revelam na dificuldade de

11550

sustentar sua profissão de fé católica ("embora fale da igreja de nossos ancestrais), com a sua recusa em aceitar as disposições da hierarquia.

Os argumentos utilizados contra a Igreja, ao nosso parecer, sublinham muito mais a eficácia da ação católica, na expansão das escolas, formação de irmandades e associações, fundação de hospitais e asilos e na criação de sua imprensa.

Este ressurgimento da Igreja que lhe permitiu chegar a uma posição de certa independência e proeminência, que não possuía anteriormente no Estado, conflitou com os projetos e perspectivas de setores liberais, positivistas e maçons, e contribuíram para incrementar a reação anti-clerical que nos ocupou.

## N O T A S

1. Cf. Anexos nº 11 a 15, a íntegra dos documentos.
2. BRASIL, Bandecchi. Liga Nacionalista. p. 20 e Cf. Vegini, Edmundo. A personalidade histórica de Crispim Miraética germânica do trabalho. (1880-1917). Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado (datilografada), com um ponto de vista germanófilo que Mira sustentava.
3. Mensagem do Governador Felipe Schmidt, p. 32
4. Loc cit, p. 31.
5. Loc cit, p. 31.
6. Loc cit, p. 31.
7. Loc cit, p. 03.
8. Loc cit, p. 32.
9. Cf. no Anexo nº 11, a transcrição do artigo.
10. D. Joaquim. A mensagem e a propaganda contra o ensino leigo. p. 24 - 25.
11. Loc cit, p. 25.
12. Loc cit, p. 25.

13. D. Joaquim, p. 25.
14. Loc cit, p. 26, no texto em negrito, e o grifo nosso.
15. Loc cit, p. 26.
16. Resenha Eclesiástica. p. 24.
17. Salles Brasil. Francisco de. Nat. do Ceará, a 26/01/1862, filho de Policarpo Vieira Brasil e de D. Teodora Maria Vieira Brasil, ambos catarinenses.  
Estudou primeiras letras na cidade do Desterro, SC. Assentou praça, como cadete, a 10/06/1876. Coursou a Escola Militar, saindo alferes a 17/07/1886, promovido a tenente a 08/10/1890. Deputado à Assembléia Constituinte e Legislativa do estado (1892-1894). Eleito Vice-Governador do Estado, em 1893, assumiu a administração estadual, a 08/10/1893, em substituição ao Tenente Manoel Joaquim Machado e entregando-a a Cristovão Nunes Pires (11/10/1893). Face à situação política teve de emigrar e anistiado retornou ao Brasil. Capitão a 26/12/1893, major a 29/05/1908, tenente-coronel a 06/09/1911, coronel a 20/01/1915, sendo reformado como general de divisão.  
Faleceu a 11/08/1918.  
Foi casado, em primeiras núpcias, com D. Ana Touchard, filha de José Touchard e de D. Carlota Iscaglino de Touchard, desse matrimônio não havendo filhos, e, em segundas núpcias, com D. Clotilde Augusta da Costa, filha de José Teodoro da Costa e de D. Guilhermina Augusta da Costa, de quem houve cinco filhos.  
In, Piazza, W. F. Dicionário Político Catarinense. Florianópolis. Edição da Assembléia Legislativa Catarinense. p. 108.
18. Salles Brasil. Conferência. p. 4.

19. Salles Brasil. Conferência. p. 5.
20. Loc cit, p. 6.
21. Loc cit, p. 7.
22. Loc cit, p. 8.
23. Loc cit, p. 8 e 9.
24. Loc cit, p. 17 e 18.
25. Loc cit, p. 16. O grifo é nosso para evidenciar o autoritarismo expresso na afirmação.
26. Loc cit, p. 18.
27. Loc cit, p. 17.
28. Loc cit, p. 10.
29. Loc cit, p. 11.
30. Loc cit, p. 13 e 14.
31. Loc cit, p. 15.
32. Loc cit, p. 15.
33. Loc cit, p. 15.
34. Loc cit, p. 16.

35. Petry. Sueli Maria Vanzuite. Os Clubes de Caça e Tiro da Região de Blumenau. Blumenau, casa do Dr. Blumenau. 1982.
36. Salles Brasil. Discurso no quartel do Tiro 40, p. 22
37. Loc cit, p. 23
38. Loc cit, p. 23.
39. Loc cit, p. 26.
40. Salles Brasil, op cit. p. 27; existe ainda sobre o Pe. Toledo um estudo a respeito de suas idéias no livro: O Diabo na Biblioteca do Cônego, que não pudemos consultar.
41. O Pe. Feijó (contemporâneo de D. Antônio Joaquim de Melo - o reformador da Igreja em São Paulo), também lutava pela reforma do Clero, mas propunha um modelo iluminista, regalista e liberal. In: Wernett, Augustin. A Igreja Paulista no séc. XIX. p. 47.
42. A nomenclatura urbana de Florianópolis tem recolhido estes nomes de sacerdotes polemistas. Pensamos pesquisar em outra oportunidade as circunstâncias históricas desta homenagem cívica.
43. Gomes, Mário. História da Maçonaria no Brasil. p.43-46.
44. Salles Brasil. Discurso no Quartel do Tiro. p. 29.
45. Loc cit, p. 29.
46. Loc cit, p. 33.

47. Salles Brasil. Agressões clericais. p. 33.
48. Loc cit, p. 33.
49. Loc cit, p. 34.
50. Loc cit, p. 34.
51. Loc cit, p. 34.
52. Loc cit, p. 35.
53. Loc cit, p. 36.
54. Loc cit, p. 37.
55. Salles Brasil. Anti-clericalismo em ação. p. 37.
56. Loc cit, p. 37 - 38.
57. Loc cit, p. 38.
58. Loc cit, p. 38.
59. Loc cit, p. 38.
60. Loc cit, p. 38.
61. Loc cit, p. 39.
62. Loc cit, p. 39.
63. Loc cit, p. 39.

64. Loc cit, p. 39-40.
65. Loc cit, p. 41.
66. Loc cit, p. 41.
67. Salles Brasil. Defesa Nacional, o clero estrangeiro, as escolas republicanas e o casamento civil. p. 3.
68. Resenha Eclesiástica. Atos do governo diocesano, Aviso nº 14. Outubro de 1916. p. 43.
69. Salles Brasil. Defesa Nacional, o clero estrangeiro, as escolas republicanas e o casamento civil. p. 1.
70. Op cit, p. 2
71. Op cit, p. 2
72. Op cit, p. 2
73. Op cit, p. 2
74. Op cit, p. 2
75. Além de estar em negrito no texto, lembramos que a tão criticada "boa imprensa de Petrópolis", era a editora Vozes.
76. Salles Brasil. Defesa Nacional, o clero estrangeiro, as escolas e o casamento civil. p. 3.
77. Op cit, p. 3

78. Salles Brasil. Op cit, p. 3

## VI. CONCLUSÃO

Recapitularemos algumas conclusões que conseguimos estabelecer em nosso trabalho.

A primeira delas é que houve na ação da Igreja, através de seus bispos, uma preocupação fundamental em vivificar a estrutura eclesiástica, dentro das normas romanas e conforme as novas condicionantes da separação Igreja-Estado.

Para tanto utilizaram-se os prelados, de diversos recursos: como as Cartas pastorais, com o intuito de tornarem seus propósitos conhecidos e estabelecerem normas para a ação da Igreja; as visitas pastorais, consideradas um instrumento para regularização e expansão da vida religiosa; e a criação de seminários para o aperfeiçoamento da formação de seus sacerdotes; ao clero secular europeu para suprir com ele a carência do clero existente no país, e as ordens regulares que podiam favorecer ação doutrinária mais eficaz e dinâmica.

Paralelamente a estas ações, os bispos propuseram a criação de escolas e de jornais católicos e a manutenção e ampliação do atendimento social através de diversas instituições e associações de assistência e saúde. Tais medidas tinham por objetivo a superação e a solução dos conflitos jurisdicionais com o Estado.

Todo esse processo encontrou, em alguns setores católicos, resistência à disciplina eclesiástica que propunha vivência efetiva maior dos sacramentos, bem como inde-

pendência em relação aos compromissos seculares e públicos.

Simultaneamente operava-se a expansão do Estado republicano, liberal e laico, tanto no exercício de suas atividades tradicionais, como também na absorção de novas funções. Tal postura viabilizava o surgimento de um novo direito soberano, de novos órgãos e de uma burocracia apta para levar adiante tais tarefas. A referida expansão criou, em vários casos, atritos e conflitos, devido à presença tradicional da Igreja em campos nos quais o poder civil, anteriormente, por razões históricas, não intervinha ou intervinha de forma precária, como por exemplo na educação, assistência e registro civil.

Constatamos ainda que, em Santa Catarina, a presença de imigrantes principalmente os de origem germânica, assistido por sacerdotes da mesma etnia, agravou a problemática.

Por outro lado, segmentos da sociedade brasileira, através de lideranças públicas e privadas (como o jornal), bem como o próprio Governador, reivindicaram o exercício das novas funções do Estado republicano, liberal e laico para fazer frente à expansão institucional, doutrinária e demográfica da Igreja, que consideravam uma ameaça a soberania do estado.

Agudizou este quadro, a eclosão da 1ª Guerra Mundial, que contrapôs os simpatizantes da causa aliada aos partidários da Alemanha. Acrescentou-se mais um componente passional ao quadro, ou seja, a denúncia do "perigo alemão" como fator de desnacionalização do Brasil-Sul.

Comprovamos estas assertivas com as críticas feitas à "germanização" da Igreja pelo O Clarão e pelo Coronel Salles Brasil. São críticas dirigidas ao desrespeito às leis republicanas, ao desconhecimento da cultura nacional, ao alijamento do "clero nacional pelo estrangeiro" e à ação independente da Igreja como uma ameaça aos princípios liberais.

Entendemos que tais críticas representavam

tanto acusação à Igreja como preocupação pela crescente influência que a comunidade de origem germânica começara a fazer sentir no Estado de Santa Catarina, em diversos setores.

É útil lembrar que nos períodos colonial e imperial, no Estado catarinense existiam 4 comarcas eclesiásticas, ao passo que, no início da República, foram criadas mais 6 nas regiões de imigração.

Paralelamente, alterava-se o perfil populacional, com a ocupação de toda a região entre o litoral e o planalto, uma vez mais com a significativa presença de imigrantes.

O Estado passou a contar, então, com uma parte considerável de sua população muito próxima culturalmente ainda de sua origem étnica, estrangeira e portanto não estava inteiramente integrada ao corpo nacional.

Cabe ressaltar que, no período-objeto deste trabalho, os núcleos de imigrantes mantinham um forte vínculo sócio-cultural e econômico com sua pátria de origem.

Houve agravamento, por ocasião da 1ª Guerra Mundial, das tensões entre os simpatizantes dos Aliados e os partidários da Alemanha, vistos e considerados estes últimos como membros de uma nação inimiga a partir do alinhamento do Brasil com as Nações Aliadas.

Chama a atenção a virulência das acusações emitidas pelos partidários das duas facções em conflito, e o envolvimento dos jornais locais, como pudemos observar na ilustração nº 5 sobre o jornal O Aliado, e da nº 14, onde O Clarão, reproduz um texto da Gazeta Brusquense.

Verificamos também que as posições de um jornal independente e menor no quadro da imprensa do Estado, no período, coincidiram pelo menos quanto a questão escolar e a do casamento civil, em medidas do governo.

## VII. BIBLIOGRAFIA

## A) LIVROS

01. ARAÚJO, JOSÉ C.S. Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidades ideológica. São Paulo, Paulinas, 1986. 114p.
02. AUBERT, R. et alii. Nova história da Igreja. Petrópolis, Vozes, 1975, V. 5, T.1.
03. \_\_\_\_\_. Petrópolis, Vozes, 1984, V.4.
04. AZEVEDO, Fernando. A cultura brasileira. 5ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1971, 809p.
05. AZEVEDO, Talles. Igreja e Estado em tensão e crise: a conquista espiritual e o padroado na Bahia. São Paulo, Ática, 1978. 179p.
06. AZZI, Riolando. A vida religiosa no Brasil. Enfoques históricos. São Paulo, Paulinas, 1983, 213p.
07. \_\_\_\_\_. Os salesianos em Minas Gerais. São Paulo, Salesiano Dom Bosco, 1986, 322p.
08. AZZI, R. BEOZZO, José O. (org.) Os religiosos no Brasil. Enfoques históricos. São Paulo, Paulinas, 1986, 218p.

09. BALHANA, Carlos Alberto F. Idéias em Confronto. Curitiba, Grafipar, 1981, 96p.
10. BANDECHI, Brasil. Liga nacionalista em São Paulo. São Paulo, Parma, 1980, 94p.
11. BARRETO, Maria Therezinha S. Poloneses em Santa Catarina: A colonização do Alto Vale do Rio Tijucas. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1983, 140p.
12. BEOZZO, José O. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Remocratização. In: FAUSTO, B. O Brasil Republicano, 2ª ed., Rio de Janeiro, DIFEL, 1978, V.2, T.3, 271-334p.
13. BESEN, José A. D. Joaquim Domingues de Oliveira. Florianópolis, IOESC, 1979, 264p.
14. \_\_\_\_\_ . A Arquidiocese de Florianópolis. Florianópolis, s.n.t., 1983, 159p.
15. BIBLIOTECA CENTRAL DA U.F. DO PARANÁ. Normas para apresentação de trabalho. Curitiba, Editora da UFP, 1981 183p.
16. BOITEUX, Henrique. A república catarinense. Notas para a sua história. Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, 1985 , 324p.
17. BRUNEAU, Thomas C. Religião e Politização no Brasil. A Igreja e o regime autoritário. São Paulo, Loyola, 1979, 255p.

18. CABRAL, Oswaldo R. A Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Ilha de Santa Catarina. Notas históricas comemorativas do Segundo Centenário de sua Fundação, Florianópolis, s.n.t., 1945.
19. \_\_\_\_\_ . Notícia histórica da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Florianópolis , s.n.t., 1950, 17p.
20. \_\_\_\_\_ . História de Santa Catarina. 3ª ed., Florianópolis, Lunardelli, 1987, 506p.
21. CARONE, Edgar. A República Velha- Instituições e Classes Sociais. São Paulo, DIFEL, 1978.
22. CERVO, Amado L. O parlamento brasileiro e as relações exteriores - 1826-1889. Brasília, Universidade Nacional de Brasília, 1981, 254p.
23. CHAN'AN ISA. Achegas para a história da maçonaria no Brasil. Rio de Janeiro, Germinal, V.2, 5ª ed., 350p.
24. CONSTITUIÇÃO ECLESIAÍSTICA DO BRASIL. Nova Edição da Pastoral Coletiva de 1915. Adaptada no Código de Direito Canônico, ao Concílio Plenário Brasileiro e as Recentes Decisões das Sagradas Congregações Romanas. Tipografia La Salle, 1950, 538p.
25. CORREIA, Carlos U. Um estado entre duas repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina , 1984, 316p.

26. CORREIA, Ana Maria M.C. A Secretaria da Justiça e sua relação com a Educação. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1985, 62p.
27. CRIPPA, Adolpho L. As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo, Convívio, 1978, 238p.
28. CUNHA, Idaulo J. Evolução econômica industrial de Santa Catarina, Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982, 216p.
29. DEAN, Warren. A industrialização em São Paulo. São Paulo, DIFEL, 1971, 269p.
30. FIORI, Neide A. Aspectos da Evolução da Educação Pública. Florianópolis, UFSC, 1975.
31. FONTES, Henrique S. A irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital e aqueles que o fundaram. Florianópolis, s.n.t., s.d., 43lp.
32. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Catálogo dos jornais catarinenses de 1850-1989. Florianópolis, IOESC, s.d., 120p.
33. GOMES, Manoel. A maçonaria na História do Brasil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Aurora, s.d., 152p.
34. \_\_\_\_\_ . Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Souza - Quando, Como, Por que?. 2ª ed., Florianópolis, IOESC, 1980, 77p.
35. GUILHERMOU, Alain. Os Jesuítas. Portugal, Gráfica European, 1977, 143p.

36. HUBNER, Laura M. O comércio da Cidade do Desterro no século XIX; Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1981, 120p.
37. HOLANDA, Sergio Buarque. A herança colonial - sua desagregação. In. Holanda, Sergio Buarque, (org.) O Brasil Monárquico. Difel. Rio de Janeiro, V.1, 1976, Tomo II. 4ª ed., pg. 9 a 40.
38. HAUCK, João Fagundes et alli. História da Igreja no Brasil. 2ª época, séc. XIX. Tomo II/2. Petrópolis, Vozes, 1985, 322p.
39. LACOMBE, Américo Jacobina. A cultura jurídica. In. HOLANDA, Sergio Buarque. (org.) O Brasil Monárquico. 2ª ed., São Paulo, 1974, v.2, T.4, 356-368p.
40. LENZI, Carlos Alberto S. Partidos e Políticas de Santa Catarina. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1983, 384p.
41. LUSTOSA, Oscar F. Igreja e Política no Brasil do partido político ao L.E.C. (1874-1945). São Paulo, Loyola, 1983, 151p.
42. MANOEL, Ivan A. Católicos e liberais - A dimensão do conflito educacional em São Paulo. Araraquara, Departamento de Ciências da Educação UNESP, 1984, 184p. Relatório Final de Estágio Probatório em RDIDP.
43. \_\_\_\_\_ . História e história da Educação. (Notas para Estudo). Araraquara, UNESP, 1984, 74p.
44. MARZANO, Luigi. Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil. Tradução de João Leonir Dall'Alba. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1985, 200p.

45. MENEZES, José R. Jackson Figueiredo. Trechos escolhidos .  
Rio de Janeiro, Agir, 1977, 126p.
46. MORAES, Laura N.R. Catálogo analítico descritivo dos jornais de Florianópolis. O Jornal como fonte histórica.  
Florianópolis, 1985, 380p. Dissertação do mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina.
47. MOURA, Odilão. As idéias católicas no Brasil: Direção do pensamento católico no Brasil no século XX. São Paulo, Convívio, 1978, 237p.
48. MOURA, Sérgio L.; ALMEIDA José M.G. A Igreja na primeira república. In: FAUSTO, B. O Brasil republicano. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978, v.2, 321-331p:
49. NAGLE, Jorge. A educação na primeira república. In: FAUSTO, B. O Brasil Republicano, Rio de Janeiro, DIFEL, 1978, v. 2, 261-291p.
50. NÉRÊ, Jacques. História contemporânea. São Paulo, DIFEL , 1981, 500p.
51. OLIVIERA, Dom Joaquim D. Fastos do aureo jubileu episcopal. Florianópolis, Gráfica da Imprensa da UFSC, 1967, 171p.
52. PAIM, Antônio. O estudo do pensamento filosófico brasileiro. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979, 155p.

53. \_\_\_\_\_ . História das idéias filosóficas no Brasil.  
3ª ed., São Paulo, Convívio, 1984, 615p.
54. PEREIRA, Nilo. Dom Vital e a questão religiosa no Brasil.  
Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986, 150p.
55. PAULI, Evaldo. Hercílio Luz governador inconfundível.  
Florianópolis, IOESC, 1976, 365p.
56. PIAZZA, Walter F. A Igreja de Santa Catarina. Notas para  
sua história. Florianópolis, IOESC, 1977, 313p.
57. \_\_\_\_\_. Santa Catarina, sua história. Florianópolis,  
Universidade Federal de Santa Catarina, 1983 ,  
750p.
58. \_\_\_\_\_. org. Dicionário Político Catarinense .  
W.F.Piazza, Florianópolis, Ed. da Assembléia Legislati-  
va do Estado de Santa Catarina, 1985, 636p. ilust.
59. PIERRAD, Pierre. História da Igreja. Trad. de Olívio  
Cunha, São Paulo, Paulinas, 1982, 297p.
60. PILOTTO, Erasmo. Obras II, Curitiba, Imprimax, 1976, 505p.
61. QUEIRÓZ, Maria. I.P. O messianismo no Brasil e no mundo.  
São Paulo, Dominus, 1965, 374p.
62. REMOND, René. O século XIX, 1815-1914. Tradução de Frede-  
rico Pessoa de Barros, São Paulo, Cultrix, 1983, 207p.

63. \_\_\_\_\_ . O século XX de 1914 até os nossos dias.  
Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 207p.
64. RENAULT, Delso. A vida brasileira no final do século XIX;  
visão sócio cultural e política de 1890 a 1901. Rio  
de Janeiro, José Olympio, 1987, 315p.
65. RIEDERER, Margareth. Um estudo sobre a Igreja em Santa Ca  
tarina no século XIX. Florianópolis, 1986, 28p. Traba-  
lho de conclusão do estágio supervisionado do Curso de  
Bacharelado de História da UFSC; (inédito).
66. RODRIGUES, Ana M.M. A Igreja na República. Brasília, Uni-  
versidade Nacional de Brasília, 1981, v.4, 183p.
67. ROMANELLI, Otaiza de O. História da educação no Brasil -  
(1930-1973). Petrópolis, Vozes, 1984, 267p.
68. ROMANO, Roberto. Brasil: Igreja contra Estado. São Paulo,  
Kosmos, 1979, 270p.
69. SACHET, Celestino. A literatura catarinense. Florianópo-  
lis, Lunardelli, 1985, 352p.
70. \_\_\_\_\_ . A literatura de Santa Catarina. Flória  
nópolis, Lunardelli, 1979, 219p.
71. SANTOS, Sílvio C. dos. Nova história de Santa Catarina.  
2ª ed., São Paulo, Edição do autor, 1977, 124p.
72. \_\_\_\_\_ . O homem índio sobrevivente do sul,  
antropologia visual. Porto Alegre, Garatuja, 1978, 117p.

73. \_\_\_\_\_ . Índios e brancos no sul do país, a dramática experiência dos XOKLENG. Porto alegre, Movimento, 1987, 313p.
74. SILVA, Carlos Alberto O. Uma historiografia eclesiástica para a memória do povo. Florianópolis, 1987. Trabalho manuscrito, inédito, apresentado para obtenção de crédito no curso de Pós-Graduação em História da UFSC.
75. SILVEIRA, Adelia dos S. Catálogo Analítico Descritivo dos jornais do Desterro 1850-1894, o jornal como fonte histórica. Florianópolis, 1981, 2.v., Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina.
76. TOBIAS, José A. História das idéias no Brasil. São Paulo, EPU, 1987, 188p.
77. VELLOZO, Dario. Obras IV. Curitiba, Instituto Neo-Pitagórico, 1975, 512p.
78. \_\_\_\_\_ . No limiar da paz. Curitiba, Biblioteca Neo-Pitagórica, 1987, 133p.
79. VILAÇA, Antônio C. Alceu de Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Agir, 1975, 165p.
80. VEGINI, Edmundo. A personalidade histórica de Crispim Mira e a regeneração do caráter nacional pela ética germânica do trabalho 1880-1926. Florianópolis, datilografado, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

81. WAINER, Samuel. Minha razão de viver-memórias de um repórter. 10ª ed., Rio de Janeiro, Récord, 1987, 281p.
82. WERNET, Augustin. A Igreja paulista no século XIX. São Paulo, Ática, 1987, 217p.
83. WILLECKE, Venâncio. Franciscanos na história do Brasil. Petrópolis, Vozes, 1977, 156p.

## B) ARTIGOS

01. AICARDI - ABADIE, Aníbal. Mentalidad pastoral, ideas y crítica cultural, El Dr. Otto Woysch y el Uruguay de 1857-1863. Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas. (Anuário de História do Estado, a Economia e a Sociedade na América Latina). 1988, (folhas 31 e 32) Manuscrito no prelo.
02. DALE, Romeu. Os Bispos do Brasil e a Imprensa. Boletim do CEPEHIB, nº 1 (12) ano 4 (12-14), 1981.
03. \_\_\_\_\_: Os Bispos do Brasil e a Imprensa. Boletim do CEPEHIB, Nº 3 (10) ano 3 (10-15), 1981.
04. \_\_\_\_\_. Os congressos católicos do começo do século I. Boletim do CEPEHIB, nº 2 (13) ano 4 (9-13).
05. \_\_\_\_\_. Os congressos católicos de Pernambuco de 1902-1904. Boletim CEPEHIB, nº 1 (20 ano 6) (4º-10) , 1984.
06. HÜBENER, Laura Machado & BARRETO, Maria Terezinha S. Contribuição para o estudo da integração catarinense. Fl6 rianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. A- vulso, s.d.
07. LUSTOSA, Oscar. Notas sobre as associações católicas no Brasil. Boletim CEPEHIB. Nº 28 (2) ano 8 (3-23), 1986.

08. PIAZZA, W.F. Fontes para a História da Igreja em Santa Catarina. Boletim CEPEHIB, nº 4 (11) ano 3 (3-13).
09. \_\_\_\_\_ . A imprensa católica em Santa Catarina. Boletim CEPEHIB, nº 4 (15) ano 4 (9-17), 1982.
10. \_\_\_\_\_ . Os diários de D. José de Carmargo Barros e suas visitas pastorais ao território catarinense. revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª fase, nº 5, (58-107), 1984.
11. TORMO SANZ, Leandro. "Cabeza de Vaca Y la cristianización de Mbicã. Hacia la comprensión de un problema". Buenos aires, Nuestra História, Enero, 1970, p. 3-16.  
"El canario fray Alonso Lebrón y el mito del Payzumé." Madrid - Las Palmas, Anuário de Estudios Atlanticos, 1978, p.351-380.

## VIII. FONTES DOCUMENTAIS IMPRESSAS

### A) DOCUMENTOS ECLESIÁSTICOS

01. BECKER, João. Carta Pastoral - Ao clero e ao povo de sua diocese. Porto Alegre, Tipografia do Centro, 1908.
02. \_\_\_\_\_. Carta Pastoral - Despedidas. Quinta e Última. Florianópolis, Tipografia da "A Época", 1912.
03. Episcopado Brasileiro - Pastoral Coletiva, 1890, Câmara dos Deputados, UNB - 1981.
04. Episcopado Brasileiro. Pastoral Coletiva, 1915. Tipografia La Salle, (1950)
05. OLIVEIRA, Joaquim Domingues de. Carta Pastoral. Saudando aos seus diocesanos. São Paulo, Escolas profissionais salesiana, 1914.
06. \_\_\_\_\_. 3ª Carta Pastoral (sobre o papa e a tolerância católica) - Florianópolis, Tipografia d'"Epoca", 1915.
07. \_\_\_\_\_. (6ª) Carta Pastoral (sobre o episcopado) Florianópolis, s.n.t., 1923.
08. \_\_\_\_\_. A mensagem e a propaganda conta o ensino leigo. In: Resenha Eclesiástica, 09/09/1916.

## B) DOCUMENTOS CIVIS

01. SALLES Brasil. Conferência no Teatro Álvaro de Carvalho em honra aos sr. Dr. Felipe Schmidt, Governador do Estado. Florianópolis, Biblioteca Pública, Diversos, nº 18, 1916.
02. \_\_\_\_\_ . Agressões clericais / O anti-clericalismo em ação, uma reunião memorável. Florianópolis, Biblioteca Pública, Diversos, nº 18, 1916.
03. \_\_\_\_\_ . Discurso pronunciado no Quartel do Tiro 40 (07/09/1916), Florianópolis, Biblioteca Pública, Diversos, nº 18, 1916.
04. \_\_\_\_\_ . Défesa nacional / O clero estrangeiro, as escolas republicanas e o casamento civil, 1916.
05. SCHMIDT, Felipe. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo do Estado, Florianópolis, Biblioteca Pública, 1916.

## c) JORNAIS

01. O ALIADO - "Pelo Direito contra a Força, Soberania das Nações - Pela civilização contra a Barbárie" - Florianópolis, 1915.
02. O CLARÃO - "Órgão de combate, legalmente constituído - Florianópolis, 1911-1918.
03. A ÉPOCA - Semanário Noticioso - 1910-1921.
04. A ORDEM - "Órgão Maçônico" - Florianópolis, 1916.

## LISTA DE MAPAS

- 1 - 1ª Visita de D. José de Camargo de Barros (1895)..
- 2 - 3ª Visita de D. José de Camargo de Barros (1898)..
- 3 - 4ª Visita de D. José de Camargo de Barros (1902)..
- 4 - Visitas de D. Duarte Leopoldo e Silva (1905-  
(1906) .....
- 5 - Visitas de D. João Becker (1908-1912).....
- 6 - Visitas de D. Joaquim (1914-1919) .....
- 7 - Paróquias em Santa Catarina entre os Séculos  
XVII e XX .....
- 8 - Povoamento Vicentino .....
- 9 - Caminho das Tropas .....
- 10 - Povoamento Açoriano .....
- 11 - Colonização Alemã .....
- 12 - Colonização Italiana .....
- 13 - Colonização Eslava .....

**LISTA DE GRÁFICOS**

1. Tentativa de reconstituição da evolução do número de sacerdotes em Santa Catarina entre os séculos XVI e XX .....
  
2. Tentativa de reconstituição da Evolução do Clero Germânico em Santa Catarina (1850-1920) .....

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. D. João Becker - Iº Bispo de Florianópolis .....
2. Reprodução da 1ª página do 2º número do O Clarão .....
3. D. Joaquim Domingues de Oliveira - IIº Bispo de Florianópolis .....
4. Reprodução da 1ª página do O Oriente, órgão maçônico que combateu o "clero alemão" .....
5. Reprodução da 1ª página do Aliado - órgão da propaganda aliada, que também combateu a "germanização do clero" .....
6. O Clarão - Reprodução da proibição de D. Joaquim ao Jornal .....
7. O Clarão - Ironizando a proibição da leitura do jornal em seu cabeçalho .....
8. O Clarão - Sátiras contra o Clero e o Padre Topp .....
- 9 - O Clarão - Crítica á reação do clero "germânico" à nomeação de um bispo brasileiro D. Quintão..

- 10 - O Clarão - Acusação de desrespeito a Constituição pelos "frades" .....
- 11 - O Clarão - Texto contra os jesuítas - o famoso "Último Juramento dos Jesuítas" .....
- 12 - Fuga para o Egito - gravura de Domingos Fossari, reproduzindo escultura que se encontra na Catedral, do austríaco Hanz Demetz .....
- 13 - 1ª página do Maná livro de orações impresso em português em "Regensbourg" .....
- 14 - O Clarão - crítica à Gazeta Brusquense - considerado como "Jornal Alemão" .....

## A N E X O S

- 1 - Decreto de desmembramento e ereção da Nova Diocese de Florianópolis, separada da Diocese de Curitiba. (19/03/1908).  
Cúria Diocesana de Florianópolis (trad. livre da Cúria) .....
- 2 - Resolução do 1º Congresso Católico (Bahia, 3-10/06/1900), e do 2º Congresso Católico (Rio de Janeiro 26/07 - 02/08/1908) .....
- 3 - Primeira Carta Pastoral de D. João Becker (1908).
- 4 - Quinta e última Carta Pastoral de D. João Bekcer (1912) .....
- 5 - Discurso do Rev. Cônego Dr. Victor Maria Coelho de Almeida, sobre a fundação da União Popular do Brasil, Rio de Janeiro (1908) .....
- 6 - Primeira Carta Pastoral de D. Joaquim Domingues de Oliveira (1914) .....
- 7 - Terceira Carta Pastoral de D. Joaquim Domingues de Oliviera (1915) .....
- 8 - |Sexta?| Carta Pastoral de D. Joaquim Domigues de Oliviera (1923) .....

- 9 - Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro (1915) .....
- 10 - Mensagem do Governador Felipe Schmidt ao Congresso Representativo (Florianópolis - 1916) ..
- 11 - O Bispo D. Joaquim Domingues de Oliveira - Crítica a mensagem e a propaganda contra o ensino leigo (1916) .....
- 12 - Conferência do Coronel Salles Brasil no Teatro Álvaro de Carvalho. (Florianópolis - setembro/1916) .....
- 13 - O Discurso do Coronel Salles Brasil no Quartel do Tiro 40 (Florianópolis 07/09/1916) .....
- 14 - Opúsculo do Coronel Salles Brasil. Agressões Anti-clericais. O anti-clericalismo em ação - (Florianópolis 01/09/1916) .....
- 15 - O libelo do Coronel Salles Brasil - Defesa Nacional, o clero estrangeiro, as escolas republicanas e o casamento civil (Florianópolis 05/11/1916) .....

## II. ANEXOS

ANEXO 1

DECRETO DE DESMEMBRAMENTO E EREÇÃO DA NOVA DIOCESE  
DE FLORIANÓPOLIS, SEPARADA DA DIOCESE DE CURITIBA  
(19.03.1908)

CÚRIA DIOCESANA DE FLORIANÓPOLIS (TRADUÇÃO LIVRE DA CÚRIA)

## DECRETO

### DESMEMBRAMENTO E EREÇÃO DA NOVA DIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, SEPARADA DA DIOCESE DE CURITIBA, NA REPÚBLICA DO BRASIL.

Tendo em vista o SS. Padre Pio X com apostólica solicitude e seguindo os vestígios de seu predecessor o SS. Padre Leão XIII, e para remover as dificuldades que nas Dioceses da República Brasileira embarçam a administração Ecclesiástica, principalmente por causa das grandes extensões territoriais, - tendo em vista erigir na mesma República novas Sédes Episcopais, aconteceu, em boa hora, que os fiéis da região ou Estado da mesma República que tem o nome de Santa Catarina, instaram junto à Santa Sé Apostólica para que a mesma região fôsse separada da jurisdição do Bispo de Curitiba e constituída em nova Diocese.

O N. SS. Padre aproveitando a feliz ocasião, e julgando a súplica muito oportuna, pois a Igreja Catedral de Curitiba é - tão extensa que abrange dois Estados, o de Santa Catarina e o de Paraná, e tendo pedido antes o parecer da Sagrada Congregação dos Eminentíssimos Cardeais da Santa Igreja Romana, prepostos à expedição dos Negócios Ecclesiásticos Extraordinários, digna-se anuir as referidas preces.

Para o bem, pois, felicidade, prosperidade e para incremento da glória de Deus e da Religião.

Sua Santidade usando do poder a Si e a Sé Apostólica expressamente reservado nas Letras Apostólicas que começam pelas palavras " Ad Universas Orbis Ecclesias", datadas do dia 27 de abril de 1892, de assinar, livremente, novos limites às Dioceses da República Brasileira, tôdas as vêzes que isso lhe parecesse oportuno, no Senhor, decretou e mandou separar do território da Diocese de Curitiba, e constituir em Diocese distinta, o Estado ou Região de Santa Catarina na República do Brasil, e mandou expedir sobre êste negócio o Decreto Consistorial, que deve ter o mesmo valor - como si, para êste fim, fossem expedidas Letras Apostólicas com o sêlo de chumbo ou sob o anel do Pescador, e que fôsse registrado entre os atos da Sagrada Congregação Consistorial.

Dignou-se, porém, Sua Santidade confiar-nos a execução deste Decreto, publicado em Roma no dia 19 de março de 1908, concedendo-nos para este fim todas e cada uma das faculdades necessárias e oportunas, com o poder também de subdelegar qualquer outra pessoa constituída em dignidade eclesiástica, e, da mesma sorte, de pronunciar definitivamente sobre qualquer opposição que possa aparecer em sua execução.

Eis porque Nós Alexandre Bavona Arcebispo de Pharsalia e Nuncio Apostólico nos Estados Unidos do Brasil, obedecendo ao mandato Pontifício e usando das faculdades a Nós comunicadas, decretamos, estatuímos e mandamos rigorosamente, conforme é o dito Decreto Consistorial que se observe e se execute o que se segue:

### I

Em primeiro lugar, separamos e desmembramos do território da Igreja Catedral de Curitiba a Região ou Estado da República Brasileira a que dão o nome de Santa Catarina e o constituímos e erigimos em nova Diocese, que denominar-se-á Florianopolitana, de Florianópolis, Capital da mesma Região ou Estado, no qual o novo Bispo e seus sucessores deverão in perpetuum residir, e retiramos e retiramos perpétuamente da jurisdição ordinária do Bispo de Curitiba e de todo o direito do Cabido da mesma Igreja Catedral os habitantes de um e outro sexo, quer leigos, quer clérigos ou religiosos, exceto os isentos, que moram dentro dos limites do novo bispado e da mesma sorte as Igrejas, Conventos, Mosteiros, Institutos pios, si por ventura alguns existirem, e outros quaisquer benefícios seculares ou regulares, os submetemos e sujeitamos perpétuamente a Igreja Episcopal Florianopolitana e ao seu futuro Bispo.

### II

Portanto os limites da nova Diocese de Florianópolis serão os mesmos que, segundo a circunscrição civil, regem atualmente ou futuramente hão de reger o Estado de Santa Catarina na República do Brasil, não sendo nem devendo ser assinado pelo presente Decreto, à nova Diocese outros lugares senão os que constituem ou não de constituir o mesmo Estado de Santa Catarina.

### III

Erigimos Florianópolis que é a Capital do Estado de Santa

Catarina, em cidade Episcopal da nova Diocese e lhe concedemos todos os direitos, honras e prerrogativas de que fruem ou vierem a gozar as cidades da República do Brasil enobrecidas com sede Episcopal, e os seus habitantes.

## IV

A Igreja da mesma cidade, dedicada a Nossa Senhora "do Destêrro", constituimos Igreja Catedral da Diocese de Florianópolis, sob o mesmo título e invocação, e nela erigimos e constituimos sede e dignidade episcopal para um Bispo, que se denominará Florianopolitano e que presida à mesma Igreja, cidade e diocese, convoque Sínodo, tenha e exerça todos e cada um dos direitos, officios e funções episcopais com seu Cabido, mesa episcopal, e as demais insígnias catedráticas e pontificais, jurisdições, prerogativas, privilégios, honras, graças e indultos reais, pessoais e mistos, de que gozam e poderão gozar as outras Igrejas Catedrais da República Brasileira, exceto as de título oneroso ou indulto peculiar.

## V

Para satisfazer as despesas do culto divino e para occorrer a outras necessidades, importando muito que se atenda aos proventos e redditos convenientes para a mesa episcopal da Diocese de Florianópolis, e sendo inteiramente insufficiente para este fim a quantia recolhida; não podendo a nova Diocese, como as outras da República Brasileira, contar senão com a pia liberalidade dos fiéis, - em nome do Sumo Pontífice pedimos encarecidamente aos fiéis, para cuja utilidade espiritual foi constituída a nova sede episcopal, que com suas ofertas venham em auxilio do Bispo de Florianópolis, para que elle possa sustentar convenientemente o decoro da sua dignidade, atender às despesas do culto divino e sustentar os ministros sagrados e promover as obras diocesanas designadas, porém, estes subsídios, além da quantia em dinheiro já mencionada, para dote ou mesa da Diocese de Florianópolis.

## VI

Mandamos ao futuro Bispo da nova Diocese de Florianópolis logo que seja possível, trate de instituir o Cabido Catedralício segundo os decretos de S. Concilio Tridentino, com o mesmo numero de Cônegos, com as mesmas dignidades que têm os demais Cabidos na República Brasileira,

Entretanto, até que o Cabido seja erigido canonicamente, o Bispo, nos negócios mais importantes de sua Diocese, aconselhe-se com os eclesiásticos, seus súditos, mais qualificados e prudentes.

### VII

Uma vez erigido canonicamente o Cabido Catedralício, concedemos-lhe faculdades para organizar e publicar seus estatutos, ordens e decretos, de conformidade com os sagrados cânones e constituições apostólicas, principalmente com as prescrições do Concílio Tridentino, tudo, porém, com o consentimento e aprovação do Ordinário; da mesma sorte lhe concedemos todos os privilégios de que gozam os demais Corpos Capitulares na República Brasileira, exceto, porém, os que tiverem sido obtidos a título oneroso ou por indulto peculiar.

### VIII

Da mesma sorte desejamos muito e mandamos que o Bispo de Florianópolis, logo que seja possível, trate com presteza e diligência da fundação do Seminário Diocesano, de acordo com os Decretos do S. Concílio Tridentino, aplicando todo o esforço para que os alunos, que devem constituir a esperança da Igreja, sejam formados na piedade e instruídos nas sagradas disciplinas, segundo a mente de Santo Tomas. Existindo em Roma o Colégio Pio Latino Americano, no qual, com grande utilidade da Igreja, clérigos de todas as Dioceses da América Latina são educados sob as vistas dos Romanos Pontífices, mandamos que, como nas demais Dioceses do Brasil, assim também na Diocese Florianopolitana, conforme a determinação do Concílio Plenário Latino Americano, celebrado em Roma no ano de 1899, sejam enviados, sem interrupção, dois alunos para o referido Colégio, escolhidos entre os que mais se salientarem por virtudes e engenho. Deverá o Bispo de Florianópolis enviar todos os esforços para ter, no dito Colégio dois lugares vulgarmente chamados Becas, e satisfará anualmente, a pensão, correspondente a dois alunos, desde o dia da criação da Diocese.

### IX

Concedemos perpétuamente ao Bispo de Florianópolis a casa anexa à Igreja Catedral, para nela residir e instalar, si possível fôr, a Cúria Episcopal.

X

Todos os documentos que têm relação com pessoas ou lugares até agora sujeitos à jurisdição da Igreja Catedral de Curitiba e por este Decreto atribuídos à nova Diocese de Florianópolis sejam extraídos da Câmara Episcopal de Curitiba e entregues à Câmara da Séde Episcopal novamente ereta, para nela serem fielmente guardados para o futuro.

Encarregamos, pois, o Ilmo. e Revmo. Sr. Bispo de Curitiba fazer executar isto e transmitir à Nunciatura um exemplar autêntico de todos os atos que a este respeito fizer, no prazo de três meses, a contar do recebimento d'este Decreto.

XI

Constituímos a nova Diocese de Florianópolis assim ereta como sufragânea da Igreja Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro e a sujeitamos à jurisdição de respectivo Arcebispo Metropolitano.

XII

Declaramos que S. Santidade, originando esta nova Diocese de Florianópolis e determinando os limites da mesma, reserva expressamente a Si e Santa Sé a faculdade de decretar livremente um novo desmembramento ou circunscrição, tôdas as vezes que lhe pareça oportuno no Senhor, sem que para isto seja preciso pedir o consentimento do Bispo de Florianópolis ou do Cabido Catedralício.

XIII

Enfim tudo o que diz respeito as cousas, direitos e pessoas de que não se faz menção expressa neste decreto, estatui-mos dever ficar firme e ratificado segundo as leis canônicas e a disciplina da Igreja Católica.

Si contudo aparecer futuramente alguma dificuldade ou controvérsia sobre o que já foi determinado na nova Diocese, recorra-se à Santa Sé que, pesado e examinado tudo, maduramente, determinará como fôr de direito.

XIV

S. Santidade, atentas as circunstâncias dos tempos e das cousas, manda taxar a nova Igreja Episcopal Catedral Florianopolitana com trinta e três florins de ouro e mais um terço de florim notando-se a mesma taxa, como é costume, nos livros da Câmara Apostólica.

ANEXO 2

RESOLUÇÕES DO 1º CONGRESSO CATÓLICO  
(BAHIA, 3-10/06/1900) E DO  
2º CONGRESSO CATÓLICO  
(RIO DE JANEIRO, 26/07-02/08/1908)  
(BOLETIM DO CEPEHIB - ARQUIVO DO  
PROFESSOR WALTER FERNANDO PIAZZA)

ANEXO 1.

## RESOLUÇÕES DO 1º CONGRESSO CATÓLICO

1º - Imprensa católica

Considerando que entre os meios mais eficazes de propagação do bem e do mal, está a imprensa especialmente periódica;

Considerando que os inimigos da nossa Fé abusam em grande escala deste meio, e chegam assim freqüentemente a perverter grande número de católicos ignorantes, espalhando erros, heresias, calúnias, falsidades históricas e escárneos da Religião e das coisas sagradas;

Considerando que, para combater tantos males, é mister organizar a imprensa, especialmente periódica, com orientação certa e segura e ao mesmo tempo forte e duradoura;

Considerando que, para alcançar tudo isto, não basta um indivíduo só, mas é necessário a união das forças católicas, que ajudem aos escritores habilitados, quer para obras, quer para jornais;

Considerando que estes escritores, especialmente de periódicos, para não perderem seu tempo e não prejudicarem a causa católica, devem inspirar-se em suas elocubrações, nos princípios tantas vezes e tão claramente expostos nas Encíclicas do Santo Padre e nas Pastorais do episcopado, não só a respeito de questões gerais, mais ainda de particulares em matéria religiosa;

Considerando que para obra da imprensa católica, não só os bons escritores, mas todo e qualquer católico tem obrigação de concorrer segundo sua condição para promovê-la, protegê-la e sustentá-la, ainda com sacrifícios;

Considerando que os inimigos da Religião, para sustentarem e promoverem sua imprensa ímpia, não poupam trabalho nem sacrifícios de tempo e até de dinheiro;

Considerando que muitos católicos, apesar de não quererem abandonar a sua Religião, não se negam, todavia, a sustentar os jornais e publicações ímpias, com seu dinheiro e sua influência, muitas vezes só por não terem coragem de declarar-se;

Considerando que, segundo a lei natural e segundo as explicações do Santo Padre e dos Bispos, a cooperação à imprensa ímpia e a leitura das obras e jornais, nos quais se combate a Religião, são gravemente ilícitas para os católicos;

O Congresso delibera:

- 1º Promover a boa imprensa;
- 2º Combater a imprensa antireligiosa;
- 3º E, para chegar a estes fins, propõe que:

1º Os católicos se unam para estudarem e determinarem os meios mais próprios a fim de fundar a imprensa católica e participar suas resoluções ao Presidente do Conselho Diretivo dos Congressos.

2º Que, especialmente as Comissões da Obra do Congresso, isto é, as Regionais, as Diocesanas e as Paroquiais escolham nos seus centros, alguns membros, a cujo cargo fique recolher ofertas ordinárias e extraordinárias dos membros das Associações Católicas e de outras, para assim formar-se um fundo para a boa imprensa.

3º Que se convidem pessoas ilustradas a escrever folhetos, brochuras e outras pequenas obras de propaganda religiosa, assim como artigos nos jornais católicos, e que estas publicações sejam profusamente propagadas, mormente em ocasiões de grande concurso.

4º Que haja alguns que tomem a seu cargo examinar e escolher algumas obras e ainda romances honestos e amenos, para as leituras populares.

5º Que aos pobres se distribuam gratuitamente exemplares ou se comem assinaturas coletivas.

6º Que quando aparecerem livros, obras ou artigos e notícias de especial importância, chamando a atenção para elas, recomendem ao povo a sua leitura.

7º Que se enviem as obras e jornais bons depois de lidos, a outras pessoas que não podem assinar e que estão longe.

8º Que se formem pequenas bibliotecas católicas populares de livros que se possam emprestar.

## 2º - Jornalismo católico

Considerando que todas as reflexões feitas a respeito da imprensa se aplicam de modo muito especial à Imprensa Jornalística;

Considerando que o jornalismo católico é um meio efficacíssimo para propagar e defender a verdade e para combater o erro, em oposição a muitos jornais ímpios, que sistematicamente combatem a Religião;

Considerando que, na sociedade hodierna, o jornalismo tornou-se uma instituição indispensável, que continuará a ser inseparável da vida social;

Considerando que é convicção de todos os católicos a necessidade imprescindível de um jornal destinado a propagar e defender a Religião, assim como a combater o erro e desterrar o vício;

O Congresso, animado de grande esperança, recomenda:

1º Que se estude o modo de fundar-se um Jornal Católico com as condições necessárias para sua duração, boa redação e sábia administração.

2º Que se tenha muito em vista a idéia de que, para a sustentação de um jornal independente, como deve ser o Jornal Católico, não basta o produto das assinaturas, mas é necessário que ele tenha correntes que possa contar fora dessas contribuições.

3º Que as Associações católicas protejam com todas as suas forças e de todos os modos que estiverem ao seu alcance esta obra de sumo interesse para a causa católica.

## 3º - Jornalismo Católico-Redação

Considerando a grande importância e influência do jornalismo nas condições hodiernas da sociedade civil, e que, à vista das muitas recomendações do Sumo Pontífice e do mau estado da situação presente, importa muito aos católicos ter um jornal próprio, bem ordenado e capaz de produzir bons frutos;

Considerando que tão desejável fim não se poderá conseguir senão que haja um corpo de Redação constituído por pessoas instruídas e afeitas às lutas da vida jornalística;

Considerando que um jornal católico, para que seja bem recebido por todos e se punha na altura dos outros jornais, não se deve limitar, aos assuntos religiosos somente, mas deve ocupar-se também de tudo quanto possa interessar à vida individual e social do povo;

O Congresso, aplaudindo todas as iniciativas particulares no intuito de realizar a grande obra da boa imprensa, deseja ardentemente:

1º Que se procurem e favoreçam escritores católicos capazes de bem preencher as funções de bom jornalista, isto é, que tenham ciência sólida e variada instrução.

2º Que se admitam no corpo de redação pessoas católicas conhecedoras dos diversos ramos da indústria e das artes, para que não deixe o jornal de satisfazer também às justas exigências que nestes pontos se fazem.

3º Que não fique esquecida a parte noticiosa do jornal, a qual

deverá ser abundante, criteriosa e interessante.

4º Que todo o corpo de Redação e Colaboração oriente-se e informe-se sempre do espírito católico, de maneira que em todas as partes do jornal nada se encontre que destoe do ensino do Sumo Pontífice e das determinações dos srs. bispos, aos quais todo o católico deve sempre submeter-se, e cuja cause, por ser a da verdade e do bem, deve sempre abraçar e defender.

5º Que as Associações católicas tomem a peito, como coisa de grande interesse para a Religião, esta obra do Jornalismo Católico.

- Primeiro Congresso Católico Brasileiro... celebrado na Bahia, de de 3 a 10 de junho de 1900. Actas e Documentos. S. Paulo - Typographia a vapor - Pauperio Cia., 1900, p. 191/194.

## NEXO 2

### RESOLUÇÕES DO 2º CONGRESSO CATÓLICO

#### propaganda

67. Convém a criação, no Rio de Janeiro, da Obra Especial da Propaganda da Imprensa, concentrando todos os elementos intelectuais e materiais, sob a direção de uma comissão permanente que deverá cuidar da organização e dos meios de sua manutenção.

68. Convém, na capital do Brasil, a criação e manutenção de um diário, para órgão especial do catolicismo.

69. A oportunidade e a forma jurídica da instituição, a regulamentação disciplinar e a ortodoxia doutrinária devem ficar a cargo da comissão à qual for entregue a incumbência de criar o diário.

70. Enquanto não for possível a existência de um diário, é conveniente entreter-se órgãos de imprensa mensais e semanais; e neste pensamento a Comissão acha útil recomendar a proteção dos católicos o "Semanário Católico", "As Vozes de Petrópolis", dos Padres Franciscanos; "Leituras Católicas", dos Padres Salesianos; "Boa Imprensa", de São Paulo; etc.

71. É indispensável a publicação oficial de um Anuário Católico do Brasil que seja o retrospecto de todo o movimento do catolicismo brasileiro em suas múltiplas manifestações, e um repositório de informações úteis.

72. A publicação metódica de pequenos folhetos de propaganda religiosa e social, de compêndios para as escolas primárias, secundárias, profissionais e superiores, tendo por base os princípios de filosofia católica, a de revistas infantis, ilustradas e científicas, bem como a disseminação dos evangelhos devem ficar a cargo da Obra Especial de Propaganda Impressa.

73. O melhor meio de manter bibliotecas paroquiais é confiá-las à União Popular do Brasil.

74. A propaganda pela palavra, além dos meios de que dispõem o Magistério Sacerdotal e o Magistério, deverá ser feita, principalmente pela União Popular do Brasil, com a realização de conferências, aulas públicas e palestras científicas. Além disso, parece de urgentíssima necessidade a constituição de uma Comissão permanente de Propaganda e defesa dos princípios e dos interesses católicos, nomeada pela autoridade diocesana, para promover publicações na imprensa, conforme as condições da ocasião.

- SEGUNDO CONGRESSO CATÓLICO BRASILEIRO ... celebrado na cidade de

São Sebastião do Rio de Janeiro, de 26 de julho a 2 de agosto de  
1908. - Rio de Janeiro off. d'UNIVERSO - 1910, p. 422/23.

ANEXO 3

PRIMEIRA CARTA PASTORAL DE D. JOÃO BECKER  
(1908)

(ARQUIVO DA CÚRIA DE FLORIANÓPOLIS)

# CARTA PASTORAL

DE

D. JOÃO BECKER

BISPO DE FLORIANOPOLIS

AO CLERO E AO POVO

DE SUA DIOCESE



PORTO ALEGRE  
TYPOGRAPHIA DO CENTRO

1908

## D. João Becker

por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica  
Bispo da Diocese de Florianopolis.

---

Ao Clero e aos Fieis da mesma Diocese  
Saudação, Paz e Benção em Jesus Christo, nosso Deus  
e soberano Senhor.

---

*Veneraveis Irmãos e Filhos dilectos.*

Em nome do Senhor, que fez o céu e a terra,<sup>1)</sup>  
é que vos dirigimos, profundamente emocionado, nossa  
primeira saudação episcopal.

E como não havemos de impressionar-nos ante a  
investidura do episcopado, que na expressão de um  
sabio cardeal é a maior dignidade do mundo?<sup>2)</sup> Como  
não deverá palpitar o nosso coração, cheio de apprehensões,  
ao meditarmos as palavras de Gregorio Magno: Occupar o lugar de Bispo é grande honra, mas grave é o peso desta honra?

Sim, confessamos nossa confusão, porque reconhecemos  
nossa fraqueza. São João Chrysostomo, luzeiro e mestre de todo o universo,<sup>3)</sup> fugiu, quando lhe foi

---

<sup>1)</sup> Ps. 123, 8.

<sup>2)</sup> Cardeal de Laurea, Epitome Con. omnium.

<sup>3)</sup> Nilus, e. 3 ep. 199.

offerecida a dignidade episcopal. São Paulo, o vaso eleito de Deus, escreveu aos Coríntios: Estive entre vós em fraqueza e temor, e grande tremor.<sup>1)</sup> Mas, si o grande arcebispo de Constantinopla pôde justificar o seu procedimento, si o apóstolo das gentes, a quem Jesus Christo havia communicado os maiores privilegios e graças, tremia de medo, porventura poderão nossos fracos hombros carregar a cruz episcopal, já por sua natureza pesada e ainda coberta de espinhos nos tempos que correm?

Entretanto, por <sup>minuadas</sup> minguadas que sejam nossas forças, não podemos deixar de obedecer á voz dos nossos superiores hierarchicos. Soldado nas fileiras da sagrada milicia de Christo e prestando obediencia á sua ordem soberana, apresentamo-nos na vanguarda, prompto a immolarmo-nos em prol da Religião e da Patria.

Com effeito, ouviamos, por vezes, a voz auctORIZADA dos nossos superiores, que nos pareciam repetir as palavras outrora dirigidas pelo Provincial dominicano a Frei Bartholomeu dos Martyres, quando eleito arcebispo de Braga: «Padre, dou-lhe por exemplo a Christo Nosso Salvador, o qual só por obediencia do Padre Eterno acceitou emquanto homem o pontificado.<sup>2)</sup> — Pelo que, pois, entra nesta dignidade não derribando muros, nem saltando vallados, senão pela senda real e pela porta, chamado, buscado e rogado, e ultimamente forçado pela obediencia; Deus que ordenou a entrada, disporá o processo, e guardará a sahida de toda a culpa ajudando a V. R. com sua divina graça, para que não sómente não tire d'aqui condemnação, mas alcance nos céos o premio, e não qualquer premio, senão o que elle tem promettido aos que bem administram semelhantes cargos, e dão aos seus conservos a medida justa no tempo conveniente, e assim

---

<sup>1)</sup> 1 Cor. 2, 3.

<sup>2)</sup> Heb. 5.

como não é bem que os discipulos de Christo não façam nenhum genero de diligencia por haver dignidades, tambem é conforme á boa razão não as recusarem quando lhe são offerecidas, trazidas a casa sem as pretenderem nem desejarem. Porque o primeiro é soberba e temeridade, e o segundo é teima e descortezia.»<sup>1)</sup>

Nosso espirito ponderava, como vindos de Deus, os conselhos e ordens dos nossos superiores: «Praepara animam tuam ad grandia; coragem, abra sua alma para as grandes aspirações, as grandes dedicações e tambem para grandes sacrificios pela salvação das almas e pela Igreja; esteja prompto a obedecer ao aceno do alto.»<sup>2)</sup>

São Pedro, o primeiro Pontifice Maximo, escrevia, de Roma, aos bispos da Asia: Apascentae o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado d'elle, não por força, mas espontaneamente segundo Deus.»<sup>3)</sup> Pio X, seu glorioso successor na cathedra romana, acaba de dirigir-nos sua palavra: «... Procuramos sempre, com todo empenho, pôr á testa das igrejas pastores que saibam instruir o povo confiado ao seu cuidado, não só pela doutrina da palavra, mas tambem pelo exemplo das boas obras, e que queiram e possam, com o auxilio do Senhor, em paz e tranquillidade, reger e governar salutarmente as igrejas que lhes foram entregues. E como, ha pouco, a Igreja de Florianopolis foi elevada á dignidade de Cathedral e achando-se vaga desde a sua primitiva erecção, volvemos, na provisão da mesma Igreja..., os olhos da Nossa Mente a ti, dilecto filho... Pelo que, em virtude da nossa auctoridade apostolica, provemos a mesma Igreja de Florianopolis em tua pessoa..., e te nomeamos seu primeiro Bispo e Pastor, commettendo-te, plenamente, a cura, o governo e a administração

<sup>1)</sup> Frei Luiz de Souza, Vida de D. Fr. Barth. dos Martyres, cap. XIII.

<sup>2)</sup> Cartas de Sua Eminencia o sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

<sup>3)</sup> Petr. 5, 12.

da dita Egreja, com relação aos bens temporaes e espirituaes; e confiamos n' Aquelle que dá a graça e confere os dons, que, sendo o Senhor quem dirige os teus actos, a supramencionada Egreja, por tua industria e diligencia, seja utilmente dirigida e adquira grandes incrementos, etc.»<sup>1)</sup>

Nas palavras dos nossos superiores, reconhecemos a voz de Jesus Christo, que nos diz: Vae e annuncia o reino de Deus; não temas; eu impero ao mar e aos ventos; eu te farei pescador de homens, faze-te ao largo.<sup>2)</sup> Por isso, inclinamos nossa frente, adorando a santa vontade de Deus, que enaltece os humildes,<sup>3)</sup> pondo em relevo a sua omnipotencia.

Significativa é a data da nossa preconização, o dia 3 de Maio, que relembra a invenção da Santa Cruz, bem como o descobrimento do Brazil. Terra da Santa Cruz.

Acceitamos e osculamos a santa cruz do episcopado, e leval-a-emos pelas plagas abençoadas desta grande Republica da Santa Cruz, illuminado pelos clarões do Cruzeiro, symbolo da Fé, e protegido pelo formoso iris da paz, Maria SS., excelsa padroeira da nossa Cathedral Florianopolitana.

Assim é que, com São Paulo, podemos dizer: Desejamos ver-vos, para vos communicar alguma graça espiritual com que sejaes confirmados, isto é, para nos consolarmos juntamente comvosco por aquella vossa e nossa fé que uns e outros professamos.<sup>4)</sup>

Mas, como queremos apresentar-nos no meio de vós? — Como dispensador dos mysterios de Deus, como embaixador de Christo, procurando vosso bem, vossa felicidade: *pro Christo legatione fungimur.*<sup>5)</sup> Queremos ser, ainda que indigno de desatar as correias de suas

<sup>1)</sup> Breve de preconização, 3 de Maio de 1908.

<sup>2)</sup> Luc. 9, 60. — Mt. 8, 26.

<sup>3)</sup> Job. 5, 11.

<sup>4)</sup> Rom. 1, 11.

<sup>5)</sup> 1 Cor. 4, 1. 2 Cor. 5, 20.

sandalias, um humilde mensageiro de Christo, como João Baptista, (que era uma lampada ardente e illuminativa.<sup>1)</sup> )

Por isso, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, escolhemos e adoptamos por divisa a synthese dos nossos officios e deveres pastoraes: *Pascam in judicio: apascentare com justiça.*

*Pascam:* O encargo de apascentar as ovelhas de Christo, os fieis, abrange, segundo as sagradas Escripturas e escriptores ecclesiasticos, o triplice officio de Mestre, Santificador e Director, ou seja de ensinar, santificar e reger.<sup>2)</sup> *In judicio:* No desempenho da nossa missão episcopal, não visaremos nossas conveniencias pessoas, mas os vossos supremos interesses, seguindo as normas do direito, da justiça e da equidade, estabelecidas pela prudencia e sabedoria seculares da Santa Madre Igreja.

\* \* \*

O homem admira duas creações maravilhosas de Deus: o universo e a Igreja. Os milhares de fulgurantes astros que gravitam nos espaços sidereos, a terra com seu reino mineral, sua flóra e fauna, todos os prodigios do mundo physico, são obras de sua omnipotencia, sabedoria e bondade. Para que, porém, o universo possa subsistir, Deus o sustenta e conserva pelo seu concurso constante e efficaz.

A Igreja é a outra maravilha. A constituição da Igreja é de direito divino. Ella não tira sua origem da natureza, nem de convenções humanas, mas foi fundada por Jesus Christo, como seu reino espirital. É uma sociedade perfeita, independente, visível, (perenne) e necessaria, dotada das notas da unidade,

<sup>1)</sup> Jo. 5, 35.

<sup>2)</sup> Wernz, Jus decretalium V. I, Tit. 1, § 2: „Etenim S. Petro et infallibilis magisterii praerogativam et primatum verae jurisdictionis sacrumque ministerium ad docendos, regendos, sanctificandos homines in ordine supernaturali concessit, ipsos vero apostolos S. Petro ut capiti coadunctos et subjectos pariter infallibilis magisterii dono sacroque imperio et ministerio ad eundem finem instruxit.“

santidade, catholicidade e apostolicidade, que a distinguem de qualquer outra agremiação religiosa. Christo, vindo ao mundo para salvar o genero humano, estabeleceu, nesse reino, o triplice poder de ensinar, santificar e governar os fieis. ( Como o concurso divino, a acção creadora em continuação, conserva o universo, assim esse triplice officio garante a existencia continua da Egreja. )

Que significa esse triplice officio? Dizem os theologos que o officio de Mestre consiste no poder e no dever de prégar as verdades reveladas pelo Filho de Deus, (de continuar o seu divino ensino em toda a sua extensão e perfeita integridade) e propagal-as, cada vez mais, afim de que todos os homens cheguem ao conhecimento do unico e verdadeiro Deus e d'Aquelle que enviou, que é Christo, nosso Senhor, a verdade eterna.<sup>1)</sup> Por isso, o Mestre tem, igualmente, o poder e o dever de preservar os fieis dos erros contrarios a este divino ensino, de chamar a attenção sobre elles, refutal-os e condemnal-os publicamente. Ao officio de Mestre corresponde o pronunciamento de decisões sobre as duvidas que occorrem acerca da fé, explanar as difficuldades relativas a ella e terminal-as. Por esse motivo o supremo magisterio ecclesiastico é infallivel.

O officio de Santificador, na sua perfeição, abraça todo o ministerio sacerdotal, como seja a plena faculdade de offerecer o sacrificio incruento da Missa, de perdoar os peccados, de communicar aos fieis o Espirito Santo pela imposição das mãos, de ordenar novos sacerdotes, (de constituir novos successores no triplice ministerio mencionado,) de dispensar todos os outros meios de salvação e as benções da Egreja.

O officio de Director relaciona-se com o governo interior e exterior do rebanho de Christo no caminho da vida eterna. Consiste no pleno poder de reger,

<sup>1)</sup> Jo. 17, 3.

tanto os fieis em particular, como todo o rebanho, em nome e por encargo de Jesus. Em virtude deste officio, deve o Director espiritual conservar unidos os fieis por mandados e prohibiçoes, deve afastal-os dos perigos e caminhos perniciosos, cumpre-lhe exital-os á virtude e arredal-os do mal; (como que servindo-se do cajado ou baculo pastoral. Além disso, está nas attribuições de Director, e para maior bem da collectividade, proteger os fieis contra qualquer invasão de ideias rebeldes, receber aquelles que ainda não pertençam ao rebanho de Christo, bem como readmittir os arrependidos.

Neste triplice officio consistia a missão de Jesus Christo. Elle fôra anunciado pelos prophetas como Mestre, Santificador e Director de um reino sem limites, e, apresentando-se no (cenario do) mundo, provou sua missão e divindade por prophcias e milagres os mais estupendos: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra.<sup>1)</sup> Possuido do desejo de perpetuar sua obra salvadora, transmittiu esse triplice officio á sua Igreja, representada pelos apóstolos e seus successores, (continuando a exercer, por meio delles, sua missão divina.)

Sim, Christo possuia a triplice dignidade de Propheta, Pontifice e Rei dos homens, isto é, a dignidade de Mestre, Santificador e Director. Com effeito, elle é o propheta suscitado do meio do povo de Israel e nelle terminam e se cumprem as prophcias do antigo Testamento. O Pae ceestial declarou solemnemente que todos o devem ouvir, por ser o seu Filho dilecto. E o proprio Senhor o confirmou, asseverando que um só deve ser o nosso Mestre: Christo.<sup>2)</sup>

Christo é o Pontifice eterno segundo a ordem de Melchisedech; elle não se fez a si mesmo Pontifice, mas Aquelle que lhe disse: tu és meu Filho, eu hoje te gerei.<sup>3)</sup>

<sup>1)</sup> Math. 18, 28.

<sup>2)</sup> Deut. 18, 14; Jo. 5, 46; Luc. 9, 35; Mth. 23, 10.

<sup>3)</sup> Heb. 6, 20; id. 5, 5-6.

Christo, enfim, é o Rei do genero humano. Pois, o Altissimo lhe disse: Pede-me e eu te darei as nações da terra em herança, e em tua possessão as extremidades da terra. E de si mesmo pôde elle affirmar: «Fui constituido Rei sobre Sião, seu monte santo, para promulgar seu decreto.»<sup>1)</sup> As prophcias acerca do grande imperio mundial realizaram-se brilhantemente em sua pessoa.

Compreende-se facilmente o motivo por que esta triplice dignidade lhe era devida, por quanto era forçoso que o Deus humanado sobresahisse áquelles cuja natureza assumira, pela maior excellencia religiosa.

Mas, não só a dignidade, tambem o officio lhe competia. Vivendo como homem entre os homens, era o seu Mestre, Pontifice e Rei nato, sagrado pela sua natureza divina e auctorizado a exercer os ministerios cuja dignidade possuia em virtude de sua pessoa divina. Elle é, na realidade, o que significa o seu nome: «o Ungido» de Deus, porque é sagrado pela divindade. Por isso, elle está unguido para exercer o triplice officio no reino de Deus sobre a terra.

Assim é que Christo, de facto, exerceu esse triplice ministerio durante a sua vida terrestre. Elle ensinava como ainda nenhum homem havia falado. Veiu do céo para dar testemunho da verdade. Logo ao entrar no mundo offereceu-se como holocausto, em substituição dos sacrificios symbolicos, e toda a sua vida não era senão a via dolorosa que o levava ao sacrificio cruento do Calvario. Exerceu, finalmente, a plenitude do poder real, aboliu a Lei antiga, substituindo-a pela nova. E um dia virá como juiz decidir a sorte de todas as gerações, porque o Pae lhe deu poder sobre todos os homens.<sup>2)</sup>

Mediante este triplice ministerio quer Christo conduzir a humanidade ao seu fim supremo, a felici-

<sup>1)</sup> Ps. 2, 8, 6.

<sup>2)</sup> Jo. 7, 46; 18, 37; Heb. 10, 5; Mt. 5, 22; Jo. 17, 2.

dade eterna, a salvação da alma, o céu. A totalidade das obras externas de Deus tem por fim a bem-aventurança sobrenatural das creaturas racionais, a visão beatifica, que as engolfa, eternamente, n'um oceano insondavel de gozos divinos, de riquezas divinas, de gloria divina, de formosura divina. A vida temporal é apenas a passagem para a vida eterna, a perfeição immutavel. *Deus diis unitus et cognitus*: Deus na mais intima união com suas creaturas divinizadas e por ellas conhecido, eis em que consiste a vida futura, o termo final do grandioso plano mundial de Deus.

A Pedro, primeiro Summo Pontifice, Christo diz: Tu és Pedro, um rochedo, e sobre este rochedo edificarei a minha Igreja e todos os poderes da iniquidade não prevalecerão contra ella. Eu te entrego as chaves do céu, e tudo que ligares sobre a terra, será ligado no céu, e tudo que desatares na terra, será desatado no céu. Pedro, amas-me mais do que os outros? Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas. Simão, Simão, eis ahi satanaz vos pediu com instancia, para vos joeirar como trigo, mas eu roguei por ti, para que tua fé não desfalleça e tu, depois de convertido, conforta os teus irmãos.<sup>1)</sup>

São Pedro, o Principe dos apóstolos, recebeu, pois, de Christo a plenitude do poder apostolico, o poder supremo das chaves do céu, e de apascentar o rebanho universal, (ou por outra,) recebeu o triplice officio de ensinar, santificar, e governar os fieis. Elle é esse rochedo inabalavel que sustenta a Igreja (e de encontro ao qual a procella das hostes infernaes se arremessa, mas recua esboroada.) Pedro, fortalecido, de modo especial pela oração do Salvador, deve confortar os seus irmãos vacillantes na fé, continuando a viver na cadeia ininterrupta dos bispos de Roma, que lhe succedem no seu throno. Elles falam em seu nome,

<sup>1)</sup> Jo. 1, 42; Math, 16, 18—19; Jo. 21, 15—15; Luc. 22, 31—32.

dirigem, como seus representantes, a nau da Igreja, e empunham o baculo pastoral do supremo Pastor dos pastores.

A missão sublime de Mestre, Santificador e Director dos fieis não foi exclusivamente confiada a São Pedro e seus successores, mas tambem ao collegio dos apóstolos debaixo de sua soberana auctoridade. Eu vos escolhi, diz o Redemptor, para que vades e deis fructos e para que vossa fé permaneça e deis testemunho de mim na presença dos reis e poderosos. Recebei o Espirito Santo, a quem perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados, a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos. Tomae e comei, que isto é o meu corpo, bebei que este é o meu sangue; fazei isto em memoria de mim; toda vez que comerdes deste pão e beberdes deste calice, annunciareis a minha morte até que eu voltar. Foi-me dado todo o poder no céu e na terra, ide ensinae todos os povos e baptisae-os em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, ensinae-os a observar todas as cousas que vos tenho mandado; eu estarei comvosco todos os dias até a consummação dos seculos. O Consolador, porém, o Espirito da verdade, que o Pae vos mandará em meu nome, elle vos ensinará tudo e vos recordará tudo que vos tenho dito. O Evangelho deve ser prégado a todos os povos e vós dareis testemunho deante dos reis; mas, não sois vós que falaes, e sim o Espirito Santo. Quem vos ouve, a mim ouve; quem vos despreza, a mim despreza. Quem não obedecer á Igreja, deve ser considerado como pagão e peccador publico. A paz vos deixo, a minha paz vos dou, para que não se afflija o vosso coração e não temaes.<sup>1)</sup>

Assim vemos, Irmãos e Filhos dilectos, que Jesus Christo conferiu aos apóstolos, igualmente, o poder e o dever de desempenhar a triplice missão de Mestre,

<sup>1)</sup> Jo. 15, 16, 17; 20, 28; Math. 26, 26—28; Luc. 22, 19—20; 1 Cor. 11, 23—26; Math. 28, 18, 19, 20; Marc. 16, 15, 16; Jo. 14, 26—29; Marc. 13, 10, 11; Math. 18, 17, 28, 20; Luc. 10, 16.

Santificador e Director da Igreja. Em obediencia a essa ordem, vão elles prégar o Evangelho a todos os povos e sua voz repercute nos confins da terra. Elles se denominam dispensadores dos mysterios de Deus, transformam o pão e o vinho no corpo e sangue de Christo, impõem em Antiochia as mãos aos baptisados, communicando-lhes o Espirito Santo, dão preceitos, comminam penas e castigos, e milagres innegaveis confirmam a legitimidade de sua missão.

Quando, no evolver dos annos, os apóstolos á vista do numero sempre crescente das Igrejas particulares e do encargo que tinham de propagar a fé por todo o mundo, não puderam pessoalmente governar as Igrejas recém-fundadas, procuravam provel-as de sacerdotes dignos, a quem sagravam bispos, dando-lhes o poder de reger, a faculdade de ordenarem outros sacerdotes e constituirem bispos, afim de continuarem a missão recebida do divino Redemptor.

Não obstante é preciso notar, Irmãos e Filhos dilectos, que o episcopado foi instituido por Jesus Christo e não pelos apóstolos, sendo por isso de origem divina.

Isto collige-se da disposição de querer o Redemptor salvar todos os homens pelo mencionado triplice ministerio de Mestre, Santificador e Director: Ensinar a todas as nações; o Espirito Santo vos ensinará toda a verdade; estarei comvosco até o fim dos seculos. Portanto, assim como a São Pedro devia seguir o seu successor no cargo supremo de cabeça visivel da Igreja e de vigario de Christo, da mesma forma haviam de succeder os bispos aos apóstolos no referido ministerio.

Comtudo, embora os papas succedam a São Pedro na plenitude do poder apostolico, os bispos receberam com restricção o poder dos outros apóstolos. De facto, quando Jesus Christo deu aos apóstolos a sua missão, não indicou a cada um delles a parte do mundo onde deviam exercer as funcções dos poderes recebidos, nem lhes designou os limites dentro dos quaes deveriam desenvolver sua actividade. Mas,

antes assignalou-lhes o mundo todo como campo dos seus trabalhos apostolicos; pois a todos e a cada um dirigiu as palavras: Ide por todo o mundo, pregae o Evangelho a toda creatura; ensinae, santificae e governae todo o universo.

Esta missão illimitada com o seu respectivo poder, depois da morte dos apóstolos, passou, na verdade, para o episcopado, tomado na sua collectividade, mas não a cada um dos bispos em particular. Pelo contrario, a cada bispo se foi designando um districto, ou provincia determinada, dentro de cujo perimetro sómente podia exercer a missão de Mestre, Santificador e Director. O Summo Pontifice tem o poder supremo sobre todos os fieis da Igreja, ao passo que os bispos só têm jurisdicção nas dioceses cuja administração elle lhes confere e sob sua suprema direcção.

As sagradas Escripturas nos ensinam a veracidade da doutrina exarada. São Paulo escreve a Tito: Eu te deixei em Creta, para que regulasses o que falta e estabelecesses presbyteros nas cidades, como tambem eu t'o ordenei. Convem que o bispo seja, como dispenseiro de Deus, que é, sem crime, mas justo e santo, para que possa exhortar conforme a sã doutrina e convencer os que o contradizem. Ao discipulo Timotheo diz: Guarda o deposito, evitando as profanas novidades de palavras e as contradicções de uma sciencia de falso nome. Guarda o mandamento sem macula, nem reprehensão até á vinda de nosso Senhor Jesus Christo. Prêga a palavra, insta, quer agrade ou não agrade, reprehende, roga, admoesta com toda a paciencia e doutrina. Tu, porém, vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra de evangelista, desempenha o teu ministerio. Os homens devem considerar-vos como ministros de Christo e dispensadores dos mysterios de Deus. Attendei por vós e por todo o rebanho sobre que o Espirito Santo vos constituiu bispos, para governardes a Igreja de Deus que elle adquiriu com o seu sangue.

Os bispos são, pois, os successores dos apóstolos e perpetuam entre os homens a missão de Jesus Christo. Nas vágas (rugidoras) do mar dos seculos, lançou Christo N. Senhor o rochedo granitico, Pedro, como fundamento (inabalavel) de sua Igreja. Sim, Pedro na successão dos papas constitue o fundamento indestruível da Igreja e sobre esse rochedo collocou o Espirito Santo os bispos, para que, quaes magestosas columnas de pedra (inteiriça), sustentassem esse maravilhoso templo, elevando-se até ao grandioso zimbório, sobre o qual fulgura a cruz como symbolo de lucta e de victoria.

Como a acção commum dos membros de um corpo, sob o dominio da intelligencia, produz o seu bem estar, assim os bispos unidos entre si, sob a auctoridade suprema do papa e em união dos sacerdotes, seus co-operadores, dão logar á estabilidade e prosperidade da Igreja Catholica. São os bispos que (derivam a vida espiritual da unica e eterna fonte, assegurando-lhe a continuação, e) exercem o poder que o Chefe supremo lhes communica. Legados de Deus e dispensadores dos seus dons e graças, os bispos, no meio do rebanho divino, ensinam e guardam a doutrina celeste, administram os santos sacramentos, ligam, desatam, admoestam, punem, luctam, triumpham, governam; logar-tenentes dos apóstolos, continuam sua missão de geração em geração.

Alliados ao Summo Pontifice, os bispos sustentam a Igreja, salvando-a de naufragios (tremendos adrede) preparados pelos seus inimigos. (São os arautos da sã doutrina e atalaias da felicidade dos povos.) Guiados pelo Espirito Santo, defendem a santa cidade de Jerusalem (contra as dissensões internas, sem o que seus membros seriam acephalos, sua vida espiritual cessaria, os ventos da discordia dissipariam o thesouro de suas doutrinas e a fonte salutar dos seus sacramentos deixaria de correr e de vitalisar.) O poder episcopal é sublime, é um milagre continuo na ordem moral.

Quanto é elle sublime na sua acção e admiravel na sua estabilidade! Regenerou o mundo e sobreviveu ás suas transformações. Quantos povos appareceram tendo á sua frente poderosos conquistadores, que ensanguentaram o mundo, e a cujos pés se prostraram nações as mais opulentas! E reis e imperios e nações desappareceram, com todo o seu poder, com sua grandeza (e opulencia.) Suas cordas cahiram por terra e seus thronos foram <sup>destruidos</sup> aniquilados. Mas, o reino de Deus ainda existe, guardado, pelos bispos. Muitas vezes tem passado (a hegemonia terrestre) de um povo a outro, o poder dos bispos conservou-se immutavel (e inalteravelmente lhes pertence) Os soberanos do mundo substituiram-se, os bispos ficaram sendo os pastores dos povos, procurando a prosperidade temporal e eterna dos seus rebanhos. Os bispos guardaram as preciosas conquistas dos tempos primitivos do christianismo atravez de todas as tempestades que cahiram sobre a Igreja e transformações que passaram pela terra. Por maiores que sejam as evoluções no seio da humanidade, os bispos permanecem intactos no silencioso sanctuario, revestidos do eterno summo sacerdocio segundo a ordem de Melchisedech, como os mensageiros da paz. E impondo um as mãos sagrantes ao outro, succedem-se, desde os apóstolos (em longas alas) de geração em geração; (elo a elo, formando uma cadeia intermina.)

Quando a morte endurece a mão fatigada do pastor, atquebrado pelo peso dos trabalhos e annos, o Senhor deposita o corpo do seu servo, até o dia da resurreição universal, debaixo de uma lapide, ao sepé do altarmór no qual sacrificava durante a vida, na cathedral que o tinha por summo sacerdote. E o Senhor entrega o baculo pastoral cahido das mãos do agonizante, ao novo successor, afim de o empunhar com nova força e vitalidade. Com relação aos bispos verifica-se: São uma geração immortal. Sim, uma geração immortal! E quando no fim dos tempos, vier

Christo, o Juiz eterno, para julgar, no valle de Josaphat, os vivos e os mortos, os pastores e seus rebanhos, então terminará o cyclo dos bispos. Os ultimos bispos entregarão seu baculo e sua mitra ao Summo Sacerdote, Jesus Christo, cujos representantes são na terra: E haverá na Patria celeste um só rebanho e um só Pastor, o Principe dos Pastores, de quem receberão a coroa (immarecessivel) de gloria: («Et cum apparuerit princeps pastorum, percipieretis, immarcescibilem gloriae coronam.»<sup>1)</sup>)

\* \* \*

Incorporado ao egregio Episcopado, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, devemos, portanto, desempenhar, auxiliado pelos rev.<sup>mos</sup> sacerdotes nossos colaboradores, o triplice ministerio apostolico de ensinar, de prover de recursos espirituaes e de reger o rebanho querido sobre o qual o Espirito Santo nos constituiu bispo. Deus quer que d'ora em diante sejamos vosso guia no caminho da salvação, vosso mestre nas verdades eternas, um guarda fiel do santuario da vossa fé, mensageiro da paz, o piloto da igreja santa-catharinense, um dispensador dos beneficios celestes, derivando-os da fonte septiforme dos santos sacramentos. Desejamos fazer bem a todos, e queremos ser vosso na qualidade de bispo catholico e brasileiro.

*Pascam, apascentare*, é, pois, a primeira parte da nossa divisa (a synthese) do nosso ministerio apostolico; a que, porém, accrescentamos *in judicio, com justiça*. (Em sentido lato, a justiça é a conformidade das acções humanas com a lei. No caso vertente) significa que regularemos nossos actos pelas normas das leis ecclesiasticas. No sentido estriicto, entende-se por justiça a firme e constante vontade de procurar a cada um o que de direito lhe corresponde. Isto Jesus Christo nos ensina, quando diz: Dae a Cesar o que é de Ce-

<sup>1)</sup> 1 Petr. 5, 4.

sar, e a Deus o que é de Deus.<sup>1)</sup> A justiça é uma virtude cardeal e a mais nobre entre as moraes. Empenhar-nos-emos, para que toda nossa administração episcopal se apoie e gire sobre ella, como a porta sobre seus gonzos.

Por isso, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, não cessaremos de chamar vossa attenção para a observancia das leis canonicas, elaboradas e estatuidas, sabiamente, pela Santa Egreja, e os decretos emanados das Conferencias triennaes. E neste particular, attenderemos ao que a recente Pastoral Collectiva<sup>2)</sup> accentúa de um modo expressivo: Nosso maior empenho foi, como tem sido nas duas precedentes Conferencias, urgir a observancia do S. Concilio Plenario Latino Americano, que, sendo fielmente executado, tornará feliz e vigorará em fé e piedade a Egreja Brasileira.

Na Conferencia internacional da Haya, asseverou o nosso preclaro delegado<sup>3)</sup>: O nosso futuro, até ha pouco, envolto em trevas, começa agora a manifestar-se promissoramente á luz do dia. — O que a Conferencia da Haya, em consequencia da attitude saliente do representante brasileiro, é para a importancia internacional do Brasil, o é tambem o referido Concilio para a Egreja Brasileira. Lemos algures: «A vida ecclesiastica, no Brasil, recebeu um impulso ainda maior pelo Concilio dos bispos da America Latina, reunidos em Roma, no anno de 1899. Falou-se bastante tempo, e injustamente, de raças decadentes. Agora patenteou-se que ainda havia vida vigorosa no velho tronco, embora parasitas o enlaçassem e depauperassem sua vida. A reunião já por si era uma grandiosa manifestação, mas recebeu a consagração de sua effi-  
1899  
muh.

ciacia pelos decretos della emanados e publicados depois. Si não nos enganarmos e si pudermos confiar na divina Providencia, será o Concilio Ameri-

<sup>1)</sup> Luc. 20, 25.

<sup>2)</sup> Pastoral Collectiva da Provincia Ecclesiastica Meridional, de 1907, pg. 1.

<sup>3)</sup> Dr. Ruy Barbosa, na sessão de 9 de Outubro de 1907.

Justiça e Leitura

cano de 1899 para a America Latina o que o Concilio de Trento foi para o século 16: O inicio de uma nova era de desenvolvimento e o ponto de partida de um grandioso futuro.»<sup>1)</sup> Sim, o Concilio Plenario Latino Americano marca uma nova era de progresso e felicidade nos annaes da Egreja Sul-Americana. Mas, para que esta auspiciosa previsão se torne uma realidade feliz, é preciso que clero e povo prestem, docilmente, seu auxilio e apoio aos seus legitimis Pastores.

Tal é o sentido da segunda parte da nossa divisa: *in judicio, com justiça.*

*Pascam in judicio:* eis o nosso lemma, a bandeira a cuja sombra queremos desenvolver nossa actividade de bispo, a estrella que orientará sempre os nossos passos; porque representa a summula dos nossos officios e deveres episcopaes.

Por isso, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, não será fóra de proposito o considerarmos como nossas as palavras do supremo Mestre, Santificador e Director, Jesus Christo Nosso Senhor, segundo a visão prophetica de Ezechiel: Eis ahi eu mesmo irei a buscar as minhas ovelhas e eu as visitarei. Bem assim como um pastor visita o seu rebanho, no dia em que se acha no meio das suas ovelhas dispersas, assim visitarei eu as minhas ovelhas e eu as levarei de todos os logares por onde ellas tiverem andado no dia de nublado e de escuridade. E eu as trarei de diversos paizes e as introduzirei na sua terra, e apascental-as-ei sobre os montes de Israel, ao longo das ribeiras e em todos os logares habitaveis do paiz. Eu as levarei a pastar nas pastagens as mais ferteis, e nos altos montes de Israel será o logar de sua pastagem; ellas lá repousarão sobre as verdes relvas e pastarão sobre os montes de Israel, em pingues pastagens. Eu irei buscar as que se tiverem perdido e farei voltar as que andarem desgarradas e li-

<sup>1)</sup> P. C. Schlitz, Revista St. M. Laach, 1906.

garéi os membros ás que tiverem algum quebrado e fortalecerei as que estiverem fracas e conservarei as que estiverem gordas e fortes; e eu as apascentarei com justiça: *Et pascam illas in judicio!*<sup>1)</sup>

\* \* \*

Difficil e espinhosa é, pois, a incumbencia que o Senhor nos conferiu. 'A' luz da fé, meditamos a importancia da nossa elevada missão e reconhecemos suas difficuldades. Sentimos o peso da nossa responsabilidade. Mas tudo poderemos naquelle que nos conforta.<sup>2)</sup> E para que não houvesse nenhuma illusão humana e estivessemos preparado para o sacrificio, o Senhor na sua infinita sabedoria e bondade, deixou-nos prelibar o calice de amargura, antes de pôr em nossas mãos o baculo pastoral. Sabemos o que o Summo Pontifice de nós exige, o que a Patria de nós espera e o que a vós devemos. A inauguração de um bispado e sua consequente organização é tarefa incontestavelmente pesada.

Comtudo, temos confiança! De maneira especial confiamos na Providencia do Pae divino, que sustenta as aves do céu, veste os lirios do campo<sup>3)</sup> e dá suas luzes e graças a cada um de accordo com as necessidades de sua vocação. Por isso, volvemos um olhar supplicante ao Pae das luzes celestiaes, do qual dimana todo o dom perfeito e toda a dadiva em extremo excellenté<sup>4)</sup> e no nome do Senhor, que fez o céu e a terra, está nosso soccorro.<sup>5)</sup> Porque não fomos nós que o escolhemos, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, mas elle nos chamou, como chamára os apóstolos, afim de annunciarmos entre vós a boa nova do reino do céu.<sup>6)</sup> Aquelle que nos chamou, sem nossa

<sup>1)</sup> Ezech. 34, 11—16.

<sup>2)</sup> Phil. 4, 13.

<sup>3)</sup> Math. 6, 26, 28.

<sup>4)</sup> Jac. 1, 17.

<sup>5)</sup> Ps. 123, 8.

<sup>6)</sup> Jo. 15, 10.

cooperação e sem que nos consultasse pela voz dos nossos Superiores a respeito da nossa investidura episcopal, para que em tempo pudessemos oppôr nossos embargos, — Aquelle nos dará, assim esperamos, a graça, e a graça sufficiente e efficaz, de desempenharmos dignamente o nosso ministerio apostolico.

Sim, temos confiança! E nossa confiança depositamos em vós, veneraveis Irmãos e Cooperadores, que deveis trabalhar junto ao nosso lado, na vinha do Senhor. Vós sereis os interpretes da nossa vontade, os nossos genuinos representantes nos logares longinquos da nossa querida diocese. Como o Senhor enviou os seus discipulos deante de si,<sup>1)</sup> assim nós vos mandamos deante de nós por todas as cidades e logares para onde havemos de ir. Serviços de inestimavel valor tendes prestado á Religião e á Sociedade. Pois grande é a messe, e poucos os trabalhadores. E por isso, não deixeis de rogar ao dono da messe que nos mande ainda outros trabalhadores, para que seja mais abundante a sementeira da palavra divina e mais copiosa a colheita para os celleiros eternos.

Temos confiança! Confiamos em vós, Filhos dilectos, que tendes sido sempre a alegria e a corôa<sup>2)</sup> dos colendos Bispos sob cuja direcção espiritual vos achastes. Vossa fé se divulgou e é conhecida.<sup>3)</sup> A fama da vossa piedade, prelude de um futuro feliz, tem chegado aos nossos ouvidos. O vivo interesse que tendes tomado pelo vosso primeiro Bispo, as orações que por elle tendes feito, tudo isso dá-nos provas exuberantes da vossa boa orientação e a certeza de que sabereis avaliar a somma de beneficios que vos proporciona a criação da nova Diocese. Temos, pois, motivos sobejos, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, de alentarmos santa confiança.

<sup>1)</sup> Luc. 8, 1.

<sup>2)</sup> Phil. 4, 1.

<sup>3)</sup> R. 1, 8.

São Pedro perguntou, um dia, ao divino Redemptor: Eis aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos: que galardão pois será o nosso? Vós que me seguistes, responde Jesus, assentareis em doze thronos e julgareis as doze tribus de Israel. E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pae, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou a herdade, receberá cem por um e possuirá a vida eterna.<sup>1)</sup> Seja-nos permittido, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, repetir as palavras do Principe dos apóstolos. Eis aqui estamos nós que deixamos tudo e seguimos a voz de Jesus Christo para vos servir. Deixamos por amor do seu nome nosso estremecido Rio Grande, nossa parochia, nossa familia, nossos amigos e conhecidos: que galardão, pois, será o nosso? Sabemos que o Senhor não faltará á sua promessa. Mas, neste momento, nós queremos appellar para os vossos nobres sentimentos de equidade; que galardão será o nosso? Só pedimos um favor: que como Mestre, sejaes nossos discipulos diligentes, como Santificador useis dos meios de salvação que vos offerecemos, e como Director possamos contar com vossa obediencia e docilidade. Sereis assim tambem a nossa alegria e a nossa corôa.

Como outrora o rei Salomão<sup>2)</sup> antes de tomar posse do seu reino, pedimos a Deus sabedoria para julgarmos e bem governarmos o seu povo; que dêsse ao seu servo um coração docil, cheio de sabedoria e intelligencia, afim de discernir entre o bem e o mal, e possa, qual Moysés ao povo de Israel,<sup>3)</sup> apresentar-vos as taboas da Lei, annunciando-vos a grandeza, expondo-vos as ordens e communicando-vos os grandes beneficios do Senhor. Queira o Deus omnipotente abençoar nossa entrada na Diocese de Florianopolis; sim, abençoal-a para o bem da Santa Egreja, em vosso e nosso

<sup>1)</sup> Math. 18, 28, 29.

<sup>2)</sup> 3. Reg. 3, 9.

<sup>3)</sup> Exod. 34, 29—32.

benefício! A bem da Santa Igreja, redimida pelo precioso sangue do Redemptor, para que ella, cumprindo sua missão universal de conduzir os povos da terra aos braços do Pai celestial pelo Filho divino, floresça entre vós, como convem á santa, immaculada, gloriosa e radiante Esposa do Senhor.<sup>1)</sup> Em vosso benefício, para que, como filhos honrados desta santa e carinhosa Mãe, não sómente professeis suas doutrinas, mas também ordeneis vossa vida segundo suas maximas, tornando-vos, deste modo, um povo santo no reino de Deus. Em vosso benefício, enfim, para que sejamos um administrador vigilante da casa de Deus, fiel e intemerato, e caminhemos á vossa frente, dominado pela fé indefectível de S. Pedro, possuido da viva esperança de S. Paulo, e inspirado pela caridade de S. João Evangelista.

\* \* \*

Traçado o plano da nossa acção episcopal, temos a honra de apresentar, na qualidade de Bispo brasileiro, nossas humildes homenagens de respeito e veneração ao Eminentíssimo Senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Alexandre Bavona, dig.<sup>mo</sup> Arcebispo de Pharsalia e Nuncio Apostolico, e ao Episcopado Brasileiro.

A' Sua Em.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> tributamos de parceria com os sentimentos de nosso filial amor, nossos protestos de submissão e de profunda gratidão pelas inestimáveis provas de sollicitude e consideração que se tem dignado dispensar-nos.

Ao Insigne Representante do glorioso Pontifice Pio X, o qual tão zelosa quão proficuamente promove os altos interesses da Religião no Brasil, nossas homenagens de obediencia incondicional e o tributo sincero do nosso reconhecimento.

---

<sup>1)</sup> Eph. 5, 29.

Ao Inclito Episcopado Brasileiro, na sua brillante collectividade, endereçamos nossos fraternaes cumprimentos.

---

Ao Preclaro Presidente da Republica, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Affonso A. Moreira Penna, Director emérito dos destinos da Patria, rendemos o nosso preito de patriotico acatamento e veneração.

E não nos será licito olvidar, neste momento, o nome do nosso Benemerito Ministro junto á Santa Sé, o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Bruno Chaves, diplomata preeminente, a quem mereceu a criação da Diocese de Florianopolis especial interesse. No desempenho proficiente de suas altas funcções, salienta, dia a dia, a importancia transcendental da missão que a bem do Brasil está exercendo. A' Sua Excellencia nossos vivos agradecimentos e nossas respeitosas saudações.

Saudamos, com abundancia de coração, os nossos dous Illustres Paranympfos, os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Carlos Barbosa, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, e Coronel Gustavo Richard, Governador do Estado de Santa Catharina, apresentando-lhes as nossas homenagens de reconhecimento e alta consideração.

---

Antes, porém, que as ondas do Guahyba levem o nosso batel ao oceano atlantico, e este, sobre o seu dorso encrespado, o conduza em rumo ás praias virentes da nossa diocese, queremos ainda proferir mais duas palavras, uma de despedidas e outra de saudações. Despedidas dirigimos ao Rio Grande do Sul, que amamos como só um Estado natal se pôde amar, sob cujo céo estrellado passamos nossa infancia e juventude, onde nos formamos e exercemos por doze annos o parochiato. Saudações affectuosas dirigimos aos nossos Diocesanos, ao florescente Estado de Santa Catharina.

Apresentamos, cheio de gratidão, nossas despedidas ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Claudio José Gonçalves

Ponce de Leão, que nos conferiu todas as ordens, menores e sacras, inclusive a plenitude do sacerdocio. De Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>mas</sup> guardaremos a mais grata recordação e os sentimentos de inolvidavel reconhecimento. Ao seu Colendo Coadjutor, o Sr. Bispo de Pentacomia, ao Rev.<sup>mo</sup> Clero regular e secular, em cujas fileiras militámos, nossos cumprimentos e despedidas.

Nossas saudações e agradecimentos ao Illustre Sr. Bispo de Curityba, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. João Braga, que veiu, fidalgamente, para assistir á nossa sagração.

---

Offerecemos nossas despedidas e saudações ás Dig.<sup>mas</sup> Auctoridades civis e militares, estaduaes e federaes, á Illustrada Imprensa, a cuja fidalguia devemos assignaladas provas de consideração, e á Leal e Valerosa cidade de Porto Alegre: a todas as classes nossos cumprimentos.

---

Ao Gymnasio N. S. da Conceição na cidade de São Leopoldo, e ao Seminario de N. S. Madre de Deus de Porto Alegre, onde nos foi ministrado o ensino da virtude e da sciencia, nossas saudações e benções affectuosas.

---

Abençoamos, de coração, a caridosa instituição do Pão de Santo Antonio, fundada na parochia do Menino Deus, e dirigida, com proficiencia e inexcedivel zelo, pelo infatigavel sr. Conego José Marcellino de Souza Bittencourt, que continua a repartir a muitas familias pobres não só o pão que sustenta o corpo, mas tambem o pão do espirito: as verdades da santa Religião. Aos pobres do Asylo de Mendicidade e ás orphãs do Asylo de Santa Thereza, estabelecimentos fundados na mesma parochia, pelo benemerito Padre Cacique de Barros, lançamos, egualmente, nossa benção.

Em despedida visitamos, com viva gratidão e saudades, os tumulos dos santos sacerdotes, pioneiros da

Companhia de Jesus, que foram nossos mestres no alvorecer da nossa juventude. Mais do que suas palavras auctorizadas influiu sobre nós o seu acrysolado exemplo, maxime na tribuna sagrada e no altar, onde lhes serviamos de acolytho. Sua santa attitudo na celebração do divino Sacrificio imprimia em nosso coração juvenil a imagem ideal do Sacerdote da Nova Lei. Outro tumulto cobrimos de saudades, o do reitor do Seminario e nosso insigne mestre, o saudoso Padre dr. Jacob Faeh, modelo vivo de «santidade, sciencia e disciplina». Inolvidaveis são, para nós, os seis annos que vivemos sob a sua sabia direcção e immediata vigilancia. Nunca nos esqueceremos de sua palavra: «Seja Christo, o Summo Sacerdote, sempre o teu modelo.»

De um modo muito particular, porém, saudamos e abençoamos os nossos queridos ex-parochianos do Menino Deus, no meio dos quaes passámos os doze annos da primeira phase da nossa vida sacerdotal. Como poderemos, neste momento de dolorosa despedida, testemunhar-lhes o nosso reconhecimento, a nossa affeição e o nosso amor? Como retribuir-lhes as innumeradas attenções e delicados favores com que constantemente nos cumularam? Como louvar e encarecer bastante a sua benemerencia, piedade, e presteza em auxiliar os nossos emprehendimentos parochiaes? Merecem, certamente, menção honrosa a benemerita Commissão de obras que comnosco empenhou seus melhores esforços na construcção da magestosa torre, e nos notaveis melhoramentos da igreja matriz; o Apostolado da Oração, esteio forte do culto; a Congregação das Filhas de Maria, piedoso sodalicio de fervorosas donzellas; a Associação Protectora, que tem prestado generosos beneficios ao templo; o Còro de Santa Cecilia, a Conferencia de São Vicente, as devoções do Menino Deus e de N. S. da Boa Viagem; a todas as corporações religiosas da nossa ex-parochia os nossos mais sinceros agradecimentos e benções cordeaes.

Sim, a vós; distinctos parochianos do Menino Deus, — *nossos* parochianos já não vos podemos chamar — apresentamos o testemunho da nossa eterna gratidão, estima e affecto. Seja a vossa parochia sempre qual jardim marchetado de peregrinas flores, cheia de odor divino e abençoada pelo Senhor. Queira o divino Infante recompensar-vos, com medida cheia, as vossas virtudes e corroborar e augmentar, cada vez mais, a vossa fé e piedade, enriquecendo as pessoas das vossas familias de benções as mais fecundas e abundantes, benções temporaes e eternas.

Era o nosso desejo mais afagado continuar a edificar, no coração de cada um de vós, o templo espiritual da fé; tencionavamos opulentar sempre mais o generoso campo das vossas almas com a preciosa semente do Evangelho, e queríamos cultivar as mimosas virtudes que ali florescem, mas Deus não o quiz. Outro mais ditoso guardará esse templo espiritual, outro será o vosso evangelizador. No céu esperamos encontrar-vos.

E assim como no escudo das nossas armas mandámos gravar a effige da vossa igreja, — onde innumeras vezes offerecemos pela vossa felicidade e pela paz sempiterna das almas dos vossos queridos defuntos, o santo sacrificio da Missa, onde baptisámos e instruímos vossos filhos, onde vos administrámos os santos sacramentos da Penitencia e da Communhão, onde ensinámos a palavra de Deus, lançámos a ultima benção aos que já foram para a eternidade —: bem assim levamos impressa a vossa imagem em nosso coração e guardaremos o nome da vossa prezada e sempre lembrada parochia em nossa memoria. Tereis sempre parte em nossas orações. Adeus!

---

Apresentadas as despedidas ao Rio Grande, dirigimos o nosso olhar esperançado para vós, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, que formaes a diocese de Florianopolis.

Saudamos os representantes do Rev.<sup>mo</sup> Clero secular e regular como nossos dedicados coöperadores na grande missão que o SS. Padre Pio X nos conferiu. A elles uma benção especial e carinhosa.

Saudamos, respeitosamente, o nobre Governo do prospero Estado de Santa Catharina, com o qual queremos sempre manter amistosas relações, porque ambos os poderes, o civil e o ecclesiastico, têm a Deus por auctor, o primeiro como auctor da natureza e o segundo como auctor da graça; um visa a felicidade temporal, o outro a felicidade espiritual e eterna do mesmo povo.

Procuraremos, como em outra occasião declarámos, collaborar com os poderes publicos constituidos para o engrandecimento material e moral do povo heroico de Santa Catharina, de modo que as duas bandeiras da Patria republicana e do Catholicismo possam marchar paralellamente ao lado uma da outra, completando a acção que ambas devem realizar sem nunca se repellirem.

Saudamos effusivamente os insignes Senadores e Deputados que, com admiravel brilho e reconhecido patriotismo, representam o Estado nas duas Camaras do Congresso Federal.

Nossas saudações dirigimos ao benemerito Congresso Representativo, ora reunido, sempre empenhado pela prosperidade do futuroso Estado.

Saudamos as Ex.<sup>mas</sup> Auctoridades civis e militares, estaduaes e federaes, tanto da Capital como do interior.

Aos Illustres Magistrados, anjos tutelares do direito e da justiça, endereçamos egualmente nossas respeitosas saudações.

Saudamos a Illustrada Imprensa Catharinense de um modo peculiar. Somos amigo sincero da boa imprensa, porque reconhecemos sua poderosa influencia social e religiosa, como vehiculo do pensamento, como semeadora de ideias e alavanca do progresso.

Nossos cumprimentos e benções á Illustre Commissão promotora do Bispado, verdadeiramente digna de altos encomios.

Saudamos, effusivamente, as Ordens religiosas, viveiros da santidade e do saber, as Irmandades e mais Sodalicios religiosos, como todos os Estabelecimentos pijs, de instrucção e educação.

A todos os habitantes do Estado extendemos nossa mão e apresentamos saudações paternaes, com especialidade aos pequeninos e desprotegidos da sorte. Pois, «o Espirito do Senhor repousou sobre nós, pelo que elle nos consagrou com a sua unção, e enviou-nos a prégarmos o Evangelho aos pobres, a sararmos os quebrantados de coração, a annunciarmos aos captivos a redempção e aos cegos a vista, a pôrmos em liberdade os quebrantados para seu resgate e publicar o amor do Senhor e o dia da retribuição.»<sup>1)</sup>

Em fim, veneraveis Irmãos e Filhos dilectos, levantamos o olhar da nossa mente ao Altissimo, atravessando as regiões sidereas onde scintilla o Cruzeiro, e oramos:<sup>2)</sup> Pae santo, chegou a hora, fortifica e vosso servo, a fim de que elle possa dar a vida eterna a todos aquelles que vós lhe confiastes; a vida eterna que consiste em que elles conheçam por um só e verdadeiro Deus a vós e a Jesus Christo que vós enviastes. Dae, Senhor, ao vosso humilde servo a graça de ensinar, de santificar e de dirigir o seu rebanho segundo vossos santos desejos, para que nenhuma ovelha se perca e todas sejam santificadas na verdade e sejam um, como Vós e vosso Filho sois um, e formem um

<sup>1)</sup> Luc. 4, 18.

<sup>2)</sup> Jo. 17, 1 e s.

povo unido, um povo forte, um povo santo, um povo glorioso e feliz.

E erguendo a nossa mão, vos abençoamos, com todo o amor e carinho, em nome da Santíssima Trindade:

*Benedictio Dei Omnipotentis, Patris et Filii et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper.*

---

Dada e passada, nesta cidade de Porto Alegre, sob o nosso Signal e Sello das nossas armas, aos 13 de Setembro de 1908, festa do SS. Nome de Maria, e dia da nossa Sagração episcopal.

† *João, Bispo de Florianopolis.*

Logar + do sello.



ANEXO 4

QUINTA E ÚLTIMA CARTA PASTORAL DE D. JOÃO BECKER  
(1912)

(ARQUIVO DA CÚRIA DE FLORIANÓPOLIS)

DESPEDIDAS

---

QUINTA E ULTIMA  
CARTA PASTORAL

LE

DOM JOÃO BRAGA

PRIMEIRO BISPO DE FLORIANOPOLIS



FLORIANOPOLIS

Typographia d'«A Época»

1912

## Dom João Becker

POR MERCÊ DE DEUS E DA SÉ APOSTOLICA,  
BISPO DA DIOCESE DE FLORIANOPOLIS

---

*Ao Revmo. Clero e ao Povo fiel da mesma Diocese,  
saudação, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Christo.*

---

### 1—Motivos desta Pastoral

Quatro annos são passados. E hoje vimos annunciar-vos a Nossa elevação á cadeira Archiepiscopal de Porto Alegre, e apresentar-vos Nossas despedidas.

Estas palavras, Veneraveis Irmãos e Filhos dilectissimos, formam a synthese das emoções intimas que agitam, neste momento, a Nossa alma, e das recordações que se desdobram claras e vivas em o Nosso espirito.

Era para Nós inconcebivel a ideia de sermos, um dia, promovido a essa elevada dignidade. Bem diferentes eram Nossos pensamentos, quando Nos approximavamos d'esta Capital, em 11 de Outubro de 1908, a bordo do paquete *Orion*, commandado pelo saudoso e distincto catharinense Capella.

As brancas nuvens que, aligeras, voavam pelo firmamento azul, as viridentes e magestosas montanhas que cercavam a encantadora bahia, as ondas encrespadas por um moderado vento sul, os raios alegres do sol, escondido anteriormente durante longos dias, a multidão compacta e numerosa de pessoas de todas as classes que Nos aguardava anciosamente em terra: tudo Nos

parecia entóar, em côro, um hymno de alegria e entusiasmo, a repetir com jubilo o estribillo final: *para sempre nos pertences.*

E quando no dia seguinte, data gloriosa do descobrimento deste immenso continente Americano, com a maxima pompa, na egreja Cathedral, tomámos posse desta Diocese, fitaram os Nossos olhos humedecidos o logar, ao sopé do altar-mór, onde os posteros haveriam de lêr, um dia, n'uma modesta lapide sepulchral, o epitaphio: *Aqui jaz o primeiro Bispo de Florianopolis. Orae por elle.*

Mas, insondaveis são os designios de Deus e maravilhosos seus caminhos! A voz dos Nossos superiores hierarchicos que, ha quatro annos, Nos chamára para a direcção d'esta Diocese de Florianopolis, fez-se novamente ouvir, com brandura e energia, confiando aos Nossos cuidados um outro campo de acção, mais vasto, e, por isso, de maiores responsabilidades.

## 2. Primeira plataforma

Ao tomarmos posse desta Diocese, não vos fizemos promessas retumbantes, nem vos apresentamos uma plataforma espalhafatosa; apenas vos assegurámos a Nossa melhor vontade no comprimento dos Nossos deveres episcopaes, concretizados no officio de ensinar, de santificar e de reger os Nossos queridos filhos espirituaes, segundo as normas do direito, da justiça e da equidade, normas estabelecidas pela prudencia e sabedoria seculares da Santa Madre Egreja, o que exprime a Nossa divisa: *Pascam in judicio.* (1) .

Queriamos ser vosso pai e irmão e governar-vos não *in virga ferrea*, mas *fortiter in re, suaviter in modo*, conseguindo, pela logica da razão e pela comprehensão do dever, o vosso concurso espontaneo, como christãos obedientes e sacerdotes zelosos que sois.

Alegramo-Nos, portanto, si os resultados corresponderam ás Nossas intenções, o que podemos presumir pelo

---

(1) Veja Nossa Prim. Pastoral.

facto de se haverem manifestado assim muitos dos Nossos prezados cooperadores ao saberem a noticia da Nossa transferencia: «deploro a sahida do nosso Bispo, porque não me tratou como seu inferior, mas como um seu irmão.»

Antes de trocarmos as ultimas despedidas, vamos relancear a vista sobre os factos principaes da Nossa administração quadriennal, não por exhibição vaidosa, que detestamos, mas para que todos possam avaliar a operosidade efficaz do Clero de Santa Catharina, e aquelles que costumam só olhar no episcopado as rosas das honras, vejam tambem os espinhos de alguns deveres.

Pois, a exemplo de São Paulo, procurámos servir-vos, «em jornadas muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de ladrões, em perigos da parte dos gentios, em perigos no deserto, em perigos no mar, em trabalho e fadiga, em muitas vigílias. Alem destas cousas que são exteriores, a Nossa preocupação quotidiana, o cuidado de todas as egrejas,» (1) e mil afazeres absorviam todo o Nosso tempo.

### 3—Visitas pastoraes.

Concentrámos, desde logo, Nossa maior attenção na visita pastoral, em obediencia fiel ás prescripções canonicas, para conhecermos, de perto, as necessidades da Diocese.

Visitar a Diocese consiste em que o Bispo ande pessoalmente, de logar em logar, a inspeccionar, com os proprios olhos, o clero, o povo, as egrejas, as pessoas, e todas as cousas que pertencem ao culto divino, afim de tomar conhecimento das suas respectivas necessidades e dar-lhes o competente remedio, na intenção de se restabeler e incrementar a fé sã e orthodoxa, manter os bons costumes, emendar os máos, com exhortações e admoestações, chamar o povo á practica da religião, á paz e á innocencia; promover o mais que o logar, tempo e

(1) 2 Cor. 11. 26, 27, 28.

oocasião permittirem para proveito dos fieis, segundo o julgar a prudencia do que visita (1)

Assim como o Filho de Deus, com a sua vinda visivel, «fez a redempção do seu povo, (2) e como S. Paulo andou por muitas regiões *Confirmans fratres*, confirmando e vigorizando os seus irmãos, não sómente com o Sacramento da Confirmação, senão com a prègação e sua presença, assim o Bispo visita a Diocese, para fazel-a participar da redempção de Christo, isto é, da graça e benção que Elle legou á terra, o que, sem duvida, é a maior obra do episcopado, e requer na pessoa do Bispo um elevado gráu do espirito de Deus.

Consideravamos, desde o inicio, a visita pastoral, não só necessaria, mas, «o nervo da disciplina ecclesiastica» e, «a alma do Governo episcopal» como bem dizia e praticava o santo Arcebispo de Braga, Dom Frei Bartholomeu dos Martyres. (3)

Pois, como o jardim, por mais fertil que seja o seu sólo, necessita da presença vigilante de zeloso jardineiro, assim toda a Diocese, que é campo do Senhor, reclama a visita do seu Prelado, para que, com justiça e competencia, possa dirigir os trabalhos diocesanos, visto como no dizer do Philosopho «o olhar do amo engorda o cavallo, e seus passos fertilizam a terra. (4)

Sahimos doze vezes em visita pastoral, demorando-Nos cerca de onze mezes n'esta laboriosa missão.

Assim é que podêmos percorrer toda a Diocese uma vez e grande parte pela segunda.

E já tinhamos elaborado o itinerario de uma nova excursão pastoral, de dous mezes de duração, para visitarmos, pela segunda vez, o sul do Estado, quando Nos veiu surprehender, em preparativos de viagem, a noticia da Nossa elevação ao Solio Archiepiscopal de Porto Alegre.

(1) Conc. Tr. sess. 24, c. 3 R.

(2) Luc. 1. 68.

(3) Estimulo dos Pastores.

(4) Arist. L. Ec. n I. 6.

A distancia total por Nós percorrida em visita pastoral attinge a cerca de 6.400 kilometros, a saber: a canôa 66 kilometros, em navio a vapor 1.540 kilometros, em estrada de ferro 837 kilometros, a carro 1.365 kilometros, a cavallo 2.592 kilometros.

Essas longas e penosas viagens não eram de recreio, mas de aturado trabalho, a ponto de Nos terem enfraquecido as forças e estragado a saúde, talvez para muito tempo.

#### 4—Logares visitados

Visitámos duas vezes: a Egreja Cathedral, as freguezias: da ss. Trindade, Lagoa, S. José, Santo Amaro, Theresopolis, São Pedro de Alcantara, Itajahy, Gaspar, Brusque, Porto Franco, e as capellas: Palhoça, Angelina, Aguas Negras.

Visitámos só uma vez as freguezias e curatos Ribeirão, Santo Antonio, Cannasvieiras, Rio Vermelho, Aranguá, Jaguaruna, Cresciuma, Cocal, Nova Veneza, Urussanga, Azambuja, Orleans, Tubarão, Braço do Norte, Imaruby, Pescaria Braba, Laguna, Villa Nova, Mirim, Garopaba, Enseada de Britto, São Joaquim, Lages, Curitibaanos, Campos Novos, Canoinhas, São Miguel, Tijucas, São João Bâptista, Nova Trento, Porto Bello, Camboboriú, Blumenau, Rodeio, S. Vicente de Luiz Alves, Massaranduba, Penha, Barra Velha, Paraty, São Francisco, Jaraguá, Joinville, Bechelborn, São Bento.

Visitámos uma vez as seguintes capellas: Rio Tavares, Praia dos Inglezes, Pantano do Sul, Passo do Sertão, Sombrio, Urussanga velha, Quadro do Norte, Rio Bonito, Gravatá, Armazem, Araçatuba, Estreito, Coqueiros, Aguas Mornas, Vargem Grande, Taquaras, Santa Thereza, Lüffelscheid, Garcia, Perdidas, S. Philomena, S. Maria, Rachadel, Alto Biguassú, Tres Riachos, Biguassú, Sant'Anna do Moura, Terra Nova, São Luiz, Coração de Maria, São José, N. S. de Lourdes de Vigolo, Sto. Antonio, S. Jorge, Santos Anjos, Sta. Agueda, Pinheiral, no curato de Nova Trento; Campo Alegre, Hansa, Itapocusinho, Armação, Morro grande, Itapocú, Itape-

riú, Braço do Norte, São José de Luiz Alves, S. Antonio de Luiz Alves, Escalvados, Machados, Brillhante, Guabiruba, Azambuja do Norte, Barracão, Ilhota, Bahú, Gasparinho, Belchior, Indayal, Ascurra, Painel, São José e Coração de Jesus no Cerrito, Santa Cecilia, Lageadinho, Rio Novo, Santa Cruz na Serra da Esperança, Perdizes Grandes e Trombudo.

Visitámos nesta capital todas Irmandades, a Ordem Terceira de São Francisco e todas as associações catholicas.

Fizemos duas visitas canonicas ao Convento Sagrado Coração de Jesus, Casa provincial das Irmãs da Divina Providencia. Nas excursões pastoraes visitámos as demais casas de Religiosas, de accordo com as prescripções canonicas.

#### 5—Apostolado da palavra

Com a exposição acima queremos apenas dizer que não Nos poupámos a trabalhos.

Cerca de seiscentas vezes vos dirigimos Nossa humilde palavra, ensinando-vos as doutrinas salvadoras da Santa Igreja, as quaes, ao mesmo tempo, que esclarecem o espirito na conquista da verdade fortificam o coração na pratica do bem.

Punhâmos sempre serio empenho em promover no meio do clero, a virtude, a disciplina e a sciencia. (1) Para esse fim mandámos pregar dois retiros espirituaes, em que tomaram parte todo o clero secular e muitos dos sacerdotes congregados e regulares.

Realizámos no mesmo intuito o primeiro Synodo Diocesano e o primeiro Congresso sacerdotal, factos de capital importancia para a vida normal da nova Diocese e ainda vivos na vossa memoria.

Promovemos a pratica do retiro espiritual dos leigos, fazendo, o já, regularmente—as associações catholicas do Apostolado, dos Vicentinos, das Filhas de Maria, e

(1) Ps. 113, 66.

nutriamos a viva esperança de podermos, com o auxilio dos R. R. Padres Jesuitas do Gymnasio, conseguir exercicios espirituaes, durante as ferias, para homens casados e moços solteiros.

O ensino do catecismo, base indispensavel da vida christã, tem se activado em toda parte, de maneira que no anno proximo passado funcionaram 263 aulas com cerca de 10.934 alumnos.

A prègação da palavra de Deus tem se cultivado com esmero e julgamos que nenhum sacerdote da Diocese, exceptos alguns já avançados em idade, não tenha cumprido esta obrigação com bastante solitudine. Foi 9099 vezes prègada a palavra de Deus em 1911. As conferencias ecclesiasticas que periodicamente se realizam, conservam accessa a chamma da sciencia sagrada e apurado o gosto dos estudos.

#### C—Missões

Durante quatro annos mandámos prègar 91 santas missões em grande numero de egrejas e capellas desta Diocese.

Foram prègadas as seguintes s. missões pelos revmõs. Padres Lazaristas, Henrique Lacoste e Manoel Gonzales: Joinville, Santa Cruz, Itapocuzinho, São Francisco, Paraty; Barra Velha, Tubarão, Araranguá, Pedras Grandes, Imaruhy, Villa Nova, Sertão, Sombrio, Volta Grande, Cangica, São Gabriel, Jaguaruna, Braço do Norte, Gravatá, Armazem, Nova Orleans, Florianopolis, Tijucas Grandes, São João Baptista, Porto Bello, Penha, Itapocú, Lages, Campo Bello, Canóas, Painei, S. José e Coração de Jesus do Serrito, Capão Alto, São Joaquim, Bom Jardim, Curitybanos, Campos Novos, Herval, Perdizes, Trombudo, Santa Cecilia do Corisco, Pontes Altas, Laguna.

Prègaram missões os revmõs. Padres Franciscanos em: São José, Enseada de Britto, São Bento, Campo Alegre, Joinville, Gasparinho, Ilhota, Bahú, Barra de Luiz Alves, Barracão, Itajahy, Palhoça, Santo Amaro duas; Aguas Mornas duas, Vargem Grande duas, Ascurra, Rio

dos Cedros, Brusque, Blumenau duas, Indaial, Paulo Lopes, Garopaba, Araçatuba; Mirim, Nova Trento, Pinheiral, São Pedro de Alcantara duas missões, Philomena, SS, Trindade e Lages.

Os revmos. Padres Jesuitas prégaram missões em: Rio Vermelho, Cannasvieiras, Praia dos Inglezes, Ribeirão, Löffelscheid, Theresopolis, Rio Novo, Rio Tavares, Porto Franco, Barracão, Nova Trento.

#### 6—Imprensa e Escolas

Auxiliámos o mais possível a imprensa catholica, recommendando-a, subvencionando-a segundo as nossas forças *opere et sermone*. «A Época» nascida sob os Nossos auspicios, continúa fazer muito bem; mas requer ainda maior apoio por parte dos catholicos.

Fundámos a «Resenha Ecclesiastica» e patrocina-mos o *L'Amico*, do Rodeio, bem como a boa imprensa em geral.

Esta é a quarta carta pastoral que vos consagrámos. Na primeira vos apresentámos Nossas saudações e explanámos a origem, a dignidade, e os deveres do Bispo catholico, traçando-vos o Nosso programma de acção. A segunda versou sobre o momentoso assumpto das *Escolas parochiaes*. Na terceira expuzemos a solução de magnos problemas sociaes, pela doutrina da Igreja: *Pro Ecclesia et Pontifice*. Na quarta, o Clero e sua Missão moderna apontámos os campos especiaes em que o clero, moderno, sem ser modernista, deve desenvolver e augmentar sua actividade.

O numero das escolas parochiaes tem augmentado consideravelmente. Em fins de 1911 existiam 93 escolas catholicas com 5620 alumnos. E' certo, porém, que no corrente anno cresceu o numero das escolas parochiaes mais um pouco.

E' deste modo que procuravamos cumprir o Nosso officio de Mestre auctorizado.

### 7—Prática da Religião

Dahi o desenvolvimento da fé em todas as paróchias. Este é demonstrado pelo respectivo relatório annual, accusando em 1911 o numero de 247.557 confissões e de 378.500 communhões, algarismos que no corrente anno muito cresceram.

É essa a logica dos factos, fundados nas propriedades psychicas da natureza humana. O homem não pôde desejar e amar o que não conhece. É preciso que a intelligencia veja a conveniencia, utilidade ou necessidade de uma acção e a proponha como amavel á vontade, para que esta se resolva a agir, devendo-lhe em materia de fé sobrenatural acceder o influxo da graça divina, que a mova e determine.

Deus tem abençoado os trabalhos e esforços dos Nossos cooperadores.

Foram fundados varios novos centros do Apostolado da Oração, e dezeseite ou mais Congregações Marianas. Mais impulso e vida mais intensa quizéramos dar a estas pias obras, meios efficazissimos para promover a doutrina da Fé e os bons costumes entre os jovens de ambos os sexos.

Em toda a Diocese observa-se o facto consolador de ir-se desenvolvendo, sempre mais, a piedosa pratica da Communhão frequente, da quotidiana e das creanças, segundo os desejos e decretos do SS. Padre Pio X.

E podemos asseverar que a pratica da religião, o uso dos meios de santificação, em S. Catharina é um facto real, digno de imitação, embora ainda muitos que bem podiam e deviam, não recebam os santos Sacramentos.

Devemos, contudo, declarar, seguindo a rectilinea da verdade que em algumas parochias a fé não prospera como devia e a pratica da religião ainda é bem insufficiente. E mesmo nesta capital deve-se desenvolver ainda mais o ensino do catecismo e impulsionar a obra dos catechistas leigos, obra que com bastante esforço cuidámos fundar. *Parvuli petierunt, et petunt, panem. et non*

*erat, neque est, qui frangeret, vel frangat, eis: Os pequeninos pediram, e pedem, o pão da doutrina christã e da Sagrada Communhão, e não ha quem lh'o partisse, ou lh'o dê presentemente. (Jer. Thr. 4, 4.)*

A razão todos vós a conheceis: faltaram, como faltam, zelosos e santos sacerdotes, de sorte que deveis pedir a Deus que suscite no meio do seu povo novos levitas e mande novos operarios para a sua vinha.

### S—Novos templos

A vida religiosa interna deve manifestar-se externamente e crystallisar-se em obras praticas.

A construcção dos templos é uma prova do desenvolvimento da Fé, e do espirito de sacrificio dos fieis.

Durante o Nosso governo foram inauguradas as novas Matrices da parochia de Campos Novos, da parochia de Santo Amaro; e as novas Capellas de Santa Philomena, em S. Pedro d'Alcantara; S. Jorge, em Aranguá; Nossa Senhora, na Hansa, Blumenau; S. Ambrosio de Acurra, Rodeio; N. S. das Dóres, de 13 de Maio, em Massaranduba; São Martinho, em Nova Veneza; Capella da Hammonia, Blumenau; S. Catharina do Alto Biguassú, em S. Pedro d'Alcantara; N. S. do Patrocinio, do Campo Bello em Lages; S. Antonio de Itapiriú, Barra Velha; S. Jorge da Coxilha Rica, Lages; S. Sebastião do Herval, Campos Novos; Santa Anna do Aquidaban, Rodeio; Sagrado Coração de Maria, Nova Trento; Bom Jesus de Rachadel, em S. Pedro d'Alcantara; Santa Cruz de Araçatuba, Imaruhy; S. Bento de Itacoroby, Trindade; Santa Cruz em Canoinhas; S. Valentim do Rio do Braço, em Nova Trento; Capella em Barracão, S. Amaro; Santa Cruz de Pinheiros, Paraty; Santa Barbara em Lages; S. João Baptista da Barra de São Paulo, Lages; S. João de Urussanga Baixa, em Urussanga; S. Antonio dos Indios, Lages; Santa Thereza da ex-colonia militar, Santo Amaro; sendo o seu numero total de vinte e seis.

As seguintes Igrejas e Capellas iniciadas nos ultimos quatro annos acham-se em construcção:

Matriz de Curitybanos; Matriz de Lages; Matriz de Jaraguá; Capella de S. José, Braço do Norte; N. Senhora da Lameira, Campos Novos; Capella da «Fortaleza», S. Bento; N. S. do Rosario, Tijucas; Capella em Magalhães, Laguna; Capella em Armazem, Braço do Norte; Capella do Sagr. Coração de Jesus na Costa do Rio Negro, Canoinhas; Maria Santíssima na Serra dos Vieiras; S. Estanislao do Rio Novo, Canoinhas; N. S. das Dôres no Porto da Villa Nova; S. Paulo do Timbosinho, Canoinhas; N. S. das Dôres do Salto das Canoinhas; S. José do Rio Claro, Canoinhas; Capella do Rio Novo, Canoinhas; numero total deseseis.

#### 9—Acção social

Nos tempos que correm é mister que os catholicos se compenetrem dos seus deveres sociaes. Neste particular chamamos vossa preciosa attenção para Nossa Terceira e Quarta Pastoral, que desenvolvem largamente esse assumpto.

A acção social catholica, si bem que no seu inicio, já floresce em varias associações existentes. A Sociedade de S. Vicente de Paulo, vae prestando optimos serviços nesse sentido, e a ella cabe a gloria da fundação do Asylo de Orphãs, e do *Circulo Catholico São José*, com o Cinema Circulo annexo, nesta capital.

O Circulo Catholico, iniciado por um grupo de distinctos Vicentinos, auxiliado pela Veneravel Ordem Terceira de São Francisco e sendo o seu assistente ecclesiastico o revd. coadjutor da Cathedral, Padre Bellarmino Correia Gomes, tem-se imposto á estima e á consideração da população desta cidade.

As brilhantes conferencias ultimamente havidas sobre a familia, o divorcio absoluto e a acção social, salientam a louvavel actividade e as boas intenções da operosa directoria.

Uma pleiade de jovens distinctos, antigos alumnos do Gymnasio, fundou o *Centro Santa Catharina* sob a competente direcção de um Padre Jesuita. Esta nova

associação, de que faz parte o Centro Sete de Setembro com o periodico mensal *Ypiranga*, está dando provas de zelo e enthusiasmo, e muito promette.

A associação das Damas de Caridade opera maravilhas de abnegação, derramando beneficios de toda a especie pelos pobres, principalmente enfermos, auxiliando e acompanhando as Irmãs de Caridade que começaram a piedosa tarefa de assistir aos doentes em domicilio.

A Federação de todas as associações catholicas, inclusive as Irmandades, tomou a peito a manutenção e o desenvolvimento da boa imprensa, principalmente do hebdomadario *A Época*.

Merecem ainda menção especial a *Liga Josephense* na vizinha cidade de São José, a União Popular de S. Amaro e Enseada de Brito, a associação agricola de São Pedro de Alcantara, a União São José do Rodeio, a Associação Catholica de Joinville, a União S. José de Blumenau e outras aggremações congeneres, cujas denominações não Nos de momento occorrem á memoria, e que têm um numero de socios superior a 1.500.

E' de tal sorte que Nos esforçamos por dar cabal desempenho ao desenvolvimento da vida catholica e á missão de sanctificador das almas, parte integrante do munus episcopal.

Da classe operaria cuidam alguns zelosos sacerdotes, que dirigem uma escola nocturna de adultos pertencentes á grande União dos Trabalhadores de Florianopolis, criteriosamente chefiada pelo seu activo Presidente, sr. João Cancio Siqueira, o qual offereceu tambem ao clero a direcção de uma escola diurna para filhos dos mesmos trabalhadores, á qual, por um reqzinte de gentileza, deu o nome de *D. João Becker*.

#### 10—Meios de bem governar

Obedecer é mais facil, do que mandar sempre com acerto e justiça, si bem que esta sentença pareça paradoxal.

O homem, livre por natureza, deve dirigir os seus actos de conformidade com as leis moraes. E quando elle vive n'uma associação qualquer, impõe-se-lhe o dever de respeitar os preceitos que o conduzem ao fim social.

A Igreja é uma sociedade perfeita no seu genero e propõe aos seus membros um fim sublime e sobrenatural, que se deve obter pela observancia fiel de certas leis.

Ora, para que as leis da santa Igreja fossem sempre mais conhecidas e devidamente executadas, realizámos o primeiro Synodo Diocesano e mandámos imprimir os seus actos e estatutos, que formam um precioso compendio de direito ecclesiastico para os parochos.

Além disto, no orgão official da Diocese, *Resenha Ecclesiastica*, chamámos continuamente a attenção dos Nossos prezados cooperadores para determinadas disposições canonicas, que casos occorrentes pareciam reclamar.

O primeiro Congresso Sacerdotal, realizado no principio do corrente anno, além de ser para o clero instructivo e animador, estreitou mais as relações de amizade entre os sacerdotes, tratando tambem de assumptos disciplinares.

Para que houvesse uniformidade e disciplina nos emolumentos das parochias e da Camara Ecclesiastica, organisámos a Tabella Diocesana e o Regimento de Custas da Camara Ecclesiastica.

Mantivemos e tornámos obrigatorio o provimento annual de todas as capellas e fabricas das igrejas. O relatório parochial que os srs. vigarios deve nannualmente enviar á Camara Ecclesiastica, é um meio muito efficaz para se conhecer o estado e o desenvolvimento da Diocese.

#### 11—Creação de comarcas e parochias

Dividimos a Diocese em 10 comarcas ecclesiasticas cada uma presidida por um Vigario Foraneo, a saber: Lages, Urussanga, Tubarão, Laguna, São José, Brusque, Itajahy, Blumenau, Joinville e Desterro.

Creámos as parochias de Nova Veneza, Porto Franco, Luiz Alves, Canoinhas, Jaraguá e os curatos do Cocal e de Massaranduba, já existindo o projecto da fundação de outras parochias como a de São Luiz na capital, da Palhoça, Rio dos Cedros, Armazem etc.

Provenimos em vigarios effectivos as parochias vagas de Jaguaruna, de São Joaquim da Costa da Serra, da SS. Trindade, de Santa Emilia de Jaraguá, de Porto Franco, de Luiz Alves, de Nova Veneza; os curatos de Thereopolis, do Cocal e de Massaranduba; as capellas curadas de Azambuja do sul, de Orleans e de Vargem do Cedro.

Para as parochias de São Miguel e Ribeirão, a primeira agora annexa a São José e a segunda á SS. Trindade, nomeámos vigarios effectivos, que nellas algum tempo permaneceram, mas as deixaram por encontrarem serios embaraços.

Fundámos nesta capital a residencia dos Padres Franciscanos que dirigem uma grande escola gratuita e são incançaveis no serviço de Deus.

#### 12—Organisação do Ensino Diocesano e Hospitaes

Organisámos o Ensino Diocesano, vasado nos estatutos publicados em appendice á Pastoral Collectiva de 1910. Fundámos, e acha-se sob a direcção do provector educacionista Padre Ambrosio Johanning, uma Escola Normal em Blumenau, com o poderoso auxilio dos revos. Padres Franciscanos.

Nomeámos uma Directoria do ensino de maneira que, de Janeiro em diante, os professores parochiaes deverão competentemente habilitar-se e ser nomeados pela mesma Directoria.

Esta medida tornou-se necessaria, tanto para o preparo indispensavel de um pessoal competente, como para eliminar e prevenir abusos; porque, exigindo a Auctoridade diocesana a criação de escolas parochiaes, corria-lhe o dever de zelar o seu bom funcionamento e prestigiar as mesmas.

Tambem as Irmans da Divina Providencia preparam professoras para o magisterio particular e publico.

Ellas abriram durante os ultimos quatro annos, uma escola em São Bento, Joinville, Itajahy, Santo Amaro, Laguna; tomaram a direcção do Asylo de Orphans e de uma escola gratuita annexa nesta Capital, fundaram um pequeno Hospital em Blumenau e uma residencia na Trindade; têm ao todo treze escolas e o collegio Sagrado Coração nesta cidade, equiparado ás escolas complementares do Estado; dirigem cinco Hospitaes, inclusive o grande de Azambuja e têm ao todo vinte casas; outras escolas estão em via de fundação.

As Irmans Apostolas do Sagrado Coração de Jesus dirigem tres escolas, das quaes duas foram fundadas durante o Nosso tempo.

As Irmans da Immaculada Conceição têm só em Nova Trento duas escolas.

### 13--Outras obras

Comprámos, para o Bispado, um bello palacio com magnifica chacara, uma das mais importantes propriedades desta capital.

Bem mobiliada como se acha, offerece a residencia episcopal aos Nossos successores na Sede de Florianopolis as condições que a sua elevada dignidade de Principes da Igreja reclama.

Na Igreja Cathedral melhorámos o canto liturgico, confiando a sua direcção ao projecto musicista rev. padre Remaelo Foxius, que, com licença especial do seu digno Superior, merecedor de reconhecimento, se dedica exclusivamente a essa missão.

Varias vezes, inculcámos a fundação da obra das Vocações Sacerdotaes, já ordenada pelo Synodo Diocesano. Mas, devemos constatar, com bastante sentimento, que essa obra, de absoluta necessidade, não teve a desejada accitação.

Rogamos, portanto, encarecidamente o rev. Clero e os fieis tomem na devida consideração, não obstante haver

algumas difficuldades, os reiterados pedidos e determinações que nesse sentido lhes dirigimos.

Tentámos, varias vezes, a creação do Seminario diocesano, mas baldados foram todos os nossos esforços. Não Nos foi possível conseguir os recursos materiaes necessarios, nem o pessoal docente.

Outro plano então concebemos, plano que obteve plena approvação da parte dos Nossos Superiores hierarchicos, o de fundar uma escola apostolica ou preliminar, aproveitando os Seminarios já existentes no Rio Grande.

E' de tal fórma que envidámos os melhores esforços, a fim de cumprirmos a terceira parte do Nosso officio de Bispo, o de Director. Nenhuma vez a arbitrariedade Nos insufflou decreto algum, mas todos os Nossos actos administrativos inspiraram-se nas leis e no sentir da Igreja.

Apascentar com justiça o Nosso dilecto rebanho, era Nossa divisa e n'isso collocavamos sempre o Nosso maximo empenho: *Pascam in judicio*.

#### 14—Passagem evangelica

Tendo sempre em vista os interesses, desta Diocese e o bem geral da Igreja, é que pautámos pelo exemplo de Jesus Christo os Nossos actos, sem afferral-os a rotinas embaraçosas e archaicas ou inspirar-lhes tendencias subservientes.

Occorria-Nos, em certas emergencias o seguinte trecho evangelico: «E aconteceu que estando Jesus à mesa em casa de Levi, logo vieram muitos publicanos e peccadores e sentaram-se a comer com Jesus e os seus discipulos. E, vendo isto os pharisetis, diziam aos discipulos d'elle: «Por que razão come o vosso mestre com os publicanos e peccadores?» Mas ouvindo os Jesus, disse: «Os sãos não têm necessidade do medico e sim os enfermos. Porquanto não vim a chamar os justos, mas os peccadores!» (1)

São Gregorio Papa, explicando a precitada passa-

(1) Math. 9, 10—Conf. Marc. 2. 15.

gem do Evangelho, diz que os phariseus mostraram desprezo ao procedimento de Christo, visto ser a compaixão signal da verdadeira justiça e o desprezo da falsa. E acrescenta o mesmo santo Padre: «Sed aliud est quod agitur typo superbiae, aliud quod zelo disciplinae»: outra culpa é agir por espirito de soberba, outra por zelo de doutrina. (1)

Por isso, si durante o Nosso tempo se levantassem vozes, ainda que esporadicadas, discordando do Nosso modo de pensar e proceder, deveríamos declarar que também a Nós assistia o direito de termos uma opinião pessoal escudada em justos motivos; e pensamos que também Nós tínhamos as luzes do Espirito de Deus no que Nos cumpria ensinar e fazer como propagador do Evangelho, em nome de Jesus Christo. (2)

#### 15—Varias considerações

Reconhecemos e professamos que não atingimos o alvo que, ao assumirmos o Governo da Diocese, Nos prefixámos. Esboçamos apenas o quadro que queríamos pintar sobre a magnifica tela, já sabiamente preparada pelos exmos. srs. Bispos de Curityba.

Era agora o Nosso intento darmos as côres mais preciosas a esses traços basicos do quadro, afim de n'elle apparecer a figura da Diocese em toda a sua formosura.

O Nosso successor, com arte mais aperfeçoada e mais habil do que Nós, continuará o Nosso trabalho e emendará os Nossos erros.

Nunca Nos faltaram boas intenções, por isso onde as forças são insufficientes, deve-se acceitar a boa vontade. Fizemos o que esteve ao Nosso alcance, outro mais aquinhoado maiores obras fará.

E si, mercê de Deus, algo conseguimos o attribuímos á docilidade dos fieis e ao auxilio constante do clero. Como S. Paulo dizemos: (3) «Eu plantei, Vós regastes,

(1) Homelia 34. in Evangelium.

(2) Cor. 7. 40.

(3) Cor. 1. 3, 6 ss.

mas o incremento Deus o deu. Por isso é que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega; e sim Deus que dá o incremento.»

Nós somos convosco, Irmãos dilectos, os cooperadores de Deus; e vós, Filhos amados, sois o formoso campo que Deus cultiva, sois a casa mystica que Deus edifica.

Segundo a graça que Deus Nos deu, como sabio architecto, puzemos o alicerce, sobre o qual edificará outro Bispo mais sabio, mais activo, competente e santo, a quem haveis de offerecer, como ao vosso legitim. Superior e Enviado de Deus, a vossa estima e amor, obedecendo-lhe com carinho, sem criticas odiosas, nem censuras odientas.

E dizendo-Nos sabio, não o fazemos para Nos exaltar, mas com isso significamos que o bem por Nós feito o attribuímos á divina graça e que a Nossa sabedoria consistiu em dar á Nossa obra o unico verdadeiro fundamento, Jesus Christo, o Pastor supremo das almas.

#### 16—A Igreja: Indios e Colonos no passado.

A civilização dos indios é problema cuja solução interessa fundamente a vida colonial deste Estado. Não basta dispensar-se protecção aos indios contra iniquas perseguições e ataques crueis, é egualmente necessario que os colonos sejam defendidos contra os assaltos traiçoeiros e depredações apavorantes dos selvícolas.

Em Santa Catharina a questão da catechese dos indios tem uma feição todo especial. O indio se apresenta feroz, indomavel e viciado.

Os colonos, que são pioneiros abnegados do progresso e abrem nova fonte de receita para os cofres publicos, têm o inquestionavel direito da defesa propria e de serem protegidos pelas Auctoridades do paiz, em virtude da compra ou doação das terras que elles cultivam e amanha com o seu suor, em beneficio do progresso geral.

A Igreja não despreza os immigrants, nem os in-

diões selvagens; a uns e outros offerece o seu auxilio, em quanto isto lhe seja possível, conscia de ser por Christo Senhor Nosso, o que fizer pelos desamparados.

Da mesma fórma que ella, desde os primeiros annos do descobrimento do Brazil, consagra um cuidado especial aos selvicolas, protege os colonos que vêm desbravar a terra inculta.

E' esse um facto que tambem lhe reconhece o historiador protestante Roberto Southey, na sua Historia do Brazil: «Ao chegarem os jesuitas ao Brazil, eram excessivamente numerosos os naturaes ao longo da costa. Para exprimir a multidão que havia delles, dizia Thomé de Souza a el-rei, que si os matassem para o mercado, não se lhe daria fim.

Mas ao passo que se robusteciam e estabeleciam mais engenhos de assucar, tornavam-se mais tyrannicos os colonos, tratando os indigenas como uma raça de animaes inferiores, creados unicamente para uso delles. Innumeros destes pobres indios definhavam na escravidão; outros viviam acabrunhados de duro trabalho e desapiadados tratos, e os que escapavam ao captiveiro, fugiam para os sertões, onde a quatrocentas ou quinhentas leguas do mar ainda mal se julgavam seguros. Onde quer que os portuguezes se haviam juntado, tivera logar esta destruição. Proseguindo sempre no systema inaugurado por Nobrega e Anchieta, iam os jesuitas, quando para seu zelo não achavam mais emprego na costa, buscar os indigenas ás suas abrigadas, sendo estas jornadas muitas vezes obra para dezeseis a dezoito mezes.

Disto se aproveitaram os caçadores de escravos, e distarçados em jesuitas attrahiam muitas vezes os selvagens com este, o peor de todos os sacrilegios. Debalde publicava a cõrte decreto sobre decreto a favor dos jesuitas e em bem dos indios; os mesmos cujo dever era fazer executar estas ordenações, achavam-se frequentemente envolvidos na culpa que haviam de punir e atalhar. Não me nos impolitico que perverso era este procedimento. Si, como Thomé de Souza e Mem Sá, de

tivessem os governadores, seus successores, apoiado o plano dos jesuitas, nunca os colonos se teriam visto baldos de trabalhadores livres, mas com a sua tyrannia despovoaram tão completamente a costa (excepto onde os selvagens dominavam feroz e continuamente guerreando) que a não ter sido o zelo perseverante dos missionarios, não se teriam podido manter as colonias nos principios do seculo XVII, nem a rara população européa houvera resistido aos piratas inglezes.»

### 17—A Egreja: Indios e Colonos no presente.

O Summo Pontifice Pio X, cujo governo tem sido de uma proficuidade extraordinaria e admiravel, continúa as gloriosas tradições dos seus predecessores.

Parece incrível que em pleno seculo vinte, enquanto a tuba da civilisação apregôa aos quatro ventos a egualdade, a liberdade e a fraternidade de todos os povos, haja quem escravise e massacre, sem piedade nem dó, milhares de indios.

E' uma vergonha para o nosso seculo, a serie de factos deshumanos ultimamente praticados em Putomayo, alto Amazonas e pertencente ao Perú, e em «Valle Nacional» no Mexico.

Consta que nos doze annos ultimos, 30.000 indios foram massacrados no districto de Putomayo e que em Valle Nacional, annualmente, cerca de 15.000 escravos indianos são victimas da crueldade de homens sem alma.

Depois de descrever o estado desgraçado dos indios diz o Santo Padre:

«Ha muito, pois, ficando em nosso pensamento a idéa de remediar tamanhos males, esforçando-nos quanto possivel, humildes supplicas levantamos a Deus para que nos queira benignamente indicar o caminho opportuno de remedial-os. E o mesmo Creador e Redemptor amantissimo de todos os homens, que nos infundiu o desejo de trabalhar pela salvação dos indios, dar-nos-á por certo, tambem os meios adequados a tal fim. Uma cousa, no entanto, realmente nos consolá; é que os governadores

dessas Republicas se esforçam, lançando mão de todo recurso, em repellir de seus Estados tão saliente e ignominiosa mancha.

E na verdade, não temos louvores e approvações bastantes ao empenho delles. Todavia naquellas regiões como são geralmente invias e afastadas da séde do governo, essas philantropicas empresas do poder civil, em geral pouco aproveitam e muitas vezes são de todo mallogradas, já pela inercia e perfidia dos agentes, já pela esperteza dos malfeitoses que em tempo transpõe o territorio. Si, porém, com o Estado cooperar a Igreja, então somente os fructos que desejamos serão mais abundantes.

— A vós, pois, principalmente appellamos, veneraveis Irmãos: appliqueis vossos pensamentos e peculiar cuidado, a esta causa que bem merece o desvelo de vosso dever e *munus* pastoral. E deixando tudo o mais á industria de vosso zelo, a isto sobretudo vos exhortamos encarecidamente que, quaesquer instituições que haja em vossas dioceses em prol dos Indios, vós as promovais com empenho, e cuideis outrosim de crear outras instituições que vos parecer uteis para o mesmo fim. D'ahi sêde diligentes em admoestar vosso povo acerca do muito santo dever que lhes incumbe de prestar auxilio ás sagradas expedições levadas aos Indigenas, que foram os primeiros habitantes do solo americano. Fiquem, pois, sabendo que em dous modos principalmente devem auxiliar esta empresa, pela collaboração do obulo e offerecendo suas orações: e isto lhes exige não só a Religião, mas tambem a Patria.

— Vós, pois, onde quer que se trabalhe pela educação nos bons costumes, isto é, nos seminarios, collegios, grupos infantis e sobretudo nas egrejas, fazei com que nunca cesse a prêgação, recommendando a caridade christã, que todos os homens reune sob o mesmo titulo de irmãos, sem lhes discernir nacionalidade nem côr; a qual deve antes provar-se pelas acções e boas obras, que figurar nas palavras. E igualmente não deve deixar-se passar occasião alguma, que se offereça, de proclamar

de quanto desdouro deixam salpicado o nome christão aquellas indignidades que aqui denunciámos— Quanto a Nós, tendo fundadas esperanças no bom assentimento e favor dos poderes publicos, tomamos especialmente o empenho de alargar na immensa extensão desses paizes o campo de acção da Sé Apostolica, dispondo nellas outras estações missionaes, onde os Indios possam encontrar abrigo e defeza.

Pois que á Egreja nunca faltaram varões apostolicos que, levados pelo amor de Jesus Christo, estivessem sempre promptos e preparados a entregar a mesma vida por seus irmãos. Ainda hoje em dia, que é grande o numero dos que desdenham a fé, ou della decahem, não só não se arrefece, no coração de ambos os cleros e das virgens consagradas a Deus, o zelo de espalhar a semente evangelica entre os barbaros, mas cresce cada vez mais e se diffunde por toda parte, em virtude do Espirito Santo, que acode ás necessidades da Egreja, sua esposa, segundo as exigencias dos tempos. Portanto, julgamos necessario lançemos mão dos recursos presentes para libertar os Indios da servidão de Satanaz e dos homens pe;versos, tanto mais largamente, quanto maior é a necessidade que os aperta. De resto, como os pregadores do Evangelho tem regado essa parte do globó não só com os suores, mas, por vezes, com o proprio sangue, confiamos que em razão de tantos trabalhos, a seara christã haja de florescer um dia para a colheita de excellentes fructos».

Em Junho do corrente anno dirigio S. Santidade esta Carta Encyclica ao Episcopado da America Latina, e logo depois, em 15 de Agosto, publicou um *Motu proprio* em favor dos imigrantes e fundou uma repartição especial encarregada de cuidar dos interesses espirituaes dos mesmos.

O Papa deu assim um testemanho irrefutavel de que dispensa sua paternal protecção tanto aos miserandos selvicolas, como áquelles que vêm procurar uma nova patria, onde se estabeleçam e de cuja prosperidade se tornam fervorosos propulsores.

Quanto á catechese dos indios, tudo está por fazer neste Estado. Antes da recente lei da catechese leiga, trabalhavamos para conseguir a fundação de duas estações missionaes, uma nas regiões de Annitapolis e a outra no districto de Canoinhas.

Nesse intuito já Nos havíamos entendido com algumas ordens religiosas, e alguns sacerdotes tinham oferecido para esse fim os seus serviços.

Embora os referidos sacerdotes gratuitamente quizessem prestar o seu concurso a esse empreendimento sobremaneira louvavel, havia necessidade de recursos materiaes, que completamente Nos faltavam.

Recorrendo em caracter particular ao digno Governador do Estado de então, o exmo. sr. Coronel Gustavo Richard, sua exa. manifestou optimos desejos de secundar os esforços que iamos empenhar, os quaes aliás não sortiram effeito algum.

Recommendámos, portanto, ao revd. Clero e aos fieis desta Diocese que attendam ás palavras do Summo Pontifice acima transcriptas, e cumpram, em quanto possam, os seus desejos e determinações.

#### 18—Agradecimentos e despedidas

Chegou, em fim, o momento das Nossas despedidas e agradecimentos.

Agradecer devemos, em primeiro logar, ao Deus Omnipotente, que sempre tem assistido aos Nossos trabalhos e abençoado as Nossas obras. Porque «toda a dadiva em extremo excellente e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pae das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação». (1)

Ao Senhor, pois, que Nos tem guiado e protegido, desde a infancia, com admiravel solitudine e incompre-sivel amor, consagramos em reconhecimento, e collocamos ao seu inteiro serviço, todas as Nossas pobres facul-

---

(1) Jac. 1, 17.

dades com todo o Nosso humilde ser: Te Deum laudamus,  
Te Dominum confitemur.

A' Sua Eminencia Revma. o Senhor Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, insigne Arcebispo do Rio de Janeiro, e que foi o Nosso primeiro Metropolitano, temos a honra de endereçar os Nossos respeitosos cumprimentos, a par da expressão intima do Nosso reconhecimento pelas atenções com que Sua Ema. sempre tem distinguido esta Diocese.

As Nossas homenagens de veneração e acatamento, e saudações mui sinceras offerecemos ao eminente Representante da Santa Sé junto ao nosso Governo, o exmo. e revmo. sr. Nuncio Apostolico Mons. José Aversa, preclaro Arcebispo de Sardes.

Ao egregio Senhor Ministro Plenipotenciario junto á Santa Sé, o Dr. Bruno Chaves, ornamento brilhante do Corpo Diplomatico brasileiro, apresentamos Nossas saudações e agradecimentos pelas finezas e favores que dispensou á Diocese de Florianopolis.

Sobre o tumulo do benemerito Mons. Alexandre Bavona, fallecido em Vienna d'Austria, depositamos, em espirito, uma corôa de saudades.

Em a Nossa primeira Carta Pastoral declarámos que com o nobre Governo do prospero Estado de Santa Catharina queriamos sempre manter amistosas relações por terem ambos os poderes, o civil e o ecclesiastico, a Deus por auctor, o primeiro como auctor da natureza e o segundo como auctor da graça, e por um visar a felicidade temporal e o outro a felicidade espiritual e eterna do mesmo povo.

E accrescentámos: procuraremos collaborar com

os poderes publicos constituídos para o engrandecimento material e moral do heroico povo de Santa Catharina, de modo que as duas bandeiras da Patria republicana e do Catholicismo possam marchar paralellamente ao lado uma da outra, completando a acção que ambas dever realizar\*.

Essas relações amistosas sempre as cultivámos com honra para o cargo que indignamente occupavamos, como tambem prestámos, de boamente, essa collaboração sem transigirmos, entretanto, com os deveres da Nossa posição. E podemos affirmar que a Nossa acção episcopal contribuiu, ainda que talvez tangencialmente, para o progresso moral e intellectual do Estado, em virtude da influencia saudavel-que-a Religião exerce sobre os espiritos e os costumes.

— Aos benemeritos Governadores srs. Coroneis Gustavo Richard e Vidal Ramos offerecemos os Nossos sinceros agradecimentos pelas attentões que Nos dispensaram com requintado cavalheirismo; e á suas exas. que Nos honram com a sua amisade pessoal, dirigimos saudosos cumprimentos de despedidas. Rogamos a Deus corõe de feliz exito todos os projectos patrioticos do actual sr. Governador, cuja benemerencia todos reconhecem e applaudem. Nossas saudações bem cordeas aos seus operosos auxiliares.

Egualmente, ao honrado Vice-Governador ora em exercicio, o exmo. sr. Coronel Eugenio Luiz Müller, dirigimos protestas do Nosso respeito e gratidão.

---

Volvamos o Nosso olhar ao revdo. clero e aos fieis em geral.

Não achamos palavras bastante expressivas, nem expressões assaz affectuosas, de modo a podermos significar os Nossos profundos agradecimentos ao Exmo. Monsenhor Francisco Xavier Topp, inexcédível no trabalho, admiravel pelo seu zelo verdadeiramente apostolico, modelo de obediencia e peifeição sacerdotal. Todos lhe re-

conhecem um merito sem par neste Estado, onde coope-  
ra, ha dilatados annos, para o progresso da Religião,  
devendo-se attribuir ao seu esforço persistente, em grande  
parte, a creação desta Diocese.

A Nós prestou serviços de grãnde valor, quer como  
cura da Nossa Igreja Cathedral, quer como Secretario do  
Bispado, sempre prompto a Nos auxiliar em todos os  
trabalhos e occupações. A' sãa exa. Nossa immarcescivel  
gratidão e Nosso adeus!

Aos Padres do prospero Gymnasio Santa Catharina  
Nossos leaes agradecimentos não só pelo bem incalcula-  
vel que distribuem á mocidade estudiosa, mas tambem  
pelos serviços que Nos prestaram na Igreja Cathedral,  
auxiliando as funcções ecclesiasticas e religiosas, toman-  
do a si muitas vezes a execução do canto, ou prégando  
a palavra de Deus, como ainda promovendo a acção  
social.

Ao revmo. sr. Padre Henrique Book, que dirige com  
reconhecido criterio e louvavel proficiencia aquelle im-  
portante estabelecimento de educação e de ensino secun-  
dario, bem como ao seu primeiro director, tão estimado  
n'esta cidade, o revmo. Padre Carlos Norberto Ploes,  
tributamos, de um modo especial, os Nossos applausos e  
a expressão intima do Nosso reconhecimento.

Nossos effusivos agradecimentos aos dois zelosos  
Padres Franciscanos Frei Nicodemos Grundhoff e Frei  
Evaristo Schürmann, que durante todo o tempo em que  
se acham nesta capital, Nos foram auxiliares poderosos  
em muitos e constantes trabalhos, como collaboradores  
intelligentes e doces em não poucas obras.

Ao revmo. sr. Padre Archangelo Ganarini, bemfeitor  
notavel do Bispado, e que, com exemplar dedicacão,  
exerce as funcções de Capellão do Hospital d'esta cidade,  
Nossos agradecimentos e saudações.

Menção honrosa merece o revmo. sr. Padre Gabriel  
Lux, da Congregação do Coração de Jesus, pelo factó de  
administrar, ha longos annos, com a maxima dedicacão,

desinteresse pessoal e proficiência, o Hospital de Azambuja e o Asylo de alienados, estabelecimentos pertencentes ao Bispado e construídos por iniciativa e sob a criteriosa direcção daquelle benemerito sacerdote.

Estiveram durante tres annos n'esta Diocese, trabalhando comnosco, os distinctos Missionarios Lazaristas Padres Henrique Lacoste e Manoel Gonzales, que, como filhos dedicados de S. Vicente e obedecendo á divisa de sua benemerita Congregação—*Evangelizare pauperibus*—prégaram a palavra de Deus nas cidades e no campo, nos sertões e nas praias arenosas do Estado. A elles, Nossos louvores e agradecimentos.

Aos revdos. Padres Franciscanos, principalmente ao Padre Rogerio Neuhaus o apóstolo da Serra, tão zelosos quão abnegados e que mantêm uma turma de Missionarios, composta dos revdos. Fr. Burchardo Sasse e Fr. Evaristo Schurmann; aos revdos. Sacerdotes do S. Coração de Jesus, optimos obreiros do Senhor; aos Padres Jesuitas de Nova Trento, notadamente ao Padre João Maria Cybeo, o infatigavel Missionario de outr'ora; aos activos e benemeritos Padres seculares, que tão relevantes serviços, vão prestando á Diocese com reconhecida dedicação; a todo o clero, em fim: Nossos profundos agradecimentos, Nossos louvores e bençãos, um adeus saudoso!

Bem quizeramos dizer-vos com S. Paulo: (1) «Nós vos conjuramos diante de Deus e de Jesus Christo, que ha de julgar os vivos e os mortos na sua vinda e no seu reino que pregueis a palavra, que insistaes, a tempo e fóra de tempo; que reprehendaes, rogueis admoesteis com toda a paciencia e doutrina. Porque virá o tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conformé os seus desejos e assim apartarão os ouvidos da verdade e os applicarão ás fabulas. Vós, porém,

(1) 2. Tim. 4, 1 1s.

vigiae, trabalhae em todas as coisas, fazei a obra de Evangelista, cumpri com o vosso ministerio».

Sede santos e perfeitos como o Summo Sacerdote, Jesus Chrisio, que vos diz, nos trabalhos e tribulações:

«Si alguém quizer vir após de mim, renuncie o si proprio, e tome a sua cruz me siga. (1)

A's benemeritas Congregações de Religiosas, Nossos agradecimentos pelos optimos serviços que estão prestando á religião e á sociedade, e Nossas despedidas.

A' Federação das Associações Catholicas, ás Ordens Terceiras, Irmandades, Conferencias de S. Vicente, Apostolado, Associação de Damas de Caridade, Filhas de Maria, ao Circulo Catholico desta Capital e a todas associações congeneres e catholicas em geral, tributamos os sentimentos da Nossa viva gratidão e as homenagens da Nossa estima e amizade. A todos esses sodalicios Nossas despedidas.

A' illustrada Imprensa desta Capital e de todo o Estado, Nossos effusivos agradecimentos e um affectuoso adeus.

Ao nobre Corpo Consular, de envolta com os agradecimentos pelas finezas que houve por bem dispensar-Nos, apresentamos respeitosas saudações.

Aos exmos. srs. Senadores e Deputados federaes e estadoaes, aos egregios Magistrados da justiça federal e estadual, a todas as emeritas Auctoridades civis e militares, endereçamos Nossos cumprimentos de despedida.

Ao carinhoso povo catharimense agradecemos as innumeradas provas de amizade e consideração que Nos dispensou, tão galhardemente, e lhe dizemos adeus.

## 20—Epilogo

Como lembrança preciosa desta Diocese, levamos, no escudo das Nossas Armas Archiepiscopaes, o emble-

(1) Math. 16. 24.

ma do Estado de Santa Catharina: a aguia segurando nas garras a chave e a ancora, symbolo, para Nós, da fé, esperança e auctoridade.

A todos os distinctos catholicos deste futuro Estado endereçamos as palavras que S. Paulo dirigio aos Thessaloniceuses: «Graça e paz a vós. Sempre damos graças a Deus por todos vós, fazendo memoria de vós nas Nossas orações sem cessar, lembrando-nos diante de Deus Nosso Pai da obra da vossa fé e do trabalho e caridade, e da firmeza da esperança em Nosso Senhor Jesus Christo: porque sabemos, amados Irmãos, que a vossa eleição é de Deus, porquanto o Nosso Evangelho foi não prégado a vós outros sómente de palavra, mas também com efficacia, em virtude do Espirito Santo, em grande plenitude como sabeis quaes Nós fomos entre vós, por amor de vós, de sorte que Nós ainda não menos Nos gloriamos de vós outros». (1)

Esta Nossa Carta Pastoral será lida na Igreja Cathedral, nas Matrices, Capellas, Oratorios publicos e semi-publicos, bem como em todas as Communidades Religiosas de ambos os sexos, e nas parochias, curatos e capellas curadas, será ella registrada no livro do Tombo e archivada.

E como penhor da Nossa profunda estima e gratidão perpetua, imploramos sobre vós todos a mais rica e abundante benção de Deus: *Benedictio Dei Omnipotentis † Patris et † Filii et † Spiritus Sancti descendat super vós et maneat semper. Amen.*

Dada e passada nesta Cidade de Florianopolis, sob o Nosso signal e sello das Nossas armas, aos 12 de Outubro de 1912, quarto anniversario da posse do Nosso governo episcopal.

† **JOÃO** Bispo de Florianopolis.

(1) *Thess. 1, 1. 5 ss.*

## INDICE

	Pag.
1 Motivos desta Pastoral	3
2 Primeira plataforma	4
3 Visitas pastoraes	5
4 Logares visitados	7
5 Apostolado da palavra	8
C Missões	9
6 Imprensa e Escolas	10
7 Pratica da Religião	11
8 Novos templos	12
9 Acção social	13
10 Meios de bem governar	14
11 Creação de comarcas e parochias	15
12 Organização do Ensino Diocesano e Hospitaes	16
13 Outras obras	17
14 Passagem evangelica	18
15 Varias considerações	19
16 A Igreja: Indios e Colonos no passado	20
17 A Igreja: Indios e Colonos no presente	22
18 Agradecimentos e despedidas	25
20 Epilogo	30

---

ANEXO 5

DISCURSO DO REV. CÔNEGO DR. VICTOR MARIA COELHO DE ALMEIDA,  
SOBRE A FUNDAÇÃO DA UNIÃO POPULAR DO BRASIL  
RIO DE JANEIRO (1908)

(BOLETIM DO CEPEHIB - ARQUIVO DO  
PROFESSOR WALTER FERNANDO PIAZZA)

UNIÃO POPULAR DO BRASIL (X)

Discurso do Rev. Cônego Dr. Victor Maria Coelho de Almeida.

O Segundo Congresso Católico Brasileiro, em que pese aos pessimistas, vai inaugurar um período áureo para a ação católico-social no Brasil.

Os fatos não de prová-lo. Não nos reunimos aqui para ventilar teorias, belas embora, mas destinadas ao zelo de poucos espíritos empreendedores, ficando, portanto, restringida a sua aplicação a determinados lugares e ligadas a certas pessoas, como condição "sine qua non" da sua existência.

A aspiração do Congresso Católico, ora reunido, é a realização do voto emitido pelo nosso Eminentíssimo Pastor, na sessão inaugural: seja o início / de um movimento geral de expansão de fé e de ação social, que haja de trazer à nossa querida Pátria salutares transformações morais e sociais, dias de bonança e de prosperidade, em que todos os brasileiros congregados no doce ósculo da verdadeira paz, fraternalmente unidos, trabalhem para o engrandecimento do seu País.

O fim principal do Congresso é a concentração das forças católicas - disse-o o nosso ilustrado Presidente - para velar pela pureza da doutrina cristã, cuidar dos interesses temporais do operário e do agricultor, animar a formação dos Sindicatos profissionais e cooperativas de crédito, de consumo e de produção que tornem a vida mais barata e mais confortável ao operário e ao agricultor, aconselhar o descanso dominical..., impedir abusos dos especuladores, fundar escolas, onde o filho do povo aprenda a ler, a escrever, a lavrar a terra, a dedicar-se à pequena indústria, a amar a Pátria e a Deus sobre todas as cousas.

De que maneira se realizará este projeto?

Não é um projeto, senhores.

O Congresso Católico apresenta a União Popular do Brasil, já fundada, com um programa definitivamente elaborado, aprovado e acoroçoado pelo Episcopado Brasileiro, para realizar essa importante missão católico-social.

Não quero falar-vos, meus senhores, a respeito da oportunidade da União Popular do Brasil.

Não quero falar-vos da existência da questão entre nós, sob o ponto de vista religioso, moral e econômico, quer na coletividade brasileira quer nos indivíduos que a compõem.

Não quero falar-vos da péssima orientação dos poderes, que procuram expelir Jesus Cristo ou dele prescindir neste País, que é a sua conquista e que, desviados pela política dos interesses abstratos ou dos interesses pessoais, não cogitam das verdadeiras necessidades da Nação; que providenciando febrilmente por atrair a emigração estrangeira, despreza o aproveitamento de 80 por cento de brasileiros, que, descuidosos e sem iniciativa pelo desamparo em que vivem, mourejam em nossas cidades e mais ainda, em nesse vastíssimo território, deserto para a policultura inteligente e lucrativa.

Tudo isto vós conheceis. O vosso coração de católicos e de brasileiros sente a opressão de tantos males, suspira pelo início de uma nova vida.

E ei-la que se aproxima.

Não foi por outro motivo que a idéia da instituição do Volksverein brasileiro, ainda envolta na penumbra de incertezas e apenas apresentando traços vagos de um programa de organização social, foi, quando surgiu, a um ano, recebida com alvíscaras de todo o Brasil.

Não foi por indisposição dos homens; foi por altos desígnios da Providência; que destinou que o nome da União Popular do Brasil fosse unido ao do Segundo Congresso Católico.

Ainda uma coincidência.

Tanto a idéia de realização do Congresso Católico, por iniciativa do Digno Presidente da Grêmia Católica, quanto a do União Popular do Brasil, por iniciativa do Frei Inocêncio Reidick, apareceram quase contemporaneamente e, depois da alguma luta com as incertezas e com o desânimo, ressuriram juntos, para se tornarem, no atual momento histórico, o princípio de uma nova via para a ação católica em nossa querida Pátria.

Chamando a vossa atenção para a União Popular do Brasil, o Congresso convida-vos, meus senhores, a realizar em nossa Pátria, no campo da ação social, o programa do atual Chefe da Igreja Católica: "Instaurare omnia in Christo".

Somos uma força, uma grande força, é verdade, mas diminuída. A Nação inteira é nossa. Cresceu e cresceu debaixo do sombrero sacrossanto da árvore bendita da Cruz.

Cristo, Senhor Nosso, conquistou-a, e consagrou-a ao seu culto e à sua glória, quando-lhe no batismo, cusa significativa e singular, que nenhum outro País do mundo mereceu, o nome que tanto prezamos da Terra de Santa Cruz.

E o Brasil se formou, na ordem religiosa e política, segundo os altíssimos intuitos da Providência...

Porém, o eco da revolução, que convulsionou os povos de raça latina, chegou até as nossas plagas; e Jesus, a pouco e pouco, foi-se encerrando no recinto das Igrejas e na vida íntima das famílias, ao passo que outros dominadores, embebidos de fórmulas revolucionárias, lhe roubaram a metade dos seus domínios: o Brasil na ordem social-civil.

Impõe-se portanto a nós, católicos, a reivindicação dos direitos da nossa Pátria, em nome de Jesus Cristo.

Impõe-se a nós a reivindicação da liberdade pessoal e privada do brasileiro, como católico, que precisamente como tal é o melhor de todos os cidadãos.

Impõe-se a nós reivindicação da reconstituição e função das classes sociais que por nenhum direito podem tornar nesse País conquista do oficialismo ateu.

Impõe-se a nós a reivindicação da unidade moral e da vocação histórica do Brasil, que é de Jesus Cristo e para Jesus Cristo...

São estes, meus senhores, os desejos do povo Brasileiro.

Somos uma força disseminada e sem coesão, e por isto inutilmente desperdiçada.

Unamo-nos, para reivindicarmos os nossos interesses ético-jurídicos e para restituirmos a Jesus Cristo o Brasil social-civil, que injustamente lhe foi arrebatado.

É este o brado do Brasil inteiro, que, à espera da gloriosa restauração, não muito não confia na direção nem na justiça dos homens, porque estes já não lhe falam em nome de Jesus Cristo.

É a nossa resposta, senhores; a resposta do Congresso Católico a esse súplico apelo da Pátria, é a organização da União Popular do Brasil. Entendamo-nos, porém.

A União Popular não é um partido político que se levanta. Digo partido, no sentido especial que hoje se dá a esta palavra, destinado a pleitear as posições governamentais.

Queremos chefes civis que respeitem os nossos direitos de ordem religiosa, civil e econômica; mas não ambicionamos o poder, nem iremos pleitear eleições em tempos, como os de hoje, em que não há respeito ao voto mas aos artifícios da cabala.

Por isto, digo-o mais uma vez, absolutamente não cogitamos da política.

Os nossos interesses sociais, os interesses pelos quais nos concentramos em federação compacta, visam a imposição moral, pela nossa coesão - "vis unita fortior" - dos nossos interesses religiosos e ético-jurídicos; visam a ação da nossa força coletiva em benefício do operário, do pequeno agricultor, do pequeno industrial, do comerciante honesto, pela instrução.

pela animação, pela proteção, pelo engrandecimento coletivo e particular da família Brasileira, mas em nome de Jesus Cristo.

Contando com a força moral, que lhe resultará da sua mesma coesão, a União Popular interessar-se-á perante os poderes públicos, por tudo o que puder cooperar pelo bom estar e pela prosperidade material do povo brasileiro, procurando também aliviá-lo de leis opressoras e de impostos exorbitantes. Até aí somente se estenderá a sua ação política.

Porém, a sua principal atividade convergirá para um trabalho direto pelo melhoramento das classes produtoras e do operariado e para um ativo serviço de propaganda religiosa e social-civil.

Orientará os agricultores, que constituem oitenta por cento da nação, estudando as condições das diversas zonas e indicando-lhes respectivamente o gênero e o modo de cultura mais apropriado e lucrativo.

Ensinará a conhecer as propriedades dos diversos terrenos; a utilidade e aplicação dos diversos instrumentos da moderna mecânica agrícola, para as acabar de um vez com a duplamente prejudicial derrubada das matas.

Promoverá e facilitará organização de caixas de crédito e de cooperativas, com o fim de facilitar o desenvolvimento da iniciativa particular; de se adquirirem ou alugarem instrumentos modernos, que facilitem o cultivo das terras e diminuam o custo da produção; de livrar os produtores das garras funestas dos intermediários nas vendas e da especulação dos varejistas locais nas compras para o seu uso diário.

Do modo idêntico protegerá os criadores, ensinando-lhes a nutrir, criar, desenvolver convenientemente os animais, a aperfeiçoar-lhes as raças pela aquisição de agilidade, beleza, resistência ao trabalho, pois nisso consiste a verdadeira riqueza do criador; facilitando-lhes os recursos, por meio das caixas e das cooperativas, afim de poderem de modo fácil e perfeito prosperar e introduzir diretamente nos mercados, sem estarem sujeitos a explorações os seus produtos com a aquisição de aparelhos e o emprego de processos modernos, tendo como garantia dos seus esforços a solidariedade dos sócios da União Popular.

Para estes fins publica um boletim mensal gratuito, opúsculos e folhas de propaganda; e tem no Centro do Rio de Janeiro diversas comissões técnicas para estudarem e resolverem as consultas.

Esta ação benéfica que a União Popular vai empreender, está destinada a despertar a iniciativa particular das nossas populações rurais, que até hoje a nenhum trabalho se animam e cercadas de ubertosas terras sofrem as mais duras privações, porque não acham quem por elas se interesse e as proteja.

Esta ação benéfica em prol da pequena lavoura e da pequena indústria, está destinada a enriquecer o nosso solo e a engrandecer a nossa Pátria.

Ainda há uma outra classe que merecerá particulares desvelos da União Popular: é o operariado

Felizmente o socialismo ainda não conseguiu estender até aqui os seus perigosos tentáculos. Mas, a propaganda já começou e aí vem impetuosa, e nós devemos opôr-lhe uma barreira irresistível prevalecendo-nos do nome de Jesus, ainda gravado no coração de todo o brasileiro, e dispensando ao operário toda a sorte de cuidados e proteção.

Para o operário temos, pois, em vista associações de beneficência, cooperativas de consumo, afim de protegê-lo das explorações dos varejistas inconscienciosos; caixas econômicas, a fim de constituírem paulatinamente um capital para garantia do futuro seu e da sua família; casas baratas e outros meios oportunos de lhe tornar confortável a vida. Valendo-nos dos meios suasórios, que as circunstâncias de tempo e de lugar apresentarem, procuraremos fazer vingar os direitos do operário ao justo descanso, à família, ao salário compensador, ao repouso dominical.

Por esta forma vamos prestar auxílio à sociedade; e pelas escolas profissionais e agrícolas, bem como pelos "patronatos" para as crianças abandonadas ao vício nas ruas e nas praças, vamos atirar-nos à conquista do futuro.

Outro campo de ação, e não menos importante: a imprensa.

Não me ocuparei aqui dos benefícios, de ordem religiosa e civil, que os boletins e as folhas avulsas da União Popular prestarão.

Quero apenas referir-me à imprensa diária nesta capital.

Tudo isso que nos tem sido prometido, com frequência, firmes e tenacidades, não é senão um sonho, e não é senão uma ilusão.

Todos o desejamos para a cidade, coração do Brasil, para o futuro de nossa nação e dos nossos direitos e intérprete seguro de nosso pensamento.

Todos o desejamos, sim; mas infelizmente ainda não achamos meio de realizar com segurança esse "desideratum".

Pois, meus Senhores, permiti-me dizê-lo com o antegoço de uma segura esperança e com a firmeza de uma inabalável convicção: prestai em todo o Brasil o vosso franco e imediato apoio à União Popular; ajudai-nos a organizar convenientemente em todas as Dioceses esta falange brasileira, que em breve vereis realizada, nas condições que todos desejamos, esse nosso comum ideal.

O Volksverein alemão, sobre cujos moldes foi instituída a União Popular de Brasil, conta atualmente 600.000 sócios. Não desejamos tão avultado número para a fundação do nosso jornal. Se conseguirmos, dentro em pouco, algumas dezenas de mil sócios, nas diversas paróquias do Brasil, teremos quanto nos basta para satisfazer a nossa aspiração, porque assim teremos superado o único obstáculo, que se opõe à fundação do jornal católico: a garantia das assinaturas; pois que, por outra parte, contamos desde já com avultado número de pessoas competentes para darem uma feição moderna e uma direção firme e esclarecida ao jornal católico.

Bastar-me-á em breves traços mostrar-vos qual é a organização do Volksverein Brasileiro nesta Capital, nas Dioceses e nos Distritos diocesanos, para vos tornar patente a coesão da nossa unidade e fácil a realização de todo o nosso programa.

O Centro do Rio de Janeiro é o órgão oficial, de onde parte a direção e para onde convergem as forças de todo o Brasil. Compõe-se da Junta Central e do Conselho Superior (ou Executivo) com diversas comissões técnicas de imprensa, lavoura, indústria, comércio, direito, para as consultas que de qualquer parte lhe forem dirigidas pelos sócios.

Como auxiliar e intermediária, terá em cada Diocese uma "Delegação diocesana", nomeada pelo Centro, a fim de facilitar a ação e a direção do Centro na Diocese. Esta delegação possuirá três ativos auxiliares para as correspondências, fundações e propaganda oral e pela imprensa, e gozará de certa autonomia; sempre porém, em uniformidade de vistas com o Centro, que exclusivamente para si reserva o direito das publicações e comunicações oficiais.

As Dioceses dividem-se em distritos e estes em bairros ou núcleos de população, tendo cada distrito um gerente, que o dirige, e os bairros ou os povoados um ou mais homens de confiança, que se acham em imediato contato com os sócios; e subordinados ao Gerente.

O que constitui a vida da União Popular, tanto no Centro, quanto nas Delegações e nos Distritos, é a escolha de homens dotados de atividade e zelo pela causa católica e social, e a frequência das suas reuniões.

Assim como do Centro parte a direção, que vai até os homens de confiança e por estes aos sócios, em sentido inverso, dos homens de confiança em cada localidade, parte a iniciativa, que dá lustro à ação benfazeja da União Popular e vida à Delegação e ao Centro, que os esclarecem; resolvem as suas dúvidas e os dirigem e animam em suas empresas em benefício dos sócios, que se acham entregues aos seus cuidados.

É certo que tudo isto não se realizará em um dia, e talvez nem mesmo em um ano. Muitos se atirarão a emprender obras sociais de grande importância. Porém o Centro não cessará de instruir, propôr, esclarecer, animar, por meio da mais ativa propaganda escrita e oral, até que daí resulte o fim almejado.

Não posso pormenorizar mais o assunto, meus senhores; para não abusar da vossa paciência e da vossa atenção.

Mas, vou ainda responder a uma dúvida, que me parece paira no vosso espírito.

Parece-me desejais saber o que a União Popular tem feito e se já conta alguma fundação.

Não podemos apresentar-vos muito, porque a dois meses apenas ultimamos o nosso programa e iniciamos a ação.

Nesta Capital, onde a organização é naturalmente mais difícil e não comporta a maior precipitação, preparamos cerca de trinta pessoas ativas, para ao tempo conveniente entrarem juntas em exercício dos seus cargos. Adotamos a divisão dos Distritos policiais para a União Popular, e reservamo-nos para, imediatamente depois do Congresso, instalar aqui a Delegação diocesana com todas as suas ramificações.

Contudo, não quisemos comparecer no Congresso sem ter feito alguma coisa.

Depois de algum estudo das condições das diversas Dioceses; escolhemos uma, a de Santa Catarina, como a mais apta a dar provas aos Senhores Congressistas do esforço empenho que nos anima na realização do programa.

Com este intuito, depois de alguma troca de correspondência com o Revmo. Padre Topp, Vigário de Florianópolis, escolhemos para Delegado da União Popular em Santa Catarina, ao fervoroso e ativo Sr. Dr. Thiago da Fonseca, que ora toma parte nas sessões deste Congresso, a quem comunicamos o nosso desejo. E ele soube realizá-lo.

Fez primeiro algumas conferências, para instruir acerca dos fins e do funcionamento da União Popular do Brasil, e no dia 10 de Julho instalou-a solenemente na cidade de Florianópolis, que foi dividida em dois Distritos.

Permiti-me referir-vos o que a este respeito diz "O Dia", publicado naquela cidade:

"Extraordinariamente concorrida foi a sessão inaugural da União Popular do Brasil nesta Capital, realizada ante-ontem à noite no salão Vasco, profusamente iluminado à luz elétrica.

Erã enorme a afluência, de modo a impossibilitar a entrada a muitos que desejavam tomar parte na reunião.

O Dr. Thiago da Fonseca, delegado diocesano, pronunciou uma alocução, explicando os fins da União e declarando que a sua fundação era uma necessidade, não somente para congregar todos os católicos como trabalhar pelo levantamento do nível moral, intelectual e econômico das classes proletárias.

Aludiu o Dr. Thiago à União Popular na Alemanha, na Bélgica, na Suíça e na Itália, cujos resultados enumerou, e demonstrou a sua eficácia para resolução dos problemas sociais.

Disse o orador que enquanto na Alemanha protestante, devido ao "Volkverein", os católicos exercem notável influência na direção dos negócios públicos, conquistando ano a ano maior número de cadeiras no Parlamento da Prússia e no Reichstag, na França católica os sentimentos da maioria do país são esmagados por um governo que não representa a opinião desse povo generoso, a quem a Igreja vota especial afeto.

Por isso o orador entendia que a consciência da nossa força não deve bastar para tornar intangíveis as crenças do povo brasileiro.

A alocução do Dr. Thiago agradou pela clareza dos conceitos e moderação da forma, mostrando-se mais uma vez um combatente calmo e prudente, que não desce a retaliações, porém procura vencer pelos argumentos.

Depois de cessarem os aplausos, esse nosso colega deu o nome dos seus auxiliares na direção da União do Estado, o que são:

Padre Francisco Xavier Giessbert, 1º. Secretário, incumbido da correspondência e dos relatórios.

Jacinto Cecilio de S. Simas, 2º. Secretário, incumbido da direção da comissão de propaganda;

Octávio Silva, 3º. Secretário, incumbido da direção das caixas agrícolas, cooperativas e obras especiais;

Dr. José Baptista da Rosa, tesoureiro;

Gerentes distritais - Rodolpho Formiga e Augusto Pires.

Em seguida foram lidos pelos gerentes distritais os nomes de seus homens de confiança e gerentes locais, que, por seu turno, leram longa lista dos aderentes da União.

Depois o Dr. Thiago declarou instalada nesta Capital a União Popular do Brasil; agradecendo o concurso da numerosa assistência.

Nos intervalos, a banda musical da sociedade Amor à Arte executou lindas peças do seu repertório.

Terminou a sessão com a exibição de tres fitas cinematográficas: "Viagem à Palestina", "Céus encantados" e "Luta pela vida".

---

Na última quinta feira foi fundada a União Popular na cidade de S. José e na Vila da Palhoça, havendo geral animação pela prosperidade dessa instituição.

---

Hoje, ao meio dia, haverá no Estreito uma reunião para o estabelecimento ali da União Popular."

Até aqui o jornal catarinense.

Deve ainda acrescentar que o nosso ativo Delegado, fundou também em algumas outras localidades a União Popular.

Eis o que pretendíamos apresentar ao 2º Congresso Católico; e agora damos graças à divina Providência, porque coroou de bom êxito os nossos esforços.

De outras Dioceses chegam-nos constantemente adesões e pedidos de informações para a instalação da União Popular; e temos recebido insistentes pedidos a fim de mandarmos emissários para esse mesmo fim.

E o povo brasileiro que desperta, ao ouvir o brado: organizêmo-nos!, em nome do catolicismo.

Organizêmo-nos! Senhores. Concentremos as nossas forças da União Popular do Brasil, para fecharmos e dissolvermos o ciclo histórico, que arrancou dos braços de Cristo o Brasil social-civil, e inaugurarmos na terra da Santa Cruz um novo ciclo de civilização integralmente católica.

E não pensemos que o povo não nos compreenderá, pois este nosso apêlo à concentração das forças católicas corresponde à viva aspiração e ao pensamento gravado na consciência da família brasileira.

Christus heri, Christus Hodie; Christus in saecula!

E este o brado uníssono da nossa fé. E chegou o tempo. Apressemos-nos em reconquistar para Jesus Cristo a ação civil neste país que lhe pertence, e em traçar desde já as grandes linhas do plano definitivo de uma íntegra civilização católica para o Brasil.

---

#### NOTA DO CEPEHIB

No mesmo Congresso, falaram outros oradores sobre o mesmo assunto.

O deputado federal Dr. José Cândido de Albuquerque Mello Mattos discursou sobre a UNIAO POPULAR DO BRASIL, abordando aspectos gerais.

Frei Sebastião Tomás, missionário dominicano, fez um amplo relatório sobre a implantação e as atividades da UNIAO POPULAR em Uberaba (Minas Gerais).

Eram sinais que mostravam a preocupação de faixas da Igreja no Brasil preocupados com a necessidade da arregimentação das forças católicas, à imitação do que se fazia na Europa.

## UNIÃO POPULAR DO BRASIL.

## ESTATUTOS GERAIS X

## I

## SEUS FINS

A União Popular do Brasil é uma associação que tem por fim:

- a) Promover a ordem cristã na sociedade, principalmente pela instrução do povo quanto aos deveres e direitos sociais;
- b) Dar a todos a educação necessária para que colaborem praticamente na elevação do nível intelectual, moral e econômico em todas as classes;
- c) Promover a refutação de todos os ataques dirigidos contra a religião católica;
- d) Combater a tendência revolucionária no terreno social.

## II

## SEU PROGRAMA

Para alcançar os seus fins, a União Popular adota o seguinte programa:

- a) Instituição de obras referentes ao interesse imediato e pessoal dos seus associados, como sejam: caixa de beneficência e mútuo socorro, assistências de todo o gênero, agências de trabalho;
- b) Instituição de obras de interesse geral e nacional, como sejam: sindicatos, cooperativas, caixas rurais, bancos populares, agências de informações;
- c) Instrução do povo, mormente no terreno profissional, social e econômico, por meio de oficinas técnicas, gabinetes de leitura, bibliotecas, centros de publicações e propaganda da boa leitura, cursos de ensino popular e conferências;
- d) Educação de oradores, literatos, jornalistas e propagandistas sociais;
- e) Publicação de um "Boletim Oficial" e de folhas avulsas;
- f) Propagação da imprensa católica.

## III

## SUA ORGANIZAÇÃO

Para executar o seu programa, a União Popular do Brasil adota uma organização simples, constituída por Direção Central, com sede na Capital da República, um Centro de Ação em cada Estado, uma Delegação Diocesana em cada diocese ou arquidiocese, gerências locais e o Congresso Geral.

## IV

## DIREÇÃO CENTRAL

§1º. A Direção Central é composta de 34 membros, eleitos pelo Congresso Geral e renovados, pela metade, de 2 em 2 anos.

§2º. A Direção Central na primeira reunião elege o seu presidente e vice-presidente e o Corpo Executivo.

§3º. O Corpo Executivo é constituído por director geral, 3 secretários, um tesoureiro e 4 conselheiros e a ele compete:

- a) Todo o movimento da secretaria da União Popular;
- b) A interpretação dos Estatutos e dar instruções sobre o funcionamento da União Popular;
- c) O estudo das questões económicas e sociais;
- d) A organização dos trabalhos do Congresso Geral;
- e) A nomeação e destituição dos chefes dos Centros dos Estados;
- f) A aprovação ou anulação das eleições de delegados diocesanos e gerentes;
- g) A execução das resoluções do Congresso Geral.

§4º. Ao presidente, e na sua falta ao vice-presidente, compete:

- a) Convocar e presidir as reuniões ordinárias e extraordinárias da Direcção Central;
- b) Representar a União Popular, para todos os efeitos, no país e fora dele; quer em juízo, quer não;
- c) Administrar os bens e o património da União Popular.

§5º. Ao director geral compete:

- a) Dirigir os trabalhos do Corpo Executivo, cujo regimento interno organizará;
- b) Dirigir o boletim oficial e quaisquer publicações a cargo da Direcção Central.

---

## V

### CENTROS DOS ESTADOS

§1º. Os centros dos Estados devem funcionar nas capitais, têm por fim impulsionar e dirigir a execução do programa da União Popular do Brasil em cada Estado e estão imediatamente subordinados à Direcção Central.

§2º. Aos Centros compete:

- a) Promover a fundação de novas gerências nos Estados;
- b) Ser os intermediários das gerências e das Delegações Diocesanas perante a Direcção Central;
- c) Resolver de acordo com o Director Geral, todas as dúvidas e dificuldades que surgirem no movimento das gerências e Delegações;
- d) Manter um registro das gerências do Estado, com a respectiva inscrição de sócios;
- e) Estudar e aprovar as bases de instituições propostas pelas Delegações Diocesanas e gerências, com o conhecimento da Direcção Central.

§3º. Os Centros dos Estados são dirigidos por um chefe nomeado pelo director geral, devendo o chefe escolher os seus auxiliares entre os bons católicos, tanto quanto possível que já sejam agentes da União Popular, na capital do Estado.

§4º. Os Centros dos Estados devem pagar à Direcção Central uma anuidade proporcional às contribuições enviadas pelas gerências dos Estados.

---

## VI

### DELEGAÇÕES DIOCESANAS

§1º. As Filas Catequéticas deverão funcionar nos séculos das bispo-  
das e arcebispados, são constituidas por um delegado, eleito de 2 em  
2 anos, pelos gerentes de filial ou arquidiocese.

§2º. As Delegações Diocesanas têm por fim inspecionar o funciona-  
mento das gerências, remover os embaraços que surgirem, quer contra a  
ação das gerências existentes, quer contra novos estabelecimentos e  
auxiliar, na sua circunscrição, a ação do Centro do respectivo Estado.

§3º. Logo que, em cada diocese ou arquidiocese, houver número su-  
ficiente de gerências, o Centro do Estado, de acordo com a Direção Cen-  
tral, convidará os gerentes a elegerem o delegado diocesano.

Recebido o convite, os gerentes enviarão seus votos, em carta, ao  
centro do Estado, o qual fará a apuração submetendo o resultado à apro-  
vação da Direção Central.

§4º. O delegado diocesano escolhe os seus auxiliares entre os bons  
católicos da séde da bispoade ou arcebispado, tanto quanto possível entre  
os agentes da União Popular.

---

## VII

### GERÊNCIAS LOCAIS

§1º. As gerências locais são constituídas por sócios simples, fun-  
dadores, benfeitores, beneméritos e remidos, conforme as contribuições  
que pagarem e fixadas pelas gerências locais no respectivo regimento  
interno.

§2º. A diretoria das gerências é composta de um gerente, um secretá-  
rio, um tesoureiro e agentes em número bastante, todos católicos prati-  
cantes.

§3º. O gerente é eleito de 2 em 2 anos, na sessão geral de outubro  
deverá a eleição recair em qualquer dos agentes da gerência e ser sub-  
metido à aprovação da Direção Central, por intermédio do Centra do Es-  
tado.

§4º. Ao gerente compete:

- a) Nomear e destituir o secretário, o tesoureiro e os agentes;
- b) Convocar e presidir as sessões da diretoria, semanalmente, as  
sessões gerais uma vez por mês e sessões extraordinárias, plenárias ou  
parciais, sempre que for necessário;
- c) Determinar a inscrição de sócios alistados pelos agentes;
- d) Assinar todo o expediente preparado pelo secretário e todos os  
documentos financeiros preparados pelo tesoureiro;
- e) Tomar a iniciativa das obras sociais, económicas e beneficentes,  
velando pelo regular funcionamento das já existentes;
- f) Apresentar ao Centro do Estado, em duplicata, um relatório com-  
pleto do movimento da gerência, de seis em seis meses;
- g) Organizar, de acordo com a diretoria, a ordem do dia das sessões  
gerais de cada mês.

§5º. A secretário compete todo o expediente, arquivo, registro de  
sócios, da gerência.

§6º. Ao tesoureiro compete a escrituração financeira, recebimentos  
de dinheiros e donativos, pagamentos de despesas e guarda do patrimônio  
da gerência.

§7º. A Diretoria compete:

- a) Promover, na localidade, a realização dos fins previstos no art. 1 destes estatutos, adotando os meios constantes do programa do art. II, tendo em vista as circunstâncias e exigências da localidade;
- b) Obter a adesão das associações locais, onde e quando seja isto conveniente;
- c) Organizar um regimento interno.

§8º. As gerências estão imediatamente subordinadas ao Centro do Estado, ao qual pagarão uma anuidade proporcional às contribuições ordinárias dos sócios.

§ 9º. As sessões semanais da diretoria destinam-se à organização do trabalho da gerências, ao estudo dos meios de ser posto em execução, na localidade, o programa da União Popular, ao preparo das sessões gerais, ao exame das necessidades locais e dos remédios para tais necessidades.

§10º. As sessões gerais de sócios destinam-se à sanção das resoluções da diretoria, às eleições, ao conhecimento, por meio do relatório semestral do gerente, do movimento social e financeiro da gerência, devendo haver sempre uma conferência sobre assunto do programa da União Popular.

§11º. As gerências devem submeter ao conhecimento do Centro do Estado as bases de todas as obras que organizarem.

§12º. No caso de dissolução de uma gerência, o que lhe pertencer - legados, títulos, bens móveis e imóveis - tudo passará ao patrimônio geral da União Popular do Brasil.

§13º. As gerências devem promover reuniões populares, festivais, conferências, concertos e tómbolas, aproveitando sempre essas ocasiões para alistamento de novos sócios.

---

## VIII

### AGENTS

§1º. Agentes são sócios, católicos praticantes, escolhidos pelo gerente para fazerem parte da diretoria de uma gerência.

§2º. Aos agentes compete:

- a) Alistar o maior número possível de sócios;
- b) Responsabilizar-se pela seção que lhes for confiada e que não poderá conter mais de 25 sócios;
- c) Estar sempre em contato com os sócios de sua seção, já visitando-os, já distribuindo-lhes os boletins, impressos e convites para sessões;
- d) Apresentar, nas sessões da diretoria, propostas referentes ao bom funcionamento da gerência, à instituição de obras úteis e às necessidades do povo;
- e) Influir eficazmente para que os sócios não falem às sessões a que devam comparecer;
- f) Arrecadar as contribuições dos sócios de sua seção.

---

## IX

§1º. O Congresso Geral é a reunião dos membros da Direção Central, chefes dos Centros de Estados, Delegados Diocesanos e gerentes, convocada, uma vez por ano, pela Direção Central.

§2º. Os Chefes dos Centros, os Delegados e Gerentes, quando não puderem comparecer, poderão fazer-se representar por qualquer dos delegados ou gerentes do Estado, dando-lhes procuração conveniente, caso nisso convenha a Direção Central.

§3º. Ao Congresso Geral compete:

- a) Eleger a Direção Central;
- b) Tomar conhecimento das obras executadas pela União Popular;
- c) Estudar e deliberar sobre todas as questões referentes ao programa da União Popular.

---

X

DISPOSIÇÕES GERAIS

§1º. A União Popular do Brasil tem por patrono S. Francisco de Assis e, por sede, a Capital da República.

§2º. Os órgãos da União Popular podem deliberar com qualquer número, independente do comparecimento da maioria desde que se faça pública, com razoável antecedência, a convocação das sessões, exceto quando se tratar de modificação de estatutos e regimento interno, sobre a qual só a maioria de 2/3 poderá resolver.

§3º. É permitida a reeleição para todos os cargos.

§4º. Podem ser sócios da União Popular todas as pessoas de boa reputação, não filiadas a seitas ou sociedade proibidas pela Igreja Católica Apostólica Romana e que se comprometam a pagar as contribuições.

§5º. Todo o sócio quite tem direito de voto nas eleições do gerente, a todas as vantagens da União Popular e a receber gratuitamente o boletim oficial e quaisquer impressos que a Direção Central resolver distribuir.

§6º. O sócio que recusar pagar suas contribuições considera-se eliminado.

§7º. Enquanto não estiver instalado o centro em um Estado, a Direção Central agirá diretamente na fundação de gerências e delegações diocesanas, com as quais corresponderá.

§8º. As pessoas, residentes em localidades onde não houver gerência, podem alistar-se na gerência mais próxima ou no centro do Estado ou ainda na Direção Central fixando a contribuição com que desejam concorrer.

\* Fontes:

UNIÃO POPULAR DO BRASIL.

Boletim oficial do Centro de Ação da União Popular no Estado de Minas Gerais - Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1909, PP. 5-17.

## UNIÃO POPULAR DO BRASIL

## INSTRUÇÕES PARA FUNDAÇÃO DE GERÊNCIAS, NAS FREGUEZIAS.

## I- A quem compete fundar a "União Popular" nas freguezias?

Tenho recebido cartas em que se me pergunta a quem compete a iniciativa da fundação da União Popular nas freguezias, Muitos estão dispostos a trabalhar, mas aguardam que outros tomem a iniciativa. Para esclarecer a esses amigos e a todos os que se interessam pelo assunto, vamos fornecer algumas informações.

Qualquer católico praticante, que chegue a conhecer a nossa organização ou dela tenha notícia, deverá imediatamente esforçar-se pelo seu estabelecimento na localidade. Para isso, ponha-se em relação com a direção Central ou com o Centro em Belo Horizonte, afim de obter o primeiro material.

Em seguida procure reunir alguns companheiros que tenham caráter empreendedor, firmeza e devotamento.

Dado esse passo, solicitem o apoio moral do vigário, o qual, pelos seus encargos, não poderá certamente tomar sobre os ombros a tarefa da organização, mas deverá auxiliar os esforços dos iniciadores.

Obtido o apoio moral do vigário, passem ao terreno prático da fundação.

Aqui surgirá outra dificuldade - a falta de recursos, - para o patrimônio.

Para vencer este obstáculo, indicaremos alguns meios já praticados em diversos lugares.

1) - Agrupem-se os iniciadores, formando uma comissão, e esta procure obter entre os católicos de boa vontade um certo número de fundadores, que contribuam de pronto com determinada quantia.

Por exemplo: querem o patrimônio inicial de 1.000\$000? Pois obtenham 20 fundadores que se quotizem, cada um com 50\$000.

Essa quota é muito pesada? não está ao alcance dos católicos da localidade?

- Pois obtenham 40 ou 50 fundadores, de modo que a contribuição seja leve para cada um.

Esse patrimônio será inalienável, apenas um depósito que a União Popular não poderá dispendar nem desfalcicar e que estará sempre em condições de ser restituído aos fundadores que o reclamarem, na parcela que a cada um competir.

As vantagens desse patrimônio inalienável são entre outras, as seguintes:

a) Contar, desde o princípio, com determinado número de sócios, presos à gerência pelo contribuição, e por isso mesmo interessados no seu desenvolvimento e sucesso.

b) Conquistar o crédito, indispensável, no nosso meio, ao desdobramento de qualquer empresa.

c) Dispor de uma renda certa, embora pequena, proveniente dos juros do patrimônio.

Alem disso, os sócios fundadores se reúnem, elegem o gerente, e este escolhe imediatamente o secretário, o tesoureiro e agentes. Depois disto, marca-se um dia para instalação definitiva da gerência, não devendo o gerente esquecer-se de fazer aos nomeados as comunicações necessárias.

Instalada a gerência, está terminada a missão dos fundadores, passando o gerente a dirigir os trabalhos conforme os estatutos.

## II- E no caso de não se obterem fundadores dispostos a formar o patrimônio?

Nesse caso, outros meios existem.

Assim, a comissão, usando de uma faculdade que lhe é próprio, procurará obter donativos e legados de qualquer espécie.

Obtidos, por esse meio, os recursos suficientes à formação do patrimônio, as pessoas que concorrerem com essas doações, serão, conforma já preceituam os estatutos, consideradas sócios honorários ou benfeitores, conforme a importância dos donativos.

### III- A União Popular pode ser fundada sem patrimônio prévio?

No caso de ser todo impossível formar o patrimônio antes de instalar a gerência, a comissão procederá, de acordo com os estatutos, ao alistamento de sócios que se comprometam ao pagamento de uma jóia de entrada e de mensalidades.

Para isto, promoverá reuniões preparatórias, para as quais convidará todas as pessoas em condições de ser admitidas, quando estas houverem atingido a um número suficiente, cujas joias e mensalidades assegurem a existência e funcionamento da gerência, então proceder-se-á a eleição do gerente e este escolherá o secretário, o tesoureiro e agentes, marcando o dia para instalação definitiva.

### IV - A caixa de beneficências.

Instalada definitivamente uma gerência, a diretoria deverá fundar imediatamente qualquer obra de interesse imediato e pessoal dos sócios.

Entre as muitas indicadas no programa, nenhuma é tão vantajosa e fácil para a maioria das localidades, como a caixa de beneficências.

- Como a gerência há de fundá-la?

- Nas sessões semanais da diretoria, os agentes e a mesa deverão estudar o assunto e podem tomar como modelo os estatutos da caixa de beneficências, de Belo Horizonte, publicados neste folheto.

- Mas as gerências devem adotar esses estatutos tais como estão organizados?

- Não; esses estatutos devem ser adaptados às circunstâncias da localidade, sendo respeitadas apenas as suas bases gerais.

- Quais são as modificações que poderão ser feitas?

- Por exemplo: não há necessidade da caixa ter diretoria própria; a prática tem até demonstrado que essa separação é inconveniente. A própria diretoria da gerência pode administrar a caixa.

- Só essa alteração?

- Não; a gerência pode alterar a quota das contribuições e dos benefícios, conforme a deliberação dos sócios, em sessão geral.

### INSTRUÇÕES PARA FUNCIONAMENTO DAS GERÊNCIAS:

Como preceituam os estatutos, as gerências têm duas espécies de sessões - as semanais e as mensais.

As sessões semanais somente devem ser frequentadas pelos agentes e membros da mesa e devem ter um livro de atas diferente do destinado às sessões gerais.

Essas sessões da diretoria destinam-se ao trabalho. Os agentes deverão pedir a palavra e expôr os acontecimentos que, durante a semana, poderiam interessar o programa da União.

Deverão expor as necessidades do povo ou de alguma classe e provocar sobre essas necessidades a atenção e o exame da gerência. Deverão transmitir as queixas e reclamações dos sócios e entregar as contribuições arrecadadas na sua seção.

É nessas seções que se apresentam idéias para organização de assistências de qualquer gênero ou de instituições destinadas a proteger ou desenvolver a indústria, a lavoura, a criação, etc.

Aí é que se redigem os protestos contra o divórcio, supressão da legação junto a Santa Sé, invasões do Estado na família ou nos direitos dos cidadãos.

Aí é que se estudam meios de organizar gabinetes de leitura, publicação de publicações, de boletins e folhas avulsas.

Aí é que se organizam os meios de aumentar na freguesia o número de assinantes dos jornais e revistas católicas.

Aí é que se organiza a campanha contra os abusos de álcool e do fumo, contra a jogatina, a vadiagem, cooperando com as autoridades e provocando a ação destes contra todos aqueles males, a pornografia, etc.

Aí é que se projetam as recepções estrepentes, quando for conveniente, aos bispos e pessoas eminentes pelos serviços prestados à causa católica.

Aí é que se organizam os festivais para comemorar cristamente as datas nacionais, em que se despertará a reminiscência dos sentimentos religiosos e cívicos dos nossos antepassados ilustres.

Como se vê, a diretoria é o centro vivo de trabalho e as suas sessões verdadeiras horas de luta pela paz.

Todas essas coisas deverão ser feitas de uma vez?

- Não; deverão ser estudadas com o tempo, conforme permitirem as circunstâncias e o zelo, dedicação e patriotismo dos agentes.

- Somente depois que um projeto tiver passado por acurados estudos da diretoria e for por esta aprovado só então será proposto ao estudo e aprovação dos sócios em sessão geral.

Isto é necessário para evitar que os agentes ainda venham mostrar divergência perante os sócios, dando-lhes a triste impressão de que o assunto não está bem estudado pela diretoria.

Portanto, os agentes deverão ser excessivamente assíduos às sessões semanais e deverão estar sempre alerta.

#### SESSÕES GERAIS

As sessões gerais destinam-se à reunião de todos os sócios da gerência.

Aí é que se fazem as eleições, quando for necessário e oportuno.

Aí é que os projetos, já completamente estudados pela diretoria são apresentados ao veredito dos sócios.

Aí é que se convidam os sócios para os protestos coletivos a favor das autoridades da Igreja, injustamente atacadas ou perseguidas ou contra qualquer ato ou acontecimento hostil à Igreja ou às liberdades do povo.

Aí é que se fazem as conferências sobre assuntos sociais ou apolo-géticos.

Todos os sócios deverão ser assíduos e não se recusar a gastar ao menos duas horas por mês a essas sessões destinadas a consolidar a solidariedade cristã e promover o progresso intelectual, moral e social do povo, proporcionando-lhe ao mesmo tempo momentos de verdadeiro prazer intelectual.

ANEXO 6

PRIMEIRA CARTA PASTORAL DE D. JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA  
(1914)

(ARQUIVO DA CÚRIA DE FLORIANÓPOLIS)



CARTA PASTORAL

DE

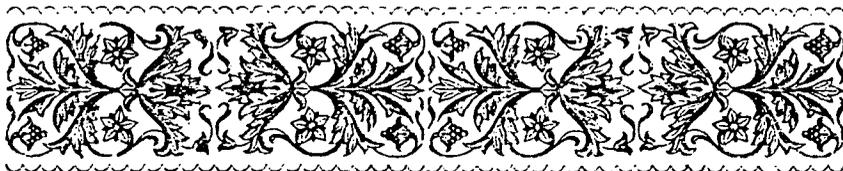
D. Joaquim Domingues de Oliveira

BISPO DE FLORIANOPOLIS

SAUDANDO AOS SEUS DIOCESANOS



S. PAULO  
Escolas Profissionais Salesianas  
1914

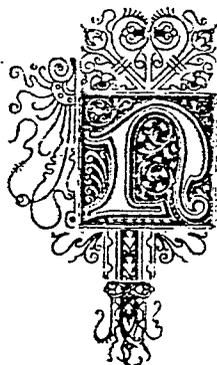


# D. Joaquim Domingues de Oliveira

POR MERCÊ DE DEUS E DA S. SÉ APOSTOLICA

BISPO DE FLORIANOPOLIS

*Ao Revmo. Clero e aos Fiéis da Diocese de  
Santa Catharina saudação, e benção em  
Nosso Senhor Jesus Christo.*



O exercicio carinhoso de Nosso ministerio sacerdotal, foi Deus servido chamar a Nossa humilde e peccadora pessôa, — por intermedio dos que propôz ao governo da sua Igreja —, e constituir-Nos Pastor e Anjo da querida e florescente Diocese de Florianopolis.

E, pois que, ou nos chame para os espinhos da cruz, como para as delicias do Thabor, a ninguem é licito frustrar os insondaveis designios de Deus; tendo-Nos o Snr. Nuncio mandado, primeiro por tele-

gramma, trazido pelo Snr. Arcebispo Metropolitano de São Paulo, e, logo depois, por carta « que o Santo Padre se havia dignado elevar-Nos á dignidadê episcopal, destinando-Nos á Séde vaga de Florianópolis »; tendo por Nós a animação do Nosso amado Arcebispo, e de grande parte do episcopado brasileiro; sem desconhecermos os espinhos da corôa dos que mandam, nem o peso do cajado dos que devem pastorear; subjugado, talvez, pelo amor de Jesus Christo, a quem só desejamos annunciar; sem consideração immoderada pelas dignidades e cargos honrosos « que não têm mais de seu que aquellas vistas e representações de majestade, que tudo o mais são perpetuas occupações e cuidados, e os mais delles mui penosos » (1), curvámos a cabeça ao jugo do Senhor e para logo Nos submettemos ás responsabilidades do episcopado.

Que, se para pastorear, mais não exige Deus do que o amor desinteressado á sua pessôa, (2) as mesmas pedras nos animam a bem desempenhar os graves encargos desta mesma dignidade (3).

Por certo, que grande animação Nos veiu das mesmas obrigações do Nosso cargo. A estas vimos debaixo do esplendor da nossa dignidade, e, sendo livre

(1) Fr. Luiz de Souza, Vida de D. Fr. Barth. dos Marty. t. II, p. 333.

(2) S. João. c. XX, v. 15.

(3) «Cousa singular! Do momento em que elle (S. Affonso) apresentou a sua demissão, todas as vezes que recitava o rosario, saíam da sua cruz peitoral pequenos golpes, sonóros e repetidos que excitavam a sua maravilha e não menos fazia espantar a todos os que estavam visinhos. Estes rumores, dos quaes debalde se procurou a razão, cessados depois da resposta do Papa, fizeram exclamar alegremente a Affonso: « *Era la croce, della quale io voleva liberarmi, che mi faceva udire le sue lagnanze* ». — Era a cruz da qual eu me queria livrar, que me fazia ouvir as suas queixas — P. A. Berthe. S. Alf. t. II, p. 189.

até então, como o Apostolo comprehendemos que de todos Nos deveramos fazer escravo para a todos ganhar e trazer a Jesus Christo. (1)

Deviamos, com effeito, tomar em mãos as redeas do arduo governo espiritual; ordenar as fileiras dos soldados de Jesus Christo; avivar-lhes a graça da ordenação sacerdotal; bradar-lhes n'alma á salvação das outras almas; chamar ao dever o rebanho confiado; animal-o e defendel-o; ser tudo no meio dos fiéis, pelo affecto, pelas graças e pelas bençãos; viver em vigílias, em trabalhos (2) e em sollicitude, — que só para isso Nos dava o Senhor a proeminencia e a Nossa superioridade espiritual (3)

Deviamos — disseminar a palavra de Deus, chamar os transviados, socorrer os que estivessem em perigo, banir escandalos (4); — dilatar a verdadeira fé, implantar os bons costumes, excitar, promover a religião (5); — trabalhar com todas as forças pela verdade e pela justiça (6); cimentar a piedade, promover e divulgar a boa doutrina, combater erros, ensinar, advertir, exhortar, consolar, exercer todos os deveres da caridade pastoral (7); viver todo do espirito de Deus, (8) executar as nórmas, os sacrosantos Cánones da Igreja.

(1) S. Paulo, I, Cor. c. IX, 19; D. Ant. J. de Mell, Past. de saudação.

(2) II. Cor. VI, 5.

(3) *Qui præest, in sollicitudine, Rom. XII, 8. Tu presis, ut prosis.*  
S. Bern. — De Consid. liv. III.

(4) Ben. XIV, Cons. "Grave", 15 Ag. 1741.

(5) Cone. Tr. s. 24, c. 3 de ref.

(6) Ency. "Vehementer", do S. P. Pio X.

(7) Idem. ib.

(8) I Cor., II, 12; Is. LXI 1.

Certo, que «grão trabalho, e custosa cousa é, fazer omem o que deve. Porque de haver justiça, desarraigat vicios, emendar vidas, tão bom martyr será um Prelado entre os seus, que não terá necessidade de ir buscar a palma e a corôa a Marrócos». (1)

Mas se a vida de um bispo é agonia continua (2) supportada com animo, com alegria (3) e com fé (4), — declaramos já amar as sollicitudes do Senhor, e muito queremos á Nossa Diocese de Florianopolis.

\*  
\* \*  
\*

Como o agricultor diligente, que as circumstancias roubaram ao melhor cultivo da vinha, ali deixou, entretanto, com as memórias dos seus trabalhos, os grandes testemunhos das suas fadigas; assim plantáram os Nossos Veneraveis Antecessores, no sólo religioso de Santa Catharina, o edificio da fé, e muito aligeiraram a Nossa tarefa, com os seus arroteamentos apostolicos.

Foram elles — o saudoso D. José de Camargo Barros, a quem, desde a Nossa mais tenra infancia, Nos ligava a gratidão, a quem devemos a pouca doutrina, e que ali deixou os sulcós bem profundos de seus trabalhos evangelicos.

— Um D. Duarte Leopoldo; que recebeu as primicias do Nosso sacerdocio, que Nos formou com o seu

---

(1) Fr. Luiz de Souza. t. 2. p. 6.

(2) Quotidie morior.

(3) Is. LXII, 10.

(4) Act. V, 41.

exemplo, que Nos honrou com a sua confiança, e que ali deixou, no territorio de Santa Catharina, a parte mais bella e dilecta de seu primeiro episcopado.

Foi um D. João Becker, o Nosso amado Metropolita, tão cheio do espirito de Deus, e cujas pegadas, osculando com respeito, procuraremos imitar, para gloria Nossa, gaudío da Igreja e consolação do Nosso rebanho.

\*  
\* \*  
\*

Restava-Nos a benção do Pastor dos Pastores, (1) do que confirma os irmãos (2), do proprio Vigario de Jesus Christo.

Convinha que, de Roma, da cidade gloriosa pelas tradições e pela doutrina; cidade de santos, viveiro constante de martyres e de doutores; onde arde a flamma de todas as generosidades e sacrificios; donde partiram os mais ardentes apóstolos; (3) aonde vêem repousar as almas sedentas de virtude e de pureza (4); dali convinha que trouxessemos, com a plenitude do sacerdocio e suprema investidura do episcopado, a missão de pastorear as vossas almas.

Esta benção, esta graça e estes poderes, (5) Nós os recebemos e os trazemos na alma. primicias dos purissimos affectos, que desde ha muito volvemos, com

---

(1) Conc. Vat. sess. IV. c. 3.; Wenz. t. I, n. 91; Rivet, t. I, ns. 8, 300, 442, etc.

(2) Luc., XXII, 31, 2.

(3) Agostinho de Cant., Bonifacio, etc. etc.

(4) L. Billot. — *De Eccl.* p. 190, 1.

(5) Wernz, n. 731; Rivet. n. 441, 2.

as palavras da Nossa bocca, a vós, ó dilecta Igreja de Florianopolis!

\*  
\*   \*  
\*

Que povo prendado Nos deu o Senhor para governar! A sua fé é louvada em todo o mundo. Sob que céu, vamos exercer a Nossa jurisdicção episcopal! (1).

Desde os tempos coloniaes, á guerra homérica do Paraguay, é sempre em destaque que vemos o bello Estado de Sta. Catharina.

Na politica, nas artes, na benemerencia da Igreja, quantos astros de primeira grandeza ali não tiveram o seu berço natal!

Saudando, de joelhos, a Esposa dos Nossos affectos, — *formosa mea, sponsa mea* (2), seja-Nos licito reconhecer, neste mimo da civilisação contemporanea, a melhor apologia da nossa fé, a melhor prova do que póde e é a Igreja de Jesus Christo.

Quem faz do sólo da Patria, o sólo sagrado, o torrão bemdito, que recebe os nossos prantos, os nossos labores e, com elles, a nossa predilecção e a nossa vida?

Quem arma as mãos dos Machabeus é diz ao povo: « Eis o sólo da Patria; amai o Brasil estremecido? »

---

(1) Bem se poderam applicar a Sta. Catharina as palavras de A. v. Humboldt: «Kein Ort der Welt scheint mir geeigneter, einem schmerzlich ergriffenen Gemüt den Frieden wiederzugeben!»

(2) Cant. 2, 3.

Quem faz os povos fortes, moralizados e empreendedores?

Quem inventou a fraternidade, sagrou e defendeu os direitos da família?

Quem diz aos filhos: « Obedecei a vossos pais »; a estes: « amai e christianisai os vossos filhos? »

Quem faz da castidade o preceito salvador, segredo das gerações robustas, respeitadas e temidas?

Quem proscree as deleterias leituras obscenas, os maus theatros, as diversas fórmulas do espiritismo invasor?

Quem ainda se levanta pela ordem, pela força do direito e pela magestade da justiça?

Quem vê no Estado o depositario de um poder venerabilissimo?

Quem préga o acatamento ás pessoas publicas e quer o respeito e observancia de todas as leis equitativas? Quem préga ás almas, mas não descure os corpos, pelo descanso do « dia do Senhor », pelo aconchego da família?

Aliás, « o sacerdote tendo o Evangelho, o Testamento do Homem-Deus, tem nas mãos toda sciencia, toda moral, toda civilisação. Elle não fará mais do que abrir, lêr e espalhar em torno de si os thesouros de luz e de virtude, dos quaes a Igreja o fez depositario? » (1)

Por todas estas grandezas, e na previsão de remover os grandes males, saúda o Bispo o nobre povo de Sta. Catharina, a quem hypotheca o seu amor, o seu reconhecimento, a sua incondicional admiração.

(1) Millet. — Jesus vivo no Sacerdote — p. 144.

\*  
\* \*  
\*

Certo que haverá, no rebanho eleito que Nos foi confiado, almas tresmalhadas, talvez pelo preconceito, pelo nascimento, pela irreligião, mas ás quaes tambem saúdamos com as mesmas entranhas de Pai e Pastor de todos sem excepção.

A nenhuma queremos abandonar, nem esquecer, — e todos nos pertencem pelo character do mesmo baptismo, (1) e quantos ainda pelo esplendor das proprias almas, regeneradas pelo Sangue do mesmo Christo Salvador!

Creiam ellas na pureza absoluta das Nossas intenções, sem difficultar de qualquer modo os esforços que devemos e queremos empregar para a todos trazer ao amor e ao regaço do Pai commum.

\*  
\* \*  
\*

Urgidos, porém, pela caridade de Jesus Christo, (2) o rei dos seculos immortal e invisivel, é para vós, illustres Cooperadores e sacerdotes do Altissimo, que, na maior sollicitude, voltamos as Nossas vistas, e em quem fazemos repousar as Nossas mais fundadas esperanças. Oh! que bella que é, a difficil missão sacerdotal! (3) Que bem não póde fazer uma alma reves-

(1) Rivet. Inst. J. Priv., n. 18.

(2) II Cor. v. 14.

(3) Oh! la bella, la nobile, la sublime missione che è quella di un parroco, di un uomo veramente apostolico! Quanti peccatori convertiti per le sue esortazioni! quante anime strappate all'inferno! quanti giusti convertiti, perfezionati, e condotti col suo mezzo alle porte del cielo! Millet. *ib.*, p. 221.

tida do character de Jesus Christo! (1)

Nem haverá quem negue a grandeza incomparavel do vosso estado, o valor social e regenerador da vossa missão (2).

Quem ainda possui a chama salvadora do amor do proximo, que faz que amemos déveras, e todo nos sacrificuemos pelos nossos semelhantes? (3).

Quem se gasta em doutrinaamentos; em cathechese, em apostolado?

Para encarecimento de ministerios nobilissimos. costuma-se falar de — sacerdocios do direito, da justiça, da medicina.

Mas velar habitualmente por todas as necessidades de innumeradas almas; dar-lhes o pão da palavra, (4) ser no meio dellas o Evangelho de Deus, eis o primeiro titulo á vossa benemerencia, o heroismo que deveis prestar, e que por completo se exige da vossa vocação sacerdotal.

Irmãos e Filhos! Ponhamos mãos ao arado do Senhor. Que faremos, si não trouxermos o mundo á adoração de Jesus Christo?

---

(1) « Um batalhão de sacerdotes conscios de seu dever, cheios de caridade, fará bens de uma eterna duração » Cart. Past. de D. Ant. J. de Mello.

(2) Le prêtre est l'homme oint par la tradition pour repandre le sang, non comme le soldat, par courage, non comme le magistrat, par justice, mais comme Jésus Christ, par amour. Lacord. Conf. de N. D., 1836.

(3) Le prêtre est un homme jeté au milieu des peuples pour servir de barrière à la corruption; c'est Caton se présentant dans le cirque et arrachant le respect et le silence des Romains par sa seule présence. Corresp. par H. Villard, c. 2.<sup>o</sup>

(4) Ency. « *Acerbo nimis* », Homil., ib. n. 6; cath. ib., n. 1; instr. aos adult., ib., n. 6; etc. Bargill. t. 2, ns. 895 e sgs.

\*  
\* \*  
\*

Por disposição adoravel da Providencia, fecundada pelos esforços do Nosso querido Metropolita, uma pleiade de seminaristas se fórma, actualmente, no Seminario Provincial de S. Leopoldo.

São as plantas bafejadas pelo céu, que ali, pela intelligencia e pelo coração mais e mais se vão preparando para a idoneidade de sua vocação sobrenatural. (1)

A estas esperanças da Diocese, que serão a Nossa alegria e parte do Nosso conforto, envia o Bispo, com um voto de perseverança, o melhor das suas bençãos, das suas animações e dos seus carinhos.

A todas as Congregações religiosas, que trabalham e florescem na Diocese, saúdamos e enviamos os protestos da Nossa amizade e da Nossa consideração.

Ou seja que se consagrem á educação da juventude, ou Nos coadjvem no ministerio parochial e salvação das almas, todas merecem pelos seus trabalhos, pelas suas virtudes, pelas suas obras de zélo.

Saúdamos tambem ás Congregações de Senhoras, ás Virgens do Sanctuario, a cujas orações encomendamos o nosso incipiente episcopado.

Nem esquecemos as diversas Irmandades e Confrarias, as Associações religiosas, de homens e de senhoras, de quem já recebemos tantas provas de sympathia, saudações e boas vindas.

---

(1) *Le Saint Père*, ep. a M. Lahiton, 6—Set. 1909.

\*  
\* \*  
\*

Abrimos, agóra, espaço de honra, para a saudação que queremos fazer, muito de affecto e especial respeito, ao muito digno Snr. Governador do Estado, cuja auctoridade veneramos por ter a mesma origem divina, cujo poder desejamos ver respeitado, e obedecido, e cuja amisade presamos, seguindo as tradições communs a todo o episcopado brasileiro. (1)

Distinctas ambas as auctoridades pela natureza e pelos fins, ambas se preocupam do bem dos mesmos subditos, e é só do mutuo respeito e plena harmonia de ambos os poderes que pódem provir a tranquillidade e a segurança no trabalho e o progresso de todos quantos, sob aspectos diversos, nos foram definitivamente confiados.

Saúdamos tambem a todos os dignos Auxiliares do Governo, aos representantes da Força publica, ao Operariado, ao Commercio, á Imprensa.

Evangelizando o povo, sempre com justiça, e com verdade, criteriosa e ponderada, é esta ultima a arma providencial para a cultura e levantamento dos póvos.

Saúdamos a Magistratura, o Professorado, as distinctas Familias, os representantes de todas as classes sociaes, as crianças, os pobres de Jesus Christo, a todos e a cada um dos Nossos diocesanos, sem distincção alguma de categoria e posições sociaes e a todos enviamos, com a Nossa alma, a Nossa primeira benção pastoral.

---

(1) D. Duarte Leopoldo, Carf. Past. aos dioc. de S. Paulo, p. 27.

*Benedictio Dei Omnipotentis, Patris, et Filii, et Spiritus Sancti, descendat super vos et maneat semper. Amen.*

*A benção de Deus Omnipotente, Padre, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós, e permaneça sempre. Amen, amen.*

---

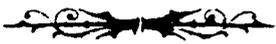
Esta Nossa Carta Pastoral será lida num domiugo, á estação da Missa, em Nossa Igreja Cathedral, em todas as Matrices, Capellas curadas, Oratorios publicos e Communidades religiosas, onde habitualmente se celebra o S. Sacrificio da Missa e registrada pelos Revmos. Parochos, Curas e Capellães no livro competente, do que se mandará certidão á Nossa Camara Ecclesiastica.

A todos os Nossos Diocesanos, que lerem ou ouvirem ler esta carta Pastoral, aos que orarem, ou commungarem, ou fizerem outras obras de piedade por Nossa intenção, concedemos 50 dias de indulgencia na forma costumada da Igreja.

*Dada nesta Cidade de Florianopolis, do Nosso Palacio Episcopal, aos 7 de Setembro de 1914, dia de Nossa solemne tomada de posse.*

L. ✠ S.

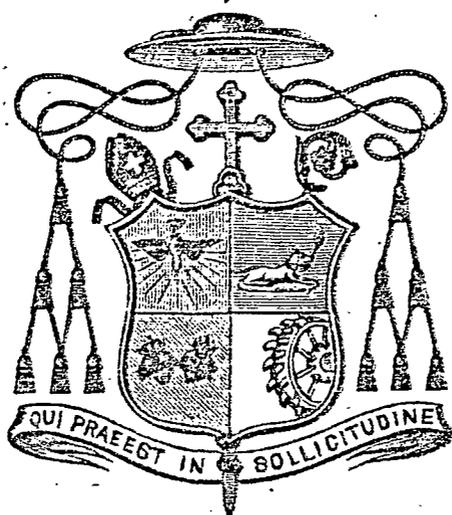
† *Joaquim*, Bispo Diocesano.



ANEXO 7

TERCEIRA CARTA PASTORAL DE D. JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA  
(1915)

(ARQUIVO DA CÚRIA DE FLORIANÓPOLIS)



TERCEIRA

CARTA PASTORAL

—DE—

D. JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA

*BISPO DIOCESANO DE FLORIANOPOLIS*



FLORIANOPOLIS  
Typographia d'A Época  
1915.



**D. Joaquim Domingues de Oliveira**

POR MERCÊ DE DEUS E DA SÉ APOSTOLICA

**Bispo Diocesano de Florianopolis**

---

*Ao Revmo. Clero e aos Fiéis da Nossa amada Diocese  
saudação e benção  
em Nosso Senhor Jesus Christo*



o tempo que medeia entre o domingo que precede á festividade de Santo André e a vespera de Natal, denomina a Igreja o tempo—do Advento; a lembrar o longo período dos quatro mil annos, em que esperou o mundo a vinda de Messias, que ia ser enviado para resgatar as nações.

Tudo na Igreja denuncia a expectativa deste facto sensacional. São as suas preces entremeadas dos suspiros e dos accents dos prophetas; mudam-se as antiphonas; ha exhortações mais vehementes; citam-se as proprias palavras do maior dos prophetas: «*Preparai os caminhos do Senhor; endireitai suas veredas; toda collina se aplainará; todo valle se encherá. Todo homem ha de ver o enviado de Deus.*» (1) e aconselha a Igreja que se *prepare* o caminho pela oração methodica e christã; pela recepção dos sacramentos, em que se apagam as nossas vaidades, imperfeições e peccados, que são o maior obstaculo á fé; pela vida dos mandamentos, de cuja pratica depende, em grande parte—*a paz na terra ao homem de boa vontade* (2)

Além da apparição segundo a carne, quer tambem a Igreja que se commemore o nascimento de Jesus no seio eterno de Deus, e, mais ainda, o nascimento espirital ou mystico, em nossas almas, pela fé e pelo amor, se nelle cremos e o amamos, cumprindo o que ordena a sua santa vontade.

Aliás, o nascimento de Jesus, revestido embóra das circumstancias menos proprias para abalar o mundo, «marca, todavia, a era de todos os povos civilizados. No calendario do christão, como nas datas com que os incréos fecham seus escriptos hereticos, lá está elle fixado, o humilde successo qual a porta monumental do perdão e da graça, na muralha que separa os dois grandes fragmentos da historia humana» (3)

Nos tres annos de evangelisação sobrenatural, mudasse tudo: legislação, ideas e costumes,—e Christo se perpetua nos corações, nas almas e no culto de seus fieis. Cada—christão—traz o seu nome; innumerous vivem

1) S. Lucas c. III. v. 4—6

2) S. Lucas c. II v. 14

3) C. de Laet: *Natal*, Jornal do Brasil de 1910.

da sua graça; quantos se immolam e dão a vida pelo Christo Salvador!

«Um rumor corre, diz Ollé Lapruue, o pensamento moderno volta ao Christo, e o Christo vai retomar o antigo imperio. Muitos trabalham por apressar o momento, e ha quem diga que, no dia em que fôr consummada esta restauração, a intelligencia perturbada achará a luz e a paz.» 1)

E entre nós, mercê de Deus, nos altos circulos intellectuaes, na poesia, pela arte, pelo talento, já ha quem tenha lome e sêde de justiça e no evangelho de Jesus Christo veja o alpha e o omega da nossa regeneração social.

Aqui foi um "Irmão Joaquim,,. Vêde o que fez e obrou pela regeneração e pela fé: foi um apaixonado de Jesus. Vêde os santos—Domingos de Gusmão, Francisco de Assis, Ignacio de Loyola, as Virgens, os Martyres:—viveram, ou deram a vida por Jesus.

A primeira instituição do mundo, a que illumina a intelligencia, a que faz germinar santidade,—que é parao mundo o que o sol é para o systema planetario— é obra de Jesus, e chama-se Esposa de Jesus. A sua grandeza está precisamente na identificação com a auctoridade de Jesus. Ella é o «corpo de Christo» 2) «a esposa e a plenitude de Jesus Christo» 3.) Por ella é que vamos a Christo, por nos fornecer os meios e traçar o modo de cultuarmos a Jesus Christo. «Ninguem vae ao Pai, sinão pelo Filho; mas ninguem encontra ao Filho sinão na Igreja» 4) «Ninguem pôde ter a Deus por Pai, si não tem por mãe a Igreja» 5)

Diante de seus juizes, Joanna d'Arc, «uma das

1) O Lapruue: *Les sources de la paix intellect.* p. 122.

2) Eph. c. V v. 23.

3) Eph. c. I v. 23.

4) Christus, *Man. d'hist. des rélig.* p. 1012.

5) S. Cypriano, *De Unit. Eccl.*

mais nobres creaturas que tenham honrado a especie humana, a mais simples e authenticamente christan», sabia responder-lhes: «Eu penso que é uma e mesma cousa, Nosso Senhor e a sua Igreja; sobre isso não deve haver difficuldade alguma» 1),

Presupposto o elemento humano do Papa, dos Bispos e dos fieis, a Igreja, emquanto fundada por Christo, e guarda e prêga a doutrina de Jesus Christo, possuindo e dispensando os thesouros da graça de Christo, que são os sete sacramentos,—em sua parte formal, que é a assistencia divina, a Igreja é o prolongamento de Jesus Christo, é a informação do Espirito Santo.

Que fez Jesus desde o seu berço de Bethlem?—  
—Attrahiu, evangelizou, e sanctificou, salvou. Mas houve e ha quem se opponha á sua palavra de vida eterna.

Que faz a Igreja, a esposa dilécta de Jesus Christo? Na tormenta movida pelos elementos maus, morre na aridez dos corações dos homens, para resuscitar nos seus santos, se não no escól da humanidade. As deserções explicam-se pela miserrima contingencia humana que não por difficuldades de ordem objectiva, e não é preciso ser profundo psychologo, para comprehender que mais é pelos rigores do decalago que muitos se tornam inimigos da Igreja catholica.

E vêde a multidão dos eleitos que a procuram!

Uns, por «não peccarem contra a luz».

Foi Newman, o incomparavel Newman, intellectual e austero, «tão verdadeiramente religioso, que não poderiamos conceber uma vida christan mais intensa», 2), Manning, que deste modo se justificou de ter abraçado o catholicismo: «Tudo que me fez a vida agradável, estava do lado do anglicanismo, *mas a verdade*

---

1) J. Bucherat, *Le double procès de J. d'Arc.* p. 176.

2) Thureau—Daugin p. 96

*foi mais forte*», Laville, François Coppée e milhares de outros.

E quando, ante a resistencia do insigne Döllinger, que, aos rogos do Arcebispo de Munich, que o convidava a permanecer na Igreja, respondia: «Não é mais possível: eu continuo a bater-me pela *velha Igreja*»; mas contradictado por est' outras: «*Não ha sinão uma Igreja, nem nova nem velha*» 1) do lado do Arcebispo, firme pioneiro da Igreja catholica, ficaram a sciencia, a generosidade e a virtude.

A Igreja é uma, como a verdade é uma, absoluta, irreductivel e immutavel.

Admittis a divindade de Jesus Christo? Credes que é Deus a humilde creança que humildes pannos encobrem?

Um dia, depois de iniciada a phase de sua vida evangelizante, Jesus dirigiu a seus discipulos as seguintes perguntas:

«Quem dizem os homens que seja o Filho do homem?» Elles disseram: Uns, João Baptista, outros, porém, Elias, outros ainda Jeremias ou um dos prophetas. Disse-lhes Jesus: E vós que dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és Christo, Filho de Deus vivo. E Jesus respondendo, disse-lhe: Bemaventurado és, Simão, filho de João, porque a carne e o sangue não t'o revelaram, e sim meu Pai que está nos céus. E eu te digo que *tu es Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E eu te darei as chaves do reino dos ceus; e tudo que ligares na terra será ligado tambem nos céus, e tudo que desligares na terra, será desligado tambem nos céus*» 2)

Promette Jesus a fundação da sua Igreja; mas Je-

1) E. Ollivier, L'Eglise et l'Etat au Concile du Vatican, v. 2, 386

2) Math. c. XVI v. 18

sus a funda na base de Pedro: não ha Igreja de Jesus que não seja ao mesmo tempo de Jesus e de Pedro.

Seja-nos licito insistir nesta verdade fundamental.

Ella tem contra si a pertinacia de muitos homens e o fundamento apparente de algumas passagens da Escripura. Não esqueçamos porém, que a Escripura não contradiz á Escripura, e que as passagens obscuras convem sejam explicadas por textos mais explicitos, em que a verdade se exponha mais nitida e indubitavelmente.

Allegam-se, entre outras cousas, estas palavras de São Paulo: «Ninguém pôde pôr outro fundamento, além do que está posto que é Jesus Christo» 1) E est'outras: «Domesticos dos Apostolos e dos prophetas, com a pedra angular que é Jesus Christo» 2).

A tomar-se ao pé da letra a primeira objecção, ella é propriamente contra a pessoa de Nosso Senhor, que foi Elle, e não os catholicos que puzemos na Igreja o fundamento da autoridade de Pedro.

A segunda, já é contra os proprios dissidentes que, dizendo-se fundados no fundamento dos Apostolos, negam, arbitrariamente, a auctoridade do mais privilegiado dentre elles.

E que Christo pôz a Pedro como fundamento da Igreja, lá está claramente na Escripura: "Tu es pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja."

Bem sabido é que Christo é a "pedra angular", segundo os termos da Sagrada Escripura. Não se negue, porém, a Pedro a qualidade de chefe visivel e secundario, nem aos Apostolos a de fundamento da Igreja. Um não exclue o outro. O que devemos é apenas dirimir o sentido em que aquella palavra deva ser tomada. Por querermos ser e parecer insuspeitos, referiremos aqui

---

1) I Cor. c. III v. 11

2) Eph. c. 2 v. 19, 20

as interpretações dos doutores, e destes destacarem o aquelle que a uma auctoridade incontestada alia uma santidade acertadissima.

Ouçamos, pois, a S. Francisco de Sales. «E' Nosso Senhor em verdade o unico fundamento da Igreja: fundamento da nossa fé, da nossa esperança e caridade; fundamento do valor dos sacramentos e de nossa felicidade, e ainda fundamento de toda auctoridade e da ordem ecclesiastica, e de toda a doutrina e administração que nella se faz.»

«São Pedro, porém, tambem o é, embora com uma differença tão notavel, que, confrontado com o de Nosso Senhor, pôde dizer-se que o não é. Porque Nosso Senhor é fundamento e fundador, fundamento sem outro fundamento, fundamento da Igreja Natural, Mosaica e Evangelica, fundamento perpetuo e immortal, fundamento da militante e triumphante, fundamento de si mesmo, fundamento de nossa fé, esperança e caridade e do valor dos sacramentos. São Pedro é fundamento, não fundador, de toda Igreja; fundamento, mas fundado sobre um outro fundamento que é Nosso Senhor; fundamento apenas da Igreja Evangelica, fundamento sujeito a successão; fundamento da militante, não triumphante; fundamento por participação; fundamento ministerial, não absoluto; emfim administrador e não senhor, e de modo algum fundamento de nossa fé, esperança e caridade, nem do valor dos sacramentos.»

Os Apostolos tambem são fundamento, ou melhor, nós é que somos edificados «sobre o fundamento dos Apostolos». São tão fundamento como os prophetas anteriores á fundação da Igreja. Mas são-no pela doutrina que annunciaram, ou por terem sido os primeiros que converteram o mundo á religião christã, «o que foi como que lançar os fundamentos da gloria dos homens e a semente da sua bemaventurada immortalidade».

Mas São Pedro, por sua vez, não é designado com a palavra simples de fundamento. Elle é, propriamente, a *pedra* visivel—pedra, kepha—o que significa,

dizem os entendidos «um officio inteiramente proprio e singular: officio de base firme e firmante, sobre o qual repousa toda mole do edificio e que ao mesmo edificio e a todas as suas partes, desafiando os multiplos principios de ruina, permanece como causa de inconcussa solidez». 1)

É só depois de Christo, Chefe invisivel, que São Pedro é chefe principal da Igreja catholica. É sobre elle é que Christo Salvador edificou a sua Igreja «contra a qual não prevalecerão as portas do inferno.»

Os proprios protestantes reconhecem esta verdade, que resulta da interpretação clara da Sagrada Escripura, confirmada pela auctoridade dos ss. Padres, por todos os monumentos e tradições ecclesiásticas.

Ouçamos o que dizem auctoridades insuspeitas.

«A pedra não é a *confissão* de Pedro, diz Rosenmüller, nem Christo, que tivesse apontado para si mesmo, ao proferir aquellas palavras,—interpretações que o texto não admite—*mas é o mesmo Pedro*; Jesus Christo, falando em sirio—chaldaico não usou de cognominação alguma, mas nas duas occasiões disse *Kephas*, da mesma maneira que o nome francez *Pierre* se applica tanto a um nome proprio, como a commum». 2)

Kuinol opina do mesmo modo, e affirma que, se os outros protestantes dizem que a pedra é Christo ou a confissão de Pedro, contrariamente ao sentido excriptural, «não é que não reconheçam que aquellas palavras fossem *dirigidas a São Pedro*, mas porque por ellas pretendiam os Pontifices Romanos tirar argumento para a sua auctoridade e prerogativa divina». 3)

Vão pretexto, dizemos: porque, si foram dirigidas a São Pedro, são mais que legitimas as pretensões de

1) Billot, De Eccl. Chr. p. 531

2) Rosenmüller, Scholla in N. T. t. 1º

3) Chr. Kuinol, apud Wilmers p. 151.

seus successores, exercidas, aliás, sem contestação de especie alguma, pelo menos até os começos do seculo deseseis. 1)

A' auctoridade dos autores citados aponta-se todo peso da razão. A quem falava o Senhor?—Dil-o a Escripura: *Tu* (Simão, filho de João, vulgo Pedro) *es pedra*.—Sobre que edificou a sua Igreja?—Sobre *esta* pedra. Ou em syrio-chaldaico, que era a lingua em que falou Nosso Senhor: Tu es Kepha, e sobre este Kepha edificarei a minha Igreja: *Ant hu Kepha, ve al Kepha* etc. Kepha, nos dois membros da phrase, é o nome da pedra verdadeira ou rochedo, não a fé, nem a divindade de Jesus Christo. «Em syrio-chaldaico não existia nem existe actualmente differença alguma entre o nome pelo qual este Apostolo nos é conhecido, e o termo commum de que se servem para designar um rochedo ou uma pedra» 2). E rochedo, pedra, ou Kepha, que nós masculinizamos e apropriamos para—Pedro,—já era o nome anteriormente imposto e com que se designava o discipulo Simão filho de João (o Apostolo Pedro). 3)

E' por isso que, com excepção apenas de Santo Agostinho, numa só passagem, e por erro grammatical, não temos noticia de S. P. que discorde da exposição que vimos fazendo. Para aquelle insigne doutor lazia difficuldade a apparente differença de genero—Pedro—e—pedra—a que já respondemos sufficientemente, recorrendo ao termo *neutro* empregado por Nosso Senhor:

E' a propria Igreja, na oração da vigilia da festividade de São Pedro, que diz: «... *pàra que nos não deixeis agitar das perturbações diversas a nós a quem*

1) Vide, para alguns exemplos, a nossa segunda Carta Pastoral.

2) Wiseman, Conf. p. 6, 7.

3) João c. I v. 42: «Tu serás chamado Kephas.»

*solidastes na pedra da confissão apostolica.*» — Isto se entende da confissão ou fé de São Pedro, *emquanto* aquella foi a *causa* da sua escolha ou eleição ao Primado. Na oração da festa diz a Igreja: «Deus, que ao bemaventurado *Pedro* Apostolo pela entrega das chaves etc».

\* \* \*

Não foi nossa intenção entrar na analyse dos diversos argumentos e esgotar o assumpto tão momentoso quanto interessante do Primado de Pedro. Baste o argumento da promessa divina, á qual a ulterior reprehensão e palavras de Jesus Christo: «Retira-te de mim, satanaz» 1) não obstaram a que realmente lhe fosse dito clara e exclusivamente: «*Apascenta os meus cordeiros; apascenta as minhas ovelhas,*» 2) disposições que, como é sabido, transmittem o poder e auctoridade sobre o rebanho inteiro de Jesus Christo ou seja-o sobre a Igreja universal.

\* \* \*

De pouca monta, porém, foi a nosso espirito o argumento da chamada exigencia moderna, propensa a tudo tolerar, a tudo permitir, a tudo desculpar.

Sim, que por combatermos os erros, a golpes de argumentos e com factos, não nos julgamos no direito de odiarmos, nem maldizermos dos homens, ainda dos que para conosco nem sempre usam das mesmas armas de cordura e lealdade.

Foi a Igreja em todos os tempos a primeira escola de tolerancia, estão ahí os seus annaes a pedir o juizo aprofundado e imparcial dos entendidos.

É ainda, com um illustre pensador, ousamos dizer que a tolerancia moderna «orna a geração contemporanea, mas não honra o espirito humano; e não o hon-

---

1) Math. 16. 23

2) S. João, 21 15—17.

ra, porque a verdade não existe mais no estado absoluto e um extraordinario numero de intelligencias a não acceita, por mais clara que seja» 1). Tolerancia para tudo e para todos, para que tolerem, talvez, os nossos erros e as nossas pretendidas liberdades! Certo que foi um hymno de—paz—o que cantaram os anjos, mas antes o de—gloria a Deus nas alturas—e a paz na terra aos homens—de boa vontade.

A paz, commenta um autor, é a união dos corações na fé e na caridade. É *alegria no Espirito Santo*. Sem a admissão integral das verdades reveladas e a vida sobrenatural da fé, não é possível a existencia da paz, nem sequer a paz intellectual, porque só a fé supprime a duvida e a duvida é o tormento da alma.

Muito se tem escripto e ponderado sobre o modo de adquirirmos a fé. Reparou-se jamais no modo como elle nol-a trouxe? Eis o seu presepio de humildade, de abnegação e de renúncia. Lição tanto mais proveitosa para nos, quanto, a bom direito, de nada absolutamente nos podemos gloriar. «Que temos, que o não tenhamos recebido»—ou seja na ordem da natureza, ou, muito principalmente, na ordem da graça?

Collocados, pois, no mundo, que não pelas forças ou energias da materia (de si inerte e infecunda!); nem como o resultado de forças physica-chimicas, que não produzem e nada sabem da vida; que não explicam e tudo desconhecem das abstracções da alma humana; é doce contemplarmos, neste tempo de meditação, sem fadiga e amorosamente o Advento do proprio Filho de Deus, que ali repousa, no seu presepio de amor, como num throno de paz, de abnegação e de renúncia.

O Natal! o Bethlem das almas, o pão de espirito! Bethlem é a «casa de pão», porque de lá saiu o que mata a fome e sêde de justiça.

---

1) P. Dr. Julio Maria, a Seg. Vinda de Jesus Christo p. 32.

O Natal! A verdade da fé, a verdade da Igreja!  
Para comprehendel-o, quanta renuncia de philosophias humanas; para amal-o, quanto cabedal de virtudes bem comprovadas e generosas!

O Natal! Possa este nome evocar em nossa alma sentimentôs da mais profunda pacificação intellectual e religiosa, e rendidos aos pês do Christo—o Deus da sciencia, o Deus das almas, o Deus do mundo—, alegremente celebrar a sua festa, que desabrocha em esperanças, em promessas de paz e salvação para todos os homens!

Como penhor desta felicidade, que desejamos a todas e cada uma das familias e fieis da nossa amada Diocese, aqui deixamos a Nossa Benção e desejamos que permaneça sempre.

*Et † benedictio Dei omnipotentis. Patris † et Filii † et Spiritus Sancti † descendat super vos et maneat semper.*

Dada e passada nesta nossa episcopal cidade de Florianopolis, sob o Nosso Signal e Sello das Nossas Armas, aos 25 de Novembro de 1915, dia de Santa Catharina, virgem e martyr.

† *Joaquim*, Bispo Diocesano.

(L. S.)

Está conforme o original

*Mons. Francisco Topp,*  
Secretario do Bispado

ANEXO 8

(SIXTA ?) CARTA PASTORAL DE D. JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA  
(1923)

(ARQUIVO DA CÚRIA DE FLORIANÓPOLIS)



**Carta**

**Pastoral**

# Carta Pastoral

---

Dom Joaquim Domingues de Oliveira

por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica

Bispo de Florianópolis

---

Ao Illmo. e Revmo. Clero e aos Fiéis da Nossa

amada Diocese, saudação, paz e bençãem em

Nosso Senhor Jesus Christo

---

---

## Irmãos e Filhos diletissimos

Fiéis á Nossa divisa : *Qui praeest, in sollicitudine* : O que preside, com solícitude, (1) Deus Nos é testemunha, Irmãos e Filhos diletissimos, que sempre vos temos presente ao Nosso espirito e coração, e nunca deixamos apagar-se, um instante que fosse, o fogo da dedicação que vos devemos.

Sem brilho, mas também sem descanso ; na tribuna ou na imprensa ; nas longas e ininterruptas visitas pastoraes ou no trabalho estafante das secretarias ; abrindo escolas ou aprumando igrejas ; interessado na construcção, mais condigna e moderna, no novo paço episcopal ; pastoreando, em summa, e administrando uma diocese tão vasta, quanto são escassos, posto que generosos, posto que incançaveis e abnegados os cooperadores ; o Nosso episcopado não decorreu numa inactividade deprimente e estagnante.

Nas diuturnas locubrações de gabinete, como nas vigílias constantes do pastorado, o movel não são, nunca foram interesses passageiros e mesquinhos. Não

---

(1) Rom., 22-8.

os pode ter o que, obedecendo á voz do Supremo Pastor, sempre viu, como já alguém observou—na cruz peitoral, um pesado madeiro ; na mitra, uma corôa de espinhos ; no baculo pastoral, um bordão de peregrino.

Si a vida de um Bispo é dirigir e governar, immolar-se e combater, combater o bom combate ; o ideal supremo a que tendam todas estas actividades só pode ser o bem immediato, a felicidade omnimoda do seu querido rebanho. Sem odios, nem maldições, a não ser os que reserva para as iniquidades e vilanias, o seu coração, como observa S. Ambrosio, apenas corta, com dôr, o que não é dado curar : *quod sanari non potest, cum dolore abscindit.* (1) Aos homens, todo seu amor e indulgencia, que todos foram remidos e regenerados pelo sangue e com os meritos de Jesus Christo. Por isso, com S. Basilio, pode dizer aos seus fiéis : „Depois dos vossos paes, ninguém tendes mais afeiçoado ; e minha benevolencia para comvosco não é menor do que a dos vossos paes : *statim post parentes, ita vobis conjunctus sum, ut ego non minori vos benevolentia prosequor quam vestri parentes.* (2) E, com S. Paulo, o grande modelo de todos os Pastores : „*Quis infirmatur, et ego non infirmor ? quis scandalisatur, et ego non uror : Quem enfraquece, que eu não enfraqueça ? quem se escandalisa, que eu não abra-se ?*“ (3)

Preoccupá-Nos, sim, o bem universal dos Nossos queridos diocesanos.

A felicidade ! Quantos a buscam, Irmãos e

---

(1) De off. Ministr., l. II., c. XXVII.

(2) Adolescent., de leg. lib. gent.

(3) 2a Cor. 11-29.

Filhos diletísimos, nos bens, no gozo, na gloria ephemera deste mundo, quando ella está—quem o diria?—na abnegação, na renuncia, na simplicidade do viver, senão na doçura das proprias tribulações, injurias e affrontas, heroicamente supportadas por amor de nosso Senhor Jesus Christo !

Serão, si quizerdes, a nossa pequenina cruz, bem inferior á cruz que supportou o divino Mestre, mas cruz a que não faltam seus thabores, possiveis redempções e infalliveis glorificações.

Soffreis pela justiça : *propter justitiam* ?—*Beati* : felizes, bemaventurados, pois o soffrimento vos abrirá as portas da bemaventurança que não acaba.

Injuriam-vos, perseguem-vos, e calumniosamente dizem todo mal contra vós ?,—*Alegrae-vos e exultae*, porque largo premio é o vosso nos céos". (1)

Na guerra que nos moverem, assim as nossas paixões, como as inevitaveis decepções, a nossa alma estará em paz que resulta da submissão generosa á ordenação do Creador, contra cuja vontade—é de Fé—não cae um só dos cabellos da nossa cabeça.

E' uma paz com a disposição para a lucta ; a paz que annunciou o côro angelico : „Paz na terra aos homens *de bôa vontade*". (2) Uma paz de gladio, como disse o divino Mestre : *Nolite arbitrari quia pacem venerim mittere in terram : non veni pacem mittere, sed gladium* : Não penseis que eu tivesse vindo trazer a paz á terra : não vim trazer a paz, mas a espada. (3) Uma paz que resulta da guerra declara-

---

(1) S. Math., V. 12.

(2) S. Luc., II, 14.

(3) S. Math., 10, 34.

da; *pax ex bello*, ou: *ex bello, pax*: da guerra, a paz, como ainda se lê na S. Escriptura.

Não! em meio ás perturbações da vida, suscitadas pelos homens ou pelos anjos rebeldes, (1) a alma do justo permanece tranquilla, como tranquillo e immovel permanece o fundo dos mares, quando os temporaes açoitam e desfazem a superficie das aguas.

Quem não tem paz é o mau. Quem não tem paz é o impio: *non est pax impiis*. Quem não tem paz é o perturbador da paz.

Vêde o perturbador da paz entre os seus irmãos. Lá vae elle; vae a Fulano, diz geitosamente de Sicrano. Sabe dizer, conhece a arte de indispôr. Ajuntando os pontos aos contos, é possível que escape uma palavra, uma indisposição, um gesto, um grito de revolta. Está conseguido.

Lá vae.—„Fulano disse isto e mais aquillo!“ —„Mas isso é um absurdo!“ — „Disse e confirma!“

Oh, o que semeia discordias entre os membros de uma comunidade, principalmente christan! Repellido dos homens, recáe sobre elle, egualmente, a mais grave das sete detestações do Senhor, a do que semeia discordias entre os seus irmãos. Porque as palavras da S. Escriptura, formaes e categoricas, são estas, Irmãos e Filhos diletissimos:

„Seis são as cousas que o Senhor aborrece, e sua alma detesta a setima: olhos altivos, lingua mentirosa, mãos que derramam sangue innocente, coração que maquiná malvadissimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras, E O QUE SEMEIA DISCORDIAS ENTRE OS SEUS IRMÃOS. (2) Sim, commenta o P. An-

---

(1) Eph. VI, 12.

(2) Prov., III, 16-19.

tonio Pereira, „esta é a setima cousa que Deus aborrece e detesta muito mais, porque o mexeriqueiro e semeador de sizaneas rompe os laços da caridade entre o proximo, a qual é o fim dos mandamentos (1<sup>a</sup> Tim., 1-5), e faz apagar o fogo, que Jesus Christo quer que se atêe nos corações humanos“.

Colimando sempre o mesmo fim, o movel é, quasi sempre, o ciume, ou a Inveja, ou um mal disfarçado despeito,—as mesmas armas que se empregaram contra o Mestre divino, a suprema Verdade, a propria essencia da Virtude.

Onde ha ahi o temor de Deus ? Si o bem é ordenado, abençoado ou protegido por aquelle que tem autoridade para fazê-lo, onde está o invejoso que lhe não lembra as palavras, com que o Espirito Santo o adverte : Não impeças que faça o bem aquelle que pode ; si podes, faze-o tu tambem ; (1) “ ou, quanto ao abuso da amizade : , Não trazes fazer mal ao teu amigo, tendo elle confiança em ti ? (2) “

E aqui não deixaremos de tratar de um ponto, a que quizeramos transvasar toda bondade, toda solitudine paternal e affectuosa.

O P. Affonso Rodrigues, da Companhia de Jesus, nos seus preciosos „Exercicios de Perfeição“, tem um capitulo encimado por estas palavras : „*Que nos devemos acautelar muito de dizer a outrem : Fulano disse isto de vós, sendo cousa que o possa desgostar.*“ Com effeito, si desgosta, não o tomeis, Irmãos e Filhos diletissimos, como prova de amizade. A amizade não se desassocia da caridade. Depois, quem sabe si se percebeu o dito em toda sua extenção, e sobretudo, na intenção e modo como foi pronunciado ?

---

(1) Prov., III, 27.

(2) Id., lb., 29.

Certo, que ao amigo dóe vêr abocanhado, na praça ou nos corrilhos, o nome honrado do seu amigo. Pois não ha melhor occasião de ser desaffrontado. E' propicia a ausencia. Reponha-se a verdade, onde o calumniador vomitou o aleive. A' injustiça, opponha-se a justiça, sempre humana e dignificadora. Seja o amigo a torre inexpugnável da praça, que se pretendeu tomar, traiçoeiramente. O homem leviano, ou perverso admirará tanta fidelidade e valor. Tereis, de par com as bençams de uma acção bôa, as bençams de um outro coração agradecido.

Nem basta, Irmãos e Filhos diletissimos, limitar-se a dar ouvidos a mexericos e murmurações. O peccado é o mesmo, de quem fala, ou de quem ouve. Ou, si ha alguma differença, é, pondera S. Bernardo, que—o que murmura tem o demonio na bocca; o que ouve, nos ouvidos: „*Haec est differentia inter detrahentem et detractionem audientem, quod primus daemon habet in ore; secundus in aure.*“

E si vier o mexeriqueiro? Esfriae-lhe o entusiasmo. Fazei rosto severo. E' um dos meios indicados na S. Escripura. „*Facies tristis dissipat linguam detrahentem*: O rosto triste dissipa a lingua maldizente“. (1) Tambem podeis desviar a palestra. Si não perceber, elogiae o de quem se murmura. Ponde em relevo alguma qualidade sua bôa. Assim usavam os Santos. Assim devem proceder todos os christãos. De S. Ignacio se escreve que „acontecia algumas vezes, estando com elle, descuidadamente descair algum com palavra, que não parecia ao Santo de todo a proposito, ou tão bem dita: logo se sentia, porque logo se lhe via o semblante algum tanto se-

---

(1) Prov., XXV. 23.

vero ; de modo, que só em vêr conheciam que tinha havido falta, e ficava advertido e avisado o que se descuidava“. (1) S. Francisco de Salles costumava dizer : „ Si se tirasse do mundo a maledicencia, tirar-se-ia a maior parte dos peccados“. E si acontecia, uma ou outra vez, alguém falar do proximo em sua presença, achava sempre uma razão ou pretexto para defendel-o.

„ Um dia, narra o Bispo de Belley, falava-se em sua presença de uma pessoa que tinha commettido uma culpa bastante escandalosa, e com vehemencia se apostrophava contra um tal escandalo. „ Oh ! miseria humana ! miseria humana !“ exclamou,. Ouvindo depois que continuavam a falar : „ Ah ! accrescentou, quanto estamos nós cercados de enfermidade !“ Como ainda isto não fizesse acabar a conversa, exclamou : „ E que outra cousa de nós mesmos podemos fazer senão cair ? Ah ! como nós fariamos talvez peor, si Deus não nos protegesse com a sua mão !“ Finalmente, vendo que taes reflexões não faziam calar aquellas linguas maledicas, fechou-lhes a bocca com estas palavras, que os acontecimentos mostraram serem propheticas : „ Pois bem, esta culpa será causa de salvação para o infeliz que a sentirá vivamente e a reparará com uma santa vida.“ (2)

Emfim, um peccado provoca outro peccado. Si, no que se destrae, tudo é falso, gravemente falso, ahí temos o aleive, temos a calumnia propriamente dita. Ah ! Irmãos e Filhos diletissimos, neste particular, conhecemos casos, cuja ousadia, cujo arrojo attinge as raias do inverosimil.

Eis uma honesta viuva, honesta e trabalhadeira. Uma dama a protege, e dá-lhe demonstrações de

(1) Ap. Rodr., v. 1. p. 166.

(2) Vida de S. Franc. de Sal., pelo Cura de S. Sulpicio, v. 3. p. 342.

sympathia. O outro espia. Suppõe ameaçado o seu prestigio. „Senhora, aquella mulhersinha é... é facil nisto e naquillo “—,, Vistes ? “—,, Fulana contou “— „Que é da Fulana ? “—., Mandou dizer que não pode vir “.—,, E' preciso que venha “ — „Senhora, fica o dito pelo não dito“. Insistis ; desculpa-se ; lamenta-se ; ha prantos ; ha confusão.

Eis o falso ; eis a calumnia ; uma miseria.

Não ; não basta, siquer, o arrependimento. E' necessaria a reparação. E' preciso repôr a fama, lá onde ella foi lesada. Não se remitte o peccado, emquanto se não refizer o tirado : *Non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.*

---

Consiste o mal da detracção, essencialmente, em tirar ou diminuir a fama daquelle, que a ella tem direito, como á propria fazenda, ou á propria vida. Affirmamos, por isso, Irmãos e Filhos diletissimos, que a detracção é, segundo todos os theologos, de sua natureza, peccado grave, assim contra a justiça, como contra a caridade. Ovi o que pensa o maior de todos elles, Santo Thomaz de Aquino. “

Tirar a outrem a fama, gravissima cousa é (*valde grave est*), porque entre as cousas temporaes é mais preciosa a fama, por cuja falta se inhiibe o homem de produzir grandes bens“. (1) Mas ninguém melhor do que S. Paulo pintou o que detrae, picado, tantas vezes, pelo verme da inveja e do despeito : „...Repletos de toda iniquidade, de malicia,... de maldade ; cheios de inveja, ... de contendas, de

---

(1) S. Theol., 2, 2, q. 73, a. 2.

engano, de malignidade ; enredadores ; detractores, inimigos de Deus, injuriadores,... inventores de maldades,... faltos de fidelidade, sem misericórdia". (1) Em vez de confiança, consagram-lhe os homens honestos o seu desdem e desprezo.

O P. Affonso Rodrigues, que acima citámos, sobre as palavras da S. Escripura : „ *Abominatio hominum detractor, et sussurratori odium, inimicitia, et contumelia* : E' o detractor a abominação dos homens, e ao murmurador cabe-lhe o odio, a inimizade, e a aversão“, faz o seguinte commentario : „ Abominam os homens os murmuradores, e lhes têm um grande aborrecimento, e aversão, e ainda que exteriormente riem, e parece que gostam, lá interiormente lhes parece muito mal, e se guardam delles, porque temem, e com razão, que o que usam com os outros deante delles, usem depois com elles deante dos outros“. (2)

Mais injusta, e, por isso, mais descabida, é a murmuração contra os superiores. Como ? Criticaes, porque não está segundo a lei ? Pois ha recursos muito mais humanos e suasorios. Exponde ; representae ; objectae respeitosaemente ; e, si vos urge a consciencia, recorrei aos superiores dos vossos superiores, que a justiça se fará ; e o que perderdes, tantas vezes em amor proprio, ganhareis em reputação, pelo exemplo com que edificareis a comunidade social ou religiosa.

Está com a lei ? Tem por si a razão ? Submettei-vos, tanto mais quanto não conhecendo, provavelmente, o conjuncto das circumstancias, nem contando com as graças de estado, cabendo aos superiores decidir, si podeis dar uma *opinião*, não

---

(1) Rom., 1, 29-31.

(2) Exerc. de Prof., v. 2º, r. 157.

podeis pretender que esta prevaleça sobre a sua *decisão*.

A Igreja—todos o sabem—é, entre as associações disciplinadas, a melhor escola de respeito e disciplina. „ O catholicismo, escreveu Guizot, aliás, protestante, o catholicismo é a maior, a mais santa escola de respeito que tenha jamais visto o mundo “. (1) Ora, mudae-lhe a ordem de cousas; alterae-lhe a sua constituição divina; mudae a obediencia dos inferiores em autoridade que annule, enfraqueça ou deprima os actos dos superiores, e tereis... sim, tereis um carro adiante dos bois. Tereis tudo quanto quizerdes; mas não tereis a ordenação de Deus, a obra divinamente hierarchica que é a Igreja de Jesus Christo.

Os proprios leigos, aliás bem avisados, comprehenderam tanto esta verdade, que, em associações religiosas, fundadas ou protegidas pela sombra maternal da Igreja, posto que della até certo ponto independentes, deixaram escripto que se considerasse um *mal* o *bem* que se pretendesse fazer sem a approvação e benção do Prelado diocesano. Praza a Deus que estas palavras não sejam, tantas vezes, consideradas sem efficacia ou letra morta...

Nem se trata de uma hierarchia simplesmente de ordem, senão de verdadeira autoridade e jurisdicção. A primeira, pelo seu character, suppõe amor e reverencia; a segunda, igualmente divina, suppõe obediencia e sujeição.

Pela ordem, se distribue a graça, segundo as determinações providenciaes da nossa fé. Pela jurisdicção se applica a disciplina universal ou diocesana, sempre santa, sempre veneranda e até infallivel.

---

(1) Cfr. Corini, *Défense de l'Eglise*, v. 3<sup>e</sup>, p. 476-477.

O verdadeiro catholico, é catholico na fé e na disciplina. Mas quantos christãos ha que, numa distincção absurda, são catholicos de credo, e provaveis hereges de mandamentos...

Posto que suspeitos, cremos que as criticas, nesta materia, assumem, em malicia, as proporções de verdadeiro sacrilegio. Não, não ha superior que queira deliberadamente errar, pelo capricho, pela presumpção, pela vaidade de impôr uma deliberação errada. E, pelo contrario, quantas vezes, por não poder falar, por não escandalisar os pusillanimes, senão para não dar pasto a bem possiveis pescadores de aguas turvas, curte, em silencio, o amargor de uma decepção inesperada, tanto mais injusta, quanto o que a provoca costuma fazer-se de victima.

Cerrae, portanto, Irmãos e Filhos diletissimos, cerrae ouvidos a bem possiveis e impenitentes murmuradores. „Quem não é por mim, é contra mim“, disse nosso Senhor Jesus Christo. (1) E quem não está com o Bispo, não está igualmente com a Igreja catholica. Elle, o centro da autoridade e jurisdicção, de que vos falavamos. Delle, da sua Cathedra sagrada, todos os poderes que, como outros tantos rios de graça, circulam, alimentam e amparam a vida religiosa da diocese. Delle, o poder para as prégações, absolvições, apostolado, disciplina, e, portanto, para santificação e salvação. Delle, enfim, o poder de administração, que nelle reside inteiro e inalienavel, *tum in spiritalibus tum in temporalibus* : quer nas cousas espirituaes, quer nas temporaes ecclesiasticas, diz o Codigo Canonico ; (2) e assim como não ha Estado no Es-

---

(1) S. Luc. XI, 28.

(2) Can. 335 paragrapho 1.

tado, não ha, na diocese, poder algum que se sobreponha á autoridade do proprio Bispo.

Sem sua licença, dada aos clérigos por escripto, (1) não é, sequer, permittido collectar, para mostrar a dependencia em que estão os proprios patrimonios, pelo seu fim, que é espirital, e pela sua origem, que são os fiéis.

Tem sem duvida alguma, collaboradores, no laicato e no sacerdocio, optimos e abnegados, e estes são, com a generalidade dos fiés, com os que permanecem fiés á graça do seu baptismo, a sua mais vivente corôa, a maior alegria do Prelado diocesano. (2)

Não se resuscite, pois, para honra nossa, esse modernismo, ôcco e esteril, tão justamente condemnado, cuja vida é o sacrificio da moral, do dogma, da disciplina da Igreja catholica.

Deixemos que os mortos enterrem os seus mortos. A Igreja é um campo sereno e ordenado, em que todos trabalham, para adquirirem o céu. Não lhe cabe a descripção que, ainda ha pouco, como profundo psychologo, fazia S. Santidade o Papa Pio XI, do momento social: „... Temos as luctas partidarias, nem sempre provindas da serena divergencia de opiniões acerca do bem publico, e para o promover sincera e desinteressadamente, mas pela ambição de aproveitar a interesses particulares, embora arruinando os da nação. Recorre-se por isso, muitas vezes, á conspiração, á traição, ao roubo para atacar os cidadãos e até a propria autoridade e seus representantes; recorre-se ás ameaças de revoluções e mesmo aos motins declarados e outras desordens deploraveis e prejudiciaes para o povo chamado a tomar parte em maior escala

---

(1) Cano. 1503, 691 paragraphos 3 e 5.

(2) 1a. Thom., II, 20.

na vida publica e no governo, como acontece nos regimens representativos modernos". (1)

„ Todos estes males provêm do interior ", diz S. Marcos. (2) Não sejam estas palavras a nossa propria condemnação.

A paz é a tranquillidade da ordem. E não ha ordem onde ha subversão da hierarchia catholica.

---

Tocamos, outrosim, um ponto, Irmãos e Filhos diletissimos, que não deixa de ter, evidentemente, grande oportunidade em nossos tempos. A's vezes, no silencio do nosso gabinete, reflectindo sobre o momento presente, assalta-nos o espirito esta interrogação pungentissima : „ Mas como ? Será, possivel que todos pretendam mandar, e ninguem cogite em obedecer ? " Si todos têm os seus defeitos, porque não deixo cada um com os seus, e não corrijo os meus ? Pesam-me os outros sobre mim ? De certo que não. Pois se cada um se corrigisse, de certo logo teriamos uma comunidade sem defeitos, estaria salva a Patria.

Deixemos de criticar os males que não podemos, ou não temos obrigação de remediar. Offereçamos praticamente, pessoalmente, o contingente á reforma social, e teremos cumprido o nosso dever.

E que se lucra com o desprestigio, com o lamentavel ridiculo que se pretendeu levantar sobre certos homens publicos ?

Não ; não é humano ; não é, sobretudo, conforme o preceito divino depreciar, invariavelmente, os vultos mais representativos, cheios de responsabilidades

---

(1) Encycl. „Ubi arcano".

(2) VII, 23.

e de serviços, e que, em meio a tanta munificencia divina, constituem, como já alguém ponderou, a unica grandeza de que ainda possamos carecer.

---

Volvamos agora o olhar, Irmãos e Filhos dilettissimos, para a cellula-mãe da sociedade, quer civil, quer religiosa; aquella, onde o Estado vae buscar os seus subditos, onde a Igreja vae acariciar os seus filhos.

A familia! Este santuario plantado por Deus na terra, e mais tarde ennobrecido e santificado pelo proprio Jesus Christo! Clareira do céu, onde a magestade e a bondade de Deus brilham na autoridade do pae e na ternura da mãe! Restea de luz, a que se acolhem os pimpólhos que formam a ventura de seus paes, como a formava o castissimo Jesus, „cheio de graça e de santidade“!

Olhae: ha um anjo ali, que quer ser bello e é bello,—sobretudo se lhe jorram do alto as claridades divinas e transformadoras.

A donzella christan! Completando, em graça, a gentileza materna, gentileza que tão castamente exalta a S. Escriptura, ella é, para „o ornamento da casa, o que é o sol para o mundo, quando nasce das alturas de Deus“! (1)

Que não venha o *simoun* da indifferença estiolar este lyrio mimoso que se alteia! Que o não bafejem as auras tão contagiosas da frivolidade! Que elle conserve esta „quasi perfeição“ a que attingiu a mulher brasileira, e que será o seu encanto, aureolado, cada vez mais, pela presença visivel de Deus!

A frivolidade, jovens distinctas de minh'alma,

---

(1) Eccli., XXVI, 24.

é esse esquecimento da missão altíssima a que vos destinou a bondade divina, que vos espera, perdida nesse mundo de pequenos nada, em que pode aprazer-se a vossa phantasia, mas pouco lucram os ideaes do vosso coração.

E' esse excesso na moda, que sacrifica, tantas vezes, com o bom gosto, as mais elementares leis da modestia christan, no indispensavel pannejamento.

E', para empregar as proprias palavras do Santo Padre Pio XI, o desrespeito ao pudor, nas mulheres e nas moças, desrespeito que se manifesta na „licenciosidade do vestir, de conversar, nas danças indecentes, com insulto manifesto á miseria do proximo, insulto que chega a ser provocante pela ostentação do luxo“. (1)

E'—pois convem insistir—aquella moda, exagerada e impudente, cheia de decótes, falta de recatos, a que, na Allocução de 21 de nov. de 1919, se referia S. Santidade Bento XV, fazendo suas as palavras da presidente da União Feminina Catholica Italiana, moda que era o „fructo da corrupção em seus inventores“, e cujos excessos „nefasta e poderosamente contribuem para a geral corrupção dos costumes“.

Naturalmente falando, a mesma Escripura que vos exalta, diz que „a graça é enganadora, e a formosura, é van“. (2) A formosura, diz o Padre Vieira, é „uma flôr da terra, cada anno cortada pelo arado do tempo“. Isso, da formosura natural; porque da artificial, composta de branco e vermelho, ou

---

(1) Encycl. Ubi arcano, 22. 12. 1922.

(2) Prov., XXXI, 30.

quem sabe de outras côres, „ é a que se vae, commenta em outro logar o grande orador, é a que se vae comprar ás boticas, onde estão venaes todas as semanas as caras com que se ha de apparecer ao domingo “... (1)

---

Como a planta, tem o homem necessidade de cultura para o seu legitimo aproveitamento. Ora, a primeira cultura do homem se recebe na escrupulosa educação do lar. Esta será tanto mais efficaz, quanto mais fôr tradicional e profundamente christian.

Educar, portanto, é formar nos moldes traçados pela Igreja. Ella é que sabe tirar das paginas luminosas da S. Escriptura, confirmadas pela sua longa experiencia, as normas indispensaveis, que hão de preparar o homem para a sociedade e para Deus.

Os proprios fundadores e cultores da sciencia social expressamente reconhecem que o modelo da verdadeira familia, é a que se governa pelas normas da religião catholica, apostolica, romana. Tal familia, diz Leplay, é a que sabe perpetuar „ as tradições de trabalho, de honra e de virtude, isto é, os verdadeiros titulos da familia á consideração dos seus concidadãos. “

Tradições de trabalho. O homem, Irmãos e Filhos diletissimos, foi creado para o trabalho. Desta lei não foram isemptos os nossos primeiros paes, no paraizo terrestre. Que ha de fazer o homem, sem trabalho? Eil-o, então, por ahi, „ a passar o tempo;“ „ a matar o tempo “. Mas esse tempo, assim perdido, é o que o inutilisa; é, talvez, o que o corrompe; é, infelizmente, o que o mata.

---

(1) Serm., IX, p. 7.

Eil-os, a elle ou a ella, a correr de casa a casa, a colher noticias sensacionaes, as novidades do dia, de tudo preocupados, menos do que mais lhes diz respeito—zelar, poupar, gerir os interesses da casa propria.

Sim; dirigir a propria casa. Quaesquer que venham a ser as attribuições que se pretendam reivindicar para a mulher, nenhuma a impedirá de exercer toda a sua influencia no dominio que lhe é proprio—o lar, o aconchego da familia. Tudo mais pode ser util, é muitas vezes muito util, sem deixar, comtudo, de ser accessorio; e nenhuma corôa assenta melhor na fronte veneranda de uma senhora do que a de — exemplar mãe de familia e bôa dona de casa.

E' nobre e rica? E mas era rainha e rica de virtudes S. Isabel de Hungria, de quem diz um illustre biographo: „ Voltando a casa, ella empregava os momentos livres, não no repouso delicado da riqueza, mas, como a mulher forte da Escriptura, em trabalhos penosos e uteis; *fiava lan com suas damas de honra, e com ella fazia depois, com suas proprias mãos, roupa para os pobres* “. (1)

Não recebeu do berço as seducções da fortuna? Mais uma razão de ser, como quer S. Paulo, das „cuidadasas de suas casas“. Hoje, mais do que nunca,—espantallo do casamento—assume proporções aterradoras o orçamento familiar. Resolva-o a mulher, de parceria com o marido, de accordo com as normas que lhe prescreve a sua Fé.

Luz, providencia, affecto da sua familia, o Espirito Santo pergunta: „ Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo que vem de

---

(1) De Montalembert, S. E'lisabeth de Hongrie, v. 1°, p. 263.

remotas distancias, e dos ultimos confins da terra. O coração de seu marido, põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos... Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. Buscou lan e linho, e o trabalhou com a industria das suas mãos. Fez-se como a nau do negociante, que traz de longe o seu pão. E se levantou de noite, e repartiu a presa aos domesticos, e o sustento ás suas escravas. Considerou um campo, e comprou-o: plantou uma vinha do fructo das suas mãos". (1)

De familias sabemos, aliás abastadas, Irmãos e Filhos diletissimos, cujo serviço domestico, dividido em secções, por exemplo de cosinha, lavagem de roupa e limpeza da casa, é superintendido ou desempenhado pelas proprias filhas, periodicamente revegadas. Assim, familiarisar-se-ão com o meneio domestico, fonte de economia e felicidade. Saberão fazer, para, mais tarde, acertadamente mandar. Este, afinal, exceptuada a divina vocação de poucos, chamados ao sacerdocio ou á vida religiosa, é o estado a que se destina a grande maioria dos homens.

Para o casamento das vossas filhas, sem vos deixardes levar por preocupações subalternas, guiae-vos, sobretudo, pelos interesses dellas; porque, afinal, não sois vós, são ellas que casam. De sobejo conhecemos o grande amor dos paes pelos seus filhos e filhas. E mas não seja um como „amor odiento“, levando-as a contrahir estado com determinada pessoa, a que as não ligue um solido e comprovado pendor de coração.

Que os filhos, por sua vez, não procurem no casamento apenas o que é fugaz e transitorio; mas

---

(1) Prov. XXXI, 10 e segs.

que ambos se mereçam, elle, pela sua capacidade principalmente moral; ella, por ser bôa, meiga e virtuosa.

Egualmente se não hão de oppôr os paes, sem motivo fundamentado, á vocação sacerdotal, ou religiosa de seus filhos. Querem ser padres? Pois é a mais sublime das vocações, e a maior honra para vós.

Alguns dizem: „Não posso perder o meu filho“. Como perder? Vós o ganhaes. O que casa, lá vae com Deus, para a nova familia. O que se ordena, volta com Deus para casa, e, mais do que ninguem, em algum sentido, continua a pertencer á sua familia.

Suscitem-se, portanto, vocações, custeadas, principalmente, pela cotisação de familias, que dêem obreiros, aptos e indispensaveis, ao fertil amanho da diocese.

Mas, sobretudo, preservem-se as creanças, porque si por ellas passou o contagio do mundo, impotentes para fazer observar, em toda sua pureza, os ensinamentos de Deus, nem siquer poderão soffrer o ambiente de luz e de paz em que todo se embalsama o sanctuario.

Tradições de honra. Oh, as tradições de honra de uma familia! Ellas se mantêm pela formação principalmente do character, e suppõe um fundo solido de virtude.

Que dirieis, porém, do jardineiro que, tendo plantado a açucena, não lhe fornecesse os elementos, donde extrahir a sua alvura? Tal os paes que descurassem o bom exemplo, a vigilancia, e, sendo preciso, a correcção de seus filhos.

O fim de uma educação propriamente christan vem expresso naquellas palavras da S. Escripura: „*Deum time, et mandata ejus observa; hoc est enim omnis homo*: Teme a Deus, e observa os

seus Mandamentos : porque isto é o tudo do homem. (1)

Diz o anexim da sabedoria antiga : „ *Verba sonant, exempla trahunt* : as palavras soam, os exemplos arrastam. O general Roberto Lee. refere que, uma vez, passeando com o filho á beira do mar, notou que a creança tratava de pisar sobre os passos que elle ia deixando impressos na areia ; desde esse dia, referia elle, comprehendí que não tinha o direito de dar um passo onde meu filho não me pudesse acompanhar. (2) Por isso, não basta que os paes digam : „ Filhos, ide á igreja, que é hora da Missa, ou doutrina “ ; senão sim : „ Filhos, vamos “. Não mandar ; mas acompanhar ; ou, pelo menos, saber que elles irão, e vigiar para que elles não faltem.

Este dever de vigilancia incumbe de tal modo aos paes, que S. Paulo expressamente declarou que quem o omitisse, esse havia renunciado a fé : „ Si algum não tem cuidado dos seus e sobretudo dos da sua casa, negou a fé, e é peor que um infiel “. (3)

O cuidado principal dos paes ha de ser, pois, que os filhos, famulos e addidos conheçam os seus deveres, principalmente religiosos, e nunca offendam a Deus.

Branca de Castella, aquella grande mãe e grande rainha, repetia muitas vezes a S. Luiz estas palavras que fizeram de seu filho um grande santo e um dos maiores reis : „ Filho da minha alma, antes quizera vêr-te morto, do que offenderes a Deus com um só peccado mortal “.

„ Ouvi, filhos meus, dizia o santo varão To-

---

(1) Eccli., XII, 13.

(2) Joaquim Nabuco.

(3) 1a. Tim., V, 8.

bias, ouvi a vosso pae : servi ao Senhor em verdade, e procurae fazer o que lhe agrada ; e a vossos filhos mandae que façam justiça e esmolas, para que se lembrem de Deus, e o bendigam em todo tempo em verdade e em toda sua virtude “ . (1)

O pae remissos, pae desnaturados, que, a pretexto de commodismo, num desleixo criminoso, deixando-os governarem-se numa idade inexperiente, expondes os vossos filhos a infinitos perigos de corpo e alma !

Quando dizemos—filhos—entendemos filhos e filhas. Para estas deve ser dobrada a vigilancia, sobretudo quando não tem recolhimento, „ para que, diz a S. Escripura, não abuse de si achada que seja a occasião “ . (2)

Perguntaram um dia a uma mãe : „ O seu filho vae á Missa ? “ — „ Elle não quer... “ — Então um menino tem querer ?

Os filhos, sob o patrio poder, devem servir aos paes como estes a Deus — com amor e temor. „ Aquelle que poupa a vara, diz a S. Escripura, aborrece seu filho, mas o que o ama, continuamente o corrige “ . (3)

De certo que a correcção deve ser moderada e prudente. Não ha de ser maior o castigo do que a falta. E ainda ha faltas que, sendo involuntarias, mais proprias da irreflexão que da malicia, não merecerão castigo.

Mas, si os filhos merecem, como vulgarmente se diz ; si ha culpa ; si ha, sobretudo, reincidencia, não só é necessario o castigo, senão que é pec-

---

(1) Tob., XIV. 10-11.  
(2) Eccl., XXVI. 13.  
(3) Prov. XIII. 24.

cado não castigar, para que da omissão se não tire incentivo para novas faltas, cuja responsabilidade toda aos proprios paes caberia.

Paes verdadeiro, é o que está no céo, e tambem elle nos castiga. E de tal modo, que a cada um dos nossos peccados proporciona castigo opportuno, ou neste mundo, ou na eterna vida.

Ouvi, Irmãos e Filhos diletissimos, as palavras com que a sabedoria increada expõe a grave materia de que vimos discorrendo.

„ Não queiras subtrahir a correcção ao menino ; porque si tu o fustigares, com vara, elle não morrerá “. (1) „ Aquelle que ama a seu filho, castiga-o com frequencia, para que elle se alegre com isso quando fôr grande, e não vá mendigar ás portas dos outros “. „ Tu o fustigarás com a vara ; e livrarás a sua alma do inferno “. E ainda : „ Aquelle que ensina o seu filho, nelle será louvado, e nelle mesmo se gloriará no meio dos seus domesticos “. (2)

Quem dá o pão, dá o ensino. Não o deu Heli, e foi castigado. E, para exemplo de muitos paes, dá-se o motivo, expressamente : „ porque sabia que seus filhos procediam mal, e não os reprehendeu “. (3)

Correm por ahi as ideias mais extravagantes sobre a castidade, sobre a virtude. Tanto se escreveu, tanto se falou não sabemos sobre que suppostas impossibilidades, e imaginados perigos, que uma parte da juventude, receiosa de enfrental-os, ignorando os beneficios reaes, permite que, com a sua saude, uma

---

(1) Prov. XXIII, 13.

(2) Id.

(3) 1.º Reis, III, 13.

a uma se dissipem as suas mais nobres esperanças; compromettendo, sem o pensar, o vigor, a alegria, a felicidade da familia brasileira.

Não, Irmãos e Filhos diletissimos, tal preceito de Deus é um postulado de hygiene, é uma exigencia scientifica.— „Sê casto !“ tanto o ordena a religião, como o impõe a medicina. E por esse ideal tanto mais generosamente devemos combater, quanto juntos, inseparaveis sempre encontrareis os destroços da fé e a ruina dos bons costumes.

Quando, ao entrar numa igreja, viu o grande e infeliz escriptor Camillo Castello Branco a multidão apinhada acercar-se do tumulo do Ven. Frei João de Neiva, naquella athmosphera sobrenatural, sentiu apoderar-se-lhe da alma uma emoção profunda e extranha. Quiz chorar : as lagrimas se lhe haviam estancado. Na mesma fonte se haviam desfeito os sonhos roseos da sua juventude religiosa. Foi então que, corrido de si mesmo e desesperado, pronunciou aquellas palavras, que revelam ao mesmo tempo toda vastidão e a causa do seu mal : „Amaldiçoada seja a mulher que estancou nos meus olhos a fonte das lagrimas christans !“

Tradições de virtude. As tradições de virtude, Irmãos e Filhos diletissimos, se mantêm, entre outras cousas, pelos auxilios da virtude, ou seja pela oração e pelos santos Sacramentos. Porque ha tanta desolação, tanta tristeza, tanta miseria sobre a terra ? Porque, responde o propheta, não ha quem seriamente reflecta sobre os seus destinos immortaes.

Algures lemos que um bello quadro seria o de uma mãe ensinando o seu filhinho a orar. Com o filho no regaço ; juntando-lhe as mãos e erguendo-as para o céu ; apontando-lhe, em cima, o Pae de

todas as luzes, cremos que em nenhum outro momento se lhe podia melhor retratar a sublime grandeza da maternidade christan. Depois, descerrando-lhe os labios, vae compassadamente repetindo : „ Padre Nosso, que estaes no céo... “

O Padre Nosso ! A mais excellente das orações vocaes ! A que nos lembra, em poucas e expressivas palavras, o nosso destino feliz e os meios imprescindiveis de conseguil-o : „ Venha a nós o Vosso reino ; seja feita a Vossa vontade... “ O céo, pela observancia dos Mandamentos...

Opportunamente se lhe ministram os mais indispensaveis elementos da Fé. Torna-se-lhe familiar a igreja parochial, a igreja do seu baptismo. Desde tenra idade, faculta-se-lhe a graça da confissão e communhão. E, para que não creste uma flôr que apenas medra, continuam-se os mesmos cuidados, sobretudo nos momentos ou na idade de maior perigo.

Os obstaculos devem ser igualmente removidos : maus camaradas, más leituras, maus livros que se tenham insinuado no lar, illudindo a mais inequivoca vigilancia domestica.

Na época do seu casamento, sem prescindir das formalidades civis, lembrem-se os paes da necessidade inadiavel das bençams. de Deus, no casamento religioso.

Sim, inadiavel, Irmãos e Filhos diletissimos. Para legitimar e santificar a união do homem e da mulher, instituiu Jesus Christo um Sacramento, o Sacramento do Matrimonio, cuja administração confiou á sua Igreja ; Sacramento que ninguem pode dispensar ; que ninguem pode substituir, que desce ao fôro da consciencia ; que subordina o sexto mandamento a uma finalidade generativa e christan ; que dá aos que se ca-

são com as devidas disposições a graça de poderem cumprir os deveres de esposos e pais christãos, e sem o qual haverá ajuntamento, poderá haver união, mas não ha casamento, não ha a familia tradicional e feliz, em que os noivos *que se receberam* perante o altar, throno ou calvario mystico de Deus, como entregues pelo proprio Deus, cujo representante é o sacerdote catholico, poderão sempre dizer, entre enlevos de indizivel ternura : „O nosso amor... é o mesmo Céu que o abençôa “.

Preocupados com o bem temporal da familia, não devem os esposos esquecer-se que os bens materiaes, sobre não constituirem um fim, serão, si mal adquiridos, na arca ou de qualquer modo empregados, as „riquezas de iniquidade “.

Oh, como teve razão, Irmãos e Filhos diletissimos, o que disse que a religião catholica, que parece preocupar-se apenas da outra vida, pode entretanto, constituir a verdadeira felicidade do homem neste mundo. O essencial é orientarmos a vida pelas normas da Fé ; fugirmos do peccado, vivermos em graça, observamos os Mandamentos.

Sirva-nos de ensejo para tão bellas e nobres resoluções a proxima festividade do Anno Novo, em cuja circumstancia vos dedicamos, como presente de boas festas, esta humillima, posto que bem sincera Carta Pastoral.

Amemos a Deus, Irmãos e Filhos diletissimos, que nos creou, que espalhou em toda parte, nos céos e na terra, as obras abundantissimas da sua munificencia divina.

Amemos a Deus, que nos resgatou, dando-nos o poder de sairmos das trévas, e da sujeição do peccado, uma vez que applicarmos, pelos Sacramentos e

bôas obras, os frutos inexgotaveis da Paixão e Morte de seu Filho Unigenito.

Amemos a Deus, que nos santificou, que nos encheu de luzes e graças sobrenaturaes, com que trilharmos a vereda, tantas vezes semeada de espinhos, que prende o tempo á eternidade.

Amemos tambem o proximo, como a nós mesmos, com amor sincero, intenso, sobrenatural, por amor de Deus. Amemol-o, porque sem o amor do proximo tambem não ha amor de Deus. Por isso, S. João pergunta : „ Aquelle que não ama a seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê ? “ (1)

Honremos, prestigiemos, veneremos, obedeçamos a nossos paes, mestres e superiores, aligeirando, com docilidade, a responsabilidade de dirigirem e responderem pelas nossas almas.

„ Lembrae-vos, sobretudo, dos vossos pastores, que vos prégaram a palavra de Deus; considerando qual foi o fim da sua vida, imitae a sua fé,.. “ (2)

Aproveitemos o tempo, Irmãos e Filhos dilettissimos, para ajuntar para nós „ thesouros no céo, onde não os consomme a ferrugem nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram nem roubam “. (3)

Senhor ! é o que nós promettemos e queremos cumprir : *ego, et filii mei et fratres mei* : eu, os meus filhos e os meus irmãos. (4)

Dáe-nos para tanto a graça. Fortalecei a minha bençam, Senhor, para que recaia copiosa sobre o Nosso operoso Clero e dedicados Fiéis, a quem desejamos as melhores felicidades no tempo e na eternidade. Assim seja.

---

(1) 1.º Joa., 4, 2.  
(2) Hebr., XIII, 7.  
(3) S. Math., VI, 20.  
(4) 1.º Mach., II, 20.

*Et benedictio Dei Omnipotentis † Patris et Filii † et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper. Amen.*

Dada nesta episcopal cidade de Florianopolis, sob o Nosso Signal e Sello das Nossas Armas, aos 24 de Dezembro de 1923.

† JOAQUIM, Bispo de Florianopolis.

L. S.

#### MANDAMENTO

Para que chegue ao conhecimento de todos, *et nomine Domini invocato* : Havenos por bem determinar que esta Nossa Carta Pastoral seja lida á estação da Missa, em Nossa Igreja Cathedral, e em todas as Matrices, Capellas curadas, Oratorios publicos e de Comunidades religiosas, onde habitualmente se celebra o santo sacrificio da Missa, registrada no livro competente, e archivada como é de costume na Diocese.

Florianopolis, 24 de Dezembro de 1923.

† JOAQUIM, Bispo de Florianopolis.

Logar do Sello

ANEXO 9

CARTA PASTORAL COLETIVA AO EPISCOPADO BRASILEIRO  
(1915)

(BIBLIOTECA DO INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA)

## O EPISCOPADO BRASILEIRO

### APRESENTANDO AO CLERO E FIEIS DAS SUAS DIOCESES EM NOVA EDIÇÃO A PASTORAL COLETIVA DE 1915, ADAPTADA AO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, AO CONCÍLIO PLENÁRIO BRASILEIRO E AS DECISÕES DAS SAGRADAS CONGREGAÇÕES ROMANAS.

A «Pastoral Coletiva» dos Snrs. Arcebispos e Bispos das cinco Províncias Eclesiásticas Meridionais do Brasil é um documento que mereceu e merece ainda hoje a simpatia e admiração de todos os que lhe conhecem o conteúdo.

Na realidade, não se trata apenas de uma simples «pastoral», mas de uma obra que, ultrapassando os limites de uma carta por sua extensão, lhe conserva as características por sua apresentação. É fruto de grandes esforços e de sacrifícios ingentes de zelosos Pastores de almas, que, em colaboração fraterna e inteligente, estudaram e estabeleceram os alicerces para a reconstrução do gigantesco edifício da vida espiritual e religiosa do Brasil, sob a orientação infalível do Vigário de Cristo na terra.

Depois do Concílio Plenário Americano, pensaram os Exmos. Snrs. Arcebispos e Bispos do Brasil em realizar um Concílio Nacional. Mas o Santo Padre Leão XIII, de feliz recordação, «julgou mais oportuno que o projetado Concílio fosse ainda por algum tempo adiado e que, entretanto, os Revmos. Metropolitas procurassem convocar os respectivos Sufragâneos para Conferências Provinciais, com o fim de deliberarem sobre as coisas mais urgentes e ao mesmo tempo prepararem a matéria, que teria de ser tratada e discutida no respectivo Concílio» (Carta do Internúncio Apostólico, D. José Macchi, ao Emo. Cardial Arcebispo do Rio, 27 de dezembro de 1900).

Efetivamente, essa matéria foi sendo preparada com carinho e desvelo, recebendo sua primeira redação em 1901, quando

os Snrs. Arcebispos e Bispos do Brasil meridional a apresentaram ao Clero e aos Fieis em forma de «Pastoral Coletiva». Em Conferências trienais sucessivas os mesmos Exmos. Prelados iam dando à Pastoral maior volume e maior perfeição, de acôrdo com as exigências dos tempos e com os resultados da experiência.

Idênticas Conferências vinham realizando também as Províncias do Norte do Brasil; mas os respectivos Prelados acharam as resoluções e determinações das Províncias do Brasil meridional tão prudentes, tão sólidas e tão oportunas, que as adotaram integralmente, animados certamente do espirito de solidariedade e com a sublime intenção de unificar espiritualmente todo o Brasil, do Norte ao Sul.

De 12 a 17 de janeiro de 1915, reuniram-se em Conferência pela 5.<sup>a</sup> e última vez, antes da promulgação do Código de Direito Canônico, os Exmos. Prelados das Províncias Meridionais do Brasil, a fim de dar os últimos retoques à já volumosa «Pastoral Coletiva», apresentando-a desta vez, com outro titulo, mais próprio à natureza do trabalho, isto é como «Constituições Diocesanas das Províncias Eclesiásticas Meridionais do Brasil».

Devido provavelmente à breve «Pastoral», com que os exmos. Prelados apresentaram as Constituições diocesanas, continuou o precioso documento a ser chamado «Pastoral Coletiva», até nossos dias.

Ao aparecer em 1917 o suspirado CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, as ditas Constituições perderam, em parte, seu valor jurídico, devido às não poucas inovações, abrogações e reformas das leis eclesiásticas. Cogitou-se logo numa adaptação e atualização; mas muitos fatores, alheios à vontade humana, não permitiram se concretizasse esta aspiração.

Entretanto, surgiu e vingou a idéia de se realizar o primeiro Concílio Nacional, com a colaboração de todo o Episcopado Brasileiro. Com a anuência da Santa Sé, foi efetivamente convocado o Concílio por decreto do Emo. Cardial D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, Legado Apostólico, em data de 18 de maio de 1939. Sua celebração teve lugar de 2 a 20 de julho do mesmo ano, na igreja de Na. Sra. da Candelaria, no Rio de Janeiro, com a presença de 96 prelados Brasileiros (89 pessoalmente, e 7 por procuração): 81 Arcebispos e Bispos; 2 Prefeitos Apostólicos; 10 Administradores Apostólicos; 3 Vigários Capitulares.

Os Decretos do Concílio Plenário Brasileiro, previamente elaborados e conscienciosamente examinados por todos os Prelados que tinham direito a tomar parte no Concílio, foram pelos mesmos sancionados e, em seguida submetidos à aprovação da Santa Sé, de acôrdo com o que prescreve o cânon 291, § 1 do C. I. C.

No dia 8 de março de 1940, Sua Santidade o Papa PIO XII dignou-se aprovar e confirmar todos os Decretos, com pequenas modificações previamente feitas pela S. C. do Concílio, autorizando o próprio Cardial Legado, Dom Sebastião Leme, a promulgá-los. Dita promulgação foi feita no dia 7 de Setembro de 1940, mediante decreto, no qual se estabeleceu o prazo de meio ano para as «férias» legais, tendo, portanto, o Concílio Plenário Brasileiro entrado em vigor só no dia 7 de março de 1941.

Os 489 Decretos do Concílio Plenário Brasileiro vão acompanhados de 71 Apêndices, sendo, grande parte deles, documentos Pontifícios (decretos, cartas pontificias, breves, instruções, etc.), que convém ter sempre em mão. Doze dêsses Apêndices foram tirados da «Pastoral Coletiva».

De acôrdo com a natureza dum Concílio, seus Decretos foram redigidos na forma árida e puramente jurídica. Faltam-lhes, além do estilo paternal tão peculiar à «Pastoral Coletiva», o repertório preciosíssimo de conselhos pastorais, a abundante doutrinação moral e ascética, e os poderosos estímulos para as emprêsas apostólicas. Não admira, pois, que tanto Nós, os Arcebispos e Bispos do Brasil, como o Clero nacional, suspirássemos por uma reedição da antiga «Pastoral Coletiva», naturalmente atualizada e adaptada ao Código de Direito Canônico e aos Decretos do CPB. É o que hoje vemos realizado, com a graça de Deus, depois de 32 anos de expectativa.

Apresentando, pois, ao Nosso amado Clero, Secular e Regular, este «despertador e guia da piedade sacerdotal», fazemo-lo com o intuito de promulgar um indispensável complemento dos Decretos do Concílio Plenário Brasileiro, em forma mais popular e acessível a todos os fiéis.

Ao prepararmos esta reedição, adotamos o seguinte critério: Conservar, na medida do possível, o texto original; suprimir o que não tem mais força de lei; acrescentar as novidades mais importantes, tanto do Direito Canônico como do CPB; introduzir

as modificações indispensáveis, máxime de caráter jurídico e litúrgico.

Conservou-se a mesma distribuição da matéria, com os respectivos títulos e capítulos, exceto tão somente o tratado das Indulgências, que foi colocado logo após o Sacramento da Penitência, como costumam fazer hoje todos os autores de Teologia Moral, e como o exige a natureza das indulgências (a remissão do reato da pena é complemento da remissão do reato da culpa respectiva). Também os números marginais continuam seriados, como antes, apesar de não corresponderem aos antigos.

Não sendo mais o Concílio Plenário Latino Americano fonte jurídica para Nossas Províncias Eclesiásticas do Brasil (cf. CPB. d. 2), omitimos as respectivas citações e as substituímos pelas do Direito Canônico e do Concílio Plenário Brasileiro.

Quanto aos Apêndices, reproduzimos apenas os que ainda não perderam seu valor pastoral e que não foram incluídos entre os Apêndices do CPB.

E para que nada falte das preciosidades que ornaram o documento histórico, que ora reeditamos, passamos a reproduzir, na íntegra, fazendo nossos os seus dizeres, a Carta Pastoral com que os Exmos. e Revmos. Arcebispos e Bispos, em data de 17 de Janeiro de 1915, apresentaram as ditas Constituições ao clero e fiéis das suas Dioceses.

## CARTA PASTORAL

### Irmãos e filhos em Jesus Cristo.

Todas as vezes que em cumprimento do munus pastoral nos dirigimos a vós, amados irmãos e filhos, exige de nós a lei divina séria diligência e de vós toda atenção e cuidado; mas as atuais condições do mundo e da pátria obrigam-nos a especial desvêlo e a vós à mais atenta observância, para que com os esforços juntos e combinados, auxiliando-nos a graça de Deus, possamos minorar tão grandes males.

Para onde quer que hoje lancemos os olhos, encontramos motivos de profunda dor; quasi toda a Europa ardendo nas chamas da mais tremenda guerra que viram os séculos, chamam

que se vão alastrando por outras partes do mundo, e estendem até nós seus desastrosos efeitos; nossa querida pátria reduzida a tão lastimoso estado, que a não receber do céu um rasgo especial de misericórdia, seria inevitável sua ruína. Se olhamos para nossas dioceses, onde razão era achássemos alívio a tão profundas penas, algumas consolações sim se nos deparam, mas de envolta com tão acerbos causas de dor, que quasi podíamos exclamar com o grande Macabeu: «Melius est nos mori... quam videre mala gentis nostrae et sanctorum».

Vemos os santos preceitos do decálogo às escâncaras violados, as leis da Igreja não quebradas só, mas desprezadas, a fé tão enfraquecida em certas camadas sociais, que de cristãs só lhes resta o nome, e em outras o vício alastrando sem freio, com cortejo de crimes horrorosos, roubos, assassinatos, adultérios, calúnias, vinganças, suicídios; e estes crimes tão senhores do terreno e tão multiplicados, que a mesma curiosidade doentia, faminta de novas sensacionais, já não lhes presta mais atenção.

\*

Sobre dor tão justa e tão grande, outra consideração nos assalta e apavora, e vos deve também aterrar a vós, amados cooperadores na direção das almas, é que não nos colocou Deus em sua Igreja para chorar somente os males, senão para arrancá-los. A cada um de nós está dizendo como ao profeta: «Ecce constitui te hodie super gentes... ut evellas et destruas... et aedifices et plantes».

Não basta conhecer e reprovando o mal; é preciso combatê-lo, arrancar, destruir; é preciso arrotear, semear, plantar e ocupar com cultura de obras santas o terreno invadido de vícios e crimes. Combater com a palavra, reprovando o vício onde quer que se encontre; ainda que nos custe ódios e perseguições. Não podemos trair a verdade e dissimular com os vícios; e ai! de nós se calarmos! «Vae mihi quia tacui».

Somos responsáveis pelos pecados que não impedimos, quando o devíamos fazer, e pelas desgraças espirituais, que não atalhamos na medida de nossas forças; consideração esta que nos deve encher de espanto.

Essas uniões ilícitas acobertadas com o nome de casamento civil, feitas ou perpetuadas por incúria nossa, porque não ensinamos a doutrina da Igreja no tocante ao matrimônio, ou por

exigências que alguns fazem de emolumentos, a que não têm direito, ou se o têm, os pobres nubentes não têm com que satisfazê-las, e assim se contentam com a mancebia e se deixam apodrecer no pecado.

As crianças que morrem sem batismo, porque os pobres não tiveram a espórtula, ou porque em caso de necessidade não houve quem soubesse administrar-lhes em casa este sacramento, e não houve porque o Pároco não ensina o modo de batizar, e não cuida que as parteiras sejam instruídas e examinadas em mister de tão graves e irremediáveis consequências.

Superstições, erros, associações inimigas do Deus e de sua Igreja, que se introduziram por achar o povo mal apercebido para a resistência; uma juventude sem cruz nem cunho, como se diz, porque a deixamos crear à rédea solta, as liberdades criminosas entre noivos, nas quais eles se perdem, e com eles se condenam os pais: são cúmulos de responsabilidades que nos não-de esmagar no dia das contas.

Entre estes males vemos como se vai propagando o mais nocivo de todos, o espiritismo, que já invadiu casas, aldeias, cidades, causando assombroso estrago nas almas e nos corpos, assassinatos, conjugicídios, suicídios, loucuras, como demonstram exemplos tristemente repetidos.

O protestantismo, ousada ou dissimuladamente, se vai introduzindo, e procura assentar suas tendas onde encontra terreno apropriado, por falta de sacerdotes ou por descuido dêles.

Além dêstes males, muitos outros exigem de nós remédio na medida de nossas forças, ou ao menos esforços constantes para os debelar.

São frequentes os assaltos à propriedade alheia, e aos cofres públicos, como se o tesouro nacional fosse bem nuíius, ou para êle não vigorasse o sétimo preceito do decálogo.

Assombra-nos ver tantos crimes contra a justiça, tantos roubos manifestos ou coloridos com títulos falsos, tantas demissões caprichosas de empregados corretos, tantas calúnias, tantos empregos mal exercidos e bem remunerados, e tantas injustiças, que não têm perdão no tribunal de Deus, se não forem reparadas, quanto possível. E onde está esta reparação, se nem a lembrança dessa obrigação acode à consciência dos culpados?

Todos estes males clamam por remédio de nossa parte; e nós, os pastores das almas, não podemos conservar-nos de braços cruzados, sob pena de uma condenação inevitável. Aos ouvidos nos soa a terribilíssima sentença do Espírito Santo: «Iudicium durissimum iis qui praesunt fiet» (Sap. 6, 6).

\*

Coisa certa e confessada é que estes crimes que infestam a sociedade, procedem quasi todos da ignorância das verdades da fé e dos preceitos divinos. Introduza-se nas almas o conhecimento de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, da lei que êle nos impôs e das verdades que ensinou, e com toda certeza toda essa aluvião de crimes, se não desaparecer de todo, será reduzida a proporções mui diminutas.

Por isso, podemos com toda razão averbar de inimigos da sociedade civil e doméstica os que impedem ou sequer dificultam o ensino religioso em qualquer camada social, devendo-se pelo contrário ter como verdadeiros patriotas os que favorecem e propagam com a palavra ou com a pena, ensinando, aconselhando, escrevendo ou divulgando o que outros escrevem. Por grande mercê de Deus, muitos seculares temos que com zelo infatigável se dedicam a tão elevado e santo mister. Mas como esta missão primária principalmente incumbe ao Sacerdote, a quem Nosso Senhor mandou ensinar: «Ite, docete omnes gentes», mais que desairoso, seria nossa eterna confusão, se nos deixássemos vencer neste particular por aqueles que de nós devem receber exemplo e direção.

Portanto, amados cooperadores, filhos nossos e irmãos no sacerdócio, tratemos de combater sem tréguas e sem desfalecimento estes males, que de público e particular corroem a sociedade e perdem as almas. Empreguemos nesta luta todas as forças da nossa atividade, todos os recursos legítimos de que podemos dispor. Nunca terão eles-mais útil, mais necessário, mais santo, nem mais remontado emprêgo. E se em todos os tempos do mundo foi necessário o concurso da palavra e da ação para debelar os vícios, mais necessário é em nossos dias esse conjunto de meios, quando os demolidores de nossas crenças e corruptores de nossos costumes não poupam nenhuma indústria para conseguir seu criminoso intento. Por milhares de bocas, que são os livros, diários e periódicos envenenados, derramam eles o erro e a impiedade pelo mundo todo; e não contentes com este engenho de guerra, bastante a varrer a Religião do mundo,

se não fosse divina, vemos com que furor empregam outros meios não menos deletérios. Como se valem dos espetáculos, do comércio, das obras d'arte, dos divertimentos, das assembleias populares, das leis, e de coisas em si boas e santas, como asilos, hospitais, jardins de infância, colégios e outras indústrias, para destruir a fé e perverter os costumes.

Nossos adversários nos estão ensinando e inculcando com seus procedimentos a norma que devemos seguir na causa santa que cumpre defender e promover.

Ai! de nós se formos menos atuosos no serviço de Deus do que são para perder as almas os ministros das trevas!

\*

Oportuna e inoportunamente, prêguemos sempre a Jesus Cristo, sua vida e sua doutrina; inculquemos nos corações as verdades eternas, cujo esquecimento é causa eficaz dessa aluvião de crimes. Tomemos à nossa conta a infância e mocidade, pelo ensino do catecismo feito com verdadeiro empenho, pelas indústrias em afastá-los e preservá-los dos vícios, pela insistência com seus pais para que se desvelem na educação cristã dos filhos.

Procurem os Sacerdotes embeber de espírito cristão as famílias, fazendo que nelas se pratique o exercício da oração em comum de manhã ao menos e à noite, se reze o tço todos os dias, se respeitem as leis de Deus e da Igreja; e o exemplo da piedade dos pais seja norma e estímulo para o procedimento dos filhos.

Tenham os Párcos e todos os curas d'almas bem presentes os ensinamentos do SS. Padre Pio X no particular do catecismo e da doutrina cristã, e lembrem-se que além do catecismo ensinado aos meninos todos os domingos e dias santos durante uma hora, além do catecismo particular de alguns dias como preparação da primeira confissão e da crisma, além de outro particular todos os dias feriais da quaresma, como preparação da primeira comunhão a fazer-se na Páscoa, há catecismo para os adultos, que deve ser feito em forma de instrução catequética todos os domingos e dias santos, em hora diferente da dos meninos.

Chamamos a atenção dos nossos cooperadores para estes pontos de indiscutível obrigação, posta pelo Supremo Legisla-

dor, ao qual todos, sem exceção, devemos obedecer, sob pena de condenação eterna.

Da pregação faz parte a propagação da boa imprensa, como meio de difundir a sã doutrina e de repelir a imprensa má, da qual os adversários abusam abominavelmente para envenenar as almas. Nem todos têm o dom de escrever convenientemente, mas todos podem, por uma ou por outra forma, trabalhar nesta obra de salvação. Podem repartir livrinhos e folhas avulsas, podem procurar e empenhar-se para que bons e máus assinem jornais católicos e os auxiliem com donativos, ainda que pequenos; podem e devem fazer encarniçada guerra à imprensa má, por descrente ou imoral, impedindo que a leiam e auxiliem com suas assinaturas.

Para este trabalho contra a má imprensa e a favor da boa, amados irmãos, concitamos todo o vosso zelo e estimulamos todo o amor que consagrais a Nosso Senhor Jesus Cristo e às almas; porque assim como é credora de decidido apoio e proteção dos católicos a imprensa que defenda a nossa fé, acata e inculca os preceitos divinos, únicos capazes de salvar o indivíduo e a sociedade, e que promove a paz, a concórdia, a justiça, o respeito à autoridade, aos direitos dos outros, assim é merecedora não só de reprovação, mas de execração a imprensa ímpia, incrédula ou imoral, pelos danos incalculáveis que traz aos costumes. Ousadamente afirmamos que a ela se deve o dilúvio de males morais que vemos e lastimamos em nossos dias.

\*

Para cumprirdes a gravíssima obrigação de pregar, haveis de ensinar e insistir no conhecimento das grandes verdades da nossa fé, procurando que elas caem profundamente no coração dos fiéis.

Ensinai a verdade da nossa religião, os atributos de Deus, o mistério da SS. Trindade, a Encarnação do Verbo Divino, a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, a eternidade da vida futura, sumamente feliz para os bons e sumamente desgraçada para os que morrerem inimigos de Deus, a natureza, efeitos e necessidade dos sacramentos e da oração. Com estas e outras verdades sobrenaturais, que são a base e sustentáculo da moral, haveis de inculcar as obrigações que delas dimanam, obrigações ignoradas ou esquecidas ou, o que

é pior, desprezadas por grande parte dos que se afirmam católicos.

Ensinai a absoluta necessidade de observar os preceitos de Deus e da Igreja, os quais continuareis sempre a explicar em vossos catecismos e instruções. Fazei particular reparo nas transgressões em que menos reparam os homens, e que por isso, mais facilmente os levam ao inferno.

Há certas verdades tão obliteradas, que quando se lembram, são ocasiões de espanto e talvez de mofa e riso. No quadro delas estão o perdão das ofensas e injúrias, a castidade dos moços e homens solteiros, a restituição dos danos causados por ignorância ou incúria nos empregos públicos e nos officios particulares, a reparação da fama tirada ao próximo por detração ou, pior ainda, por calúnia e não poucas mais. Por essa mesma razão de serem estranhadas, mais urgente é prêgá-las, ensiná-las, inculcá-las, doa a quem doer. A verdade é uma, e não sofre composições.

\*

Com pavorosa frequência, vemos em campo clamorosas injustiças; empregos só por proteção e sem nenhuma competência, obtidos por quem não os pode desempenhar, donde resultam graves danos a particulares e à coletividade. Entretanto, os conquistadores de tais empregos e seus protetores vivem tranquilos, sem se lembrarem da responsabilidade diante de Deus, por se julgarem absolvidos diante dos homens.

Outras injustiças se cometem em sentido contrário, não introduzindo ineptos nos empregos, mas arrancando dêles, sem causa, servidores fiéis e irrepreensíveis, por vingança, por despeito ou pessoal antipatia, ficando muitas vezes reduzidas à miséria vítimas inocentes, com mulher e filhos.

Todos êsses atentados contra indivíduos ou contra a sociedade exigem reparação; e quando não se puder fazer inteira, que se faça o que for possível; e quando nada seja possível, ao menos o propósito de prestá-la logo que o culpado puder.

Não deixaremos de apontar outra injustiça, a dos que propositalmente protelam os serviços de que se encarregam, para que com prolongação do tempo, venha o acréscimo de sua remuneração; ou aumentam trabalhos dispensáveis, para terem

maior ocasião de ganho. Magistrados, juizes, advogados, engenheiros, jurados, frequentes ocasiões de graves injustiças encontram em seus officios. se no desempenho d'elles não olham para Deus, a quem devem dar severas contas do como nêles se houveram. E se cometeram coisa da qual proviesse dano a particulares ou ao público, ficam, como os outros culpados, sujeitos à lei da restituição.

Não menos necessária nem menos ignorada é a obrigação de restituir e reparar a fama e os danos causados pela injusta difamação do próximo, seja por calúnia ou injusta manifestação de culpa ainda encoberta. Quase nenhum resguardo têm os homens em manifestar fatos alheios desdourantes e ainda occultos, e não advertem que com essa facilidade de lingua podem causar sérios prejuizos à fama e à fazenda alheia.

Ainda mais atroz é a perversidade da calúnia, que se perpetua, quando conscientemente o homem imputa a outrem o crime ou a culpa que não tem certeza elle houvesse cometido, faça-o por vingança, por inveja, por despeito, por vil interêsse pecuniário ou por outro qualquer motivo, como se pratica com desfaçamento vil nos jornais, nas conversas e até nos tribunais, onde creaturas desalmadas não trepidam em pôr crimes a quem não os cometeu.

Conhecedores de tais iniquidades, seremos réus diante de Deus, e seremos traidores do nosso munus pastoral, se não prègarmos contra eias. Conhecemos o zêlo de grande parte de nossos cooperadores, e seu empenho em combater o êrro e rebater os assaltos de satanaç. Insistindo por isso nestas lembranças, queremos dar novo ânimo aos que trabalham, e despertar os indolentes para a luta contra o êrro e contra o vício.

\*

Entre os mais perniciosos, senão o mais pernicioso de todos, ergue-se o espiritismo, pelas seduções com que atrai os incautos, pelos erros que propala e pelos males que causa. Armem-se os Sacerdotes contra tão fatal inimigo, precavendo suas ovelhas, para não se deixarem prender nas malhas do demônio, que é quem pontifica no espiritismo, e procurando arrancar de suas garras as que tiveram a desgraça de cair nelas.

Outro inimigo perigoso é o protestantismo, não o dèsses irmãos, que nascidos no êrro, o professam de si para si e respeitam as crenças dos católicos, sem lhes fazer guerra nem nojo,

senão dèsses que, para justificarem as pingues remunerações que recebem de seus comitentes, se esforçam para implantar entre nós a heresia.

Vendo êstes que todos seus esforços até agora foram sem resultado, porque com a sua desesperada propaganda sòmente conseguiram irritar as povoações católicas, mudaram de tática. Descobriram o mais engenhoso e o mais pernicioso meio de inculcar o veneno da heresia e da impiedade em nosso tão católico povo. Abriram escolas, fundaram colégios aparentemente alheios ao ensino do êrro, propalando que nada têm com a religião e que só se ocupam de letras e ciências, e com proficiência superior aos nossos, afirmam seus fautores. São canto de se-reia tais vozes, e quem lhe der ouvido, se irá perder no abismo da heresia ou da incredulidade. De certo, não abrirão guerra a peito descoberto contra a crença católica, mas a irão minando no coração dos alunos, até que os façam como êles querem, e a triste experiência tem demonstrado. Alguns alunos têm escapado dêsse perigo sem perder a fé, e tiveram valor de protestar contra lições e práticas do culto herético que cavilosamente lhes queriam impingir. Mas ao lado dèsses heróis, quantos outros não estão saindo sem fé e vão inocular com o exemplo e com a palavra o veneno na gente simples?

Contra tais antros de perversidade cumpre dar brados aos pais e aos filhos, para que com nosso silêncio criminoso não se precipitem na cratera da perdição.

\*

Não basta porém a prègação para remédio desta calamidade, como não basta para outras muitas. É indispensável ajuntar obras às palavras, obras de salvação contrapostas à obras de perdição, de que tanto abusam os inimigos do catolicismo. Entre as obras salvadoras, umas há que se podem estabelecer em qualquer ponto, outras só em centros apropriados para elas; e povoações há que comportam e até exigem a fundação de muitas conjunta ou sucessivamente para sua espiritual prosperidade. Conferências de S. Vicente de Paulo, damas de caridade, damas do S. Coração de Jesus, apostolado da oração, associações da doutrina cristã e da S. Família, em qualquer paróquia se podem fundar, e seus benefícios, pelo número e qualidade, excedem nossos cálculos e previsões.

Agremiações para os meninos, em que se coaduna o útil com o recreativo, e se lhes infunde, com o conhecimento e amor

da religião, gosto do trabalho, o hábito da resistência ao erro e ao vício, o interesse pela pátria, o respeito à autoridade, como sabemos se tem praticado em algumas de nossas paróquias: são de tão grande proveito, que se fossem generalizadas, teriam reformado nossa querida pátria.

Agremiações de donzelas com um regulamento mais severo, como o das Filhas de Maria, ou de jovens com outro mais benigno, contanto que seja franca e decididamente católico, podendo ter por fim o auxilio dos associados entre si, ou também de outros, indigentes, pobres ou enfermos, são todas obras de verdadeiro zelo e proveito seguro para se ajuntarem à pregação perseverante das verdades cristãs e para enfrentarmos as obras de perdição usadas por nossos adversários.

Entre os tentames em beneficio da fé e da preservação dos costumes, salientam-se as associações da juventude estudiosa, para a defesa de sua crença e da moral cristã. Todos conhecem quanto importa a união, como força de ação e de resistência. Aplique-se este princípio à mocidade, e teremos evidente confirmação de sua eficácia.

A união dos jovens para o bem põe em contribuição para a boa causa as belas qualidades de que são eles dotados, como seu desinteresse, sua generosidade, sua operosidade, seus brios; e até seus mesmos defeitos fazem convergir para o triunfo da causa que propugnam, como certa imprudência, temeridade, jactância, prodigalidade. O exemplo dos outros os estimula, a companhia os conforta, e faz vencer o respeito humano, e diminua nos máus a audácia para os desprezar.

As poucas associações que ora possuímos neste gênero, além dos beneficios já produzidos, acendem-nos o desejo de que outras se multipliquem com ideais semelhantes.

Queremos que ao menos nas principais cidades, e não só nas capitais, o clero de mãos dadas com os bons seculares, promova associações deste gênero, em que a mocidade estudiosa, principalmente a que se destina a cursos superiores, estude os fundamentos de nossa religião, refute os erros que contra ela se formulam, se anime com a prática de seus preceitos e se fortaleça com a recepção de seus sacramentos.

Para alcançar este grande desideratum, é indispensável que o clero se ocupe desses briosos moços, que às mais da vezes se

desviam por haverem ficado em completo isolamento das pessoas que os sustentassem em suas lutas internas e externas. Procure-os o Sacerdote; sonde prudente e cautelosamente suas disposições, trate de reunir os que achar de boa vontade; convide-os a se instruírem nas associações com o fim indicado, e não desanime com o primeiro nem com muitos insucessos subsequentes, porquanto o bom resultado será a coroa da perseverança, que só em Deus confia.

\*

Outras advertências vos lembraremos, amados cooperadores, sobre o temporal e economia de vossas paróquias, no que se notam faltas não poucas, de consequências graves, ocasionando sérios prejuízos para a Igreja, que os culpados são obrigados a reparar e restituir.

Há obrigações de ter inventariados todos os bens da paróquia e de suas capelas e de resguardar em arquivo próprio e cuidadosamente fechado, êsse inventário, os livros, os títulos, os documentos concernentes a direitos e obrigações da paróquia; e a omissão neste particular já tem produzido perdas irremediáveis, sobre ser grave infração das leis sagradas que obriga à reparação dos danos.

Mais, sob pena de pecado mortal, devem os párocos ter em ordem os livros de batismo, casamentos, óbitos, confirmação, do estado das almas, e o livro do tombo. Para boa administração, e para ressalvar sua reputação, tenham o conselho da fábrica, e seja todo o dinheiro da paróquia confiado à guarda do fabriqueiro, devendo êle ter tudo bem escriturado, receita e despesa, com os competentes documentos, de maneira que a qualquer momento esteja preparado a prestar contas.

Chama a nossa atenção a guerra atual, em que arde quasi toda a Europa, e nos sangra no mais vivo da alma o dilúvio de calamidades que afoga tão grande porção do gênero humano. Nesse flagelo terribilíssimo, cumpre divisar a ação da Providência, que se serve dos erros e paixões dos homens para castigar erros e paixões dos mesmos homens. Castigo êste severo, é verdade, mas justamente merecido, pelo muito que se acha a sociedade moderna divorciada de Deus e sua lei.

Peçamos portanto, confiada e porfiadamente, ao Senhor que se satisfaça sua justiça com a penitência forçada que a guerra impõe, levante de nós o peso de seu braço, e com os males

presentes nos conduza ao verdadeiro caminho da obediência à sua lei. Peçamos que as vítimas, que se imolam nos campos de batalha, se sucumbirem, encontrem na outra vida o descanso que sacrificaram nesta, e se se livrarem, sejam depois da campanha, com a palavra e com a vida, prêgadores destemidos da divina Misericórdia, como o foram os jovens que saíram ilesos da fornalha de Babilônia.

Com todas as veras, peçamos a paz, e não cessemos de pedir a paz, enquanto não virmos terminada a guerra; mas para merecermos a paz e sairmos bem despachados no tribunal das graças celestes, é indispensável que lancemos de nós, pela penitência, os pecados que nos acarretaram o temeroso flagelo da guerra.

Peçamos a Deus que entre os bens produzidos providencialmente por tão violentas convulsões, lucremos uma condição de maior prosperidade para sua Igreja e para seu Pontífice, e seja ela tal, que a alegria de tão grande felicidade faça esquecer as presentes amarguras.

\*

Para êsse Pontífice, providencialmente escolhido, peçamos o implemento perfeito dos seus votos, que não são outros senão a concórdia dos filhos, o triunfo da verdade, a exaltação de Jesus Cristo e de sua Igreja pelo regresso dos transviados aos braços dêle e dela, e pelo ingresso de todos os infiéis no redil do supremo Pastor, para que, todos unidos no conhecimento e amor de Jesus Cristo, sejam felizes na eternidade.

Não cesseis, amados cooperadores, de ensinar amor, veneração, obediência ao Papa, ao Vigário e Representante de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Com dor, confessamos que em geral nossos filhos não têm pelo Papa o afeto e veneração que uma fé esclarecida e bem guiada inspira e produz, nem ainda a gratidão correspondente aos desvelos e benefícios dêle para com nossa pátria. Esse quasi desamor procede do diminuto conhecimento de suas sublimes prerrogativas e de seus direitos para conosco. Ensinaí o que é o Papa, mostrai as prerrogativas do pontificado, explicai a condição a que ficou reduzido pela revolução, que almeja seu desaparecimento da terra; interessai os fiéis para que orem por êle constantemente e o auxiliem em suas necessidades, concorrendo com pouco que seja para sua decorosa manutenção.

Não podemos deixar de lastimar e condenar enérgicamente a indiferença com que se hão alguns Sacerdotes a respeito do S. Pontífice, os quais em ponto de amor e veneração ficam muito aquém dos seculares. Alguns não fazem sequer as coletas prescritas e obrigatórias para o óbulo de S. Pedro, e quando as fazem, não explicam nos domingos precedentes a razão, a necessidade, o modo de tais coletas, de maneira que o povo, ignorando tudo o que a elas se refere, nada ou quasi nada concorre para uma causa tão santa e de tão grande necessidade.

Sirva esta nossa lembrança de louvor aos bons Sacerdotes que não se têm descuidado desta parte do munus pastoral, e de despertador para os que houverem sido remissos no passado, afim de que no futuro cumpram o seu dever.

\*

Somos católicos e somos brasileiros, e como brasileiros nos devemos interessar por esta estremecida pátria, procurando sua prosperidade e buscando remediar ou minorar seus males. Ensinemos ao povo a observar as leis, a respeitar as autoridades legítimas, a amar o trabalho, a acatar os direitos alheios; cimentemos e promovamos a união, a concórdia, o amor entre os indivíduos e entre as classes sociais. Ensinemos que devemos concorrer para o bem da pátria com nosso voto, livre e conscientemente prestado a cidadãos, que por sua honestidade privada, por sua probidade civil e econômica, por seu patriotismo e por sua fé destemida e franca, o mereçam, com exclusão dos ímpios, imorais e sem carácter.

Conhecedores das responsabilidades que pesam sobre nosso atual Presidente, façamos por êle orações insistentes e fervorosas, para que Deus o ilumine e sustente.

\*

Feitas estas considerações, aqui repetimos o que dizíamos em nossa Pastoral Coletiva de 10 de Outubro de 1910, oferecendo-vos o resultado de nossos trabalhos: «Não vos cause espanto o avolumado do livro que os publica. Lede-o, relede-o, revolvei-o de dia e de noite. Além dos preceitos mui poucos que as circunstâncias nos aconselharam a pôr, o que aí se contém, é já preceituado pela santa Igreja, ou são conselhos que vos sugerimos, confiando que o zelo de nossos cooperadores corresponderá a nossos desejos na medida que permitirem as circunstâncias de cada lugar; ou são simples lembranças de medidas óti-

mas em si, mas cuja dificuldade nos impede de dá-las como um conselho positivo. Ficam como lembrança despertadora, que sempre achará eco em alguns corações eleitos, para serem tentadas agora mesmo ou em tempo mais oportuno.

Lede e relede nossas Constituições, que a isso sois obrigados em consciência; e até parecerá excusado insistir ou simplesmente lembrar esta obrigação de ler, visto como dareis contas a Deus de não haverdes executado o que neste volume vai prescrito, nem haverá excusa de havê-lo ignorado, por ser nova culpa a mesma ignorância.

Não presumimos que haja entre nós Sacerdote tão indigno de seu caráter, a ponto de fechar os olhos e não ler sequer o que com tantos sacrifícios elaborámos para seu proveito.

Lede, portanto, amados irmãos e filhos, lede e meditai.

Neste volume tendes não só um código de preceitos e conselhos utilísimos, mas ainda um repertório de doutrina sã, um estímulo de vantajosas emprêsas, um despertador e guia da piedade sacerdotal, sem a qual não seremos senão máscaras de Sacerdotes, como estigmatiza o Espírito Santo os máus pastores: «Pastor... idólum» (Zac. 11, 17).

\*

As bênçãos do céu desçam sobre vós, amados irmãos e filhos, e sobre nossas igrejas.

Dada em Nova Friburgo, no Colégio Anchieta, aos 17 de Janeiro de 1915.

- † J. Cardial Arcebispo do Rio de Janeiro
- † Silvério, Arcebispo de Mariana
- † Duarte, Arcebispo de S. Paulo
- † Carlos, Arcebispo de Cuiabá
- † João, Arcebispo de Pôrto Alegre
- † José Marcondes, Arcebispo-Bispo de S. Carlos
- † Eduardo, Bispo de Uberaba
- † João, Bispo de Campinas
- † Fernando, Bispo do Espírito Santo, C. M.
- † Joaquim, Arcebispo-Bispo de Diamantina
- † João, Bispo de Curitiba
- † Cirilo, Bispo de Corumbá
- † João, Bispo de Montes Claros

- 
- † Antônio, Bispo de Pouso Alegre
  - † Prudêncio, Bispo de Goiaz
  - † Agostinho, Bispo de Niterói
  - † Lúcio, Bispo de Botucatu
  - † Alberto, Bispo de Ribeirão Preto
  - † Epaminondas, Bispo de Taubaté
  - † João, Bispo da Campanha
  - † Francisco, Bispo de Pelotas
  - † Miguel, Bispo de Santa Maria
  - † Hermeto, Bispo de Uruguaiana
  - † Joaquim, Bispo de Florianópolis
  - † Serafim, Bispo de Arassuaí
  - † Geraldo, Bispo de Focéia, Abade de Abadia Nuhus de N. S. de Montesserrate e Prelado do Rio Branco
  - † Antônio, Bispo de Amiso, Prelado do Registro de Araguaia.
- 

Nós, atuais Arcebispos, Bispos e Prelados Brasileiros, sentimo-nos altamente honrados em apôr a nossa assinatura ao documento acima transcrito, no qual se reflete tôda a alma apostólica dos veneráveis Irmãos que nos precederam no govêrno das nossas Dioceses, assim como em fazermos nossas as suas inspiradas Constituições, as quais, atualizadas como ora as apresentamos, queremos se encontrem nas mãos de todos os nossos sacerdotes e não faltem, ao lado do Código de Direito Canônico e do Concílio Plenário Brasileiro, em nenhum arquivo paroquial e em nenhuma comunidade religiosa de um e outro sexo estabelecidas em nossas Dioceses.

Dado e passado na cidade de São Leopoldo, aos 23 de Outubro de 1948, véspera do V.º Congresso Eucarístico Nacional.

- † Carlos, Cardeal Arcebispo de S. Paulo
- † Jaime, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.
- † Augusto, Arcebispo da Baía e Primaz do Brasil.
- † Francisco, Arcebispo de Cuiabá.
- † Miguel, Arcebispo de Olinda e Recife.
- † Helvécio, Arcebispo de Mariana.
- † Antônio, Arcebispo-Bispo de Jaboticabal.
- † Antônio, Arcebispo de Belo Horizonte.
- † Joaquim, Arcebispo de Florianópolis.
- † Antônio, Arcebispo de Fortaleza.

- † Moisés, Arcebispo de Paraíba.
- † Manuel, Arcebispo de Goiás.
- † Serafim, Arcebispo de Diamantina.
- † Ático, Arcebispo de Curitiba.
- † Ranulfo, Arcebispo de Maceió.
- † Mário, Arcebispo de Belém do Pará.
- † Adalberto, Arcebispo de S. Luís do Maranhão.
- † Vicente, Arcebispo de Porto Alegre.
- † Luís, Bispo de Cáceres.
- † José, Bispo de Sobral.
- † Otávio, Bispo de Pouso Alegre.
- † Antônio, Bispo de Assis.
- † José, Bispo de Bragança Paulista.
- † Manuel, Bispo de Aterrado.
- † Severino, Bispo de Piauí.
- † Justino, Bispo de Juiz de Fora.
- † José, Bispo de Sorocaba.
- † Fr. Inocêncio, Bispo de Campanha.
- † Juvêncio, Bispo de Garanhuns.
- † Pio, Bispo de Joinville.
- † Marcolino, Bispo de Natal.
- † Fr. Daniel, Bispo de Lajes.
- † Antônio, Bispo de Ponta Grossa.
- † Fr. Emiliano, Bispo Tit. de Epifania e Prel. de S. José de Grajaú.
- † Fr. Inocêncio, Bispo Tit. de Trebenna e Prel. do Senhor Bom Jesus de Gurgueia.
- † Lafayette, Bispo de Rio Preto.
- † Antônio, Bispo de Santa Maria.
- † Francisco, Bispo de Crato.
- † Luís, Bispo de Espírito Santo.
- † Idílio, Bispo de Santos.
- † João, Bispo de Niterói.
- † Rodolfo, Bispo de Valença.
- † Paulo, Bispo de Campinas.
- † José, Bispo de Caxias.
- † Hugo, Bispo de Guaxupé.
- † Fr. Alano, Bispo de Porto Nacional.
- † Cândido, Bispo Tit. de Tlós e Prel. de Vacaria.
- † José, Bispo de Arassuaí.
- † José, Bispo Tit. de Metre e Prel. do Registro do Araguaia.
- † José, Bispo de Barra do Pirai.

- † João, Bispo de Caratinga.
- † Alexandre Bispo de Uberaba.
- † Manuel, Bispo de Ribeirão Preto.
- † Aureliano, Bispo de Limoeiro.
- † Eliseu, Bispo Tit. de Zama e Prel. do Guamá.
- † Fr. Eliseu, Bispo Tit. de Gor e Prel. de Paracatú.
- † Francisco, Bispo de Taubaté.
- † Pedro, Bispo Tit. de Hebron e Prel. do Rio Negro.
- † José, Bispo de Caicó.
- † Filipe, Bispo de Parnaíba.
- † Fr. Henrique, Bispo de Botucatu.
- † Luís, Bispo de Caxias do Maranhão.
- † Ernesto, Bispo de Piracicaba.
- † Antônio, Bispo de Pelotas.
- † Florêncio, Bispo de Amargosa.
- † João Batista, Bispo de Barra do Rio Grande.
- † Fernando, Bispo de Penedo.
- † Fr. Gregório, Bispo Tit. de Pogla e Prel. de Marajó.
- † Delfim, Bispo de Leopoldina.
- † João Batista, Bispo de Mossoró.
- † José Newton, Bispo de Uruguaiana.
- † Henrique, Bispo de Cafelândia.
- † Fr. Francisco, Bispo Tit. de Facusa e Prel. de Guajará-Mirim.
- † José, Bispo de Oliveira.
- † Luís, Bispo de Lorena.
- † Francisco, Bispo Tit. de Bisica e Prel. do Alto Tocantins.
- † Avelar, Bispo de Petrolina.
- † Benedito, Bispo de Ilhéus.
- † João Batista, Bispo Tit. de Scilio e Prel. de Porto Velho.
- † Geraldo, Bispo de Jacarézinho.
- † Germano, Bispo Tit. de Oréo e Prel. de Sant'Ana de Jataí.
- † José, Bispo Tit. de Elis e Prel. do Alto Juruá.
- † Cândido, Bispo Tit. de Cela e Prel. de Bananal.
- † Vunibaldo, Bispo Tit. de Magido e Prel. de Sant'Ana da Chapada.
- † Manuel, Bispo Tit. de Modra e Prel. da Foz do Iguaçu.
- † José, Bispo Tit. de Colibrasso e Prel. de Lábrea.
- † Anselmo, Bispo Tit. de Corona e Prel. de Santarém.
- † Carlos, Bispo Tit. de Girba e Prel. de Palmas.
- † Manuel Pedro, Bispo de Petrópolis.
- † Carlos, Bispo de Nazaré.
- † Antônio, Bispo de Campos.

- † Oriando, Bispo de Corumbá.
- † José, Bispo de Caetité.
- † Rui, Bispo de S. Carlos do Pinhal.
- † Clemente, Bispo Tit. de Olena e Prel. do Xingú.
- † Júlio, Bispo Tit. de Lacedemônia e Prel. do Alto Acre e Purus.
- † Adelmo, Bispo eleito de Pesqueira.
- † Luís, Bispo eleito de Cajazeiras.
- † José, Bispo eleito de Bonfim.
- † Expedito, Bispo eleito de Oeiras.
- † Antônio, Bispo eleito de Montes Claros.
- † Alberto, Bispo eleito de Manaus.

Mons. Luís Palha, Adm. Apost. de Conceição do Araguaia.

Mons. Afonso Maria, Adm. Apost. de Pinheiro.

Mons. José Nepote, Adm. Apost. do Rio Branco.

Mons. Venceslau de Spoleto, Pref. Apost. do Alto Solimões.

Mons. Joaquim de Lange, Pref. Apost. de Tefé.

**ANEXO 10**

**MENSAGEM DO GOVERNADOR FELIPE SCHIMIDT AO  
CONGRESSO REPRESENTATIVO  
(BIBLIOTECA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS)**

## Instrução Pública

A instrução pública continua o governo a dedicar os melhores esforços, certo de que assim está fazendo obra do mais alto patriotismo. Serviço completamente fiscalizado, moldado hoje pela técnica dos modernos processos de pedagogia, a instrução pública primária tem uma organização e vai tendo um desenvolvimento que nos enche de legítimo orgulho.

Em 1916 funcionaram no Estado 678 escolas, sendo publicas estaduais 253, 152 municipais, 5 federaes e 277 particulares, subvencionadas ou não.

Continuam a dar magníficos resultados os grupos escolares «Lauro Müller» e «Silveira de Souza», nesta capital, «Jeronymo Coelho», na Laguna, «Victor Meirelles», em Itajaí, «Luiz Delfino», em Blumenau, «Conselheiro Mafra», em Joinville e «Vidal Ramos», em Lages.

Acha-se em construção um grupo escolar em São Francisco, do mesmo tipo dos acima referidos.

Para o grupo escolar a ser construído na cidade de Tubarão a respectiva municipalidade fez aquisição do necessário terreno, offerecendo-o ao Estado.

Foram inauguradas, em edificios proprios, as escolas reunidas de Araranguá e Tijucas e está em construção o edificio para as de S. Bento. No dia 29 do mez passado foram inauguradas as da cidade de Brusque.

O governo cogita de dotar de iguaes estabelecimentos as localidades que tenham população escolar que exija essa medida, para o que já está feita a devida estatística.

As municipalidades de Porto Bello, Camboriú, Canoinhas, S. Joaquim e Orleans já fizeram doação ao Estado de terrenos para a construção de edificios para escola, reunidas.

As escolas existentes, publicas e particulares, se acham divididas por municipios, da seguinte forma:

Municípios	Estaduais	Federaes	Municipaes	Part.	Total
Araranguá	10	—	5	—	15
Biguaçu	10	—	4	—	14
Blumenau	16	—	—	117	133
Brusque	2	—	17	2	21
Camboriú	4	—	3	2	9
Campo Alegre	2	—	—	2	4
Campos Novos	3	—	6	—	9
Canoinhas	2	—	1	—	3
Curitybanos	2	—	3	—	5
Florianópolis	45	1	18	18	75
Garopaba	4	—	—	—	4
Imaruhy	7	—	3	10	20
Itajahy	14	—	14	10	38
Jaguaruna	3	—	—	—	3
Joinville	14	1	—	54	69
Lages	11	—	7	16	33
Laguna	18	—	4	1	23
Nova Trento	3	1	5	3	12
Orleans	2	—	4	2	8
Palhoça	19	1	10	6	44
Paraty	7	—	3	—	10
Porto Bello	5	—	3	1	9
São Bento	1	—	—	14	15
São Francisco	5	—	9	1	15
São Joaquim	2	—	22	3	27
São José	17	1	9	2	29
Tijucas	12	—	13	—	25
Tubarão	12	—	1	2	15
Urussanga	1	—	—	18	19
	<u>253</u>	<u>5</u>	<u>152</u>	<u>277</u>	<u>687</u>

O numero das escolas particulares não é ainda verdadeiro.

Em todas as escolas estiveram matriculados em 1916 28.841 alumnos, sendo 10.413 nas escolas estaduais, 347 nas federaes e 18.081 nas municipaes e particulares.

Nos 7 grupos escolares a matricula attingiu a 1.966 alumnos.

De 1 de Janeiro do corrente anno até esta data, foram creadas 38 escolas primarias com a seguinte distribuição:

Em Blumenau 8, em Itajahy 5, em Lages 3, em Paraty 3, em Araranguá 2, em Joinville 2, em S. José 2, em Nova Trento 2, em Palhoça 2, em Biguassú 1, no municipio de Florianopolis 1, em Urussanga 1, em Tijucas 1, em Orleans 1, em Brusque 2, em Jaguaruna 1, em São Joaquim 1.

Com material escolar o governo dispendeu apenas 5:830\$000.

Nas escolas complementares anexas aos grupos escolares de Joinville, Itajahy, Laguna e Lages estiveram matriculados 146 alumnos, dos quaes 11 terminaram o curso.

No corrente anno foi installada a escola complementar anexa ao grupo escolar de Blumenau.

Funcionou nesta capital, com a frequencia de 79 alumnos, a escola complementar equiparada, anexa ao Collegio Coração de Jesus.

O ensino secundario é ministrado na capital pela Escola Normal, cujas condições, posto que melhoradas, exigem a reforma que vos solicitei o anno passado.

O Gymnasio Santa Catharina, estabelecimento subvencionado pelo Estado, continua a prestar bons serviços á instrucção de nossa mocidade, não tendo, porém ainda

conseguido a sua equiparação nos institutos officiaes, o que está dependendo de deliberação do Conselho Superior do Ensino.

A respeito do ensino primario temos duas questões momentosas.

E' urgente a regulamentação do ensino em escolas particulares, cujo numero é bastante avultado, existindo só em Blumenau 117, em Joinville 54, em Urussanga 18 e em São Bento 14. O total dessas escolas attinge ao numero de 277.

Algumas dellas são subvencionadas pelas municipalities, o que não impede que, contra o regulamento da instrucção estadual, o ensino seja feito em lingua estrangeira. E' preciso corrigir essa situação, tornando obrigatorio o ensino da lingua nacional em todas as escolas, mesmo as não subvencionadas, com os programmas adoptados nas escolas publicas estaduaes.

Da segunda questão já me occupei na mensagem que tive a honra de vos apresentar na sessão ordinaria do anno passado.

Refiro-me á propaganda feita contra as escolas estaduaes em alguns municipios, sob o pretexto de ser leigo o ensino official.

O laicismo do ensino é da propria natureza do regimen liberal que nos rege e delle não podemos sair sob pena de desvirtuamento do espirito das instituições. Nas localidades, além das escolas publicas, estaduaes e municipaes, existem as particulares, algumas das quaes de caracter accentuadamente religioso, sejam catholicas ou protestantes.

Alguns dos directores dessas escolas fazem propaganda contra a frequencia das escolas estaduaes, originando-se dahi uma situação talvez de desassocêgo entre

certas populações e de hostilidade franca entre esses propagandistas e as autoridades estaduais.

O Estado não pôde abrir mão do ensino primário na lingua nacional, nem do ensino civico, que inculca no espirito das creanças o sentimento da nacionalidade, o amor da Patria, da sua historia e das suas tradições.

Ninguem nos garante que o ensino seja assim ministrado em escolas onde não existe e não pôde existir essa preocupação patriótica no preparo civico das gerações de amanhã que só pôde ser muito nossa, muito brasileira.

Tenho procurado conciliar interesses. Os directores de escolas de caracter religioso assumiriam attitude muito mais sympathica se fizessem a propaganda entre as familias para que todas as creanças frequentassem as escolas e que, em lugar proprio, recebessem duas ou tres vezes por semana, o ensino religioso, em hora que não prejudicasse os trabalhos escolares.

Tudo ficaria conciliado e não haveria motivo para uma propaganda que se torna irritante pelos processos empregados, destoantes dos proprios principios fundamentais das instituições que representam os directores dessas escolas particulares.

A regulamentação do ensino privado, Senhores Deputados, é uma necessidade de ordem moral que se impõe com a maxima urgencia.

**ANEXO 11**

**O BISPO D. JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA -  
CRÍTICA A MENSAGEM E A PROPAGANDA CONTRA O ENSINO LEIGO  
(RESENHA ECLESIAÍSTICA - ARQUIVO DA CÚRIA DE FLORIANÓPOLIS)**

## A mensagem e a propaganda contra o ensino leigo

Relativamente áquelle documento publico e ao que se convencionou chamar a propaganda contra o ensino leigo, habilmente explorada por elementos pouco recommendaveis da Capital, fez S. Excia. Rvma. as seguintes e textuaes declarações, que extrahimos d'«A E'poca», de 3 de Setembro ultimo:

«Quanto a liceidade, ou illiceidade de um acto (a chamada propaganda contra os institutos officiaes), quasi

sempre depende ella do emprego dos meios. Se são bons, e repousam na verdade, não vemos por que se a possa condemnar. Que mal faria p. ex., aquelle que, com o fim recondito de encher a sua escola, como se propala, e incontestavelmente para um fim plouvavel, baseado no principio da liberdade constitucional, allegasse, contra as do Estado, o facto de nellas só se administrar o ensino leigo? Onde a malicia objectiva de tal acto, impulsionado muitas vezes por motivos de consciencia, e justificado pela praxe e detra da Constituição?

Pois não se allega contra nós — que é leiga a mente da Constituição? Que mal, logo, que tambem nós o irepitamos, lastimando, e comtudo, que tal postulado esteja em antinomia com a immensa maioria do povo brasileiro, e fra direitos sagrados?

Combater, aliás, o ensino religioso, seria obliterar que os dirigentes, só como *delegados dos pais* intervêm nas Escolas, maxima de que não vão isentas as democracias, que são o governo *do povo para o povo*. Ora só nesta ultima Visita, da Enseada até Biguaçu, em quasi quatro mezes de percurso, sondando e auscultando as necessidades do povo, inumeras foram as localidades em que se me pedia o ensino religioso para as Escolas.

Não havia ali manejos de quem quer que seja: eram os pais, os que podem e devem decidir sobre a instrução que se haja de administrar a seus filhos, que assim pediam, na ancia de que o seu voto fosse attendido pelos patrios legisladores.

Aliás, sobre ser o nosso seculo contrario á officialisação do ensino, bem pouco comprehendemos como pode-se o Estado quebrar lanças por uma crença *sua*, uma vez que não o faz com a propria sciencia, impondo uma *Physica*, uma *Mathematica sua*.

Sustentar, porém, que a religião deva ser administrada só nos templos, ou nas escolas proprias, excluindo os edificios publicos, os Grupos escolares do Governo, seria exigir mais do que a propria Constituição; é ir além das mais auctorizadas interpretações de seus legisladores.

Claro é, pois, que uma propaganda nestes moldes, não poderia contrariar muito principalmente Pastores sem alheiar-se de alto patriotismo, e a todos quantos são responsáveis pelos destinos das almas.

Aconselhando prudencia, não se inculca obliteração

de principios, em que repousa, incontestavelmente, a grandeza e definitiva constituição de nossa nacionalidade.

Ainda nos disse S. Excia. e a pontou lugares, em que insistiam os parochos e o proprio Bispo pela realisação da *formalidade civil*, antes ou depois do verdadeiro casamento religioso, sendo muito para desejar que tal exemplo fosse comprehendido e imitado por funcionarios civis contra os quaes pesam graves accusações de se opporem ou desaconselharem o casamento religioso.

Das boas relações, porém, entre os poderes publico e ecclesiastico, e alto patriotismo do Exmo. Sr. Governador Dr. Felipe Schmidt, de cuja amizade se ufana, e que com carinho cultivava, muito era de esperar o emprego de medidas que, tranquillizando as consciencias, concorressem para o engrandecimento da Patria e maior consolidação das instituições.

ANEXO 12

CONFERÊNCIA DO CORONEL SALLES BRASIL NO  
TEATRO ÁLVARES DE CARVALHO  
(BIBLIOTECA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS)

## CONFERENCIA FEITA NO THEATRO

ALVARO DE CARVALHO, EM HONRA AOS SNRS.  
DR. FELIPPE SCHMIDT, GOVERNADOR DO ESTA-  
DO E CORONEL VIDUAL RAMOS " " "

### *Meus Senhores*

Não foi sem justos receios, sem prevenções, que accedi ao honroso convite que me foi gentil e persistentemente feito para occupar, nesta festa de justa homenagem, a vossa attenção.

Bem comprehendi o peso de tão grande responsabilidade; bem avalliei as difficuldades para desempenhar a missão que me fôra confiada; bem pensei nos pezares que a minha attitudo provocara; e bem meditei nos escolhos que a minha modesta competencia teria de remover, com a preocupação, o cuidado mesmo, de não me deixar arrastar por ideias preconcebidas, por paixões differentes e que andão em todas as almas, neste momento historico, de angustias para a nossa civilisação.

Não ouvireis a voz inspirada de orador das vossas sympathias, habituado aos vossos enthuziasmos, arrancando applausos à vossa admiração, elevando as vossas almas nos vôos da sua eloquencia; mas, supportareis, estou certo, por alguns instantes, com hidalga generosidade, a palavra simples, porém, sincera, de quem tem por habito a franqueza das suas opiniões e a lealdade dos seus conceitos; de quem, embora as vezes, com as asperezas das suas convic-

ções, só sabe traduzir os sentimentos que se abrigam na sua alma e que nascem do muito amor à sua terra, do seu entusiasmo por ella, do seu patriotismo.

E, foi assim, e só por isso, que acetei esta honrosa e para mim pesada incumbencia

## A regeneração do character

Ha muito que se vem discutindo na imprensa, na tribuna parlamentar, nos comicios publicos e nas academias, o magno problema, inadiavel e urgente, da defesa nacional.

A sua melhor soluçã o tem sido posta dentro de limites restrictos e tem sido affirmada pela necessidade do serviço militar obrigatorio.

Publicistas e poetas, jornalistas e jurisconsultos, se têm envolvido nessa discussão, que afinal chegou a esta capital, em cuja imprensa surgiu.

Para justificar a medida, abandonou-se outras razões que à todas sobrelevam-se, e que se impõem pela situação do nosso Paiz, para a regeneração do character nacional

E foi após ella e parece que em razão della mesmo, que se vem fundando diversas associações em muitos Estados e entre nós o — Centro Civico Literario — inscrevendo no seu programma, como seu fim, a regeneração do character.

E é a these que a nossa modesta oração inspirou, para podermos chegar ao fim que a esta festa se prende e que aqui nos reuniu, para um preito de justa homenagem, n'uma manifestação de applausos à lealdade, ao patriotismo; deixando nos arrastar, ainda bem, por uma das modalidades do nosso character, que é o reconhecimento.

## Será a caserna uma escola para a regeneração do character?

Como devo a honra de occupar esta tribuna á gentileza do convite da directoria da Sociedade de Tiro 40, composta de um punhado de moços patrióticos que procuram, em horas roubadas ao descanso, no seu modesto *stand*, aprender a defender a nossa Patria, e, como tambem sou soldado e venho da caserna, onde tenho passado a minha já longa carreira militar, eu perguntarei: será ella, a caserna, como tanto se tem dito, aqui e alhures, uma escola para a formação ou a regeneração do character?

Não, responderemos convencidamente, com a consciencia que nos dá a experiencia de mais de trinta annos de serviço militar, vividos nos quartéis, auscultando o coração dos nossos bravos soldados, com elles lidando e pelejando, sentindo-lhes as aspirações, conhecendo-lhes os sentimentos, estudando-lhes a alma ingenua, simples e boa, leal e cheia de abnegações e de affectos.

A caserna, ou pelo sorteio ou pelo voluntariado, recebe o cidadão com todas as suas qualidades em completa maturidade, com todas as qualidades ou defeitos adquiridos no meio social onde se creou e desenvolveu.

Ali, enquanto se faz d'elle soldado, isto é, enquanto se lhe ensina os meios de defender a Patria, a abnegação, fortalecendo-se-lhe o espirito do sacrificio, e a consciencia do seu valor na collectividade; enriquecendo-se-lhe o coração pela dedicação, purificando-se-lhe o patriotismo; procura-se modificar ou arrastar as suas ruins tendencias, adquiridas quasi sempre nos meios imperfeitos onde viveu, pelos conselhos, pelos exemplos, pelo temor dos regulamentos, pela disciplina enfim, ao mesmo tempo que se o habitua a obediencia consciente e intelligentemente comprehendida, por uma educação apropriada e racional.

Entregue porém, de novo ás suas anteriores occupações, depois de cumprido esse elementar dever que de todos os cidadãos deve ser exigido como um tri-

buto devido á nação para a sua grandeza; de volta a vida commum, se elle vae melhor aparelhado para a luta de todos os dias, com o espirito disciplinado na ordem, no trabalho, e amadurecido na sua verdadeira missão social, com melhor consciencia da sua propria individualidade embora; de novo deve incorporar-se, adaptar-se, quasi sempre, ao meio de que se havia afastado momentaneamente e toma em geral, aos poucos, os habitos das impressões recebidas durante o primeiro estagio da sua educação.

### Per onde se deve começar

Não. A formação do caracter começa a accentuar-se antes de tudo, no lar e na escola.

A sua formação é complexa.

O Lar e a Escola, eis os dois marcos onde se deve começar a fazer o cidadão, onde se começará a moldar as formas do caracter nacional, aperfeiçoando, purificando o conjuncto das qualidades moraes da raça, que se vem transmittindo por hereditariedade em cada individuo.

Eduquemos a creança, façamos o cidadão consciente dos seus deveres e dos seus fins na sociedade, pelo amor á Pátria, á verdade, á Justiça, e depois, porque é preciso, que a caserna faça o soldado e assim teremos fortalecido a nossa nacionalidade, ter-lhe-hemos dado vigor, tornando-a effectiva, real e teremos feito a grandeza do nosso Paiz.

### A religião

Passando porém, por sobre esses dois elementos preciosos, sem maior exame, quasi os desprezando: a cegueira sem raciocinio, o interesse sem patriotismo, forão bater ás portas da religião como fez a caserna e quiz elegel-a preceptora da regeneração do nosso caracter; sem ver, sem querer ver, que ella poderá ser ou é antes um complemento, um guia, um factor poderoso, as vezes necessario sim, porém, accessorio, mais do que a caserna, para a

7

completa solidificação dessa argamassa paciente-  
mente preparada, endurecida no lar e na escola, pa-  
ra poder conservar eternamente a forma que se lhe  
imprimio.

Para isso se quer exigir, e se prega e se procla-  
ma, que o padre presida a todos os nossos actos,  
na sociedade, no lar, na escola, nos quartéis, em to-  
da a parte.

A religião é sempre boa, não o negamos e não  
comprehendemos mesmo que se possa viver sem el-  
la, que é a inspiradora da Fé; porém, o predomínio,  
e o ensino dos seus sacerdotes, pôde ser muitas ve-  
zes bom; mas, é também, muitas vezes, máo.

Pode ser um balsamo para a consciencia; mas,  
pode ser também muitas vezes um veneno para o  
coração.

Pode eleva-la; mas, pode torna-la escrava pelo  
fanatismo religioso, a peor chaga moral para deli-  
nhar, entorpecer ou transfigurar o character.

## Os males da educação

Estudemos a psychologia da nossa sociedade,  
señores, e os factos concretos que se apresentam a  
cada passo á nossa observação; analysemos depois,  
em particular, as formas moraes que tomam diante  
de nós os individuos na variedade da sua actividade  
e dos seus sentimentos, nas suas ambições, no seu  
egoismo, nas suas relações e, nesse vasto campo, ve-  
rificaremos que tudo quanto vemos sob diversas mo-  
dalidades, na diversidade das suas manifestações,  
se harmonizam nos seus effeitos, logicamente apre-  
ciados, na origem e causas primitivas que facil-  
mente podemos decompor, para conhecer os males  
que lhes deram nascimento.

Ha vicios que erradamente, pela apparencia, jul-  
gamos terem tudo origem no meio actual; mas, que,  
pela analyse se reconhecerá, que o germen desses  
males, existio sempre, esperando apenas opportuni-  
dade nas condições do meio, para proliferar, porque  
foi em tempo illuminado nesses dois grandes la-  
boratorios do Bem: O Lar e a Escola.

## Saneamento do meio

A regeneração do caracter nacional pois, pensamos, só poderá ser feita, como a formação do caracter individual, pela educação e pelo saneamento desde já do nosso meio, pela hygiene moral, proiligando-se a desfaçatez em vez de applaudil-a; fazendo-se justiça e condemnando a deshonestidade, em vez de, indifferentes, commental-a e complacentes esquecer-a.

Elle não é uma entidade material, tangivel, isolada, existindo por si só como um symbolo, concretizado n'um emblema, guardando tradiçções historicas, inspirando enthusiasmos, desejos, aspiraçções; mas, um sentimento complexo de realidades subjectivas; é a somma das qualidades civicas e moraes de todos os individuos na collectividade; nos seus deveres para com os seus semelhantes, para com a Patria, para com Deus.

Nesse conjuncto estão em jogo o coração e a alma; o egoismo e o altruismo; a razão e a consciencia; o cidadão e a sociedade; a familia e a religião.

Para se chegar a esse *desideratum*, para se conseguir esse ideal ao mesmo tempo divino e humano; é preciso começar desde já a formar a alma e o coração da infancia.

## O Lar e a Escola

Por isso, as primeiras letras do cathecismo para a formação do caracter, se deve aprender: primeiro no Lar, depois na Escola.

Eis pois os dois problemas a enfrentar desde já e para o qual se devem empenhar todos os homens que, passada a idade dos sonhos, saibam amar com mais amor e verdadeira dedicação a nossa Patria; que saibam olhar com mais carinho o Lar e a familia, fonte de todos os bens, de todas as nossas ambiçções, de todas as felicidades na terra.

E', primeiro, o Lar respeitado, divinizado pelo amor, pelo trabalho, pela sinceridade, pela bondade.

e pela Fé o sublime cadinho onde se aperfeiçoará o coração dos nossos filhos; depois, a Escola transformada em templo, onde a criança vá fazer a sua primeira communhão de civismo para entrar na vida consciente e forte: onde vá cantar os primeiros hymnos em honra á sua Patria que deve ser a imagem sacrosanta do seu primeiro ideal, collocada no mesmo altar, ao lado da imagem do Deus da sua religião, que é a dos seus maiores.

A Escola, assim comprehendida, desenvolvendo o espirito pelo saber, pela disciplina, pelo respeito, pela abnegação, pela franqueza e pela lealdade, contra a hypocrisia e a mentira, contra a bajulação e a iniriga e a inveja, pelos ensinamentos do nosso passado e da nossa grandeza, pela veneração dos nossos mortos, pela bondade, pelo amor, pelo culto da nossa Historia e da nossa Bandeira.

O Lar e a Escola congregados no mesmo trabalho constante, se completando: eis o ideal, eis, repetimos, por onde deverá ser iniciada a campanha para a regeneração do caracter nacional.

Bem se comprehende quanto tem de complexo cada um desses elementos para a formação de uma nova sociedade, onde os homens se estimem mais pelas suas acções, pelo cumprimento dos seus multiplos deveres, nas suas funcções sociaes.

Cada um delles comprehende tantos outros que seria longo enumeral-os.

## A mensagem do governador

Alguma cousa era preciso fazer-se e alguma cousa já se está fazendo entre nós.

Inspirado nesses principios e no seu patriotismo, aqui temos a mensagem do Exmo. Sr. Governador, agora dirigida ao Congresso do Estado. Da sua leitura, para quem a souber ler e comprehender nas suas entrelinhas, mesmo com os hiatos que as responsabilidades obrigam sempre em assumptos tão delicados e a que estão ligados tantos e variados problemas, não será difficil tirar as conclusões sobre as

suas reaes consequencias, accumuladas progressivamente desde o passado ao presente e que ali estao dividindo brasileiros, distinguindo-os e transformando este pedaco da Patria, em verdadeira e nova Babel, onde, desgraçadamente, ja nem sempre nos entendemos sem auxilio de interpretes!!..(1).

Foi deste absurdo que nasceu entre nos esta phrase: "nacionalizemos as nossas escolas, nacionalizemos os brasileiros!" que parece sem significação, mas, que infelizmente, traduz a nossa precaria e vergonhosa situação.

Com outras palavras; mas, com igual verdade e igual interesse, se exprime em sua mensagem S. Exa., quando disse: "Tenho feito o possivel por introduzir obrigatoriamente o ensino da lingua nacional entre aquellas populações", referindo-se as de origem estrangeira, aos descendentes de antigos colonos.

Ahi está a grande verdade em toda a sua nudez. Temos centenas de brasileiros, muitos milhares mesmo de patricios, que não fallam a lingua da nossa Patria!...

### Estrangeiros na patria

Então, podemos repetir agora que precisamos nacionalizar os brasileiros!...

Cruel situação esta!  
Assim, não é possivel ser como nós brasileiro, amar a nossa Patria, quem embora n'ella nascido, não falla, não conhece-lhe o idioma, que é o seu caracteristico essencial. Não pode amar a nossa Patria quem não pode recitar os versos dos seus poetas; quem não sabe traduzir com o mesmo amor as cores da sua bandeira, comprehender a riqueza das suas florestas, e harmonia das vagas dos seus mares, que esbravejam, que cantam e gemem nos caprichosos recortes das suas praias, nem a doce caricia das fallas das suas mulheres, nem os hymnos das suas glorias

Sim, temos entre nós centenaes de patricios estrangeiros dentro da propria Patria!

Está felizmente iniciada a campanha da nacionalização dos brasileiros.

E, se não temesse fazer talvez uma injustiça e se não parecesse forte de mais a expressão, eu vos diria que está iniciada a *catechese* nas cidades, de uma parte dos nossos patricios, para o convívio da sua própria Patria, para serem integrados no seio da sua própria nacionalidade, de que têm estado segregados.

Bem haja pois quem tão bem compreendendo a sua missão social, vem de enfrentar com os dissabores que lhe crearão elementos que infelizmente medram entre nós, em constante e pertinaz conspiração contra as nossas escolas, contra as nossas leis, contra tudo que é nosso.

## A remodelação da instrução

Essa campanha, iniciou-a generosamente, com uma intuição clara do futuro do nosso Estado; estendendo a sua mão bemfazeja á população infantil, remodelando a nossa instrução, quasi abandonada, em bases taes que não teme confrontos, o Exm. Sr. Senador Vidal Ramos, prestando assim á sua terra e á sua Patria, inestimavel serviço que lhe perpetuara o nome.

Seguindo-lhe o caminho, orientado pelo seu patriotismo, ahí está o seu digno successor, continuando a sua obra, ampliando-a, abrindo novas veredas ao saber, á educação da infancia, elevando-a ainda mais.

Quantas difficuldades terá de vencer, diz-o S. Exa., pallidamente embora; mas, com bastante franqueza, para que se possa julgar do seu valor, na sua mensagem, onde se reconhecerá, na justeza dos conceitos, mal encoberto na fidalguia da phrase, um brado de indignação e um gesto de energico protesto.

Assim se exprime S. Exa.:

Em certas localidades os estabelecimentos officiaes de ensino primario têm sido hostilizados por alguns represen-

tantes do clero que procuram desviar a infancia para as escolas parochiaes.

Para esse fim, é feita uma propaganda tenaz e injusta no seio das familias, pretextando-se que nas escolas estaduais o ensino é leigo.

E, as mais das vezes, essa propaganda tem dado resultados, fazendo decrescer a matricula nas escolas publicas.

O ensino leigo, como o casamento civil, é indispensavel em nosso paiz, pelo que foi instituido pelo legislador constituinte. As escolas parochiaes prestam serviços relevantes, mas não podem e não devem sobrepôr-se ás escolas do Estado, nem insurgir-se contra as leis da Republica.

Não combato o ensino religioso. Entendo, porem, que elle deve ser ministrado nos templos ou em escolas proprias, em dia certo, aquelles que o quizerem receber sem o caracter de obrigatoriedade e sem prejuizo do ensino publico.

A propaganda contra as escolas estaduais promovida por alguns representantes do clero, revela apenas um sentimento de intolerancia que encontrou formal repulsa no espirito culto do Sr. D. Joaquim Domingues, bispo diocesano.

Para que cesse esse abuso, não de todo acabado, o que affirmo com certeza, S. Ex.<sup>a</sup> Kema, tem feito as mais terminantes recommendações, o que registo com a maior satisfação.

Infelizmente, podemos acrescentar com immenso pezar, não tem sido S. Exa. Reverendissima, o que decidido. (2)

### Porque a campanha contra as escolas?

Essa propaganda tenaz e injusta é feita até no seio das familias, disse-o S. Exa. o Sr. Governador.

E perguntamos nós tambem:—é em nome de Deus, é em defeza da religião, é em beneficio da collectividade catholica, que isso se faz?

Não. Não é em nome de Deus, que não se prohibe ensinar as crianças a amar; não é em defeza da religião, que não se quer atacar; não é em beneficio da collectividade catholica, que ninguem offende; porque, o professor, a familia, os representantes dos poderes publicos, todos nós, somos catholicos.

E em nome de outros interesses. E em nome delles tão somente, porque a parte do clero que assim procede, não ama esta Patria que não é a delle, senão pelos lucros que ella lhe dá e que a ella não está ligado por nenhum sentimento (3)

Porque e com que direito esse clero se revolta contra as nossas escolas e contra as nossas leis? Em nome de que principios?

Que nos responda a sinceridade catholica dos brasileiros.

As leis do nosso Paiz não podem ser nem mais liberaes, nem mais respeitadoras da liberdade de pensar, da liberdade de consciencia. A ninguem obrigam em materia religiosa.

Demais, perguntamos ainda: é nas escolas que se forma a alma catholica?

Não. Todos os que fomos educados ao tempo em que o Estado era catholico, que tinha a sua religião official, não foi na escola que a nossa crença nasceu.

*Realmente que*

## O clero estrangeiro contra as escolas e a familia

A nossa alma catholica, formaram-na no lar, os ensinamentos dos nossos paes; lapidou-a, com carinhosa assistencia, a bondade daquella que viveu orando, concentrada nos seus affectos, zelando pela nossa felicidade, souhando com o nosso futuro, guiando os nossos passos no amor de Deus, para nos fazer dignos do seu orgulho materno; dignos de nós mesmos, dignos da nossa Patria.

E o sacerdote tem os seus templos e tem a liberdade, o direito garantido amplamente pelo proprio Estado, de pregar as suas doutrinas, onde e quando lhe convenha sem dependencias de qualquer especie.

Ninguem se lhe oppõe; mas, elle quer arvorar-se em poder superior e intangivel, em poder quasi divino e substituindo-se à Deus, quer arrogantemente ser obedecido.

D'ahi a sua revolta. D'ahi esse conflicto. Não e, não pode ser mesmo, nem a demazia do zelo pela sua igreja, que o faz assim proceder.

Entretanto, foi o Redemptor da humanidade, quem estabeleceu os limites do respeito entre o poder temporal e o espirital, quando disse: «dae a Cesar, o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus.»

Porque, pois, assim continua a proceder esse clero, esquecendo-se da sua dupla missão na sociedade, em lucta contra a escola e contra a familia, procurando desorganisa-la pela condemnação que prega à lei do casamento civil, quando elle sabe e tem consciencia dos males que d'ahi resultarão, que já se estão sentindo, para o futuro da familia catholica?

Não, essa attitude, com essa teimosia, essa cegueira, é deshumana, senão perversa.

Estrangeiro, falta-lhe o sentimento de patriotismo.

Não se comprehende de outro modo esse procedimento desleal.

Não lhe basta já ter transformado as nossas crenças; ter arrancado dos nossos altares as imagens da nossa fé; ter transformado a simplicidade, a sinceridade da religião dos nossos paes, nessa hypocrisia que se ostenta em toda a parte, pela vaidade e pelo egoísmo; desmentindo-se com ostentação, nos actos e nas acções, a irreductibilidade dos dogmas catholicos: que se quer proclamar.

## O ensino religioso e o clero nacional

Eis porque eu vos disse, ao còmeçar, que o ensino do padre pôde ser bom; mas, pôde ser muitas vezes máo.

Para ser bom, é preciso que o sacerdote tenha no coração o mesmo amor á nossa Patria. sinta-lhe vida nas suas aspirações; que tenha evoluído com o seu tempo; que exerça a sua missão com patriotismo e que saiba cooperar para a perfeição da sociedade de que elle é parte.

A religião tem os seus principios fundamentaes inmutaveis; mas, tem as suas regras, delles deduzidas, e que soffrem com o progresso das sociedades, e que necessitam de modificações necessarias á sua adaptação, ao equilibrio das suas aspirações, conservando a pureza desses mesmos principios de que ellas são collegadas.

É só assim que pode ser conservada a harmonia necessaria entre os dois poderes.

Para isso obter-se, falta-nos o clero nacional, que a alma palpita com a nossa.

## A mentira religiosa

Perdoem, meus senhores, esta revolta, este grito de protesto da consciencia de quem não teme afirmar bem alto as suas crenças, que são as mesmas dos seus antepassados e em que educa seus filhos.

Lições porém do seu dever patriótico e da liberdade de pensar e julgar, não quer, dentro ainda das

suas convicções religiosas, vê substituir o seu Deus e a Cruz que symbolisa a sua Fé, e que deseja sentir a alma por ella amparada na sua ultima agonia.

O que estamos presenciando é a transformação dos seus verdadeiros principios.

Não ha mais religião, ha fanatismo.

Não ha mais caridade, ha egoismo.

Fanatiza se para multiplicar o obulo

Enriquece-se pela esmola que é roubada ao necessitado

Nos templos, esse clero pregou a tabela dos preços de todos os actos do dogma catholico. Para os mesmos efeitos, varia o custo com o luxo apparatuso dos altares

O confissionario é quasi sempre uma algema para a consciencia. Ao sahir delie, o crente sinceramente deixou uma parcella do seu livre arbitrio. Se, porém, ali vae, como é o caso geral, por ostentação da sua religiosidade, tem na alma o veneno da hypocrisia.

Eis o que faz o clero estrangeiro que está mantendo entre nós essa lucta, infelizmente applaudida por alguns.

Para affastar do nosso meio ou, pelo menos, para equilibrar os interesses antagonicos que se chocam, e que estão fundamente prejudicando a nossa sociedade, precisamos ter melhor orientação na defeza do fucturo da nossa Patria, creando as duas primordiales officinas para a educação e regeneração do character nacional.

## A mulher esposa e mãe

Não basta somente a remodelação da Escada para collocal-a na altura de desempenhar a sua complexa missão.

Temos a escola e o lar; mas, a Escola, é o professor que precisamos, que já estamos fazendo e o lar é a mulher; a mulher esposa e mãe.

Eduquemos pois as nossas filhas, formemos o espirito; habilitemol-as mesmo para as mais nobres

prolissões liberaes; emancipemol-as; se quizermos, de certos preconceitos sociaes, que muitos hoje entendem anachronicos e que difinem como cadeias a liberdade da mulher e a que ella tem direito na sociedade, mas; por Deus meus senhores, não nos esqueçamos nunca da nobreza da sua sublime missão.

Elevemos a mulher; mas, para collocal-a no altar da nossa admiração; para fazel-a o anjo do lar, a imagem dos nossos affectos, o guia da alma dos nossos filhos, a alegria da familia onde está o coração da nossa Patria.

E bem inspirado andou S. Exa., quando na sua mensagem, referindo se a Escola Normal, aconselha adicionar-lhe um curso domestico para as suas alumnas.

Foi uma justa homenagem ao lar, que não foi esquecido, que vizou o conselho.

## A transformação dos costumes

Senhores

Só para o nosso patriotismo a hora de todas as franquezas. Não nos illudamos.

Por sobre a nossa sociedade, como que passou um grande cyclone que destruiu o ideal do nosso passado; a pureza dos nossos costumes; a sublime beleza dos nossos sonhos; a harmonia invejavel da nossa vida, tão bellamente architectada pela simplicidade austera, pela honradez impecavel, pela bondade christã dos nossos antepassados.

Tudo se transformou, tudo se transforma, pelo mesmo, pela insinceridade e pela vaidade da nossa epoca.

A isso é o que se está chamando progresso da civilização para lhe não darem outro nome.

A mulher já se não quer prestar o mesmo culto e respeito devido a sua nobre funcção; já se a não quer conservar na mesma athmosphera de admiração e de amor.

Abandonando o cavalheirismo dos antigos tempos temos deixado arrastar por um materialis-

mo cruel e retrogradamos, para deixarmos-nos enlamear pela animalidade dos tempos do paganismo. Temos corrompido os nossos sentimentos e as nossas almas, nas pyras rubras desse materialismo que é a degeneração dessa civilização, que tanto proclamamos cheios de orgulho.

E a mulher não podia ficar isolada dentro das exigencias dos seus sagrados deveres, desprezada, desconsiderada, vilipendiada até, pelos efeitos desse estado.

E foi devido à nossa degradação moral, que nasceu essa revolta de sentimentos, que lentamente vae corroendo o organismo social e assustadoramente crescendo pela reacção natural e logica do amor proprio tão fundamente offendido e que inspirou essas modernas ideias que se quer chamar emphaticamente—emancipação da mulher.

Mas, tudo isso é a inversão de todas as leis naturaes.

## A verdadeira missão da mulher está no lar

A mulher, seja qual fór o seu preparo: artistico, litterario ou scientifico, seja qual fór a profissão liberal que queira seguir ou que exerça, terá que encontrar e remover nessa nova actividade, incompatibilidades que se accentuam sempre mais.

Que seja embora deploravel ou não esse facto, a realidade porém, é que a mulher não foi para ta organizada.

Pode masculinizar-se por caprichos e artificios, nunca logrará illudir-se e nem poderá fugir ás exigencias da natureza pelos seus direitos.

É um facto indiscutivel.

Ella tem uma missão a desempenhar no mundo, um destino particular, um emprego prescripto e definido: ser esposa e ser mãe.

E é immensamente grande e immensamente divina essa missão da mulher.

Nenhuma ha que a exceda, que a iguale mesmo.

Tudo quanto fizer para contrariar o seu destino, é artificial, é falso e está fóra dos limites das leis humanas.

Que ella brilhe na sociedade admirada e respeitada que se eleve pelo saber, mas, que guarde a pureza da sua alma, para espalhar com os seus sorrisos, com as suas graças, com a sua ternura, bençãos e alegrias no lar, cercada de todo o respeito e admiração.

Que se instrua para ser esposa, mais do que tudo, para ser mãe e dar a Patria cidadãos dignos, e melhor e mais forte não se construirá o baluarte da deíeza Nacional.

O Lar, eis o seu presente, eis o seu futuro, eis o ideal, eis a sua religião e o seu altar.

A mulher fóra delle, qualquer que seja a sua outra missão, é o lar vazio, abandonado e triste; é o lar sem o rizo das creanças ou é os filhos deixados ao abandono; é o lar votado á esterilidade, á ruína e á morte.

A mulher é a fecundidade, a familia, a riqueza, o bem, a sabedoria, todas as felicidades, todos os gozos, e a benção de Deus.

E deve ser este, meus senhores, o nosso hymno, a oração do nosso civismo, á mulher, que encarna todos as harmonias do bem, todos os poemas da criação...

## O nosso reconhecimento

Agora vós Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado e o vosso digno antecessor nesta cruzada santa de amor e patriotismo, aqui representado pelo seu digno filho, o illustre patricio Dr. Nereu Ramos, recebei do povo desta terra, os louvores do seu reconhecimento, pelos benefícios que tendes ambos lhe prestado e que, só no futuro, as gerações que depois de nós vierem e o julgamento imparcial da historia, melhor saberão julgar e abençoar.

## NOTA

(1)--Um grupo de escoteiros da cidade de Blumenau, composto de moços de origem allemã, de pais já nascidos tambem no nosso paiz, e portanto brasileiros; veio a capital do Estado e em vizita ao quartel do 54 Batalhão de exercito e alguns estabelecimentos publicos, se fizeram acompanhar de um interprete, porque não fallam nem entendem a nossa lingua l...

(2)--Parece que o Sr. Governador do Estado enganou-se quanto a verdadeira opinião do Sr. Bispo Diocesano. S. Exa. Revdma. para dar ao governo uma prova publica da sua reprovação á referencia da mensagem, e dos seus applausos a guerra tenaz e injusta de clero estrangeiro oppoendo-se as escolas do Estado e até promovendo o levantamento das populações do interior contra o seu funcionamento, acaba de publicar as instruções dirigidas ao clero diocesano recommendando-lhe a criação de EOAS escolas, e no artigo 4.<sup>o</sup> "Entretanto e ordena, por via de regra, a afastar os filhos dos catholicos das escolas em que se EXCLUA A AUTORIDADE DA IGREJA..." e só excepcionalmente, com licença do Bispo e com as DEVIDAS CAUTELAS E REMEDIOS a frequencia dos referidos filhos de catholicos "á tais escolas PODERA SER TOLEBADA".

Depois disso e que não tarão os padres estrangeiros?

(3)--O numero de religiosos de ambos os sexos que ha em todo o Estado sobe a mais de quinhentos, segundo todos os calculos. Pertencem a diversas congregações e são de nacionalidade allemã. Apenas existem sete sacerdotes seculares, sendo um brasileiro e seis italianos l



ANEXO 13

O DISCURSO DO CORONEL SALLES BRASIL NO  
QUARTEL DO TIRO 40  
(BIBLIOTECA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS)

em 7 de Setembro, e já então primeiro ministro, José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da Independência.

## Appello aos meus patricios

Agora vós, meus jovens conterraneos, que tendes na alma todas as alegrias da vida, todas as esperanças, todo o entusiasmo por tudo quanto é nobre e grande, tanta generosidade e tanta bondade; arregimentae-vos em torno da nossa bandeira. Amae-a com todo o carinho dos vossos corações cheios de bellas e santas illusões e unidos no vosso amor, sede vigilantes sentinellas ás instituições republicanas que já ameaçam dos arraiaes do fanatismo e á alma dos vossos pequeninos patricios que vozeiam nas escolas, essas colmeias infantis de onde sahem hymnos que glorificam a vida, na primorosa e inspirada phrase de Bilac, e que n'um trabalho de astucia pretendem os sem-patria escravizar, aviltar-lhes o character, infelizmente applaudidos pela perversidade covarde ou pela subserviencia interessada dos eunuchos da intelligencia.

Associae-os ás vossas festas civicas, para fazerdes nascer-lhes nas almas virgens, na commemoração das gloriosas datas da nossa historia e nas justas homenagens á memoria dos grandes brasileiros, pelo que de bom e justo fizeram pela Patria; o orgulho da nossa nacionalidade, alistando-vos, assim tambem, entre aquelles que emprehenderam essa santa cruzada patriótica do levantamento e regeneração do character.

« E é pela educação civica que é o desenvolvimento da consciencia nacional, a intensificação do amor da Patria, que a isso poderemos chegar. »

« E' esse o seu papel, só ella dará ao povo o conhecimento do que seja justiça, a consciencia dos seus direitos e dos seus deveres, a certeza da sua individualidade e das suas obrigações na communião nacional e que poderá elevar o nosso paiz a altura dos seus verdadeiros destinos. »

consolo da religião, sem transformar o seu sacerdotio em profissão lucrativa, vendendo as graças divinas.

## Dois contrastes

Basta, senhorês. Eu não devo deter-me em maiores considerações. Que as faça a vossa culta intelligencia:

Quero deixar de parte a apreciação desse contraste, no passado e no presente, entre os apóstolos da mesma religião, para somente salientar o que ainda agora aqui se vem vêr: O livro e o sabre de mãos dadas, em fraternal camaradagem; um, para enriquecer o espirito e fazer cidadãos dignos da nossa Patria, outro, para ensinal-os a defendel-a e a fazerem, por ella, o sacrificio da propria vida.

Ambos se protegendo e ambos conjugados n'um mesmo ideal; porque, ambos fazem a sua grandeza e são: a Justiça e o Dever, o presente e o futuro.

E quando raiar o dia rubro da guerra, na lucta pela sua existencia, ou pela sua liberdade, ou pela sua independencia; ou pelo seu direito, ou pela sua honra, todos nós brasileiros, beijando constrictos o symbolo da nossa fé, balbuciando as orações que no lar nos ensinaram labios maternas, saberemos amparal-a e defendel-a e depois, contentes do dever cumprido, entoaremos os hymnos das suas glorias e com igual patriotismo mostraremos que sabemos guardar intacta essa independencia que nos legaram os nossos antepassados.

## O Patriarcha da Independencia

Como preito de homenagem, relebraremos, na data que aqui hoje commemoramos, com veneração e respeito, o nome daquelle que patroticamente a preparou, que foi-lhe a alma a intelligencia, desde a representação da junta governativa de S. Paulo por elle redigida, ao Principe regente, depois primeiro imperador do Brazil, até o gesto imperial do Ipiranga

16

e ao lado do soldado, combatendo pelos mais sagrados ideaes políticos, em todas as revoluções liberaes, o sacerdote catholico, portuguez ou brasileiro, cooperando para a formação do nosse character, pontificando o civismo, inspirando o patriotismo, guiando a intelligencia da mocidade, formando-lhe o coração no orgulho pela nossa nacionalidade nascente e educando a infancia no amor á Deus, á Patria, á Familia.

### A sua sublime abnegação e caridade

Assim o vemos através dos seculos, ora só, empunhando a cruz e o livro, embrenhando-se nos nossos sertões para a catechese ao serviço da civilização; ora, amparando os perseguidos, ao serviço da piedade christã; ora á frente dos defensores do solo da Patria, dos bens e da paz das familias ameaçadas; ora, patriota, entre os guerrilheiros, batendo-se nas barricadas, incitando os combatentes com o seu exemplo para a conquista de uma aspiração social que era tambem da sua religião; a liberdade, a igualdade, a fraternidade entre os homens; ora, finalmente, espalhando á mãos cheias a liberalidade dos seus affectos.

Mas, e porque não dizel-o: em toda essa santa peregrinação, com a cruz da sua fé, elle guardava apenas na sua sacco a o balsamo da resignação e da esperança, para suavizar a dôr, para consolar a afflicção, para estancar as lagrimas.

Não a trazia vazia para melhor enche-la de obolos, de riquezas supplicadas ou negociadas pelos caminhos que atravessava; mas, já cheia de amor, de abnegação, de carinhos, para espalhar caridosamente pelos pobres e pelos desamparados.

E' que elle tinha a alma gemea da nossa, sentia os nossos soffrimentos, ouyia os nossos gemidos, irmanado connosco nas mesmas aspirações. Com a sua bondade só tinha por ambição a virtude, amava a nossa Patria e defendia a familia dando o

Mesmo antes, quando da França se irradiava para o resto do mundo esse movimento de civilização, com Voltaire, Montesquieu e Rousseau, Portugal acompanhava-o com os seus escriptores, entre os quaes já se destacava: além de outros brazileiros, o Padre Santa Rita Durão.

## O 21 de Abril de 1792

E foi inspirado nesse santos ideaes que o Brazil quiz ter tambem o seu oitenta e nove com a Inconfidencia mineira, synthetizada em Tiradentes, que pagava no patibulo, em 21 de Abril de 1792 os seus sonhos de liberdade para a sua Patria, e na qual ainda se alistava combatente, ao lado tambem de Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa, Alves Macile, Antonio Gonzaga, o Padre Toledo.

## O sacerdote e as nossas revoluções liberaes

Depois, na revolução de 1817, sacrificando muitos a vida ás mesmas aspirações de liberdade, apparecem mais os padres Tenorio, Romã, Miguelinho e Frei Amor Divino Caneca, fuzilado em 1824.

Depois ainda, nas guerras da independencia, surgem na luta frei José Maria Brayner, organizador das companhias de couraceiros, guerrilheiros vestidos de couro, á cuja frente fez prodigios de valor, quando já em 1817 soffrera a pena de quatro annos de prisão por ter sido parte na revolução republicana e, sobresahindo-se á todos, o illustrado padre Diogo Antonio Feijó, que nas córtes portuguezas, affrontando odios e perseguições do governo da metropole, fez ouvir, com nobre altivez e com a audacia que o civismo lhe ditava, a sua voz, proclamando em plena assembléa, o direito que tinha a sua Patria pela sua independencia.

Emfim senhores, consultando as paginas dessa Historia, já encontraremos sempre, ao lado do povo

O direito divino da realeza, começara a tremelhar nos seus magestosos palácios.

Esses ideaes de independência com que já sonhava a alma brasileira de alguns visionarios, foram pois se propagando, cada vez mais.

### Os nossos poetas e escriptores alheios á grandeza e belleza das nossas terras

Até então os nossos escriptores, os nossos poetas, dit-o um historiador nacional, ainda não tinham alma para sentir a grandeza e a exuberancia das nossas terras, attestada nas riquezas assombrosas do seu solo, nos seus caudalosos rios e nas suas cascatas, na belleza sem igual do azul diaphano de um céu eternamente cheio de luz e onde se ostenta essa gigantesca via-lactea, pontuada de milhões de sóes, com essa divinamente bella constellação do Cruzeiro, cujos braços, voltados para nós, como que estão implorando a nossa união nas preces ao Creador, pela grandeza desta Patria que ella contempla e illumina.

Era com as bellezas alheias, que traduziam elles as suas impressões, suggestionados pela litteratura da patria dos nossos antepassados e só se referiam, no seu espirito de imitação, ás bellezas do Minho ou do Mondego, ás pastoras da Beira, aos cantos dos rouxinões, dos pardaes e das cotovias, sem que até então lhes despertassem a inspiração os cantos alegres dos gaturamos, as harmoniozas balladas dos sabias nas galhadas dos laranjaes em flôr; nem o estridente grito das arapongas nas palmas curvas das jussaras ou nos ramos nodozos dos jaqueiras, pelas tardes estivaes, quebrando saudoso o silencio das florestas virgens.

No entanto, já primavam em todos os ramos dos conhecimentos humanos, muitos brasileiros e entre outros o padre Bartholomeu de Gusmão e frei Leandro do Sacramento.

sua segunda Pátria, que continuou a espalhar a caridade, fundando entre outras obras de eterna duração, a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1382.

## O 14 de Julho inspirando os primeiros sonhos da nossa independência

Após um longo período de glórias para esses verdadeiros discípulos de Christo e quando já prosperas povoações surgiam nas encostas das matas desbravadas no litoral brasileiro, transformadas em bellas e prosperas villas e cidades e as suas populações esparsas se incorporavam na consciencia de uma collectividade crescente, pelo amor á terra que trabalhavam, com unidade na familia, solidariedade nas mesmas ambições, na communitade dos mesmos interesses e aspirações e unidas na mesma fé, os primeiros cantos de emancipação se fizeram longinquamente ouvir, mal se presentindo, mal se advinhando de onde partiam.

Eram os primeiros accordes da Marselheza que lhes traziam os ventos do oceano.

Foi na segunda metade do século 18º, que através da velha metropole, que não permitia na sua colônia desta parte do Atlantico essa luz do pensamento da civilização, a Imprensa, que se coarava para as nossas plagas, trazidas nas espumantes crises azues das vagas, trepidando nas harmonias dos seus gemidos, reboando nas nossas alvinitentes e apinhosas praias, repercutindo nas almas dos que seduzidos as contemplavam embevecidos, douradas nos raios do sol poente, echoando através da interminável vastidão das nossas florestas, que chegaram aos cantos, as dôres, os gemidos, dessa revolução que a Encyclopedia fora a persursora e que se cunctuou no 14 de Julho de 1789, proclamando ao mundo o código dos direitos do homem, plantando nos escombros da Bastilha, que perpetuava o prepotente e o absolutismo, o estandarte da Liberdade.

alma santa e pura, de quem o Brazil ainda guarda carinhosamente os restos mortaes e á quem deve serviços que jamais poderão ser esquecidos.

É ahí temos, pioneiros da civilização, martyres da sua fé, apóstolos de todos os bens, esses sacerdotes, empunhando a Cruz, em que padeceu o redemptor dos homens.

Sem descanso, affrontando todos os perigos, despresando todas as fadigas; descalços e maltrapilhos, soffrendo as agruras da fome, os rigores das intempéries, balbuciando orações para abafar os seus gemidos, internavam-se peios sertões á dentro, sem bussola e sem caminhos, procurando o barbaro gentio, evangelizando-o, levantando ao lado da casa de oração, a officina, trabalhando sem descanso, socorrendo os infelizes, consolando a afflicção, cauterizando dores, sarando feridas.

Era com o exemplo da resignação no soffrimento, com a mansidão no meio da colera, tomando parte nas suas festas, praticando com elles, acompanhando-os nas suas credices nas tabas selvagens, que iam aos poucos modificando-lhes os costumes com os cantos das suas preces, com a meiguice dos seus conselhos e que se esforçavam por arrancar-os da ignorancia, infiltrando-lhes na alma as primeiras gotas da fé, para trazer-os depois ao gremio da civilização e da religião.

« Anchieta, para melhor tocar a imaginação dos selvícolas, seus discipulos, para avivar-lhes a curiosidade, tocar-lhes o sentimento e desenvolver-lhes a intelligencia rudimentar e o espirito religioso, compunha na lingua delles, que aprendera a fallar, dialogos e versos em que estavam sempre unidos o sagrado e o profano os actos da vida com o julgamento do poder divino »

E foi assim que esse homem abençoado, e justo, cheio de fé, evangelizou, expondo a vida, que muitos dos seus companheiros perderam, para arrastar a barbaria, a ignorancia, milhares de brazileiros.

Quando já atuebrado peios annos e peios soffrimentos, deixou os sertões, as florestas virgens, foi nas cidades do nosso paiz que adoptara.

E como soldado eu me sinto bem, onde me fizeram vir.

## 07 de Setembro

Assim, a data da nossa independência melhor não poderíamos festejar do que vindo aqui, na comunhão do nosso patriotismo, abençoar essa união do sabre, que symboliza a Força e do Livro, symbolo do saber, catholicismo da justiça, da liberdade e da fraternidade dos povos.

E foi com elles, tendo por arauto a cruz, sublime guia da consciencia: Fé e Esperança; santificando a alma pela bondade, pela resignação, pela caridade e pelo perdão, que se creou a nossa nacionalidade, que se foi concretizando, tomando forma, crescendo, para erguer-se forte e consummar-se no Ipiranga, em 7 de Setembro de 1722, tres seculos apenas após o descobrimento das terras de Santa Cruz.

## Os sacerdotes catholicos na formação da nossa nacionalidade desde Nobrega e Anchieta

Olhemos, ainda que rapidamente, para as paginas da nossa Historia desde o descobrimento do nosso continente e nella depararemos, à frente sempre da cruzada santa da formação da nossa nacionalidade, o sacerdote catholico.

Foi em 1549, que começaram a aportar ás terras civagens do Brazil, os padres jesuitas, com Manoel Nobrega, João Navarro, Antonio Pires, Salvador Rodrigues e tantos outros, incumbidos da divina missão de trazerem para a civilização, para o gremio da sua Igreja, os milhares de selvícolas espalhados no interior das florestas virgens.

Em 1558, seguiram o mesmo caminho outros religiosos, entre os quaes figurava José de Anchieta,

## O conforto da solidariedade

E eu bem comprehendi que no vosso modo de proceder, mal se occultava a fidalguia de uma nobre solidariedade nesta occasião em que a baba viscosa da calumnia e da intriga dos despeitados, disfarçada na doçura da hypocrisia, pela ganancia e pela covardia, procura salpicar reputações e obriga á contramarchas e á emboscadas os timoratos e os indifferentes ao patriotismo, sem firmeza e sem ideias.

Eu bem reconheci desde logo essa bemfazeja solidariedade que tanto me conforta e de que tanto preciso, como aquelles que commigo, ao meu lado, desassombradamente, bem conheceram e bem pezararam as responsabilidades do amor á verdade com a franqueza de affirmal-a e bem avaliaram a nobreza, a lealdade da palavra official e a sua patriótica sinceridade, apresentando aos olhos dos seus concitaneos, como ao Paiz inteiro, os males que todos já aqui sentiamos, que poucos têm tido a coragem para denunciar, mas, que muitos entendem que ficassem encobertos, tornando-se cúmplices nos crimes de escravização da consciencia dos nossos filhos, do desamor á nossa Patria, do desrespeito ás nossas leis, deixando-se o povo sem defeza, entregue ás algemas dos que aspiram dominar-lhe a vontade, a intelligencia, o coração.

Aqui estou pois, obediente ao vosso mandato, sentindo as vossas alegrias, compartilhando de vosso entusiasmo, commungando com vosco neste altar de civismo, onde vindes cantar hymnos de amor á nossa Patria, no anniversario da sua Independencia.

Para solemnisal-o, não podiam fazel-o melhor e mais condignamente do que com esta modesta festa em que inauguram na sua caserna, uma escola nocturna, e dando uma significativa prova de veneração pelo nosso pequeno e bello torrão natal, fazendo collocar nesta sala o retrato do illustre conterraneo Coronel Felippe Schmidt, governador do Paiz, militar digno do nosso respeito e das nossas homenagens.

**DISCURSO**, PRONUNCIADO NO QUARTEL  
DO TIRO 40, NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1916

*Exmo. Snr. Governador do Estado*

*Meus Senhores*

Começarei, apresentando aos meus jovens camaradas do Tiro 40 os mais sinceros agradecimentos pela honra, que é toda minha e muito me desvanesce, com que me cumularam, insistindo para que eu viesse, uma vez mais, nesta outra festa que promoveram, de menor pompa, mas, de maior significação cívica, interpretar-lhes o sentir, neste momento mesmo de recrudescimento de uma patriótica campanha, em boa hora iniciada, pela nossa nacionalidade e que praticamente se traduz n'um hymno de amor à nossa Patria, na justa aspiração de bem servir-a, illustrando com o livro o espirito dos que querem aprender, ao mesmo tempo que se vaé preparando o cidadão para melhor defendel-a

E eu não podia, nem mesmo devia insistir na escuza ao appello que me fôra feito, embora reconhecendo que entre os meus jovens patricios, outros, com mais enthusiasmo, com maior brilho e mais propriedade talvez, vendo com mais optimismo tudo o que nos rodeia, melhor desempenhariam a missão que me foi confiada.

Ninguém, porem, permittam que o affirme, com maior despretenção e mais patriotismo, o faria.

Resgatemos pois, o nosso passado por um trabalho constante para resurgirmos dignos de nós mesmos e dos nossos filhos; façamos a nossa independência moral, curemos, enquanto é tempo ainda, os males á que a nossa incuria e indiferença nos arrastaram, e melhor não serviremos á nossa Patria, que sonhamos grande, forte e rica, e de que queremos e devemos ser dignos.



ANEXO 14

OPÚSCULO DO CORONEL SALLES BRASIL, AGRESSÕES  
CLERICAIS - O ANTI-CLERICALISMO EM AÇÃO  
(BIBLIOTECA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS)

sores dos inimigos da família brasileira, que são os que a procuram prostituir e desorganisar, e que imperam na igreja, cercados de admiração, quando todos os vemos interromperem o desfiar das contas do seu rosário, para calumniarem, para desrespeitarem o lar e peccarem contra todos os mandamentos, no intervalo entre duas confissões.

Veremps então examinando tudo com justiça quem melhor cumpre os seus deveres christãos: se aquelles que ostensivamente vivem embasbacados diante do padre, beijando-lhe a batina, julgando virtude os seus deteitos, ajoelhados, como escravos subservientes; admirando-o acima de Deus, da Patria, da propria família, as vezes abandonada; se eu, apedrejado mesmo pelos hypócritas que querem ser os senhores, os donos da igreja.

Depois, estou certo, se «A Epoca», está de boa fé, se a não inspira somente a defeza de interesses inconfessaveis: acabaremos ambos de accordo, porque teremos despedaçado esse monstro, Judas de duas faces, que nos está separando na mesma fé catholica e no mesmo patriotismo: O meu anti-clericalismo e o seu fanatismo. (\*)



(\*) Este artigo ficou sem resposta, limitando-se a *Epoca*; a desculpar-se com as suas boas intenções.

ma o mesmo amor a nossa Pátria; que lhe sinta a vida nas suas aspirações e que exerça a sua nobre missão com patriotismo. Para isso, falta-nos o clero nacional cuja alma palpita com a dos nossos filhos e saiba ensinar-lhes a orar.

A ninguém offendemos, não distinguimos outras nacionalidades; não desrespeitamos a nossa religião, as crenças dos que nós ouviram, nem pregamos o desrespeito, *nuna vehemente catilinaria*, como disse «A Epoca» contra o padre allemão, nem somos inimigos do padre.

E' bem verdade que quem aqui falla em padre estrangeiro ou simplesmente em padre, só pode referir-se ao de nacionalidade allemã, unico que aqui domina.

Admiramos o sacerdote pela sua sublime missão na sociedade; respeitamo-lo pelos seus actos, e o veneramos mesmo, pela sua abnegação no cumprimento do seu dever, ao serviço de sua fé; mas, não somente pelas vestes que uza e por outros signaes exteriores que o distinguem.

Profligaremos, apedrejaremos mesmo se for preciso, um frei Herculano, esse satyro que entre nós viveu; para nos curvamos, nos ajoelhamos mesmo, submissos e respeitosos, diante da pureza de um padre como o saudoso patricio arcypreste Sebastião Antonio Martins e tantos outros.

Ao terminar devo dizer que, me sinto bem com a minha consciencia; porque, para ser catholico não preciso de licença dos que me aggridem na imprensa que advoga os interesses e ambições desse clero sem patriotismo, e declaro a «A Epoca» que não temo os seus ataques e que desde já lhe dou ampla autorisação para vasculhar a minha vida publica ou particular, como cidadão ou militar, desnuda-la, esmiuça-la.

E os que se julgarem puros, que me atirem depois a primeira pedra.

Em troca estudaremos juntos a psychologia do carolismo hypocrita e difamador, arvorado em censor e dissecaremos o cadaver moral de muitos desses catholicos que mais se penitenciam no altar da communhão, que se apresentam denodados defen-

dor do Estado, em que se exa. affirmou com absoluta franqueza e verdade, que a propaganda contra as escolas, tem sido feita por parte do clero, propaganda tenaz e injusta, até no seio das familias, do mesmo modo como a faz contra o casamento civil, e assim nos externamos:

«E é em nome de Deus, é em defesa da nossa religião, da religião de Jesus, é em defesa da collectividade catholica, que assim se procede? Não.»

«Não é em nome de Deus, que não se prohibe ás creanças a amar, não é em defesa da nossa religião que não se ataca e nem se quer atacar, não é em beneficio da collectividade catholica que ninguém offende, porque todos, o professor, a familia, os representantes dos poderes publicos, são catholicos.»

«E' em nome de outros interesses. E' em nome delles tão somente, porque a parte desse clero que assim procede, não ama a nossa Patria, que não é a delle...»

... «Demais, perguntámos ainda, é nas escolas que se forma a alma catholica? Não.»

«Todos os que fomos educados ao tempo em que o Estado era oficialmente catholico, sabemos que não foi na escola que a nossa creança nasceu.»

Assim proseguimos lembrando a piedosa dedicação maternal, formando no lar as nossas almas para o bem, para o amor de Deus e profligamos o procedimento do sacerdote em lucta contra a familia, que procura desorganizar, consciente dos males que tem já provocado, aconselhando o desrespeito á lei do casamento civil, unica garantidora dos seus direitos, e affirmámos que assim procede, porque estrangeiro, falta-lhe o sentimento de patriotismo, porque, «não lhe basta ter transformado as nossas creanças, ter arrancado dos nossos templos as imagens da nossa fé; ter transformado a sinceridade e a simplicidade da religião dos nossos paes, na hypocrisia que se ostenta em toda a parte, pela vaidade e pelo egoismo, desmentindo-se nos actos e nas accções, pela falsidade, a intransigencia da fé catholica que se quer proclamar

Então, dissemos ainda, «para que a educação pelo padre seja boa, é preciso que elle tenha na al

Já noticiando em seu numero anterior a festa civica annunciada, «A Epoca», adiantou o seu juizo, apresentando aquelle que seria o interprete do Tiro 40, como inimigo ds ensino religioso e da igre-

Era já o seu despeito, o seu odio, julgando o que aconteceria pelo que a motivára a franqueza da mensagem do illustre sr. governador da Estado.

Nesse mesmo numero, o primeiro ameaçado foi o proprio governador a quem se fez a injuria de apontal-o como leviano ou de esquecer a verdade; ou de ter abusado de uma problematica opiniaõ da autoridade ecclesiastica.

Mas, porque affirmou o orgam catholico que sou inimigo do ensino religioso, eu que desde que está nesta capital a minha familia tenho, educando-se no collegio Coração de Jesus, das irmãs de caridade, minhas tres filhinhas que ja haviam frenquentado igual collegio em Curityba?

Não, eu sou agora inimigo do clero e do ensino religioso, porque as revoltas de minha alma catholica e de brasileiro, contra o proceder injustificavel, criminoso mesmo, dessa parte do clero do meu Estado, cego pela ganancia e avido por dominar a alma ingenua dos meos patricios; echoaram na de todos os que na memoravel festa me ouviram; pela lealdade, pela franqueza, pela verdade, que são de todos os que conhecem os males, a hypocrisa dos nossos tempos e sentem-lhe os effeitos.

Na sua apreciação, affirma ainda o orgam catholico, calumniosamente:

«O coronel Salles Brasil quando vê um padre estrangeiro, grita logo:—*Voilà, l'ennemi!* por isso, em seu verbo inflammado e gestos de Jupiter accendi expandio toda a sua aversão contra os padres allemães, desancando-os sem dó nem piedade. .»

E, repetimos, uma calumnia d' A Epoca.

No discuso que proferimos, não ha uma só referencia aos padres allemães.

Tratando da attitude de uma parte do clero no nosso Estado, que diga-se de passagem, faz excepção a de todos os da União; dissemos, referindo ao topico da mensagem do exmo. sr. governa

brazileira fosse a mais sincera amiga e protectora da egreja catholica, mas conservando a escola nas condições actuaes; neutra, diremos melhor athea, já por isso todo o catholico devia considerar a inimiga fidalga da religião e não descansar as armas até ver a salvo a infancia e mocidade brasileira.

Depois dessas chulices em mão portuguez, em que é assassinada cruelmente a lingua de nossa Patria, outras de maior vulto, se encontram em segundo artigo—Os calumniadores do Padre—em que se tem a coragem de affirmações como esta:

« Porque se detesta o padre ?

« Porque o padre é censura viva das paixões e dos vicios, dos crimes da vida immunda (?)... porque o padre vive afastado dos caminhos impuros e a que vegetam os seus sacrilegos inimigos e esforça-se a desviar as almas do contagio pernicioso.

« Detestam-n'o, porque o padre prega a *humildade na grandeza*, a justiça no poder, a *submissão a autoridade*!!... (o gripho é nosso)

Eis como se desmentio na mesma hora!

Submissão á autoridade quando aconselha que todo o catholico não *deve descansar as armas* até ver salva a infancia e a mocidade...

Mais adiante ainda se encontra esta tirada perversa:

« Denunciam pela imprensa e publicamente o padre, censuram-n'o os homens honestos? Não. E se pode ter a certeza de que ordinariamente, se encontram os *libertinos, os viciosos*, nos batalhões dos inimigos do padre e entre os que recrutam a sua grey difamante.»

E assim prosegue em cutiladas á torto e á direito, contra os que têm a ousadia de não prostrarem-se diante do padre, fazendo a apologia da sua pureza e da sua santidade!!...

Bem se sente nas entrelinhas dos artigos do jornal catholico e apesar da sua bondade christã, brilhar, de quando em vez, a ponta de aguçado estilete, pr mpto a ferir e tremulo de impaciencia, recolhendo-se por não julgar ainda azada a occasião, mas logrando sempre arranhar.

A seguir reproduzimos aos nossos leitores o artigo, cuja publicação foi recusada pelos diários desta capital e a que já nos referimos.

Aqui o apresentamos á leitura, á analyse de todos os homens de bem, de todos os catholicos cuja alma ainda não é escrava do fanatismo religioso, que ainda pensam, raciocinam e podem julgar com justiça, para que digam se nelle ha alguma offensa á religião, a fé catholica.

## O anti-clericalismo em acção

### UMA REUNIÃO MEMORAVEL

Subordinado a este titulo e sub-titulo, «A Epoca», organ da federação catholica desta Capital, occupou-se da festa civica realisada no Alvaro de Carvalho, em homenagem aos exmos. srs. Governador do Estado e Senador Vidal Ramos; para, com toda a autoridade de organ catholico e independente, esquecer a verdade, attribuindo-me opiniões com que pudesse, talvez, justificar a impaciencia de seu despeito em despejar indelicadezas contra os oradores e promotores d'aquella festa; indelicadezas perversas e jesuiticamente disfarçadas nos artigos que encheram a sua primeira pagina.

No artigo—Luctar ou desesperar, de —*um amigo da mocidade catholica*—prega-se abertamente contra as leis do paiz e a sua forma de governo. Delie, destacamos apenas este periodo que dá a medida do patriotismo do seu autor:... *si esta republica*

papel, tinta, pennas, machinas de impressão, muitos typos, algumas jornaes; mas, falta-nos ainda alguma coisa que dê a tudo isso uma forma mais perfeita mais independente e justa.

1-9-916.



ao menos, os efeitos dessa persistente e tenaz campanha.

E eis o primeiro *crime* contra o clero catholico, que considerando-se poder superior, infallivel e inatacavel, deu o grito de alarme com o trombetear dos clarins do seu jornal, para que as suas hostes se puzessem á postos e, nas columnas desse mesmo jornal, de batinas arregaçadas, se dardejou excomunições contra o illustre governador.

S. Exa. porém, continuou impassivel no seu posto, cumprindo o seu dever.

Nenhum jornal teve coragem para defendel-o, nem mesmo o organo do seu partido.

N'uma vibrante e expontanea manifestação, só o povo desta capital, levou á S. Exa. a sua incendiional solidariedade, com os seus francos applausos.

E foi dahi que nasceu essa outra campanha de difamação, de calumnias, de insultos, de ameaças contra a nossa patria e em particular contra aquelle que teve a ousadia imperdoavel de ser nella o interprete de seus patricios.

Aos jesuitas de batina, juntaram-se os diversos destacamentos dos de casaca, a peor praga com que os primeiros envenenam a sociedade; e, começou a traição e a baixeza.

O orador nessa festa de civismo e de reconhecimento, foi covardemente atacado, insultado, como aliás á outros já tem acontecido e, quando quiz defender-se, vio que ja lhe haviam previamente inutilisado os meios immediatos para fazel-o.

Os jornaes desta capital, mesmo na sua parte predictoral e paga, recuzaram-se a publicar um artigo em que não se afastava um só momento da linha de urbanidade que a imprensa deve zelar e que nos indica a nossa educação.

Talvez quizessem que se defendesse covardemente, de joelhos, se penitenciando.

Para não deixar os meus aggressores sem resposta, fiz publical-o em avulso.

Do exposto fica-se, sabendo, que neste capital infelizmente, ainda não temos imprensa. Ha aqui

34

Ha viúvas, ha orphãos, desamparados pela lei de successão, na miseria, espoliados dos seus haveres, pela illegalidade do casamento religioso sem a observancia da lei do Paiz.

Ha mais: ha casos immoraes, mesmo nesta capital, de pobres moças ignorantes, perversamente illudidas pelo casamento religioso, abandonadas cynicamente pelos homens com quem o padre as unio, vendo-os contrahirem com outras, no civil, novo matrimonio.

E, caso mais extraordinario ainda ha bigamias autorizadas e abençoadas na propria igreja,

A opposição ás escolas do Estado, porque nelas o ensino é leigo, como não pode deixar de ser em obediencia a liberdade de consciencia, tem pelo menos dois fins claros, positivos: O interesse immediato na ganancia dos lucros das escolas religiosas das congregações e a facilidade com que podem dominar o espirito da creança, fanatisando-a pelo commissionedario, e como melhor caminho para chegarem ao interior do lar.

Pela escola religiosa ainda é que mantêm indifferentes á nossa nacionalidade, os descendentes de estrangeiros que se estabeleceram entre nós e da mesma nacionalidade do clero que predomina no Estado, quasi exclusivamente.

Esses e outros muitos males que todos aqui estamos sentindo e que crescem cada dia mais, pelo dominio desses padres, e que não ha espirito justo e esclarecido e imparcial, que os não sinta: acobaram, por seus calamitosos effeitos, por chocar a alma do exmo. sr. dr. Governador do Estado, Coronel Felipe Schmidt.

N'um movimento patriotico, com uma independencia e recidão do dever, dignas dos appausos do Brasil inteiro, S. Exa. em sua ultima mensagem dirigida ao Congresso, tornou conhecidas, com fidedelga delicadeza e com verdade, sem veladas procepções, as suas cruéis impressões, pelos resultados conhecidos, procurando provocar, ainda com discreta nobresa, da parte das autoridades ecclesiasticas, outras medidas que se oppuzessem ou atenuassem.

## Aggressões Clericaes

---

Arrancaram-me da alma todas as ultimas illu-  
sões, derramaram-me no coração todos os venenos  
que podiam inventar a trahição, a baixeiza, a sub-  
serviencia sem escrupulos.

Entro em uma lucta que não provoqueei, mas a  
que não fujo apesar de saber que só terei de haver-  
me com inimigos, que são sombras que mal dis-  
tinguirei a força que os anima e governa, que os  
hypnotisa e que os ordena á obediencia inconscien-

Ainda assim, enfronto-a com a tranquillidade do  
dever cumprindo.

Elles têm como armas, eu bem as senti já, a  
intriga, a falsidade e a calumnia; eu tenho por mim  
a verdade, a franquesa, a lealdade.

A elles guio o interesse, a sordidez, as ambições,  
a escravidão moral, o patriotismo, a liberdade da cons-  
ciencia; o respeito ao socego e á felicidade da fami-  
lia; a grandeza da nossa terra, a nossa nacionalidade,  
o amor á nossa Patria.

Essa lucta, pois, que eu previra, começou ao ser  
annunciada a festa civica, hoje já memoravel, do  
Theatro Alvaro de Carvalho.

Não é de hoje que todos vimos sentindo a guerra  
impatriotica, brutal, iniqua, sem treguas, que em todo  
o nosso Estado se vem fazendo contra a nossas esco-  
las e contra a lei do casamento civil. As consequen-  
ças desta ultima, que tem desorganizado a familia  
catholica catharinense, são por todos bem conhecidas.  
Ha em todo o Estado centenas de familias sem orga-  
nização legal, sem direitos garantidos á sua prole.

ANEXO 15

O LIBELO DO CORONEL SALLES BRASIL, DEFESA  
NACIONAL, O CLERO ESTRANGEIRO, AS ESCOLAS  
REPUBLICANAS E O CASAMENTO CIVIL  
(BIBLIOTECA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS)

I

Dando publicidade ao presente opposição, sem quaesquer pretensões.

Com as minhas crenças religiosas, reservo-me a liberdade de pensar e julgar.

Dahi a franqueza das minhas opiniões de justa revolta contra a hypocrisia com que a maioria do clero estrangeiro, que quer dominar neste Estado, se está oppondo, em nome da religião, ás leis republicanas e explorando a ingenuidade de grande numero dos nossos patricios.

Examinando com imparcialidade o que nos rodeia; estudando a transformação porque vêm passando as praticas religiosas com o dominio desse clero; analysando e comparando o presente com o nosso passado, que é de hontem; o que faz, como procede e os fins claros que o inspiram; resultou-me a convicção de que precisamos reagir e lutar para libertarmos a consciencia dos que, de boa fé, estão auxiliando as especulações daquelles que a nossa Patria não amão.

Quem nos ler terá uma ideia, apenas uma pallida ideia, da intolerancia dos que vivem submissos diante desses sacerdotes, dominados, inconscientes dos males que estão preparando para o nosso futuro.

Habituaados a tudo fazerem sem protestos, a minha attitude de franqueza e sinceridade provocou violentos ataques.

Não discutiram, agrediram.

Na aggressão foram perversos, descortezes e desleaes.

No ponto de vista dos interesses clericaes, as muitas opiniões devem ser erradas; mas, não podiam justificar as suas violencias.

No discurso proferido no Theatro Alvaro de Carvalho, as considerações sobre o procedimento do clero foram inspiradas nos conceitos da mensagem do Sr. Governador do Estado.

Só o orador, porém; devia ser o alvo dos ataques planejados nas sacristias.

E quando, posteriormente, em 12 de Setembro, o jornal official, referindo-se aos artigos da *A Epoca*, organo do clero allemão, de 3 daquelle mez e de 29 de Agosto, pela sua attitudo pregando a revolução contra «esta republica impia», tornando clara as disposições do governo em não permitir a continuação dessa campanha contra as nossas leis; elle mudou de rumo, abrandou as suas iras e procurou desculpar-se afirmando serem os referidos artigos transcriptos de um folheo!

Ao mesmo tempo que o jornal ultramontano assim se penitenciava fugindo à responsabilidade; noticiava a reunião da Confederação Catholica, que fora presidida pelo Sr. Bispo Diocesano, na qual havia sido unanimemente approvada uma moção de applausos á sua orientação.

É preciso salientar que, enquanto o referido jornal atacava as instituições republicanas, o governador do Estado sauccionava uma lei do Congresso, subvencionando uma escola nesta Capital fundada por um sacerdote, e que é mantida pela generosidade de cerca de duzentas pessoas, que para ella concorrem mensalmente.

Facto digno de nota, apesar do grande numero de sacerdotes domiciliados nesta capital, apenas tres para ella contribuem e dos celebres catholicos praticantes poucos nomes figuram naquella lista.

Alis, isso não surprehende.

Todos sabem que não ha mez em que se não tenha conhecimento de festas promovidas nos colle-

Os das congregações religiosas, para as quaes são mandadas as creanças que os frequentam, em bandos, percorrerem as ruas, invadirem os cafés e hotéis, vendendo cartões de ingresso, como bilhetes de rifas, cujo producto é sempre destinado á capellas e altares ou para a *boa imprensa* de Petropolis, que de quando em vez manda os seus agentes de batina a esta Capital.

E é essa ganancia que mais inspira o zelo religioso dessa gente.

Nas suas ambições de dominio, vão mais além.

Tendo um grupo de moços fundado nesta capital um Centro Civico, creando escolas nocturnas, estabelecendo conferencias publicas etc; os padres, professores do Gymnazio, immediatamente prohibiram os seus alumnos de frequentarem-no e a Congregação Mariana desse estabelecimento, 'pôr seu director espiritual, intimou um dos seus membros, ex-alumno e que soube ser um dos fundadores do Centro; á abandonal-o, sob pena de ser expulso daquella congregação!

O digno moço recuzou-se a obedecer, e foi castigado.

Para a sacco insaciavel das congregações religiosas são desviadas, por todos os meios, annualmente, muitas dezenas de contos da economia do povo, e dessa respeitavel somma, roubada ás instituições de Caridade; a pobresa que vive faminta, centenares de creanças que vivem quasi nús, que definham na miseria, uma só moeda não soccorre.

Expondo á venda este opusculo, destino o seu producto ao Natal das creanças pobres que frequentam escolas.

Assim, quem o comprar, fará ainda uma esmola e todos, mais uma vez, cumpriremos um dever de solidariedade humana.

*Salles Brasil*

5-11-916.